

CATARINA MARIA COELHO SERRÃO

**APRENDER A INCLUIR NA EDUCAÇÃO
PRÉ-ESCOLAR**

Orientadora: Professora Doutora Isabel Sanches

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2011

CATARINA MARIA COELHO SERRÃO

**APRENDER A INCLUIR NA EDUCAÇÃO
PRÉ-ESCOLAR**

Trabalho de Projecto apresentado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

Orientadora: Professora Doutora Isabel Sanches

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2011

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as crianças que fizeram parte deste projecto e de um modo especial ao “Daniel”. Todas elas foram (e são) crianças que eu tive a felicidade de conhecer e que espero de alguma forma, ter contribuído para as ajudar a crescer.

Agradecimentos

Ao longo do desenvolvimento deste projecto, o caminho nem sempre foi fácil, mas o apoio de várias pessoas, contribuiu para que, a pouco e pouco pudesse finalmente vê-lo ser concretizado sob a forma de registo escrito que aqui apresento. Desta forma, quero deixar os meus sinceros agradecimentos:

À Professora Doutora Isabel Sanches, professora e orientadora, pela paciência e disponibilidade, pelas sugestões e pela ajuda imprescindível ao longo de todo o projecto;

Aos colegas do Mestrado, pela partilha, pela troca de experiências e principalmente pelo incentivo;

Aos colegas da instituição onde decorreu a intervenção;

A todas as crianças do grupo e aos encarregados de educação que colaboraram no projecto;

A toda a família e amigos pela compreensão, preocupação e estímulo;

Ao meu marido Humberto, pelo apoio incondicional, pela compreensão, pela confiança e sobretudo pela paciência com que sempre me incentivou e acarinhou.

Resumo

Este Trabalho de Projecto foi realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial – domínio cognitivo e motor. A concretização do projecto visou promover a educação inclusiva num grupo de crianças da educação pré-escolar, em que três das crianças apresentavam alguma alteração no seu desenvolvimento, proporcionando situações de aprendizagem e desenvolvimento para todas.

O desenvolvimento do projecto caracterizou-se pela abordagem efectuada no âmbito da metodologia de investigação-acção utilizando a perspectiva avaliação/diagnóstico, planificação, intervenção e reflexão, numa intervenção por etapas. De acordo com o plano de acção delineado, efectuou-se uma proposta de intervenção organizada de forma estruturada para o grupo de crianças, na faixa etária dos 3/4 anos, procurando proporcionar situações de desenvolvimento e aprendizagem para todo o grupo, em todas as áreas de desenvolvimento, incidindo sobretudo no aspecto relacional entre as crianças do grupo. Para além disso, contemplaram-se, simultaneamente, situações de envolvimento das famílias das crianças e a participação do grupo em actividades no contexto escolar com outros grupos de crianças.

Os resultados do projecto traduziram evoluções ao nível do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, desenvolvendo capacidades em várias áreas e revelando progressos ao nível da relação com o outro. Mas para além disso, o projecto assumiu sobretudo uma oportunidade de reflexão no sentido de efectuar mudanças na intervenção para conseguir que se tornasse verdadeiramente inclusiva e procurando dar resposta à diversidade existente no grupo, de acordo com as perspectivas teóricas defendidas.

Palavras-chave: educação inclusiva, educação pré-escolar, investigação-acção

Abstract

Learn to include in pre-school education

This work is a project, carried out within the framework of the Master in Sciences of Education: Special Education – field cognitive and motor. The implementation of the project endorsed promote inclusive education in a group of children of pre-school education, in which three of the children presented some change in their development, providing learning situations and development for all.

The development of the project characterized-approach by made within the scope of the methodology of research-action using the prospect evaluation/diagnosis, planning, intervention and reflection, an intervention by stages. In accordance with the action plan outlined, made-if an intervention proposal organized a structured way for the group of children, at the age of 3/4 years, trying to offer situations of development and learning for the whole group, in all areas of development, focusing particularly on relationships between the children of the group.

The results of the project, translated developments the level of development and learning of children, developing capacity in various areas and revealing progress at the level of the relationship with the other. But in addition, the project was mainly an opportunity for reflection to effect changes in intervention to get to become truly inclusive and seeking to respond to the diversity in the group, in accordance with the theoretical perspectives defended.

Keywords: inclusive education, pre-school education, research-action

Índice geral

Dedicatória	1
Agradecimentos.....	2
Resumo	3
Abstract	4
Introdução	12
1. Enquadramento teórico.....	15
1.1 Educação Inclusiva e Educação Pré-escolar	15
1.1.1 Diferenciação Pedagógica Inclusiva	18
1.1.2 Envolvimento familiar nas escolas ou instituições	19
1.2 Desenvolvimento e aprendizagem na Educação Pré-escolar	21
1.2.1 Modelos teóricos de desenvolvimento	21
1.2.2 Alterações no desenvolvimento e na aprendizagem	25
1.2.3 Desenvolvimento de relações sociais na infância.....	27
1.2.4 Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar.....	31
1.2.5 Papel do educador	32
2. Enquadramento metodológico	35
2.1 Caracterização do projecto	35
2.2 Problemática e questão de partida	37
2.3 Objectivos Gerais do Trabalho de Projecto.....	38
2.4 Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados.....	38
2.4.1 Pesquisa documental	38
2.4.2 Sociometria.....	39
2.4.3 Observação naturalista	40
2.4.4 Entrevista	42
2.5 Procedimentos para a recolha e análise de dados	43
2.5.1 Pesquisa documental	43
2.5.2 Sociometria.....	44
2.5.3 Observação Naturalista.....	44
2.5.4 Entrevista.....	45
3. Caracterização da situação inicial em que se interveio e dos seus contextos.....	47
3.1 Caracterização do contexto escolar.....	47

3.1.1 Meio envolvente.....	47
3.1.2 Estabelecimento educativo	47
3.1.3 Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos.....	48
3.2 Caracterização da sala	49
3.2.1 Espaço físico e logístico	49
3.2.2 Recursos humanos.....	50
3.2.3 Dinâmica educativa	50
3.3 Caracterização do grupo.....	52
3.3.1 Caracterização estrutural	52
3.3.2 Caracterização dinâmica.....	53
3.3.3 Nível de competências adquiridas.....	55
3.3.4 Casos específicos do grupo.....	57
4. Plano de Acção.....	59
4.1 Pressupostos teóricos	59
4.1.1 Aprendizagem estruturada, por actividades e/ou objectivos	60
4.1.2 Actividades em grupo.....	60
4.1.3 Actividades individualizadas	61
4.2. Planificação, realização e avaliação da intervenção	62
4.2.1 Planificação Global da Intervenção	63
4.2.2 Planificação, Intervenção, Avaliação e Reflexão a curto prazo – semanal e mensal.....	65
4.2.2.1 Semana de 2 de Fevereiro a 6 de Fevereiro	65
4.2.2.2 Semana de 9 de Fevereiro a 13 de Fevereiro	71
4.2.2.3 Semana de 16 de Fevereiro a 20 de Fevereiro	75
4.2.2.4 Semana de 23 de Fevereiro a 27 de Fevereiro	80
4.2.2.5 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Fevereiro	85
4.2.2.6 Semana de 2 de Março a 6 de Março	89
4.2.2.7 Semana de 9 de Março a 13 de Março.....	95
4.2.2.8 Semana de 16 de Março a 20 de Março.....	101
4.2.2.9 Semana de 23 de Março a 27 de Março.....	107
4.2.2.10 Semana de 30 de Março a 3 de Abril.....	112

4.2.2.11 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Março	118
4.2.2.12 Semana de 6 de Abril a 10 de Abril	121
4.2.2.13 Semana de 13 de Abril a 17 de Abril.....	128
4.2.2.14 Semana de 20 de Abril a 24 de Abril.....	135
4.2.2.15 Semana de 27 de Abril a 1 de Maio	141
4.2.2.16 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Abril.....	147
4.2.2.17 Semana de 4 de Maio a 8 de Maio	149
4.2.2.18 Semana de 11 de Maio a 15 de Maio.....	156
4.2.2.19 Semana de 18 de Maio a 22 de Maio.....	162
4.2.2.20 Semana de 25 de Maio a 29 de Maio.....	165
4.2.2.21 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Maio.....	170
4.2.2.22 Semana de 1 de Junho a 5 de Junho	172
4.2.2.23 Semana de 8 de Junho a 12 de Junho	178
4.2.2.24 Semana de 15 de Junho a 19 de Junho	182
4.2.2.25 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Junho.....	187
4.3 Avaliação global	189
4.3.1 A nível do grupo e do/s aluno/s “caso”	193
4.3.2 A nível da família.....	202
4.3.3 A nível do contexto escolar com outros grupos.....	204
4.3.4 A nível do processo	204
Reflexões Conclusivas	206
Referências bibliográficas	213
Anexos.....	217

Índice de quadros

Quadro 1 - Proposta de planificação inicial de intervenção a nível do grupo e dos alunos caso	64
Quadro 2 - Avaliação das crianças na actividade 1	66
Quadro 3 - Avaliação das crianças na actividade 2	68
Quadro 4 - Avaliação das crianças de 2 de Fevereiro a 6 de Fevereiro	70
Quadro 5 - Avaliação das crianças na actividade 3	72
Quadro 6 - Avaliação das crianças na actividade 4	73
Quadro 7 - Avaliação das crianças de 9 de Fevereiro a 13 de Fevereiro	74
Quadro 8 - Avaliação das crianças na actividade 5	76
Quadro 9 - Avaliação das crianças na actividade 6	78
Quadro 10 - Avaliação das crianças de 16 de Fevereiro a 20 de Fevereiro	79
Quadro 11 - Avaliação das crianças na actividade 7	81
Quadro 12 - Avaliação das crianças na actividade 8	83
Quadro 13 - Avaliação das crianças de 23 de Fevereiro a 27 de Fevereiro	84
Quadro 14 - Avaliação do grupo no mês de Fevereiro	85
Quadro 15 - Avaliação das crianças na actividade 9	90
Quadro 16 - Avaliação das crianças na actividade 10	92
Quadro 17 - Avaliação das crianças de 2 de Março a 6 de Março	93
Quadro 18 - Avaliação das crianças na actividade 11	96
Quadro 19 - Avaliação das crianças na actividade 12	98
Quadro 20 - Avaliação das crianças de 9 de Março a 13 de Março	100
Quadro 21 - Avaliação das crianças na actividade 13	102
Quadro 22 - Avaliação das crianças na actividade 14	104
Quadro 23 - Avaliação das crianças de 16 de Março a 20 de Março	105
Quadro 24 - Avaliação das crianças na actividade 15	108
Quadro 25 - Avaliação das crianças na actividade 16	110
Quadro 26 - Avaliação das crianças de 23 de Março a 27 de Março	111
Quadro 27 - Avaliação das crianças na actividade 17	113
Quadro 28 - Avaliação das crianças na actividade 18	115
Quadro 29 - Avaliação das crianças de 30 de Março a 3 de Abril	116
Quadro 30 – Avaliação do grupo no mês de Março	118

Quadro 31 - Avaliação das crianças na actividade 19	122
Quadro 32 - Avaliação das crianças na actividade 20	124
Quadro 33 - Avaliação das crianças de 6 de Abril a 10 de Abril.....	126
Quadro 34 - Avaliação das crianças na actividade 21	129
Quadro 35 - Avaliação das crianças na actividade 22	131
Quadro 36 - Avaliação das crianças de 13 de Abril a 17 de Abril.....	133
Quadro 37 - Avaliação das crianças na actividade 23	136
Quadro 38 - Avaliação das crianças na actividade 24	138
Quadro 39 - Avaliação das crianças de 20 de Abril a 24 de Abril.....	139
Quadro 40 - Avaliação das crianças na actividade 25	142
Quadro 41 - Avaliação das crianças na actividade 26	144
Quadro 42 - Avaliação das crianças de 27 de Abril a 1 de Maio.....	146
Quadro 43 – Avaliação do grupo no mês de Abril.....	147
Quadro 44 - Avaliação das crianças na actividade 27	151
Quadro 45 - Avaliação das crianças na actividade 28	153
Quadro 46 - Avaliação das crianças de 4 de Maio a 8 de Maio.....	154
Quadro 47 - Avaliação das crianças na actividade 29	157
Quadro 48 - Avaliação das crianças na actividade 30	159
Quadro 49 - Avaliação das crianças de 11 de Maio a 15 de Maio.....	160
Quadro 50 - Avaliação das crianças na actividade 31	163
Quadro 51 - Avaliação das crianças na actividade 32	166
Quadro 52 - Avaliação das crianças na actividade 33	168
Quadro 53 - Avaliação das crianças de 25 de Maio a 29 de Maio.....	169
Quadro 54 - Avaliação do grupo no mês de Maio	170
Quadro 55 - Avaliação das crianças na actividade 34	173
Quadro 56 - Avaliação das crianças na actividade 35	175
Quadro 57 – Avaliação das crianças de 1 de Junho a 5 de Junho	177
Quadro 58 - Avaliação das crianças na actividade 36	179
Quadro 59 - Avaliação das crianças na actividade 37	180
Quadro 60 - Avaliação das crianças de 8 de Junho a 12 de Junho.....	181
Quadro 61 - Avaliação das crianças na actividade 38	183
Quadro 62 - Avaliação das crianças na actividade 39	185

Quadro 63 - Avaliação das crianças de 15 de Junho a 19 de Junho.....	186
Quadro 64 – Avaliação do grupo no mês de Junho.....	188
Quadro 65 – Planificação da intervenção a nível do grupo e dos alunos caso	191

Índice de anexos

Anexo 1 - Questionário teste socimétrico.....	i
Anexo 2 - Matriz sociométrica inicial de escolhas.....	ii
Anexo 3 - Matriz sociométrica final de escolhas	iii
Anexo 4 - Matriz sociométrica inicial de rejeições.....	iv
Anexo 5 - Matriz sociométrica final de rejeições	v
Anexo 6 - Notas de campo iniciais.....	vi
Anexo 7 - Notas de campo finais	ix
Anexo 8 - Grelha de análise de notas de campo iniciais	xiii
Anexo 9 - Grelha de análise de notas de campo finais.....	xix
Anexo 10 - Planta da sala na observação inicial	xxix
Anexo 11 - Planta da sala na observação final.....	xxx
Anexo 12 - Guião de entrevista da mãe do Daniel.....	xxxii
Anexo 13 - Guião de entrevista da mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago	xxxiii
Anexo 14 - Protocolo da entrevista da mãe do Daniel	xxxvii
Anexo 15 - Protocolo da entrevista da mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago.....	xli
Anexo 16 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista da mãe do Daniel.....	xlvi
Anexo 17 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista da mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago.....	lix
Anexo 18 - Caracterização do espaço físico da sala.....	l
Anexo 19 - Planta da sala.....	li
Anexo 20 - Rotina diária.....	lii
Anexo 21 - Avaliação e diagnóstico do Daniel.....	lvi
Anexo 22 - Diagnóstico do Diogo.....	lviii
Anexo 23 - Diagnóstico do Tiago	lxiii
Anexo 24 - Diagnóstico do Salvador.....	lxv
Anexo 25 - Planificação da intervenção do Daniel	lxvi
Anexo 26 - Planificação da intervenção do Diogo.....	lxix
Anexo 27 - Planificação da intervenção do Tiago	lxxi
Anexo 28 - Exemplo de Folha de actividades de um total de quinze.....	lxxii
Anexo 29 - Registo de actividades realizadas com as famílias.....	lxxiv
Anexo 30 - Registo actividades em contexto escolar com outros grupos	

Introdução

O Trabalho de Projecto que se apresenta foi realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial – domínio cognitivo e motor, configura uma investigação qualitativa, numa abordagem de investigação-acção. O Trabalho de Projecto tem como enfoque uma proposta de intervenção pedagógica realizada com um grupo de 22 crianças entre os três e os quatro anos que frequentava a educação pré-escolar numa instituição particular de solidariedade social, em que três das crianças apresentavam necessidades educativas especiais devido a alterações no seu desenvolvimento e que procurou proporcionar situações promotoras de desenvolvimento e aprendizagem com e para todo o grupo.

Enquanto educadora titular de grupo, a nossa preocupação direccionou-se para uma intervenção com o grupo, para todas as crianças e não apenas para as crianças com alterações no desenvolvimento. Numa perspectiva de educação inclusiva, pretendíamos que a intervenção incluísse, tivesse todas as crianças em consideração e envolvesse as famílias neste processo, tanto quanto possível. Como objectivos gerais do projecto, pretendíamos compreender como é que estas crianças aprendiam no seu grupo, desenvolver capacidades ao nível da socialização, mas também ao nível da cognição, da autonomia, da motricidade e da linguagem deste grupo e com o grupo, experimentar estratégias de diferenciação pedagógica inclusiva, perceber quais as estratégias educativas mais adequadas para este grupo específico e utilizar a investigação-acção como desencadeante da acção/reflexão, para a produção de saber a utilizar no grupo e com o grupo.

O desenvolvimento do projecto efectuou-se através da metodologia de investigação-acção, procurando dar resposta à preocupação inicial concretizando uma proposta de intervenção organizada de forma estruturada para o grupo de crianças, proporcionando situações de desenvolvimento e aprendizagem para todos, em todas as áreas de desenvolvimento e promovendo sobretudo a área social entre as crianças. Para além disso, proporcionámos situações de envolvimento das famílias das crianças e a participação do grupo em actividades no contexto escolar com outros grupos de crianças.

O projecto assumiu-se sobretudo como uma oportunidade que proporcionou situações de reflexividade crítica e auto-formação, alterando estratégias na nossa intervenção para conseguir que se tornasse verdadeiramente inclusiva e procurando dar resposta à diversidade existente no grupo, de acordo com as perspectivas teóricas defendidas. Deste

modo, a relevância do mesmo está relacionada com a necessidade de uma contribuição teórica, sobre a prática efectuada e de procura de uma educação inclusiva. Para além disso, os resultados do projecto, traduzem evoluções ao nível do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, desenvolvendo capacidades em várias áreas e revelando progressos ao nível da relação com o outro, mas assumindo as limitações e os constrangimentos de um projecto desta natureza.

O Trabalho de Projecto integra cinco partes diferenciadas como procuramos resumir em seguida. Na primeira parte, correspondente ao enquadramento teórico, referimo-nos aos pressupostos pelos quais fundamentámos a nossa intervenção. Assim, abordamos dois grandes pontos, educação inclusiva e educação pré-escolar, e desenvolvimento e aprendizagem na educação pré-escolar. Relativamente ao primeiro ponto estabelecemos uma referência teórica face à educação inclusiva e à educação pré-escolar para depois enquadrarmos teoricamente a diferenciação pedagógica inclusiva e o envolvimento das famílias nas escolas ou instituições. No que diz respeito ao segundo ponto, ainda relativamente à primeira parte abordámos os modelos de desenvolvimento, pelos quais orientámos a intervenção, as alterações no desenvolvimento e aprendizagem, o desenvolvimento das relações sociais na infância, as orientações curriculares para a educação pré-escolar e o papel do educador. Na segunda parte do projecto, fundamentámos a nossa intervenção a nível metodológico, considerando cinco pontos, a caracterização do projecto enquanto trabalho no âmbito da investigação-acção, a problemática e a questão de partida, os objectivos gerais do projecto, a abordagem teórica relativa às técnicas de pesquisa e recolha de dados, de entre as quais a pesquisa documental, a sociometria, a observação naturalista e a entrevista e os procedimentos efectuados para a recolha e análise de dados de acordo com essas mesmas técnicas. A terceira parte do projecto inclui a caracterização da situação inicial em que intervimos e os contextos onde a mesma se inseriu. Deste modo, caracterizamos a situação de partida de acordo com três níveis: caracterização do contexto escolar, incluindo o meio envolvente, o estabelecimento educativo e as preocupações existentes numa perspectiva de educação para todos; caracterização da sala, relativamente ao espaço físico e logístico, aos recursos humanos e à dinâmica educativa; caracterização do grupo, através da caracterização estrutural, dinâmica, nível de competências adquiridas e casos específicos do grupo. A quarta parte do projecto, integrou o plano de acção delineado, considerando: os pressupostos teóricos relativamente à aprendizagem estruturada por actividades e por objectivos, às actividades em grupo e às actividades individualizadas; a

planificação, realização e avaliação da intervenção, ao longo de actividades diárias, das situações com envolvimento das famílias e a nível do contexto escolar, com reflexões semanais e mensais; e a avaliação global, ao nível da intervenção com o grupo, com as famílias, no contexto escolar e a nível do processo. Conclui-se com uma quinta parte onde se efectuam algumas reflexões, em jeito de conclusão sobre todo o projecto desenvolvido.

1. Enquadramento teórico

1.1 Educação Inclusiva e Educação Pré-escolar

O tema da Educação Inclusiva tem despertado no meio educacional uma verdadeira reflexão no sentido de procurar uma mudança da perspectiva de integração das crianças com necessidades educativas especiais para uma perspectiva verdadeiramente inclusiva. A Declaração de Salamanca foi um marco de referência que proporcionou a mudança do paradigma existente da escola integrativa para a escola inclusiva e onde foram definidos Princípios, Política e Prática na área das Necessidades Educativas Especiais. Esta declaração apontou no sentido de uma alteração no papel da escola regular no atendimento a alunos com necessidades educativas especiais, dado considerar-se que “as escolas regulares seguindo uma orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos”(UNESCO, 1994, p. ix).

Nesta perspectiva de educação inclusiva e de acordo com Ferreira (2007), a Declaração de Salamanca salienta ainda que:

1) cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ser-lhe dada a oportunidade de alcançar e manter um nível aceitável de aprendizagem; 2) cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem únicos; 3) os sistemas e os programas educativos devem ser estruturados e implementados de forma a ter em conta e dar resposta à grande diversidade das características e diversidades; 4) os alunos com NEE devem ter acesso à escola regular, que os deve acomodar através de uma pedagogia centrada na criança capaz de responder às suas necessidades (p. 68).

O princípio orientador do Enquadramento da Acção sobre as Necessidades Educativas Especiais apela a uma modificação de atitudes para a criação de uma escola mais inclusiva e não discriminatória proporcionando uma educação de qualidade para todos. Este princípio consiste

em afirmar que as escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito terão de incluir-se crianças com deficiência ou sobredotados, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nómadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (UNESCO, 1994, p. 6).

No entanto, o caminho para a Educação Inclusiva não se faz apenas com alterações legislativas, mas implica uma colaboração entre todos os intervenientes educativos. A Educação Inclusiva implica mudanças a vários níveis, “para além de uma mudança de

mentalidades, no que diz respeito ao acesso e ao sucesso da educação para todos é necessário criar condições e recursos adequados a cada situação.” (Sanches & Teodoro, 2006, p. 74). Assim, a escola “que pretende seguir uma política de Educação Inclusiva (EI) desenvolve políticas, culturas e práticas que valorizam o contributo activo de cada aluno para a construção de um conhecimento construído e partilhado e desta forma atingir a qualidade académica e sociocultural sem discriminação.” (Rodrigues, 2006, p. 2).

Para que exista uma verdadeira alteração do paradigma, que realmente implique mudança,

há que fazer um esforço sério para a construção de contextos com características de facto inclusivas. Tais contextos não podem ser construídos a partir da normalidade de um grupo, adaptando-se posteriormente a outro, mas terão de nascer de tal forma que todos aqueles que neles vão interagir e crescer o façam de forma igualmente valiosa mas diferenciada (Franco, Riço & Galésio, 2002, p. 391).

Os mesmos autores referem que a educação inclusiva, mais do que integrar crianças que estariam à partida excluídas no ensino regular, trata-se de incluir todas as crianças em idade escolar, independentemente das suas características físicas, sociais, linguísticas, mantendo-as na escola, procurando evitar excluí-las e criando oportunidades de aprendizagem recorrendo às estratégias de diferenciação que se revelarem adequadas (Franco, Riço & Galésio, 2002, citando Lopes, 1997).

Falar de educação inclusiva é falar de aprendizagens dentro da sala de aula, pertencendo a um grupo heterogéneo e atendendo a três factores que parecem ter grande importância na criação de salas de aula mais inclusivas, como afirmam Sanches e Teodoro (2006):

- planificação para a classe como um todo – a preocupação central do professor tem que ser a planificação de actividades para a classe, no seu conjunto e não para um aluno, em particular;
- utilização eficiente de recursos naturais: os próprios alunos – valorizando os conhecimentos, experiências e vivências de cada um; reconhecendo a capacidade dos alunos para contribuir para a respectiva aprendizagem, reconhecendo que a aprendizagem é um processo social, desenvolvendo o trabalho a pares/cooperativo, criando ambientes educativos mais ricos, desenvolvendo a capacidade de resposta dos professores ao feedback dos alunos, no decorrer das actividades;
- improvisação – o professor deve ser capaz de fazer uma alteração de planos e actividades em resposta às reacções dos alunos, encorajando uma participação activa e a personalização da experiência da aula. (p. 73, citando Ainscow, 1998, p. 16)

Neste sentido, a Educação Pré-Escolar, enquanto “primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (Ministério da Educação [ME], 1997, p. 15), deve assumir o seu papel e contribuir para a mudança de uma perspectiva integrativa para uma

perspectiva verdadeiramente inclusiva. Este papel é reconhecido no Enquadramento da Acção sobre as Necessidades Educativas Especiais, quando refere que

o êxito da escola inclusiva depende muito da identificação precoce, da avaliação e da estimulação das crianças com necessidades educativas especiais desde as primeiras idades. Assim, os programas de atendimento e de educação de crianças até aos 6 anos de idade devem ser desenvolvidos e/ou reorientados, a fim de promover o desenvolvimento físico, intelectual e social e a preparação para a escola. Estes programas constituem um investimento considerável para o indivíduo, a família e a sociedade, no sentido em que impedem o agravamento das condições incapacitantes. Os programas a este nível devem reconhecer o princípio da inclusão e desenvolver-se de forma global, combinando as actividades pré-escolares com os cuidados precoces de saúde. (UNESCO, 1994, p. 33)

A Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar deve assumir a mesma perspectiva que em qualquer outro nível de ensino, porque “a proposta da Educação Inclusiva passa claramente pela oferta de oportunidades de aprendizagem diversificadas para os alunos. Se a «diferença é comum a todos» e assumimos a classe como heterogénea é importante responder a essa heterogeneidade em termos de estratégias de ensino e aprendizagem.” (Rodrigues, 2006, p. 10).

No entanto, como aborda Gardou (2003),

os sistemas educativos não têm sabido responder aos desafios que para eles representa a verdadeira cultura de inclusão que passa pela alteração das representações em relação à diferença, pela incrementação de uma verdadeira e não camuflada diferenciação, pela flexibilidade dos itinerários educativos, pela valorização do potencial emergente/oculto, pelo direito à socialização através das aprendizagens, pela necessidade de formação para a inclusão, pelo entrecruzamento de competências dos profissionais, pela congruência entre o discurso e as práticas (...) (Gardou, 2003, p. 53).

Mas ainda assim, o “ensino pré-escolar, espaço privilegiado de socialização ainda preservado da ditadura dos programas, assume bem, de uma forma global, o seu papel inclusivo.” (Gardou, 2003, p. 57)

Nesse aspecto, enquanto documento orientador, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar assentam em vários fundamentos que se articulam entre si, entre eles, o fundamento que

o respeito pela diferença inclui as crianças que se afastam dos padrões «normais», devendo a educação pré-escolar dar resposta a todas e a cada uma destas crianças. Nesta perspectiva de «escola inclusiva», a educação pré-escolar deverá adoptar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais (ME, 1997, p. 19).

Para além disso, a Educação Pré-Escolar contempla também o pressuposto de que este nível de educação deverá proporcionar condições para que cada criança possa iniciar o 1º Ciclo com possibilidades de sucesso, enumerando algumas dessas condições, como por

exemplo: “as que dizem respeito ao comportamento da criança no grupo, as que implicam determinadas aquisições para a aprendizagem formal da leitura, escrita e matemática e as que se relacionam com atitudes.” (ME, 1997, p. 90). É a promoção do sucesso educativo que se propõe alcançar “devendo as respostas às dificuldades dos alunos com NEE surgir diluídas nas respostas às diversidades a que o ensino tem por obrigação responder.” (Ferreira, 2007, p. 60). Citando O’Neil (1995), a autora acrescenta que “estas considerações são consistentes com a educação multicultural pois, trata-se, afinal, de criar um mundo no qual muitas mais crianças terão oportunidades de aprender, de brincar e de cooperar com os pares.” (Ferreira, 2007, p. 60).

1.1.1 Diferenciação Pedagógica Inclusiva

O professor/educador do ensino regular, deve estar preparado para dar resposta às necessidades de todas as crianças, porque de acordo com o ponto de vista educativo, o único ponto comum entre as crianças é a diversidade. É necessário que se relativize os saberes de conhecimento geral e daí a indispensável diferenciação nas propostas pedagógicas. No entanto, “isto não exclui a necessidade de padrões e referências para orientar a acção.” (Gardou, 2003, p. 55).

Neste sentido “as modalidades de diferenciação pedagógica são uma resposta à diversidade dos perfis de aprendizagem dos alunos e servem-se da diversidade dos instrumentos, dos diferentes modos de intervenção do professor, das modalidades de agrupamento dos alunos.” (Duarte, 2004, p. 36). Para Rodrigues (2006),

a gestão de uma sala de aula inclusiva pressupõe que os alunos possam ter acesso a vários tipos de grupos de aprendizagem: grande grupo (que pode determinar o contrato, os fundamentos e a missão da aprendizagem) grupos de projecto, grupos de nível, trabalho em pares e trabalho individual. Todos estes enquadramentos permitem, que as situações de aprendizagem sejam adequadas às diferentes características do aluno e do trabalho. Desenvolver uma gestão de sala de aula inclusiva não pressupõe, pois, um trabalho individual mas sim o planeamento e a execução de um programa em que os alunos possam partilhar vários tipos de interacção e de identidade (p.12).

Para além da diversificação de respostas no que diz respeito à prática pedagógica, “a diferenciação pedagógica supõe também que na educação pré-escolar sejam proporcionadas às crianças experiências de aprendizagem estimulantes que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades”, promovendo o sucesso educativo. (ME, 1997, p. 90). Contudo, “conjugar o respeito pelos ritmos e percursos individuais com a necessidade de objectivos

bem definidos a atingir não se torna fácil.” (ME, 1997, p. 90). Neste sentido, uma organização flexível em que “os alunos não têm de estar todos a fazer a mesma coisa ao mesmo tempo” (Casanova, 1999, p. 129), pode ser uma importante forma para dar resposta à diversidade. Em Educação de Infância estes aspectos são contemplados através de “cantos destinados a actividades diferenciadas, áreas para o trabalho individual, áreas para trabalhos colectivos, espaços para brincar.” (Casanova, 1999, p. 129).

Para que exista de facto, uma verdadeira diferenciação pedagógica o educador deve conhecer cada criança e o grupo de modo a conseguir recolher as informações necessárias para saber quais são as suas capacidades, interesses e dificuldades porque “o conhecimento da criança e a sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades.” (ME, 1997, p. 25). O conhecimento individual de cada criança e daquilo que cada uma é capaz de fazer “resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referências tais como, produtos das crianças e diferentes formas de registo.” (ME, 1997, p. 25). Para além disso tem de igualmente existir um “pleno e total reconhecimento da diversidade individual das crianças atingidas por uma deficiência.” (Gardou, 2003, p. 54). Os estudos efectuados e a experiência com estas crianças demonstram que “as suas atitudes, expectativas e necessidades são extremamente diversas, segundo a sua história pessoal, o clima familiar, os recursos do seu meio e o acompanhamento de que eles beneficiam. (Gardou, 2003, p. 55). Neste aspecto, a diferenciação pedagógica permite que para além da resposta à diversidade no âmbito das crianças com deficiência, possamos igualmente proporcionar respostas às necessidades individuais de todas e de cada uma das crianças, adoptando uma perspectiva verdadeiramente inclusiva. Assim, o

plano é adaptado e diferenciado de acordo com as características individuais, de modo a oferecer a cada criança condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem. (...) mesmo as crianças diagnosticadas como tendo «necessidades educativas especiais» são incluídas no grupo e beneficiam das oportunidades educativas que são proporcionadas a todos (ME, 1997, p. 19).

1.1.2 Envolvimento familiar nas escolas ou instituições

O envolvimento da família é abordado de acordo com Gardou (2003) quando afirma, “simultaneamente, a educação inclusiva implica a reafirmação do papel único e inegalável da família: a escolarização de uma criança não pode ser coroada de sucesso sem o desejo dos

pais e a sua vontade de estabelecer laços com a equipa de acolhimento.” (Gardou, 2003, p. 59). A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar estabelece como princípio geral,

a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (ME, 1997, p. 15).

Deste princípio geral, decorrem os objectivos pedagógicos gerais dos quais salientamos a alínea “i) incentivar a participação das famílias no processo educativo.” (ME, 1997, p. 17). De acordo com este ponto de vista, a relação entre a escola e a família deverá pautar-se por esta orientação podendo assumir variadas formas, tal como se refere em seguida,

as relações com os pais podem revestir várias formas e níveis. Importa distinguir a relação que se estabelece com cada família – que decorre do facto da educação pré-escolar e a família serem dois contextos que contribuem para a educação da mesma criança – da relação organizacional que implica colectivamente os pais.

A relação com cada família, resultante de pais e adultos da instituição serem co-educadores da mesma criança, centra-se em cada criança, passando pela troca de informações sobre o que lhe diz respeito, como está na instituição, qual o seu progresso, os trabalhos que realiza... (ME, 1997, p. 43).

O envolvimento das famílias nas escolas ou instituições de contextos educativos pré-escolares deve partir do pressuposto que “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (ME, 1997, p. 43). Assumindo que os encarregados de educação são os principais responsáveis pela educação das crianças, estes “têm também o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos.” (ME, 1997, p. 43). As formas de participação e colaboração dependerão da relação que se vier a estabelecer entre estes intervenientes mas

a comunicação com os pais através de trocas informais e de reuniões são ocasiões de conhecer as suas expectativas educativas, de os esclarecer sobre o processo educativo a desenvolver com o grupo e de ouvir as suas sugestões. Os pais poderão eventualmente, participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo contar uma história, falar da sua profissão, colaborar em visitas e passeios, etc. (ME, 1997, p. 45).

O envolvimento dos pais e encarregados de educação faz parte de um processo de se vai construindo, “encontrar os meios mais adequados de promover a sua participação implica uma reflexão por parte do educador e da equipa sobre o nível e formas de participação desejáveis e as iniciativas a desenvolver, num processo que vai sendo corrigido e ajustado de acordo com a avaliação realizada” (ME, 1997, p. 46) e que se deve adequar aos contextos em que se inserem.

1.2 Desenvolvimento e aprendizagem na Educação Pré-escolar

A Educação Pré-Escolar assume um papel preponderante porque “os anos iniciais providenciam as bases para todos os aspectos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem para o resto da vida.” (Katz, 2006, p. 17) isto porque “as crianças não se desenvolvem apenas em tamanho e pensamento; também se desenvolvem nas relações com as outras pessoas.” (Gleitman, 1986, p. 661). Os diversos contextos de educação pré-escolar deverão ser entendidos como espaços onde as crianças constroem a sua aprendizagem, com vista a “favorecer a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança” (ME, 1997, p. 18), que fundamenta o objectivo apontado na Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar de “estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, desenvolvimento que implica favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas” (ME, 1997, p. 18). Este objectivo indica a interligação entre desenvolvimento e aprendizagem defendida por várias perspectivas da psicologia e da sociologia, que consideram que o ser humano se desenvolve num processo de interacção social.

1.2.1 Modelos teóricos de desenvolvimento

Para além das Orientações Curriculares que são, como o próprio nome indica, orientações para um currículo que se pretende comum e que devem servir de base à prática pedagógica desenvolvida, são vários os contributos teóricos que servem de linhas orientadoras na avaliação e intervenção com crianças em idade pré-escolar, incluindo aquelas com necessidades educativas especiais. Citando Copple em Odom (2002),

a educação de infância e a educação especial partilham em grande parte da mesma filosofia e da mesma abordagem. (...) Ambos os campos sublinham o desenvolvimento social, emocional e físico da criança, assim como o seu desenvolvimento cognitivo e aprendizagem. Os profissionais de ambos os campos prestam particular atenção ao que poderá resultar do ponto de vista individual e o que será apropriado do ponto de vista do desenvolvimento (p. 6).

Esses métodos de intervenção são baseados em diversas teorias que podem incluir teorias de aprendizagem ou de desenvolvimento, cognitivas, comportamentais ou sociais. É importante que na perspectiva de intervenção se conheçam estes modelos, cabendo ao educador tê-los em consideração para conceber uma intervenção adequada, que se baseie em pressupostos teóricos fundamentados, de acordo com o que considerar mais pertinente.

Por exemplo, nas últimas décadas impôs-se progressivamente a perspectiva ecológica e interaccionista na intervenção com crianças e em especial na intervenção com crianças com necessidades educativas especiais. De acordo com o modelo ecológico de Bronfenbrenner, “considera-se que o organismo em desenvolvimento está inserido numa série de sistemas hierarquizados que influenciam e são influenciados por esse indivíduo: a família nuclear e a família alargada, o bairro e a cidade ou vila, o Estado-Nação e o país e a comunidade internacional.” (Stevens, Hough & Nurss, 2002, p. 761).

Nesta perspectiva são privilegiadas

as trocas entre a criança e o seu meio como o fundamento no qual assenta todo o potencial de desenvolvimento e de aprendizagem da criança bem como a sua possibilidade de realização como ser humano, eminentemente social, usufruindo e partilhando bens inerentes à sua comunidade.

Como ser holístico, sistémico e natural a criança cresce como um TODO em que os factores pessoais e ambientais se interpenetram, influenciando-se e produzindo efeitos mútuos determinados não por uma causa mas pela estrutura do sistema, a qual se encontra, de modo dinâmico, em permanente reorganização.” (Ferreira, Ponte & Azevedo, 1999, p. iv1).

Assim, todos os indivíduos são vistos num processo de desenvolvimento constante e dinâmico, que progressivamente os faz passar por diferentes contextos, reestruturando os contextos ou sistemas ecológicos onde o indivíduo se desenvolve. Esta abordagem “considera que o indivíduo em desenvolvimento interage com diferentes sistemas que estão eles próprios em evolução.” (ME, 1997, p. 32) e assim,

a aprendizagem e desenvolvimento são facilitados pela participação da criança que se desenvolve em padrões progressivamente mais complexos de actividade recíproca com alguém com quem estabeleceu um vínculo emocional forte e prolongado, e pela mudança gradual do equilíbrio de poder em favor da pessoa em desenvolvimento... o potencial de desenvolvimento de um contexto pré-escolar depende da extensão em que os adultos supervisores criam e mantêm oportunidades para o envolvimento das crianças numa grande variedade de actividades progressivamente mais complexas e de estruturas interpessoais apropriadas às capacidades em evolução apresentadas pela criança e que lhe permitirão um equilíbrio de poder para lhe possibilitarem introduzir inovações. (Bronfenbrenner, citado por Hohmann & Weikart, 1997, p. 223)

Mas apesar de termos em consideração o modelo ecológico, onde vários contextos influenciam e são influenciados pelo desenvolvimento da criança, não podemos deixar de referir, a importância que podem assumir outros tipos de modelos de desenvolvimento. Neste caso, o modelo estruturalista da teoria cognitivo-desenvolvimentista, em que a aprendizagem é vista como um processo construtivo, que reflecte a perspectiva da maturação do desenvolvimento da criança e a importância da valorização da brincadeira enquanto actividade espontânea, é igualmente tido em consideração. Na abordagem efectuada de acordo com este modelo a infância é considerada como um período primordial para brincar e de

desenvolvimento do ser humano, focando-se essencialmente nos aspectos da sequência natural do desenvolvimento. De acordo com esta perspectiva, o conhecimento não pode ser dado directamente à criança, pelo contrário, cada criança deve construir activamente o seu próprio conhecimento. A aprendizagem depende do que a criança já sabe e da construção de novos conhecimentos. Neste sentido, de acordo com Hohmann e Weikart (1997) “a aprendizagem pela acção é fundamental ao completo desenvolvimento do potencial humano” (p. 19) e esta aprendizagem “ocorre de forma mais eficaz em contextos que providenciam oportunidades de aprendizagem adequadas do ponto de vista do desenvolvimento.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 19). A abordagem cognitivo-desenvolvimentista da criança baseia-se nas ideias e teorias de Jean Piaget que estudou o modo como a criança desenvolve as suas capacidades cognitivas de memória, discriminação, resolução de problemas, competências verbais e compreensão e que descrevem a aprendizagem como “um processo no qual as crianças agem sobre e interagem com, o mundo imediato de forma a construírem um conceito de realidade cada vez mais elaborado.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 21) e este tipo de aprendizagem começa “quando as crianças manipulam os objectos e usam os seus corpos e todos os seus sentidos para descobrir coisas sobre esses objectos.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 23). Assim,

a experiência directa e imediata de objectos, pessoas, ideias e acontecimentos – é uma condição necessária para a reestruturação cognitiva e para o desenvolvimento. Posto de uma forma simples, a criança pequena aprende conceitos, forma ideias e cria os seus próprios símbolos ou abstracções através da actividade auto-iniciada – move-se, ouve, procura, sente, manipula. Esta actividade, levada a cabo num contexto social em que o adulto atento e sensível é um observador-participante, torna possível à criança estar envolvida em experiências intrinsecamente interessantes que podem vir a produzir conclusões contraditórias e a desencadear uma consequente reorganização da compreensão que a criança faz do seu mundo.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 22)

Mas esta visão estruturalista do desenvolvimento teve uma descendência de teóricos intelectuais que apresentaram uma perspectiva sociocultural do desenvolvimento, que assumiu uma perspectiva mais abrangente. É o caso de Lev Vygotsky que assumiu que o contexto social e as interacções sociais entre a criança e os outros (pais, professores, amas, ou outros familiares) são fundamentais na aprendizagem. Assim, “na perspectiva sócio-construtivista de Vygotsky e Bruner a aprendizagem feita através das interacções sócio-culturais enriquecida por adultos e pares é o impulsionador do desenvolvimento.” (Folque, 1999, p. 5).

Nesta perspectiva, o processo de construção de conhecimento tem em conta não só as características individuais do sujeito, mas também as suas interacções sociais com o meio, numa abordagem sócio-construtivista que enfatiza a natureza social da aprendizagem e o papel que a relação interpessoal tem na mesma. De acordo com Vygotsky (1987), citado por Martinho (2004) “ao longo do processo de desenvolvimento, a criança arma-se de variadas e diferentes ferramentas que possuem uma natureza social.” (p. 226), uma das quais é por exemplo a linguagem e complementa acrescentando mesmo que “(...) é dentro do contexto das interacções sociais que o desenvolvimento cognitivo se produz.” (Martinho, 2004, p. 226). Um dos aspectos particularmente importante na teoria de Vygotsky é a ideia da existência de uma área potencial de desenvolvimento cognitivo, a sua zona de desenvolvimento próximo (ZDP) que é definida de acordo com Vasconcelos (1997) como “a distância entre o nível real de desenvolvimento, tal como foi determinado por uma resolução independente do problema, e o nível de desenvolvimento potencial, tal como foi determinado pela resolução do problema sob orientação de um adulto ou em colaboração com pares mais capazes de o resolverem. (Vygotsky, 1978 citado por Vasconcelos, 1997, p. 35). A imitação, por exemplo é uma das formas em que sob orientação, as crianças aprendem a mediar as suas interacções, que servirão para a formação do processo social e psicológico de desenvolvimento, “plena compreensão do conceito de zona de desenvolvimento próximo deve ter como consequência uma reavaliação do papel da imitação na aprendizagem.” (Oers, 2009, p. 16). A imitação concebida num sentido lato que não deve ser confundida com a mera cópia das acções dos outros, mas que possibilita à criança a participação em actividades com a ajuda de outros.

Desta forma, o papel do outro no desenvolvimento da criança é assumido como muito importante e capaz de promover uma aprendizagem mais produtiva do que seria a aprendizagem solitária, “dentro deste quadro de referência, o papel do professor, tal como o papel dos seus pares na sala de aula, adquirem para a criança, significados novo e mais motivadores. A aprendizagem deve, portanto, ocorrer num contexto social.” (Vasconcelos, 1997, p. 36) e neste sentido a educação pré-escolar assume o seu papel contributivo enquanto contexto facilitador para o desenvolvimento e aprendizagem.

1.2.2 Alterações no desenvolvimento e na aprendizagem

Na área do desenvolvimento são vários os indicadores ou testes que permitem efectuar a avaliação e contribuem para avaliar o desenvolvimento da criança. Por vezes, durante o desenvolvimento da criança existem factores que provocam alterações neste desenvolvimento e que levam a que este não se processe de forma regular e que tenha alguma alteração, o que provoca alguma preocupação nas pessoas que intervêm directamente com a criança quer sejam pais ou outros educadores. Para alguns autores estas alterações podem sugerir perturbações no desenvolvimento ou na aprendizagem mas importa referir que

nem todas as crianças se desenvolvem da mesma maneira: há aquelas que aprendem a andar mais tarde, outras têm dificuldades em falar, apresentam défices ao nível da motricidade, ou não conseguem concentrar-se muito tempo num assunto. Algumas crianças são sossegadas e tímidas, enquanto outras, pelo contrário, tendem para a hiperactividade e necessitam de um constante movimento, para só citar algumas das características ou singularidades com que nos deparamos. (Binder & Michaelis, 2006, p. 7).

De acordo com o que refere Antunes (2009), devem existir cerca de cem mil crianças com perturbações do desenvolvimento em Portugal. Parece um número espantoso e quando se fala em números desta natureza, as pessoas de gerações anteriores poderiam achar que “um número como este “deveria ter deixado nas suas memórias imagens de colegas com autismo ou défice de atenção e raramente é assim. Não é claro que o número de perturbações esteja a crescer, mas é aparente que a sua identificação é mais eficaz.” (p. 16).

Antunes afirma mesmo que, “o estudo das perturbações do desenvolvimento se encontra numa fase algo primitiva, como a Neurologia dos anos 60, em que as doenças eram, à falta de melhor, agrupadas de acordo com sintomas comuns, e não pela causa ou mecanismo...” (Antunes, 2009, p. 15), refere ainda “que é muitas vezes artificial a divisão entre síndromes, já que a maioria das crianças com dificuldades escolares têm um pouco disto e daquilo, em proporções e combinações variáveis.” (Antunes, 2009, p. 16).

Para além das características individuais do seu desenvolvimento, as crianças podem apresentar também característica singulares na forma como aprendem, porque

nem todas as singularidades se encontram da mesma forma em todas as crianças. Há crianças que apresentam este ou aquele sintoma, outras que apresentam um só e ainda outras que manifestam toda uma série de especificidades.

Tal como cada indivíduo recebe a sua própria constituição física, o seu aspecto exterior e a sua própria estrutura de aptidões, também recebe as suas próprias fragilidades ou pontos fracos, no que diz respeito às faculdades de aprendizagem. Essas singularidades podem ser parte integrante de uma determinada perturbação de aprendizagem, mas também podem surgir como consequência de uma perturbação, como, por exemplo, as singularidades no comportamento (Binder & Michaelis, 2006, p. 68).

Quer isto dizer que a nível de aprendizagem, as crianças podem ter algum tipo de dificuldade no processamento das impressões sensoriais ou no processamento da informação com consequências previsíveis a esse nível, que vão perturbar a sua aprendizagem. Por exemplo,

as perturbações precoces na aprendizagem surgem devido a falhas ou debilidades na precisão e rapidez do processamento sensorial do cérebro. Neste contexto, os aspectos mais afectados são a audição, a visão e a fala. Essas falhas ou debilidades centrais de processamento das informações sensoriais são expressão de diferentes estruturas de aptidões – no fundo de uma variante biológica -, razão pela qual não devem, primariamente, ser consideradas como consequências de uma qualquer patologia. (Binder & Michaelis, 2006, p. 87).

Mas para além de qualquer perturbação ou alteração que cada criança possa apresentar e para além de qualquer síndrome ou problemática que lhe possa ser atribuída importa que “não se esqueça de que cada criança é, acima de tudo, uma criança. Reconheça as necessidades especiais mas tente não esquecer o carácter único e a individualidade da criança enquanto pessoa com sentimentos, consciência e que precisa de ser tratada com cuidado e dignidade.” (Paasche, Gorrill & Strom, 2010, p. vii). Isto porque, “apesar da previsibilidade das fases de desenvolvimento, cada criança transpõe-nas ao seu ritmo. Numa perspectiva global, uma desenvolve-se mais rapidamente, outra mais lentamente, e isso testemunha a individualidade de cada qual.” (Ferland, 2006, p.31).

Deste modo, em vez de um enquadramento teórico relativo às várias alterações ou perturbações que as crianças podem apresentar no seu desenvolvimento ou aprendizagem, com as múltiplas dificuldades que podem apresentar a este nível, porque podem apresentar diagnósticos que vão desde o atraso global de desenvolvimento a perturbação de hiperactividade, entre outros, considerámos mais importante assumir que cada uma delas é diferente das outras e que necessitará de uma intervenção que lhe permita desenvolver as suas aptidões. O conhecimento actual diz-nos que uma intervenção iniciada tão cedo, quanto possível poderá proporcionar-lhe algumas das condições para o efectuar e neste sentido, a educação pré-escolar deve assumir a importância do seu papel, quando se relembra um dos objectivos pedagógicos gerais definidos, “proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança” (ME, 1997, p. 16).

1.2.3 Desenvolvimento de relações sociais na infância

O desenvolvimento social ocupa-se das mudanças no modo como a criança trata os outros, “durante os primeiros meses de vida, o mundo social de bebé está limitado a uma única pessoa, geralmente a mãe. Com o tempo, os horizontes sociais tornam-se mais vastos, passando a incluir ambos os pais, o resto da família e depois os companheiros da creche e da escola.” (Gleitman, 1986, p. 662). Este desenvolvimento, inicia-se com o “primeiro vínculo humano que é considerado, por vezes, como a base de todas as relações posteriores com os outros: a vinculação do bebé à pessoa que cuida dele.” (Gleitman, 1986, p. 663). A vinculação marca a sua entrada no mundo social, sendo “o ponto de partida da socialização, processo pelo qual a criança adquire os padrões de pensamento e comportamento característicos da sociedade em que nasce.” (Gleitman, 1986, p. 677) tendo como objectivo cultivar valores morais que sejam interiorizados de “forma que o indivíduo evite transgressões porque sente que elas são erradas e não porque tem medo de ser punido” (Gleitman, 1986, p. 686).

De acordo com a perspectiva cognitivo-desenvolvimentista

criança tem uma certa compreensão das suas próprias acções; ela não só sabe que algumas coisas são “más” e outras “boas” mas tem algum sentido do porquê. Inicialmente, a sua compreensão é bastante vaga, mas, com o avanço do desenvolvimento mental, desenvolve-se também a compreensão racional de como se (deve) relacionar com os outros (Gleitman, 1986, p. 681).

De acordo com Giddens, podemos referir-nos aos grupos e contextos sociais onde têm lugar os processos significativos de socialização como “agências de socialização”. (Giddens, 1997, p. 98). O mesmo autor afirma que em todas as culturas, a família é a principal agência de socialização da criança durante a infância, mas mais tarde existem outras influências tais como o grupo de pares, que são grupos de crianças amigas de idade similar, a escola, os meios de comunicação, o trabalho, ou os grupos ou contextos sociais em que os indivíduos passam grande parte das suas vidas (Giddens, 1997).

Ladd e Coleman (2002) afirmam que “os pares são, cada vez mais, importantes agentes socializadores e os contextos onde são implementados os primeiros níveis de educação de infância tornaram-se os principais contextos onde crianças se encontram com outras crianças, aprendem a desenvolver competências sociais e a estabelecer relações com os pares.” (p. 154) porque é

na infância que surgem as primeiras formas rudimentares de sociabilidade entre pares. (...) Ao longo do primeiro ano de vida os bebés exibem uma variedade de comportamentos sociais e participam em acções sucessivas com os seus pares. Ao longo do segundo e terceiros anos, as crianças adquirem a capacidade de coordenar as acções sociais com os seus parceiros (imitando,

por exemplo, as acções não verbais de um dos seus pares), o que, por sua vez, lhes permite envolver-se em actividades lúdicas mais sofisticadas e recíprocas (Ladd & Coleman, 2002, p. 121).

A investigação até agora realizada, sugere que as relações que se estabelecem entre as crianças servem de apoio e suporte à sua socialização, “as relações entre pares são significativas para as vidas das crianças e podem constituir importantes contributos para o seu desenvolvimento e bem-estar.” (Ladd & Coleman, 2002, p. 155). Os mesmos autores acrescentam ainda “que as dificuldades sociais da infância, tais como a rejeição e a agressão pelos pares, deixam antever muitos tipos de problemas de adaptação na vida futura, incluindo a delinquência juvenil, o insucesso escolar, problemas de saúde mental e o suicídio.” (Ladd & Coleman, 2002, p. 157). Resumindo, “é através das interacções sociais com adultos significativos, com os seus pares e em grupo que a criança vai construindo o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem.” (ME, 1997, p. 49).

Segundo Parker e Gottman (1989) citado por Ladd e Coleman (2002),

o objectivo putativo da actividade lúdica nos anos de jardim de infância é maximizar o prazer, o divertimento e a satisfação durante a prática dessa actividade. Conseguir ou não alcançar esse objectivo depende da coordenação da actividade pelos parceiros nela envolvidos. Ao nível mais baixo de coordenação as crianças brincam em paralelo – executando a mesma actividade, porventura lado a lado -, mas com pouca ou nenhuma interacção social (isto é, mantendo uma “companhia pacífica”, Parker e Gottman, 1989, p. 105). A um nível mais elevado de coordenação entre pares está a actividade conjunta, que oferece uma maior potencial para o conflito, mas também para a solidariedade e o divertimento (Ladd & Coleman, 2002, p. 124).

Além do comportamento e das características pessoais das crianças, existem outros factores que podem ter um impacto importante no desenvolvimento das relações das crianças com os seus pares. “Tanto as características físicas como interpessoais das salas de actividades dos jardins-de-infância (cuidados formais) podem influenciar o modo e a intensidade com que as crianças interagem e estabelecem relações com os pares.” (Ladd & Coleman, 2002, p. 144). Os mesmos autores acrescentam ainda que “(...) o contexto físico do jardim de infância, incluindo o desenho da sala de actividades e a provisão de materiais lúdicos, está relacionado com a qualidade das interacções sociais das crianças e das suas primeiras relações entre pares.” (Ladd & Coleman p. 144).

Os estudos de Rubin (1977) citados por Ladd e Coleman (2002) consideram que

quando as crianças usam plasticina, areia, água, lápis de cor ou tintas, a maior parte do seu comportamento (65% a 85% do tempo de observação) pode ser classificado como actividades solitárias ou paralelas. Outras actividades tais como brincar às casinhas, com carros, e actividades de leitura e com números são sobretudo sociais na sua natureza e parecem estimular níveis elevados de actividades cooperativas e associativas (p. 146).

De acordo com Giddens (1997) citando Parten (1932),

as crianças começam por se envolver em brincadeiras solitárias e independentes. Mesmo quando na companhia de outras, brincam sós, não fazendo qualquer referência ao que fazem os outros. Esta fase é seguida pela actividade paralela, na qual a criança copia o que os outros fazem, mas não interfere nas suas actividades. A seguir (com cerca de três anos de idade) envolve-se crescentemente em brincadeiras associativas, na qual relaciona o seu próprio comportamento com o dos outros. Cada criança continua a agir como lhe apetece, mas presta atenção e responde ao que os outros estão a fazer. Mais tarde, por volta dos quatro anos, inicia as brincadeiras cooperativas – actividades que exigem que cada criança colabore com a outra (como o brincar às “mamãs” e aos “papás”) (Giddens, 1997, p. 88).

Desta forma, a construção de relações positivas com os pares é um objectivo fundamental para o desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar “no contexto das relações com pares, as crianças desenvolvem importantes capacidades comunicativas, sociais, lúdicas e cognitivas. As interacções sociais lúdicas com pares são uma parte essencial dos primeiros anos de vida. As crianças que fazem amigos durante o ensino pré-escolar têm frequentemente melhores resultados sociais e académicos.” (Sandall & Schwartz, 2003, p. 171). Um dos aspectos a ter em consideração para apoiar o desenvolvimento destas interacções sociais,

é ter a certeza de que a sala proporciona oportunidades sociais. Alguns modos para o fazer incluem seleccionar actividades e materiais que impliquem a participação de mais do que uma criança. Alguns materiais são mais sociais que outros (por exemplo, jogos com bola, jogo dramático), mas mesmo as actividades aparentemente solitárias (por exemplo, puzzles, jogos de computador) podem ser organizadas de forma a implicar uma componente social. Outro aspecto a recordar é que, se o objectivo for ensinar capacidades sociais, a equipa deve tentar incorporar este tipo de ensino e aprendizagem nas actividades que constituem os interesses e as experiências das crianças (Sandall & Schwartz, 2003, p. 172).

Neste sentido, as actividades desenvolvidas na sala também podem proporcionar e incorporar diversas oportunidades sociais. Sandall e Schwartz (2003) dão-nos vários exemplos sobre o modo como o podemos concretizar,

Por exemplo, pares ou grupos pequenos de crianças podem fazer murais, construir esculturas ou escrever livros de contos. Às vezes as crianças com poucas capacidades sociais têm dificuldade em actividades menos estruturadas. A educadora pode proporcionar estrutura, usando apoios visuais. Na área de jogo dramático, por exemplo, uma sequência de fotografias com diferentes funções a desempenhar pode proporcionar às crianças um “catálogo” para as motivar.

Também podem ser usadas actividades de rotina da sala para promover relações sociais. Um modo simples para o fazer é mudar os versos das canções infantis, as rimas ou os jogos para inserir um termo social ou para encorajar a interacção (Sandall & Schwartz, 2003, p.173).

De acordo com Bénony (2002) “as interacções definem-se como reacções recíprocas entre, pelo menos, dois fenómenos ou duas pessoas; trata-se de uma reciprocidade sob forma de acções ou influências” (p. 59) e as interacções sociais proporcionadas entre pares assumem uma importância fundamental uma vez que as crianças “precisam de interacções alargadas e

repetidas com pares, para desenvolver amizades e interacções sociais que se prolonguem para além da situação de ensino imediato. Parte do planeamento da equipa envolve assegurar interacções sociais repetidas e bem-sucedidas na sala e no recreio” (Sandall & Schwartz, 2003, p. 173). Apesar de as crianças escolherem muitas vezes

envolver-se em actividades mais solitárias, também aproveitam a oportunidade para observarem, brincarem ao lado de outras crianças ou imitarem os seus pares. Ao apoiarem conscientemente estas apostas iniciais de interacção social, os educadores podem ajudar as crianças a formarem relações positivas entre pares e a verem-se a si próprias e aos outros como membros de uma comunidade (Post & Hohman, 2004, p. 258).

Neste aspecto, os educadores têm aqui o papel de poder apoiar as interacções entre pares proporcionando-lhes equipamentos que lhes permitem brincar lado a lado ou proporcionam-lhes dois ou mais brinquedos para que as crianças “possam brincar com esses brinquedos em conjunto e experimentar as acções que cada um realiza sobre os objectos. Por fim, proporcionam materiais que possam juntar duas ou três crianças e, ao mesmo tempo, garantir algum controlo individual sobre eles” (Post & Hohman, 2004, p. 259) e “quando a tentativa de uma criança para se relacionar com os seus pares não é notada, um educador atento pode ajudar a atenuar essa lacuna. (Post & Hohman, 2004, p. 260). Assim, para que as crianças possam aprender a relacionar-se precisam

de ter muitas oportunidades para interagir com sucesso. Estas interacções podem ser simples (por exemplo, passar materiais à mesa do lanche) ou mais complexas e alargadas (por exemplo, trabalhar juntas numa actividade lúdica cooperativa). As educadoras têm um papel importante na planificação e apoio a estas actividades. Para desenvolver interacções sociais, os momentos de ensino devem acontecer diariamente e em todas as áreas e actividades da sala. O papel da educadora no desenvolvimento de interacções sociais positivas exige na maioria das vezes um equilíbrio delicado entre prestar ajuda e dar espaço para que as interacções se desenrolem. A educadora deve facilitar a interacção de crianças, mas não deve interferir ou assumir a situação.

As educadoras podem não só organizar os ambientes da sala para apoiar interacções sociais positivas, como também ensinar às crianças as capacidades fundamentais para relações positivas. Estas capacidades incluem, mas não são limitadas a: prestar atenção aos outros, partilhar, ajudar os outros, persistir ou fazer esforços para manter interacções sociais, organizar a interacção lúdica, ser capaz de entrar em situações de interacção lúdica, negociar, resolver conflitos. As capacidades para desenvolver amizade, tal como todas as outras capacidades, podem ser incorporadas no currículo geral e as educadoras devem identificar objectivos de aprendizagem para o desenvolvimento de amizade sempre que as crianças apresentem dificuldades nas interacções sociais (Sandall & Schwartz, 2003, p. 172).

A aprendizagem do estabelecimento destas relações sociais influencia a maneira como vão lidar no futuro com outras pessoas. “Por exemplo, bebés e crianças que são bem tratados vêem-se a si próprios e aos outros como *merecedores de amizade*; lembram-se e fortalecem as suas experiências sociais afirmativas à medida que fazem amizades durante os

anos da escola e da vida adulta” (Post & Hohman, 2004, p. 40). Aprendermos a envolver-nos estabelecendo interações com os outros,

condiciona certamente as nossas personalidades, os nossos valores e o comportamento que adquirimos. No entanto, a socialização está também na origem da nossa própria individualidade e liberdade. No decurso da socialização, cada um de nós desenvolve um sentido de identidade própria e a capacidade de agir e pensar independentemente (Giddens, 1997, p. 110).

Importa não esquecer que a educação está intimamente relacionada com a interação e que a educação precisa de ser um desafio social e intelectual para as crianças e os seus educadores. “Os educadores competentes motivam as crianças através de interações sociais ricas e complexas” (Vasconcelos, 1997, p. 19).

1.2.4 Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar constituem-se como um quadro de referência importante para todos os educadores da educação pré-escolar face à organização da componente educativa, não sob o aspecto de programa mas numa perspectiva orientadora e centrada em indicações para a prática pedagógica.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, para que uma criança possa ter sucesso quando inicia a escolaridade no primeiro ciclo existem pelo menos três tipos de condições que devem ser adequadas e que podem contribuir para maiores probabilidades desse sucesso que são nomeadamente, “as que se encontram relacionadas com o comportamento da criança no grupo, as que se relacionam com determinadas aquisições indispensáveis para aprendizagem formal da leitura, escrita e matemática e as que se relacionam com atitudes (ME, 1997).

Relativamente ao comportamento da criança no grupo é muito importante que a criança seja capaz de estabelecer uma ligação com os outros, aprendendo a conjugar as suas necessidades individuais com as de outros, que está na base dos comportamentos de cooperação. A criança “terá, por exemplo, que ser capaz de aceitar e seguir as regras de convivência e de vida social, colaborando na organização do grupo; saber escutar e esperar pela sua vez para falar; compreender e seguir orientações e ordens, tomando também as suas próprias iniciativas sem perturbar o grupo; ser capaz de terminar tarefas” (ME, 1997, p. 91).

No que diz respeito às aprendizagens o educador deve, na organização da sua intervenção procurar proporcionar aprendizagens que sejam cultural e socialmente pertinentes

e úteis não descurando as intenções, conhecimentos e a compreensão da criança. Actualmente, sabemos que aspectos como a literacia, a numeracia e a proficiência tecnológica, assim como conhecimentos vários relativos ao mundo que as rodeia são considerados de extrema importância a nível social e até mesmo indispensáveis. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, pressupõe-se

que as crianças tenham evoluído no domínio da compreensão e comunicação oral e, tomado consciência das diferentes funções da escrita, da correspondência entre o código oral e escrito, ou seja, que o que se diz se pode escrever e ler mas que cada um destes códigos tem normas próprias. Também terão realizado aprendizagens básicas ao nível da matemática, adquirindo noções de espaço, tempo e quantidade (ME, 1997, p. 91).

Relativamente às atitudes, a educação pré-escolar deve proporcionar situações para que possam ser favorecidas atitudes positivas face à escola e que estão na base de toda a aprendizagem, tal como a curiosidade e o desejo de aprender tal como se encontra fundamentado nos objectivos gerais pedagógicos definidos para a educação pré-escolar.

1.2.5 Papel do educador

O conhecimento dos modelos e teorias de desenvolvimento e aprendizagem da criança, ajudam o educador a combinar as actividades com o nível de desenvolvimento da criança, para que possa programar situações que sejam suficientemente motivadoras e desafiantes mas ao mesmo tempo promotoras de sucesso. Cabe ao educador,

planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, mas acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento e diminuição de auto-estima (ME., 1997, p.26).

É importante que o educador tenha informação sobre o modo como as crianças aprendem, porque a maneira como as crianças aprendem “a pensar, a mover-se, a fazer uso da língua, a interagir com os seus pares e a lidar com as emoções constituem uma base sobre a qual podemos delinear actividades que as ajudem a alcançar objectivos significativos nestas áreas” (Spodek, 2002, p. 4). Através deste conhecimento podem estimular-se práticas educativas mais amplas, flexíveis e adaptadas a cada grupo e atendendo ao desenvolvimento de cada criança.

O papel do educador é permitir o desenvolvimento, promovendo oportunidades de aprendizagem inseridas num envolvimento estimulante, encorajador e acolhedor, encarando todos os aspectos do desenvolvimento da criança. Um dos objectivos gerais pedagógicos

definidos para a Educação Pré-Escolar consiste em “estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, desenvolvimento que implica favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas.” (ME, 1997, p. 15). Este objectivo aponta para a interligação existente entre desenvolvimento e aprendizagem, mas tem ainda em perspectiva o papel activo da criança na sua interacção com o meio, que por sua vez, lhe deverá fornecer todas as condições para que ela se desenvolva e aprenda.

Ao educador cabe a responsabilidade de partir do que as crianças sabem e daquilo que são capazes de fazer para propor situações de aprendizagem. “A oportunidade de usufruir de experiências educativas diversificadas, num contexto facilitador de interacções sociais alargadas com outras crianças e adultos. Permite que cada criança, ao construir o seu desenvolvimento e aprendizagem, vá contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem dos outros” (ME, 1997, p. 19).

Numa conferência que realizou em Lisboa, Albano Estrela recorda Padre Américo e afirma que: “ A força das suas palavras alertou-me para dois aspectos: a obrigação moral que todos temos de colaborar na educação do nosso semelhante e as enormes potencialidades que existem em cada criança, em cada jovem, potencialidades que cumpre ao educador fazer emergir” (Estrela, 2006, p. 143).

Os educadores podem recorrer à utilização de diversas estratégias que visam apoiar o desenvolvimento social

quando as disputas infantis levam ao choro, ao bater ou ao morder, os educadores calmamente abordam as crianças envolvidas no conflito, param as acções que magoam, reconhecem os sentimentos das crianças, recolhem informação, envolvem as crianças na descrição do problema e na procura de uma solução e oferecem uma continuidade para esse apoio (Post & Hohman, 2004, p. 89).

Mas no entanto também é importante reconhecer que

As crianças têm tendência para o conflito social! São fortes, hábeis e em movimento. Têm um sentido crescente de posse (É meu!) e uma crença fixa no seu ponto de vista. Durante o mais pacífico tempo de escolha livre, num contexto bem equipado, as crianças com a sua convicção, com as suas competências emergentes de comunicação e inexperiência social, estão predispostas a envolverem-se em disputas com pares, reclamando por espaço, materiais e mesmo educadores. Ao mesmo tempo, com o apoio do adulto, são geralmente capazes de rapidamente resolver as suas próprias disputas – possivelmente porque estão tão centradas no presente imediato. Os conflitos e as disputas durante o tempo de escolha livre constituem oportunidades de ajudar as crianças a encontrarem alternativas sociáveis a comportamentos tão negativos quanto morder ou agarrar com força (Post & Hohman, 2004, p. 260).

Nesta situação, a importância do estabelecimento de regras de convivência, que são do conhecimento de todos podem ajudar a as crianças a compreender a sua importância e

embora as crianças tenham ainda dificuldade em cumpri-las e é aí que o adulto intervém nessa regulação para as ajudar, porque para o educador proporcionar actividades que ajudem a conduzir ao desenvolvimento implica organizar actividades que sejam “partilhadas pelas crianças, em vez de meramente comunicar ou transmitir informação. Este processo exige ter em conta o nível de desenvolvimento das crianças, a sua capacidade de interagir e os seus interesses; se assim não for, não serão capazes de participar em actividades colectivas” (Kratsova, 2009, p. 9).

Para promover efectivamente o desenvolvimento os próprios educadores precisam de desenvolver determinadas competências como por exemplo serem capazes de organizar “actividades colectivas com grupos de crianças e de interagir com as crianças envolvidas nessas actividades. Se as crianças conseguirem fazer alguma coisa em conjunto, como resolver um problema, serão mais tarde capazes de lidar sozinhas com tarefas ou problemas idênticos” (Kratsova, 2009, p. 9).

2. Enquadramento metodológico

2.1 Caracterização do projecto

Este projecto situou a intervenção num quadro teórico de investigação-acção, que mais do que um quadro de referências teóricas, insere-se “num conjunto de experiências práticas desenvolvidas por vários autores, e relativamente distintas entre si, mas enquadradas no mesmo propósito de conhecer a realidade para a transformar, assumindo assim uma concepção pragmática da realidade social” (Guerra, 2000, p. 43). Estes tipos de abordagens metodológicas,

apresentam como elemento fulcral da estratégia de conhecimento a relação entre o cientista e o seu objecto de estudo. As posturas sociológicas que se identificam com este reequacionamento da relação entre conhecimento e acção pretendem aprofundar uma relação entre teoria e prática que recusa uma concepção contemplativa e neutral da ciência (Guerra, 2000, p. 42).

Desta forma, procurámos integrar o projecto desenvolvido nesta perspectiva, tendo em conta que, “a investigação-acção inicia-se tendo como base situações com as quais o professor está insatisfeito ou que deseja melhorar” (Arends, 1995, p. 527). Lessard-Hébert, acrescenta ainda que “diversos autores definem o seu procedimento de investigação-acção como um ciclo em espiral. O termo ciclo é utilizado no sentido de um conjunto ordenado de fases que, uma vez completadas, podem ser retomadas para servirem de estrutura à planificação, à realização e à avaliação de um segundo projecto, e assim sucessivamente” (Lessard-Hébert, 1996, p. 15).

Um projecto cuja metodologia se baseia nesta abordagem de investigação-acção “não tem por objectivo desenvolver conhecimentos teóricos generalizáveis, mas sim conhecimentos práticos, esclarecidos por elementos teóricos e elaborados num quadro metodológico.” (Lessard-Hébert, 1996, p. 56), é muito importante reconhecer que a finalidade da metodologia de investigação-acção “não é produzir teorias e as generalizações que dela decorrem, com um grau elevado de exactidão e de eficácia para a acção e um baixo grau de precisão, já que têm como preocupação central propor alternativas de acção, mais do que conhecimentos sobre o real” (Guerra, 2000, p. 49).

A modalidade de investigação-acção, relativamente aos procedimentos metodológicos e técnicas utilizadas, “não se afasta da investigação tradicionalmente codificada pelos textos de metodologia. O que a distingue basicamente é a circunstância de

ser desencadeada por alguém que tem necessidade de informações/conhecimento de uma situação/problema a fim de agir sobre ela e dar-lhe solução.” (Esteves, 1986, p. 266). Assim, temos que, a investigação-acção permite:

- articular investigação e intervenção; elaborar conceitos, novas questões, novas vias de trabalho que surgem da praxis, produzir novos conhecimentos que vão enriquecer as práticas escolares e pedagógicas;
- conhecer, analisar, sistematizar e generalizar aspectos de processos de construção de novos conhecimentos e de novas práticas, inscritos em contextos específicos, mas cujas problemáticas de suporte são pertinentes noutros contextos; (Benavente, Costa & Machado, 1990, p. 3)

Dadas as características desta modalidade de investigação e “a natureza essencialmente prática da resolução dos problemas de uma investigação-acção torna este tipo de abordagem atraente para os investigadores profissionais que tenham identificado um problema no decurso do seu trabalho, que queiram investigá-lo e, se possível, aperfeiçoar a sua acção.” (Bell, 1997, p. 22). Recordando Lessard-Hébert (1996) enquadrar a abordagem da investigação-acção faz sentido porque “a vossa problemática de investigação-acção poderá ser definida em função das necessidades, dos interesses, dos valores, e dos constrangimentos que se manifestem ao nível da vossa experiência profissional.” (Lessard-Hébert, 1996, p. 24).

Um projecto de intervenção poderá concretizar-se de acordo com Lessard-Hébert, (1996) através de duas áreas: através das actividades e recursos que forem escolhidos em função da problemática que definirmos e dos objectivos que tenhamos formulado e através dos meios de avaliação que no final do projecto permitirão emitir um juízo sobre a mudança que desejávamos conseguir com a nossa intervenção, podendo concretizar-se a dois níveis:

através de meios de acção (actividades e recursos), escolhidos em função da vossa problemática e do objectivo que tiverem em seguida formulado; através de meios de avaliação que deveriam permitir-vos, no final do vosso projecto, emitir um juízo sobre o nível de realização da mudança que desejavam provocar, ou facilitar, com a vossa intervenção. Esse juízo deverá basear-se em dados de observação (Lessard-Hébert, 1996, p. 24).

O projecto apresentado abordou o trabalho desenvolvido com um grupo de crianças de 3/4 anos que frequentava a educação pré-escolar, utilizando a metodologia de investigação-acção numa perspectiva de educação inclusiva. De acordo com a abordagem feita à investigação-acção, pretendíamos identificar uma situação prática do quotidiano educativo e questionarmo-nos sobre essa situação no sentido de proporcionar mudanças para encontrar respostas pertinentes e adequadas ao grupo de crianças com que trabalhávamos.

Nesse sentido, propusemos um processo de investigação, focado numa pergunta de partida e atravessando as várias etapas de um processo desta natureza: avaliação/diagnóstico,

planificação, intervenção e reflexão, para que de uma forma cíclica se fosse progressivamente encontrando e satisfazendo as necessidades das crianças e procurando adequar a prática educativa à situação em causa. A intervenção realizou-se assim, num circuito em espiral de planificação/ intervenção/avaliação de acordo com a metodologia de investigação-acção.

O projecto foi inserido num contexto de investigação participativa onde através da utilização de técnicas de investigação, procurámos perceber de que modo as relações estabelecidas entre as várias crianças do grupo possibilitava situações de desenvolvimento e aprendizagem. Face à situação com que nos deparávamos, tratava-se de organizar uma intervenção que procurasse “seleccionar um único problema, para o qual uma mudança tem hipóteses de se manifestar, no decorrer ou na sequência da vossa intervenção, e nos prazos de que dispõem” (Lessard-Hébert, 1996, p. 27), definindo um plano de acção que procurasse operar a mudança desejada, tendo em conta, as crianças do grupo a quem se destinava. Teve o seu início em Outubro de 2008, com a fase de fundamentação teórica e recolha de dados e as actividades planificadas no plano de acção decorreram entre Fevereiro e Junho de 2009. Em simultâneo, continuámos a realizar a fundamentação teórica e a recolha de dados sempre que julgámos pertinente.

2.2 Problemática e questão de partida

Para procedermos à definição da problemática que queríamos abordar tivemos em consideração que “a definição do problema baseia-se, também ela, em factos da observação. Deve ser o mais precisa e clara possível, porque dessa definição dependem a precisão e a pertinência do vosso objectivo, e dos meios de intervenção” (Lessard-Hébert, 1996, p. 37). Aconselha ainda o mesmo autor que se efectue “uma descrição pormenorizada da necessidade escolhida, e explicitem, se necessário for, as medidas ou as pré-observações que vos levam a privilegiar uma intervenção ligada a esse problema” (Lessard-Hébert, 1996, p. 37).

Neste caso específico, tínhamos um grupo de 22 crianças na faixa etária dos três anos com necessidades educativas diferentes e a nossa preocupação consistia em poder proporcionar-lhes uma resposta adequada em termos pedagógicos, programando situações de aprendizagem adequadas para promover o desenvolvimento de cada criança tendo em atenção a sua especificidade no seio do grupo e a importância de que se revestem as relações com os pares na sua aprendizagem e desenvolvimento. Assim, a pergunta de partida desencadeadora

deste projecto de intervenção foi: *como promover situações de aprendizagem e desenvolvimento para todos, num grupo de crianças de 3/4 anos da educação pré-escolar, em que três das crianças apresentam alterações no seu desenvolvimento?*

2.3 Objectivos Gerais do Trabalho de Projecto

Um projecto desta natureza teve como objectivos gerais: compreender como é que estas crianças aprendiam no seu grupo, desenvolver capacidades ao nível da socialização, mas também ao nível da cognição, da autonomia, da motricidade e da linguagem deste grupo e com o grupo, experimentar estratégias de diferenciação pedagógica inclusiva, perceber quais as estratégias educativas mais adequadas para este grupo específico e utilizar a investigação-acção como desencadeante da acção/reflexão, para a produção de saber a usar em contexto educativo.

2.4 Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados

Para esta investigação utilizámos na fase inicial, três técnicas diferenciadas: a pesquisa documental, a sociometria e a observação naturalista. Durante a fase de desenvolvimento do projecto de intervenção revelou-se pertinente utilizarmos além das técnicas atrás referidas, a técnica de entrevista. Neste ponto, realizamos uma breve abordagem teórica a estas quatro técnicas de pesquisa.

2.4.1 Pesquisa documental

A pesquisa documental é uma técnica que permite que se efectue a recolha de informação para caracterização da situação onde se vai intervir,

apresenta-se como um método de recolha e de verificação de dados: visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não (...). Abre muitas vezes a via à utilização de outras técnicas de investigação com as quais mantém uma relação complementar (observação, inquérito, análise de conteúdo, investigação-acção), e assim chega, por vezes a criar material empírico novo (Saint-George, 1997, p. 30).

Para além da pesquisa documental podemos precisar de recorrer à pesquisa complementar de informação, fala-se de “pesquisa bibliográfica quando se trata de descobrir texto (livros, artigos, documentos) sem omitir uma referência mas sem se deixar submergir pelo que não tem interesse” (Saint-George, 1997, p. 32).

2.4.2 Sociometria

A utilização de um teste sociométrico dá várias informações acerca da estrutura social dos grupos e das relações sociais que existem entre as crianças que a eles pertencem, pelo que “se se proceder à aplicação do teste sociométrico em diferentes alturas pode ver-se de que modo a estrutura do grupo, a posição social e as relações pessoais evoluíram.” (Northway, 1999, p. 10) e “quando usada com crianças a sociometria tem por finalidade indicar a estrutura e a organização do grupo.” (Ladd & Coleman, p. 127). Os testes sociométricos têm igualmente grande “utilidade na organização e remodelação de grupos escolares. As escolhas sociométricas são um guia valioso para a disposição das crianças nas mesas ou para a formação de grupos” (Northway, 1999, p. 10) e podem revelar-se úteis na orientação de uma criança em particular.

A utilização de testes sociométricos baseia-se no facto que “todos os tipos de testes sociométricos têm uma coisa em comum: todos pedem a cada um dos indivíduos dum grupo que indique com qual (ou quais) dos outros é que ele prefere estar, numa ou em várias situações da vida real.” (Northway, 1999, p. 15). Consideram-se três situações (critérios) e pede-se a cada criança que indique três crianças com quem prefira estar em cada uma dessas situações.

Na situação específica de utilização do teste com crianças de três anos, devemos ter em consideração que as perguntas devem ser adaptadas de acordo com o nível etário e relativas a situações que podem ser reais, considerando por exemplo, uma pergunta introdutória para que os critérios sociométricos derivem naturalmente dessa conversa. É importante ir de encontro à situação real da criança. Assim sendo, “as perguntas sociométricas são feitas no decorrer duma conversa agradável e fácil” (Northway, 1999, p. 23) e o mesmo autor acrescenta ainda que poderá até ser dado à criança algum objecto para ela brincar. Para crianças muito pequenas os testes são aplicados individualmente, “quanto mais pequenas são as crianças submetidas ao teste, maior é a diferença entre as medidas de teste para teste” (Northway, 1999, p. 60), mas isto não significa que “o teste não é seguro quando se trata de crianças muito pequenas; indica antes que as preferências das crianças pequenas mudam rapidamente” (Northway, 1999, p. 60).

A aplicação do teste permite fornecer-nos informação, acerca da aceitação existente entre as crianças do grupo uma vez que, “a aceitação das crianças pelos pares é avaliada pedindo a todos os membros do grupo (os colegas, por exemplo) que classifiquem ou

nomeiem indivíduos com os quais mais gostam e menos gostam de se associar” (Ladd, 1988 citado por Ladd & Coleman, 2002, p. 125). Por outro lado, o teste não revela nada acerca dos comportamentos reais das crianças, daí a necessidade de ser complementado com outra técnica, como por exemplo, a observação.

2.4.3 Observação naturalista

Estrela (1986), considera pertinente desenvolver as formas de observação “que, de um modo ou de outro, poderão ter repercussão na investigação pedagógica”, (p. 32) e considera a observação participante, a observação ocasional, a observação sistemática e a observação naturalista, formas de observação importantes na actividade pedagógica.

Peretz (2000), aborda o conceito de observação, referindo que “a observação directa consiste em ser testemunha dos comportamentos sociais dos indivíduos ou grupos nos próprios locais das suas actividades ou residência sem lhes alterar o seu ritmo normal” (p. 26). Além disso, através da observação, o investigador “investiga como se adaptam os indivíduos uns aos outros, como se falam, toleram, afrontam, evitam e como manipulam objectos e instrumentos” (Peretz, 2000, p. 36).

No âmbito deste projecto de intervenção procurámos concretizar o conceito de observação naturalista proposto por Estrela (1986), que a define nos seguintes termos “a observação naturalista é, em síntese, uma forma de observação sistematizada, realizada em meio natural e utilizada desde o séc. XIX na descrição e quantificação de comportamentos do homem e de outros animais” (p. 49). O mesmo autor estabelece quatro princípios orientadores da observação, que o investigador deve ter em consideração,

a finalidade da observação é o estabelecimento de “biografias”, construídas a partir do que o observador vê. A técnica, em si, poderá definir-se segundo quatro grandes linhas:

1ª Não é uma observação selectiva – o observador procede a uma acumulação de dados, pouco selectiva, mas passível de uma análise rigorosa;

2ª Preocupa-se fundamentalmente, com a “precisão da situação”, isto é, com a apreensão de um comportamento ou de uma atitude inseridos na situação em que se produziram, a fim de se reduzirem ao mínimo as dúvidas referentes à sua interpretação;

3ª Pretende estabelecer biografias compostas por um grande número de unidades de comportamento, que se fundem umas nas outras;

4ª A continuidade é um dos princípios de base que possibilita uma observação correcta: a selecção dos acontecimentos é algo de arbitrário, que se verifica apenas no laboratório, pois o processo vital é caracterizado pela ininterrupção (Estrela, 1986, p. 49).

Uma das vantagens da observação é o facto de que “a observação directa pode ser mais fiável do que as pessoas dizem em muitos casos. Pode ser particularmente útil descobrir se as pessoas fazem o que dizem fazer ou se comportam de forma como afirmam comportar-

se” (Bell, 1997, p. 141). Afonso (2005), acrescenta também que “a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários” (p. 91).

Quando realiza uma observação o investigador deve ter em consideração que “ao praticar a observação directa, o investigador não tem a intenção de desviar a acção do seu desenvolvimento normal, nem de induzir os participantes a actos estranhos à sua própria perspectiva” (Peretz, 2000, p.29) como tal, deve adoptar uma postura que permita que todos os intervenientes tenham uma actuação próxima daquela que teriam se não existisse a presença do observador, sublinhando ainda que cabe ao observador:

1) encontrar-se junto das pessoas observadas e adaptar-se ao seu meio; 2) observar o desenrolar normal dos acontecimentos; 3) registá-los tomando apontamentos ou por qualquer outro meio; 4) interpretar o que observou e redigir o correspondente relatório (p.28).

Não sendo uma técnica fácil, a observação exige que o observador adopte determinados comportamentos e que utilize todas as suas capacidades,

a observação directa põe assim em campo uma diversidade de competências sociais e intelectuais: uma capacidade para se adaptar a uma situação e a um meio ambiente mais ou menos familiares; uma atenção permanente de alerta fazendo apelo a todos os seus sentidos, em particular, à vista e ao ouvido; uma faculdade de memorizar as diferentes características da situação; uma certa aptidão para redigir clara e rapidamente notas e, por fim, uma cultura geral e sociológica apta a interpretar os dados recolhidos e a apresentá-los em relatório. A observação é portanto uma atitude que reclama, ao mesmo tempo, capacidades de sociabilidade, atenção, memória e interpretação (Peretz, 2000, p.28).

Além disso, “a observação directa mistura três comportamentos indissociáveis: uma forma de interacção social com o meio estudado, para estar presente nos locais, as actividades de observação e finalmente um registo dos dados observados. “ (Peretz, 2000, p. 73). Depois da observação o investigador deverá escrever, tudo o que aconteceu. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), esse registo poderá ter a forma de “*notas de campo*” que para os mesmos autores são “o relato escrito daquilo que o investigador, ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (p. 150). Pertti e Gretel Peltó citados por Afonso (2005) sublinham a importância dos cuidados a que a linguagem das notas de campo deve obedecer, nomeadamente que “devem ser concretas e não vagas, sublinhando que, em qualquer caso, o investigador deve descrever as próprias observações e não as inferências elementares derivadas dessas observações. (Peltó e Peltó citados em Afonso, 2005, p. 94).

Para procedermos à análise das notas de campo recorreremos à técnica de análise de conteúdo que Bardin (1977), citando George (1959), clarifica dizendo que “a análise de conteúdo é utilizada como um instrumento de diagnóstico, de modo a que se possam levar a cabo inferências específicas ou interpretações causais sobre um dado aspecto da orientação comportamental do locutor” (p. 114). Assim, “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1977, p. 38) e em que a unidade de registo “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (Bardin, 1977, p. 104).

2.4.4 Entrevista

A entrevista é uma técnica cuja finalidade

consiste, em última instância, na recolha de dados de opinião que permitem não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspectos, os intervenientes do processo. Isto é, se por um lado, se procura uma informação sobre o real, por outro, pretende-se conhecer algo dos quadros conceptuais dos dadores dessa informação, enquanto elementos constituintes desse processo (Estrela, 1986, p. 354).

A realização de entrevistas “constitui umas das técnicas de recolha de dados mais frequentes na investigação, e consiste numa interacção verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermédio do telefone” (Afonso, 2005, p. 97). No entanto, apesar de parecer uma simples “conversa” amena, a entrevista é uma “actividade que requer uma preparação cuidadosa” como afirma Bell (1997, p. 119). Por um lado, “a grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos. (...) A forma como determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode fornecer informações que uma resposta escrita nunca revelaria” (Bell, 1997, p. 118). Por outro lado, tal como referem Bogdan e Biklen, existe uma desvantagem, porque

poderão existir conflitos de valores em relação aos pontos de vista que ouviu, mas o que realmente se pretende é encorajar os entrevistados a expressarem aquilo que sentem. O seu papel, enquanto investigador, não consiste em modificar pontos de vista, mas antes em compreender os pontos de vista dos sujeitos e as razões que os levam a assumi-los (1994, p. 138).

Com efeito, de acordo com a investigação que se pretende efectuar e consoante as informações que se pretendem recolher, podemos organizar as nossas perguntas dependendo do tipo de informação que procuramos. Para Bell (1997) a entrevista pode assumir diferentes

tipos, refere que “num extremo encontra-se a entrevista completamente formalizada, em que o entrevistador se comporta, tanto quanto possível, como uma máquina. No outro extremo está a entrevista completamente informal, cuja forma é determinada por cada entrevistado” (p. 120). Neste caso assumimos que, “a maioria das entrevistas realizadas na etapa de recolha de dados da pesquisa situam-se algures entre o ponto completamente estruturado e o ponto completamente não estruturado do *continuum* de formalidade” (Bell, 1997, p. 121). Assim, de acordo com a mesma autora e com estas características, é a entrevista guiada ou focalizada aquela que preenche os requisitos para este tipo de projecto

é importante dar liberdade ao entrevistado para falar sobre o que é de importância central para ele, em vez de falar sobre o que é importante para o entrevistador, mas o emprego de uma estrutura flexível que garanta que todos os tópicos considerados cruciais serão abordados, eliminará alguns problemas das entrevistas sem qualquer estrutura (p. 122).

A utilização de um guião, permitirá estabelecer uma determinada estrutura mas fornecerá ao entrevistado a liberdade de falar sobre um assunto e de exprimir as suas opiniões quanto a ele.

2.5 Procedimentos para a recolha e análise de dados

Tal como já referimos, ao longo do desenvolvimento do projecto de intervenção considerámos importante a necessidade de complementar a informação recolhida através da pesquisa documental, sociometria e observação naturalista, com dados decorrentes da utilização da técnica de entrevista. Neste ponto, caracterizamos os procedimentos efectuados para a recolha e para a análise dos dados recolhidos com as técnicas de pesquisa referidas anteriormente.

2.5.1 Pesquisa documental

Para procedermos à caracterização da situação em que íamos intervir, efectuámos pesquisa documental consultando o projecto educativo de estabelecimento, o plano anual de actividades da instituição, o projecto curricular de grupo, os processos individuais das crianças do grupo e os processos individuais das crianças apoiadas pela Intervenção Precoce, assim como a consulta dos registos de reuniões realizadas com os encarregados de educação.

Esta pesquisa foi realizada tanto para a caracterização inicial como durante a intervenção sempre que considerámos necessário.

2.5.2 Sociometria

Para caracterizar a organização social entre as crianças do grupo aplicámos um questionário (Anexo 1) para a realização de um teste sociométrico. A aplicação do teste sociométrico foi realizada em duas situações distintas. A primeira aplicação efectuou-se na fase inicial da preparação do projecto e a segunda aplicação realizou-se no mês de Junho de 2009, no final da intervenção. Nas duas situações, efectuámos a aplicação do teste durante a manhã, através de uma conversa individual, pedindo a cada uma das crianças que nomeasse ou apontasse¹, três colegas com quem gostava de brincar na área da “casinha”, três colegas com quem gostava de fazer jogos de mesa e três colegas com quem gostava de fazer desenho, definindo assim os três critérios para a escolha. Depois destas nomeações pedimos a cada uma das crianças que individualmente identificasse qual o colega com quem não gostava de brincar na área da “casinha”, qual o colega com quem não gostava de brincar nos jogos de mesa e qual o colega com quem não gostava de fazer desenho. Os dados obtidos no questionário (Anexo 1) organizaram-se posteriormente em matrizes sociométricas de escolhas, nomeadamente, matriz sociométrica inicial de escolhas (Anexo 2), matriz sociométrica final de escolhas (Anexo 3) e matriz sociométrica inicial de rejeições (Anexo 4) e matriz sociométrica final de rejeições (Anexo 5), a partir das quais se efectuou a análise dos dados.

2.5.3 Observação Naturalista

A observação naturalista realizada teve carácter participante, porque enquanto educadoras responsáveis da sala realizámos e participámos na observação. A observação que efectuámos, realizou-se em dois períodos distintos. O primeiro decorreu em Dezembro de 2008 e o segundo em Julho de 2009. Em ambas as situações, a observação decorreu num período de tempo previamente determinado, durante a manhã, numa ocasião após as escolhas das crianças relativamente à área de actividade onde queriam brincar. Desta forma, procurámos observar os vários comportamentos das crianças, enquanto retirámos algumas notas e só depois de concluirmos a observação, registámos todas as informações possíveis sob a forma de notas de campo que mais tarde, foram processadas em computador e que se encontram em anexo com a designação de notas de campo iniciais (Anexo 6) e notas de

¹ Como algumas crianças revelavam algumas dificuldades ao nível da linguagem oral expressiva foi-lhes dada a possibilidade de apontarem para as fotografias dos seus colegas de grupo, caso não se conseguissem fazer entender

campo finais (Anexo 7) para as respectivas situações de observação. Todos os dados recolhidos sob a forma de notas de campo foram posteriormente organizados em grelhas de análise, em que se utilizou a metodologia de análise de conteúdo e unidades de registo de acordo com os comportamentos observados, agrupando-os em categorias e subcategorias. Assim, temos a grelha de análise das notas de campo iniciais (Anexo 8) e a grelha de análise das notas de campo finais (Anexo 9) onde foram registados os dados das notas de campo das duas situações de observação naturalista para análise posterior.

Relativamente aos procedimentos a efectuar na observação naturalista, tivemos em consideração que nesta idade, três/quatro anos, as crianças não se mantêm muito tempo no mesmo local efectuando várias deslocações pelas áreas. Assim, no início da observação inicial as crianças encontravam-se em determinadas áreas como se pode observar na planta da sala da observação inicial (Anexo 10), mas ao longo da observação as crianças foram modificando essa disposição. O mesmo aconteceu na observação final, em que as crianças se encontravam inicialmente na disposição observada na planta da sala da observação final (Anexo 11) e que ao longo da observação efectuaram várias deslocações entre as diferentes áreas de actividade da sala.

2.5.4 Entrevista

Para a realização das entrevistas foi necessário procedermos à escolha de quem seriam os intervenientes que poderiam contribuir para a recolha de dados sobre o trabalho desenvolvido e que pudessem colaborar na caracterização da situação. Em primeiro lugar, procurámos que o Coordenador Pedagógico da instituição onde decorreu a intervenção colaborasse neste estudo, mas dada a impossibilidade desta colaboração por motivos que nos ultrapassam e que se prendem com a não renovação do contrato de trabalho, não foi possível efectuar a entrevista a este nível.

Para o projecto em causa, pareceu-nos igualmente importante, caracterizar a situação educativa do ponto de vista das encarregadas de educação e dadas as características especiais de três das crianças do grupo, considerámos pertinente a realização de entrevistas às duas encarregadas de educação destas crianças do grupo, de forma a contribuir para a caracterização do trabalho desenvolvido. As entrevistas foram realizadas a duas encarregadas de educação. Uma delas foi realizada à encarregada de educação do Daniel, a mãe de uma das crianças do grupo com alterações no seu desenvolvimento e a outra à encarregada de

educação de três crianças do grupo, irmãos em situação de trigemelaridade, a mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago, em que o Diogo e o Tiago apresentam alterações no seu desenvolvimento. Apesar de termos conhecimento do trabalho efectuado, considerámos pertinente saber quais as opiniões de ambas as encarregadas de educação relativamente ao trabalho desenvolvido, tanto com os seus filhos como com as outras crianças. Recorremos à utilização da entrevista semi-directiva, utilizando para isso os guiões da entrevista (Anexos 12 e 13) para orientação das mesmas. As entrevistas realizaram-se separadamente, ao final da tarde, em casa de cada uma das encarregadas de educação. Efectuámos a entrevista com a mãe do Daniel no dia 25 de Setembro de 2009 e a entrevista com a mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago no dia 6 de Novembro de 2009. Posteriormente, transcrevemos as entrevistas orais para protocolos de entrevista (Anexos 14 e 15), que permitiram depois a elaboração de grelhas de análise do conteúdo das entrevistas (Anexos 16 e 17), para facilitar a leitura e a análise dos dados recolhidos.

3. Caracterização da situação inicial em que se interveio e dos seus contextos

3.1 Caracterização do contexto escolar

Todas as informações relativas à caracterização do contexto escolar estão documentadas no projecto educativo da instituição onde se desenvolveu a intervenção. Foi possível recolhermos os dados que aqui apresentamos através da pesquisa documental efectuada, com recurso a esse e a outros documentos, tal como o plano anual de actividades, ou o regulamento interno da instituição e além disso, através da experiência pessoal enquanto educadoras titulares de grupo.

3.1.1 Meio envolvente

A freguesia onde este estabelecimento educativo se insere tem uma área de aproximadamente 3.500 km², onde estão inseridos vários lugares. É considerada uma vila da área metropolitana de Lisboa, caracterizando-se por habitações verticais, onde habitam famílias nucleares.

A população residente atinge mais de 4000 habitantes, embora só 3500 sejam eleitores. O nível sócio económico da população é médio baixo. Ao nível de escolaridade, só a população mais idosa tem alguns casos de analfabetismo e escolaridade ao nível do 1º Ciclo. Nas faixas etárias mais novas toda a população frequentou a escola, embora exista uma grande taxa de abandono escolar após o 9º ano de escolaridade e por vezes, até antes de terminar a escolaridade mínima obrigatória.

A indústria transformadora ocupa 48% dos residentes activos. O nível cultural/recreativo da população da vila é baixo, tendo gradualmente decaído o envolvimento em associações ou acções direccionadas para estes fins.

3.1.2 Estabelecimento educativo

O estabelecimento onde decorreu a intervenção é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, que depende organicamente do Instituto de Solidariedade Social de Lisboa e Vale do Tejo, que funciona das 7h às 19.00 h de 2ª a 6ª feira, que por razões de confidencialidade se denomina apenas por Centro Social.

Esta instituição, desenvolve actividades vocacionadas para: apoio a crianças e jovens; apoio à família; apoio e integração social e comunitária; apoio a idosos; desporto; recreio e cultura. Durante o desenvolvimento deste projecto de intervenção contava com cerca de 477 utentes que se distribuíam pelas valências de Creche, Pré-Escolar, Centro de Actividades de Tempos Livres e Apoio Domiciliário, dando resposta não só às necessidades da vila como às localidades limítrofes da freguesia.

Relativamente à resposta educativa e de apoio à família, na valência de creche, possui três salas de berçário, quatro salas de 1 ano e quatro salas de 2 anos. Na valência de pré-escolar conta com 7 grupos de crianças distribuídos por 7 salas e organizados da seguinte forma, 2 salas de 3 anos, 2 salas de 4 anos, 2 salas de 5 anos e uma sala heterogénea, num total de 169 crianças. No Centro de Actividades de Tempos Livres existem grupos de crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 14 anos, que frequentam o Centro em horário não lectivo, participando em actividades organizadas por esta valência e em actividades extra-curriculares.

3.1.3 Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos

De acordo com o projecto educativo da instituição, no sector da infância o Centro Social tinha como objectivo: proporcionar experiências e oportunidades para o desenvolvimento harmonioso da criança, no domínio afectivo-social, psico-motor e intelectual, em estreita colaboração com o meio de inserção da criança na família e na comunidade e no sector de apoio ao idoso o Centro Social tinha como objectivo proteger as situações de invalidez, de falta ou diminuição dos meios subsistência ou de incapacidade para o trabalho. Assim, no seu ideário, o Centro Social tinha como finalidade, contribuir para a elevação do nível de vida da população local, nos seus aspectos sociais, económicos, culturais e sanitários, valorizar cada indivíduo e as suas potencialidades, não esquecendo o grupo a que pertence e dar respostas às necessidades da população entre as quais as necessidades especiais, para as quais contava com o apoio de uma assistente social e de uma médica que uma vez por semana se deslocavam à instituição.

Na definição das actividades a incluir no plano anual de actividades, em reuniões de pessoal docente, estava subjacente a preocupação de que todas as crianças pudessem ter oportunidade de participar nas actividades desenvolvidas. Numa perspectiva inclusiva,

procurávamos que independentemente dos seus problemas ou dificuldades as crianças conseguissem participar. Por exemplo, quando algumas das actividades propostas eram pagas, havia a preocupação de procurar que mesmo as crianças que tinham graves dificuldades económicas, pudessem beneficiar das situações propostas, procurando formas de ajuda a estas situações como colaborações ou contribuições no âmbito do mecenato.

No nosso projecto curricular de grupo, delineámos estratégias para que além do trabalho efectuado na sala com o grupo de crianças, fossem desenvolvidas actividades em interacção com outros grupos da instituição e que as famílias fossem chamadas a participar numa perspectiva de colaboração e envolvidas no trabalho realizado com o grupo de crianças.

Para a realização deste projecto de intervenção partimos de um enquadramento de educação inclusiva em que se pressupunha que o planeamento fosse realizado tendo em conta o grupo, procurando efectuar uma prática atendendo à diferenciação pedagógica para promover a participação de todas as crianças. Neste caso, não se tratava de planear uma intervenção apenas, para as crianças com necessidades educativas especiais, mas planear uma intervenção para o grupo onde todas pudessem usufruir da actividade planeada, de acordo com aquilo que cada criança era capaz de fazer e procurando que contribuísse para a aprendizagem das outras.

3.2 Caracterização da sala

Todas as informações relativas à caracterização da sala encontram-se no projecto curricular de grupo e foram documentadas através da pesquisa documental efectuada.

3.2.1 Espaço físico e logístico

A intervenção decorreu numa das sete salas da valência de pré-escolar da instituição. A sala possuía aproximadamente 36 m² e encontrava-se dividida em várias áreas, em que pretendíamos que as crianças pudessem desenvolver diversas actividades proporcionando a aquisição de várias competências.

A distribuição da sala por zonas ou núcleos de interesse é muito sugestivo para as crianças porque permite um espectro de acções muito mais diferenciadas e reflecte o modelo educativo mais centrado na riqueza dos estímulos e na autonomia da criança. Na base destes

pressupostos organizámos a sala em várias áreas, como se descreve na caracterização do espaço físico da sala (Anexo 18) e na planta da sala (Anexo 19).

3.2.2 Recursos humanos

Os recursos humanos da sala eram: a educadora de infância licenciada responsável pelo grupo, uma ajudante de acção educativa e a educadora de Intervenção Precoce a tempo parcial.

Como a instituição abria às 7.00 h, até às 9.00 h (hora de entrada das educadoras), as crianças encontravam-se com ajudantes de acção educativa da instituição e agrupadas pelas suas faixas etárias. A educadora estava na sala das 9.00 h às 13.00 h e das 14.00 h às 16.00 h e a ajudante de acção educativa estava das 11.00 h às 14.00 h e das 15.00 h às 19.00 h. A educadora de intervenção precoce estava presente 2 vezes por semana das 9.30 h às 13.00 h. Existia também uma empregada auxiliar de serviços gerais que trabalhava na instituição através de um acordo com a Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados que efectuava várias tarefas e em alguns momentos da rotina diária do grupo prestava apoio na sala, nomeadamente durante e após o repouso das crianças.

3.2.3 Dinâmica educativa

Na educação pré-escolar a dinâmica educativa encontra-se baseada no pressuposto que esta deve ser capaz de proporcionar às crianças um contexto culturalmente rico e estimulante que lhes permita despertar a curiosidade e o desejo de aprender. Cabe ao educador, o papel de proporcionar esse contexto dando-lhe uma intencionalidade e promovendo um conjunto de experiências que visem contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento de cada uma das crianças.

Neste sentido, a organização do dia-a-dia no jardim-de-infância, pauta-se por uma organização temporal que denominamos por rotina diária. Rotina, no sentido em que é uma sequência previsível de acontecimentos que vão proporcionar às crianças referências temporais securizantes e ao mesmo tempo contempla uma organização de forma equilibrada de vários tipos e formas de actividade. Assim, para as crianças que chegavam à instituição a partir das 7 horas, iniciavam o dia com brincadeiras livres, até por volta das 9 horas mantinham-se a brincar e algumas delas tomavam o pequeno-almoço. Por volta das 9 horas iniciava-se na sala respectiva, um momento de conversa com o grupo de crianças. Esta

conversa inicial, em que aproveitávamos para falar com as crianças sobre como se sentiam, para as cumprimentarmos e iniciarmos o dia com uma canção, permitia-nos além disso, proporcionar momentos em que eram contadas histórias em grande grupo, em que era planeado o trabalho que se ia realizar e a situação de escolha das áreas de actividade para onde queriam ir brincar, efectuando essa escolha através da marcação no quadro de actividades. Estes momentos em grande grupo, precediam, na maioria das vezes, situações de brincadeira, de realização de trabalhos em pequenos grupos e de situações de actividades orientadas por nós, com uma intencionalidade que visava promover situações de aprendizagem nas diversas áreas de desenvolvimento e experiências ao nível das áreas de conteúdo propostas nas orientações curriculares para a educação pré-escolar. Com a aproximação da hora de almoço, os momentos de higiene e refeição eram momentos que as crianças partilhavam e em que necessitavam da orientação do adulto para os efectuar. Como o grupo era constituído por crianças de três anos de idade e que na sua maioria, chegavam muito cedo à instituição, mantinham a necessidade de ter um tempo de repouso que faziam depois do almoço, após nova rotina de higiene, antes de descansarem um pouco. Depois do repouso, havia lugar a uma nova reunião em grande grupo, para conversarmos sobre o que tínhamos feito. Em pares, as crianças eram convidadas a explicar o que tinham feito durante a manhã, para em seguida, realizarmos o registo (escrito por nós) e depois ilustrado pelas crianças, que funcionava como uma avaliação diária do trabalho que íamos desenvolvendo. Depois desta conversa, as crianças iam lanchar e depois do lanche algumas iam para as actividades extra-curriculares que frequentavam, tais como o ballet, a dança, a natação, a música, a ginástica acrobática, o karaté e o inglês. As crianças que não tinham este tipo de actividades, mantinham-se na sala. Esta rotina, mantinha-se ao longo da semana, mas às sextas-feiras era um pouco alterada pela aula de educação física, durante a manhã. Além disto, sempre que era possível, procurávamos que as crianças usufríssem do espaço exterior, mas nem sempre isso era viável, estando dependente das condições climatéricas.

Para além da organização temporal, é importante referirmos a organização espacial, de acordo com a intencionalidade que queríamos proporcionar. Como já referimos anteriormente, organizámos o espaço físico da sala em várias áreas de actividade, onde procurávamos que as crianças tivessem à disposição diversos materiais e experiências, mas além do espaço da sala, contávamos também com um espaço exterior de recreio, mas que em dias chuvosos ou de muito calor se tornava impossível utilizar. Para além disso, os espaços de

casa de banho, refeitório e ginásio eram locais onde eram proporcionadas várias situações de aprendizagem ao longo do dia.

Como podemos verificar pela descrição que fizemos, durante um dia no jardim-de-infância existiam possibilidades de vários tipos de interacção – organização em pequeno grupo e individual e além disso eram proporcionadas ocasiões de aprendizagem numa grande variedade de ambientes (actividades na sala, no recreio exterior sempre que possível, no refeitório, na casa de banho, etc.). Para além dos períodos específicos para o desenvolvimento das actividades pedagógicas, que se desenrolavam de acordo com a rotina diária (Anexo 20) existiam actividades de animação e apoio às famílias, nomeadamente através de actividades extra-curriculares.

3.3 Caracterização do grupo

Toda a informação recolhida está presente no projecto curricular de grupo, por conhecimento do próprio grupo enquanto educadora responsável da sala e através da pesquisa documental efectuada através da consulta dos processos individuais das crianças do grupo. Para além disso, para fundamentarmos a caracterização dinâmica do grupo, recorreremos à utilização da sociometria e da observação naturalista.

3.3.1 Caracterização estrutural

O grupo é constituído por 22 crianças, sendo 12 crianças do sexo masculino e 10 do sexo feminino. As crianças nasceram todas durante o ano de 2005, entre Janeiro e Agosto, encontrando-se portanto na faixa etária de três anos e durante o tempo em que decorreu a intervenção, algumas completaram quatro anos. Das 22 crianças do grupo, 15 frequentaram as salas de berçário da mesma instituição e todas frequentaram a creche da instituição desde a sala de 1 ano, mantendo-se portanto neste mesmo grupo, quando iniciaram a educação pré-escolar, na sala de três anos.

A maioria das crianças residia nos arredores da instituição, dentro do concelho. As crianças eram todas portuguesas mas tinham diferentes origens familiares umas da parte do pai, outras da parte da mãe, existiam crianças em que a família era proveniente de Cabo Verde, Angola, Moçambique, França e de várias regiões de Portugal. Existiam 8 situações de crianças a viverem apenas com um dos progenitores, sobretudo por razões de separação.

Cerca de 15 destas crianças mantinham-se entre 10 a 12 horas na instituição e 3 delas utilizavam o transporte da instituição.

3.3.2 Caracterização dinâmica

Para efectuarmos a caracterização dinâmica do grupo, recorremos à aplicação do teste sociométrico e à observação naturalista.

De acordo com o teste sociométrico aplicado (Anexo 1) e organizado na matriz sociométrica inicial das escolhas (Anexo 2), as crianças diversificaram bastante as escolhas que fizeram. De entre 9 escolhas realizadas, o número de indivíduos escolhidos variou entre 9 e 8 e houve apenas uma das crianças, a Maria², que concentrou as suas escolhas em 7 crianças. Esta diversificação de escolhas foi reveladora da diversidade de companheiros com quem as crianças gostavam de brincar e por outro lado, da grande variabilidade nas opções que fazem na escolha de companheiros para brincadeira.

Pudemos ainda observar que houve 3 crianças do grupo que não realizaram qualquer escolha (assim como também não realizaram rejeições). O Daniel não conseguiu fazer qualquer escolha (o seu nível de desenvolvimento levava a que ainda tivesse dificuldade em fazer escolhas com estas características), o Rodrigo não quis dizer, nem apontar nenhum dos colegas e a Lúcia não esteve presente durante a aplicação do teste.

A criança que obteve mais escolhas foi a Joaquina, com 15 escolhas e com 12 crianças a escolherem-na. A outra criança com mais escolhas foi o Vicente, com 12 escolhas e com 10 crianças a escolherem-no para brincar. As crianças que tiveram menos escolhas, foram o Diogo, o Eduardo e o Daniel, que obtiveram 4 escolhas cada um.

Relativamente ao primeiro critério, escolha da criança com quem mais gostam de brincar na casinha, as crianças que tiveram mais escolhas foram, o Bernardo, a Julieta e a Joaquina com 6 escolhas cada um para o primeiro critério. A Maria não teve nenhuma escolha neste critério e o António, o Diogo, o Salvador, o Tiago, o Vicente e a Lúcia tiveram apenas 1 escolha.

No que diz respeito ao segundo critério, crianças com quem gostam de brincar nos jogos, a criança com mais escolhas neste critério foi o Vicente, com 6 escolhas, seguido da Sílvia e da Diana com, 5 escolhas cada uma. O Eduardo, o Daniel e a Julieta não obtiveram qualquer escolha neste segundo critério.

² Todos os nomes das crianças são nomes fictícios, atribuídos por razões de confidencialidade

No terceiro critério, foi pedido às crianças que escolhessem os colegas com quem gostam de fazer desenho. As crianças com mais escolhas neste critério foram o Salvador e a Joaquina com 6 escolhas cada um. Para este critério, o Carlos, o Tiago e a Sílvia não tiveram qualquer escolha.

Ao realizar a leitura da matriz sociométrica inicial das rejeições (Anexo 4), podemos observar que a criança que teve mais rejeições foi o Daniel, com 8 rejeições e a seguir a Maria com 6 rejeições. O Daniel teve 4 rejeições relativamente ao primeiro critério (brincar na casinha), 2 relativamente ao segundo (brincar nos jogos) e 2 relativamente ao terceiro (fazer desenho). Para a Maria, 4 rejeições, foram no segundo critério (brincar nos jogos), 1 no primeiro critério e outra no terceiro.

De acordo com a análise dos dados sociométricos, quer das escolhas, quer das rejeições, conseguimos reunir informação para ter atenção à formação dos grupos para as brincadeiras livres e para as situações de actividades orientadas, de modo a proporcionar situações de aprendizagem que possam promover a relação entre as crianças.

Ao realizarmos a leitura da grelha de análise das notas de campo iniciais (Anexo 8) podemos observar a definição de três categorias correspondentes ao comportamento das crianças entre si, ao comportamento individual das crianças com material e ao comportamento das crianças com a educadora. Relativamente ao comportamento das crianças entre si, observámos comportamentos das crianças em deslocação na sala, em situações problemáticas, em situações de resolução de situações problemáticas, em situações de observação, de jogo simbólico, de imitação e de colaboração, definindo assim as subcategorias. No que diz respeito ao comportamento individual das crianças, observámos sobretudo acções com objectos pelo que definimos como subcategorias os comportamentos das crianças com jogos, com objectos da área do jogo simbólico, com material de desenho e com outros brinquedos da sala. Na categoria referente ao comportamento das crianças com a educadora registámos comportamentos de acordo com pedidos, queixas ou informações que definimos como subcategorias.

Relativamente à observação naturalista realizada inicialmente pudemos observar a existência de um total de 39 comportamentos na categoria de comportamentos das crianças entre si, 31 comportamentos na categoria de comportamento individual das crianças com material e 19 comportamentos na categoria de comportamento com a educadora. Esta categorização de comportamentos deu-nos informação sobre a frequência de comportamentos

das crianças entre si, sendo que em 39 registos de comportamento das crianças entre si, 18 deles enquadraram-se em situações problemáticas, que envolveram conflitos, onde houve brigas, empurrões e choro que caracterizaram a maior parte das situações referidas e para as quais tínhamos de procurar desenvolver uma intervenção adequada que promovesse a relação social entre as crianças de uma forma positiva para que as nossas intervenções com elas, conseguissem ser mais enriquecedoras na promoção do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para além destes registos, observámos ainda comportamentos das crianças em situação de tentativa de resolução das situações problemáticas, nas quais registámos 6 comportamentos e comportamento de deslocação na sala, onde observámos 5 comportamentos nessa subcategoria. Registámos ainda comportamentos de observação, com uma frequência de 3 comportamentos em que as crianças ficaram a ver os colegas, comportamentos de imitação, em que registámos 3 comportamentos a este nível entre as crianças e comportamentos em que as crianças demonstraram colaboração como por exemplo: “ele (Daniel) levanta-se mas a Luna e a Tânia vão buscar uma caixa com puzzles e dão-lhe”, revelando uma frequência de apenas 2 situações desta natureza. Quanto à frequência de registos em brincadeira individual com os materiais, verificámos 31 comportamentos, que se distribuíram por 13 registos de comportamentos com materiais da área do jogo simbólico, 6 comportamentos com jogos, 5 com materiais de desenho e 7 comportamentos com outros brinquedos da sala, de entre os quais carros e livros. No que diz respeito à frequência dos comportamentos das crianças registados com a educadora, dos 19 registos efectuados, 11 estiveram relacionados com queixas como: “o Bernardo chora e diz: Catarina, o Daniel tirou uma peça.” ou “a Luna vem ter comigo e diz: a Tânia não me deixa jogar.”, em que as crianças não conseguem resolver a situação com que se deparam e acabam por dizê-lo ao adulto numa tentativa de que a intervenção deste possa ajudá-las de alguma forma a resolver. Ainda na sequência dos comportamentos registados com a educadora, observámos 6 registos em que as crianças efectuam algum tipo de pedido à educadora, como para ir à casa de banho ou para pedir para beberem água, por exemplo.

3.3.3 Nível de competências adquiridas

Ao nível das competências todas as crianças foram avaliadas no final do ano lectivo 2007/2008, de acordo com os objectivos propostos no projecto curricular de grupo para esse ano lectivo e que estavam relacionados com o desenvolvimento das crianças nas várias áreas:

autonomia, socialização, cognição, desenvolvimento motor e linguagem. Essa avaliação foi registada em grelhas elaboradas para o efeito, em uso na instituição onde decorreu a intervenção, que no final do ano lectivo foram entregues aos encarregados de educação. As crianças acompanhadas pela Intervenção Precoce foram também avaliadas de acordo com os seus Programas Individuais de Intervenção³, uma vez que no ano lectivo anterior as crianças ainda não se encontravam na educação pré-escolar encontrando-se ainda a frequentar a valência de creche e a designação utilizada ser Programa Individual de Intervenção e não Programa Educativo Individual de acordo com o Decreto-Lei nº 3/2008⁴, de 7 de Janeiro.

Da avaliação efectuada surgiram as necessidades relativamente ao grupo de crianças. As maiores dificuldades das crianças revelavam-se ao nível do desenvolvimento social, ao nível das interacções entre crianças existia dificuldades na resolução de conflitos (não só característico da faixa etária ou do seu nível de desenvolvimento, como também das características de personalidade de algumas das crianças do grupo). Este grupo revelava ainda grande necessidade de estimulação ao nível da linguagem, daí que considerávamos importante criar igualmente oportunidades para trabalhar a este nível com todas as crianças.

Ao nível da autonomia havia a salientar uma grande diferença entre as crianças, algumas delas demonstravam grande autonomia relativamente à alimentação e higiene e outras necessitavam da constante orientação e ajuda do adulto. Nesse aspecto, pretendíamos continuar a trabalhar esta área de desenvolvimento, nomeadamente nos aspectos da rotina diária. Ao nível do desenvolvimento motor, as crianças revelavam ainda algumas dificuldades na realização de actividades que envolvessem a destreza motora fina.

A nossa preocupação consistia em procurar proporcionar situações de actividade que promovessem cada um destes aspectos, tendo em consideração as orientações curriculares para a educação pré-escolar, as necessidades individuais de cada uma das crianças e a situação desencadeadora da intervenção que pretendia promover as relações sociais entre as crianças do grupo.

³ Nomenclatura utilizada de acordo com o Despacho conjunto nº 891/99, de 19 de Outubro que regula o apoio no âmbito da intervenção precoce.

⁴ Legislação que regula os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo

3.3.4 Casos específicos do grupo

Durante o ano lectivo 2007/2008, quatro crianças do sexo masculino deste grupo estavam a ser acompanhadas pela Educadora da Intervenção Precoce, visto serem crianças com Necessidades Educativas Especiais, que apresentavam algum tipo de alteração no seu desenvolvimento. Três destas crianças, eram irmãos em situação de trigemelaridade e no início do ano lectivo em que decorreu a intervenção, um dos irmãos, o Eduardo, deixou de ser acompanhado visto ter feito um desenvolvimento psicomotor dentro dos valores esperados para a sua idade, enquanto os outros dois irmãos continuaram a beneficiar do apoio da Intervenção Precoce.

As três crianças acompanhadas pela Intervenção Precoce beneficiavam de um programa educativo individual e teve-se em consideração o programa *Portage* para trabalhar com estas crianças. Em primeiro lugar, por ser um modelo de Intervenção Precoce e por outro lado, por possibilitar uma avaliação educativa que permitia avaliar com o intuito de planificar. Além disso, ajudava também a determinar estratégias de intervenção adequadas às necessidades das crianças em causa e possibilitava à família a colaboração em pequenas actividades ou tarefas a desenvolver em casa.

Em seguida, apresentamos uma breve caracterização das problemáticas das crianças apoiadas pela Intervenção Precoce, não com o intuito de as diferenciarmos do resto do grupo mas com o intuito de as reconhecermos como crianças com necessidades diferenciadas. Para nos situarmos temporalmente, caracterizamos as crianças relativamente à sua idade no início da intervenção.

O Daniel era uma criança com 3 anos e 11 meses, que de acordo com o diagnóstico clínico (Anexo 21) apresentava um atraso global de desenvolvimento psicomotor moderado, devido a deleção no cromossoma 8. O Diogo era uma criança com 3 anos e 11 meses que de acordo com relatório (Anexo 22) apresentava perturbação articulatória da linguagem, irmão gémeo do Tiago e do Eduardo. O Tiago era irmão gémeo do Diogo e do Eduardo, tinha 3 anos e 11 meses e de acordo com relatório clínico apresentava alterações ao nível do comportamento compatíveis com a perturbação da atenção com hiperactividade e atraso de desenvolvimento global não caracterizado com perturbação articulatória da na área da linguagem (Anexo 23).

Além destas, existiam ainda três crianças sinalizadas por manifestarem algum tipo de alteração no desenvolvimento, mas que ainda se encontravam em avaliação, uma para

avaliação na área da linguagem e duas para avaliação psicológica e de desenvolvimento. Relativamente a estas duas últimas crianças, o António e a Lúcia, em que foi solicitada uma avaliação do seu desenvolvimento, não caracterizámos estas situações por não ter havido um diagnóstico fundamentado para o fazer, até à fase final da intervenção efectuada. Relativamente à situação de avaliação na área da Linguagem, o Salvador, foi avaliado por terapeuta da fala, que de acordo com a avaliação e o relatório efectuado, considerou que este apresentava um “atraso do desenvolvimento da linguagem ligeiro, acompanhado por uma perturbação fonético-fonológica.” (Anexo 24).

Depois de efectuarmos uma abordagem às características destas crianças que apresentavam algum tipo de alteração no seu desenvolvimento, considerámos que dadas as dificuldades apresentadas pelo grupo de crianças, a nossa preocupação consistia em desenvolver uma intervenção que fosse alargada a todas as crianças do grupo, proporcionando situações de aprendizagem e desenvolvimento para todas, tendo em consideração que uma das áreas em que manifestavam maiores dificuldades, era a área social e o desenvolvimento das relações entre si, sobretudo devido às situações de conflito que se geravam entre elas.

4. Plano de Acção

4.1 Pressupostos teóricos

De acordo com o enquadramento teórico efectuado numa perspectiva de Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar, considerámos importante desenvolver o projecto de intervenção tendo em consideração que a resposta aos alunos de acordo com essa abordagem devia ser vista como proporcionadora de aprendizagens diversificadas e tendo em atenção as necessidades individuais de cada uma das crianças. Além disso, tivemos ainda em consideração várias teorias orientadoras na avaliação e intervenção com crianças em idade pré-escolar nomeadamente crianças com Necessidades Educativas Especiais. Estes métodos de intervenção, baseados em diversas teorias de aprendizagem que incluem teorias de desenvolvimento cognitivas, comportamentais, sociais e ecológica, serviram como orientação para podermos enquadrar teoricamente a intervenção que pretendíamos fazer. É importante na perspectiva de intervenção conhecer estes modelos, para decidir qual dos modelos poderá ser o mais adequado à situação com que nos deparamos. Desta forma, tivemos em consideração estas orientações teóricas para fundamentarmos a nossa intervenção, tal como os pressupostos das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Além destes pressupostos, considerámos importante a abordagem relativa ao desenvolvimento das relações sociais na infância e ao papel que desempenha a educação pré-escolar na iniciação de actividades de socialização e os pares como agentes socializadores, uma vez que pretendíamos direccionar a nossa intervenção para esta área. Outros dos aspectos teóricos que tivemos em consideração foi a metodologia de investigação-acção que nos permitiu, face à situação que nos preocupava e que queríamos procurar alterar, definir o plano de intervenção e propor alternativas à medida que íamos desenvolvendo o projecto de intervenção recorrendo à planificação, à realização e à avaliação, para desencadear novas actividades na intervenção que fazíamos.

A intervenção foi direccionada para actividades destinadas ao grupo de crianças tendo em atenção o enquadramento teórico proposto e procurando desenvolver as relações entre as crianças promovendo o seu desenvolvimento social, numa perspectiva em que se pretendia promover o desenvolvimento e aprendizagem para todas as crianças do grupo e que todas pudessem aprender com todas.

4.1.1 Aprendizagem estruturada, por actividades e/ou objectivos

Na educação pré-escolar, os pressupostos das Orientações Curriculares possibilitam uma abordagem inclusiva porque permitem o desenvolvimento de actividades de acordo com as capacidades individuais de cada criança:

Para que a educação pré-escolar possa contribuir para uma maior igualdade de oportunidades, as Orientações Curriculares acentuam a importância de uma pedagogia estruturada, o que implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico, exigindo que o educador planeie o seu trabalho e avalie o processo e os efeitos no desenvolvimento e aprendizagem das crianças (ME, 1997, p. 18)

e não esquecendo de modo nenhum “o carácter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens” (ME, 1997, p. 18).

Desta forma, é importante que quando organizamos a intervenção tenhamos em conta estes aspectos, sem nunca esquecer a intencionalidade educativa que deve caracterizar a nossa intervenção e que pressupõe a realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador.

4.1.2 Actividades em grupo

No contexto em que interviemos, tivemos em consideração as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e organizámos a intervenção de acordo com aquilo que as crianças eram capazes de fazer. Tendo em consideração a caracterização realizada do grupo, propusemos a realização de actividades em grupo, realizadas dentro do contexto da rotina diária tendo por objectivo geral as crianças aprenderem a relacionar-se entre si.

O conhecimento de cada criança individualmente e do grupo constituiu a base para percebermos a situação em que pretendíamos intervir, “tomámos, no entanto, como adquirido que o grupo é a base para uma relação pedagógica eficaz e duradoura e ainda uma fonte de estimulação natural e de suporte emocional” (Vieira & Pereira, 2007, p. 125) e que o funcionamento em grupo poderia facilitar o desenvolvimento da actividade. Deste modo, “a potencialização do grupo como facilitador de aprendizagem respeitando as necessidades e capacidades de cada um dos seus membros é o grande desafio que se coloca a todos os educadores” (Vieira & Pereira, 2007, p. 136). O desenvolvimento de actividades em grupo pode caracterizar-se pela vantagem de facilitar “a aprendizagem por imitação de comportamentos motores, a aprendizagem incidental de vocabulário e, naturalmente, a aprendizagem de comportamentos sociais” (Vieira & Pereira, 2007, p. 125).

Tendo por base a caracterização do grupo realizada, nomeadamente a nível da caracterização estrutural e dinâmica dada pelas técnicas de pesquisa utilizadas e pela caracterização global das competências adquiridas planificou-se uma intervenção que procurasse dar resposta à nossa preocupação ao nível relacional entre as crianças do grupo. Esta necessidade de realizar as acções de avaliação/programação/avaliação quando se pretende uma intervenção adequada e de qualidade, atendendo às características individuais das crianças com que se está a trabalhar, é pertinente com o que refere Fonseca (1989) quando diz que “identificar, diagnosticar, observar e intervir (ou ensinar) devem fazer parte de uma abordagem experimental contínua a fim de progressivamente ir encontrando e satisfazendo as necessidades específicas das crianças.” (p. 125).

Partindo do princípio que o papel de todos os intervenientes é fundamental para o desenvolvimento das actividades, todos os recursos humanos disponíveis foram envolvidos neste projecto e as famílias das crianças foram também implicadas no processo, nomeadamente na avaliação e na reformulação de objectivos a atingir e nas actividades que se proporcionaram relevantes para a contribuição das famílias neste processo.

4.1.3 Actividades individualizadas

De acordo com a caracterização que fazem das necessidades de cada uma das crianças, “os educadores podem aumentar ou intensificar o tempo de aprendizagem das crianças embutindo ou integrando oportunidades planeadas dentro das actividades e das rotinas habituais das salas” (Sandall & Schwartz, 2003, p. 21), a que estas autoras atribuem a denominação “oportunidades de aprendizagem embutidas” (p. 21). Estas são situações de aprendizagem individuais planeadas especificamente para uma das crianças. Neste projecto optámos por traduzi-las em actividades individualizadas a treinar com as crianças consideradas com Necessidades Educativas Individuais de acordo com os seus programas de intervenção e a planificação da intervenção (Anexos 25, 26 e 27) previamente delineados.

Neste sentido, procurámos desenvolver actividades individualizadas com cada uma das crianças, sobretudo ao longo da rotina diária (Anexo 20), para que pudessem praticar alguns comportamentos, através de uma atenção mais direccionada. A dinâmica educativa do jardim-de-infância organiza-se maioritariamente em função da rotina diária. “A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas

crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações.” (ME, 1997, p. 40)

Esta sequência de acontecimentos previsíveis e coerentes ao longo do dia dá às crianças um modo específico de compreenderem o tempo. A criança participa na sequência da rotina diária uma série de vezes e identifica o nome de cada uma das suas partes, podendo começar a compreender o horário do jardim-de-infância como uma série previsível de acontecimentos, que lhe transmitem uma sensação de segurança. “Saber aquilo que esperar em cada parte do dia ajuda as crianças a desenvolver um sentimento de segurança e controlo” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 225). Além disso, “a rotina diária fornece um leque alargado de experiências de aprendizagem” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 243).

Além disso, a folha de actividades (Anexo 28) programada com e para a família, foi também delineada para realizar actividades a nível individual tendo em conta que “planificar para uma criança que tem necessidades educativas especiais, comportamentos problemáticos ou outras necessidades especiais de aprendizagem (...) pode necessitar de adaptações ao currículo comum ou mesmo a planificação de oportunidades para que a criança possa aprender e praticar novas capacidades e comportamentos” (Sandall & Schwartz, 2003, p. 19).

4.2. Planificação, realização e avaliação da intervenção

No desenvolvimento do plano de acção, pretendíamos desenvolver actividades que criassem oportunidades para promover as interacções entre as crianças do grupo, em que três das crianças apresentavam algum tipo de alteração no desenvolvimento, desencadeando situações que contribuíssem para o desenvolvimento e aprendizagem de todas, tal como exposto na pergunta desencadeadora do projecto. A este propósito, procurámos identificar quais as necessidades do grupo e de que forma poderíamos proporcionar actividades que respondessem às preocupações sentidas. Tratava-se de planificar situações para promover as relações sociais entre as crianças desencadeando situações estruturadas de aprendizagem. A forma privilegiada de relacionamento entre crianças é a brincadeira e o jogo e coube-nos, enquanto educadoras, a função de planear situações que o proporcionassem, promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento para todas as crianças do grupo. Assim, o enfoque da intervenção foi dirigido para o grupo de crianças, incluindo todas as crianças do grupo, numa

perspectiva inclusiva, não esquecendo a participação do grupo noutras actividades do contexto escolar com outros grupos e a participação das famílias no processo educativo.

4.2.1 Planificação Global da Intervenção

A proposta de intervenção teve como base actividades organizadas em contexto de sala e trabalhadas a nível do grupo de crianças. A rotina diária do grupo não sofreu alterações, uma vez que as actividades propostas para intervenção foram incluídas no tempo destinado a actividades orientadas pela educadora do grupo. Todas as actividades foram realizadas durante o período da manhã, visto que o grupo de crianças tinha hora de repouso depois do almoço. Há a salientar ainda que durante a rotina diária (Anexo 20), se trabalharam objectivos específicos, em actividades mais individualizadas com as três crianças com necessidades educativas especiais e a realização de folhas de actividades (Anexo 28) para a realização de pequenas tarefas com a família em casa, de acordo com os objectivos que se pretendia que estas crianças alcançassem durante este ano lectivo.

Para além destas, procurámos envolver as famílias através da sua participação em várias situações, quer em encontros formais como reuniões, quer através da solicitação da sua colaboração em comemorações e festividades. O grupo teve ainda oportunidades proporcionadas no contexto escolar com outros grupos. Em suma, assumimos três níveis diferenciados de intervenção: a nível do grupo, a nível da família e a nível do contexto escolar.

Apresentamos em seguida, no quadro 1, a proposta inicial da intervenção dirigida ao grupo, elaborada em Dezembro de 2008.

Quadro 1 - Proposta de planificação inicial de intervenção a nível do grupo e dos alunos caso

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Actividades	Estratégias	Calendarização	Recursos materiais	Recursos humanos	Avaliação
Relacionar-se com crianças da sua idade	- Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais	Brincadeira com jogos de mesa	Pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	1 vez por semana, durante os meses Fevereiro e Março	Jogos de encaixe	Educadora Ajudante de acção educativa	Para cada actividade será criada uma grelha de avaliação conjunta para as crianças que participaram na actividade (Anexo 15)
	- Esperar pela sua vez	Jogo de grupo: Rei manda	Pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	1 vez por semana durante os meses Fevereiro e Março	Sem material	Educadora Ajudante de acção educativa	
	- Participar em actividades com outras crianças	Actividade de expressão plástica colectiva	Pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	1 vez por semana durante meses de Abril e Maio	Papel de cenário, lápis de cera, lápis de cor, marcadores, tintas, pincéis, aventais	Educadora Ajudante de acção educativa	
	- Seguir instruções simples	Jogo de grupo: lenço	Pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	1 vez por semana durante os meses de Abril e Maio	Lenço	Educadora Ajudante de acção educativa	

4.2.2 Planificação, Intervenção, Avaliação e Reflexão a curto prazo – semanal e mensal

A planificação foi organizada para efectuar duas situações de intervenção por semana com as crianças do grupo, durante os meses de Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho, meses durante os quais decorreu a intervenção. Após cada intervenção houve lugar a um registo escrito que incluiu a grelha da avaliação efectuada relativamente ao desempenho das crianças que participaram na actividade e a avaliação e reflexão sobre a actividade desenvolvida. Esta planificação foi sobretudo estruturada para a intervenção junto do grupo, incluindo os alunos caso de acordo com os pressupostos teóricos enunciados.

Para além disso, de acordo com a postura teórica que defendemos no enquadramento teórico, procurámos envolver as famílias e participar nas actividades desenvolvidas no contexto escolar e noutros que se proporcionaram. As actividades desenvolvidas a estes níveis encontram-se registadas no anexo 29 e no anexo 30, havendo referência a estas nas semanas em que decorreram.

4.2.2.1 Semana de 2 de Fevereiro a 6 de Fevereiro

A nível do grupo

Nas actividades iniciais procurámos desenvolver uma intervenção em que as crianças pudessem aprender a brincar nas áreas de actividade que tinham à disposição na sala, direccionando a intervenção especificamente para a área dos jogos por ser um local onde se desencadeavam vários conflitos, dadas as dificuldades que as crianças mantinham na partilha dos materiais existentes. Após o tempo de escolha e marcação das áreas para onde cada criança queria ir brincar de acordo com a rotina diária (Anexo 20) e após a orientação das diversas áreas, iniciámos as actividades com carácter orientado, tendo em vista os objectivos que queríamos trabalhar nesta área em concreto. O resto do grupo mantinha-se a brincar nas outras áreas de actividade.

Actividade 1: jogos de mesa - cubos

Data: 4/02/09

Alunos: pequeno grupo - Maria e Daniel

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

- ✚ Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
- ✚ Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: cubos

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Dizer a uma das crianças que vai brincar com o(a) amigo(a) que escolher.
- Dizer-lhe para perguntar ao amigo se quer brincar com ele, com os cubos.
- Se o amigo quiser brincar, sentam-se os dois, um ao lado do outro na mesa dos jogos.
- Explicar-lhes que vão fazer um comboio ou uma torre em que cada um põe um cubo de cada vez até acabarem os cubos e deixá-los escolher o que vão fazer de entre estas duas opções.
- Quando acabarem os cubos, cada criança tira um cubo de cada vez.
- Quando terminarem de brincar, dizer-lhes para arrumarem os cubos no sítio.

Para podermos observar o desempenho das crianças ao longo da actividade, organizámos a informação num quadro, tal como se demonstra no quadro seguinte.

Quadro 2 - Avaliação das crianças na actividade 1

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	○	○	○	○	○	○	☹	○	○	●	○	○	○	☹	○	○	●	○	○	○	○
Alterna as vezes de participar com outra criança	●	○	○	○	○	○	○	☹	○	○	●	○	○	○	☹	○	○	●	○	○	○	○

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Enquanto acabámos de organizar os outros grupos de crianças, nas áreas de actividade da sala, as crianças que escolheram a área dos jogos utilizaram os jogos de madeira de construção, os puzzles e os cubos, de forma livre e individual, sem a nossa orientação. O

Daniel e a Maria foram duas das crianças que escolheram a área dos jogos para brincar e que também foram buscar alguns dos jogos à disposição nesta área. O Daniel sentou-se à mesa, com um puzzle, mas logo em seguida, levantou-se e foi para a área da casinha. Entretanto, chamámos o Daniel e perguntámos-lhe se queria fazer um jogo com a Maria, ele veio até à mesa, sentou-se e começou a mexer nos cubos. Perguntámos à Maria se queria fazer um jogo com os cubos com o Daniel, ao que ela respondeu que sim e aproximou-se. A seguir, dissemos ao Daniel para nos dar os cubos para fazermos um jogo e a Maria deu-nos os cubos também. Pedimos ao Daniel para por um cubo em cima do outro que tínhamos colocado previamente. Ele pegou num cubo e colocou-o em cima do que já lá estava e em seguida foi buscar outro. Dissemos-lhe para esperar e que agora era a vez da Maria. A Maria colocou outro cubo em cima dos dois cubos anteriores. Perguntámos então à Maria: “quem é agora a por o cubo?” A Maria não respondeu e dissemos: “Daniel, agora és tu, outra vez.” O Daniel colocou um cubo e deitou a torre abaixo. A Maria responde: “Oh, caiu!”. Respondemos que não fazia mal e recomeçámos o jogo novamente.

De acordo com a informação disponível no Quadro 3, verificamos que durante este dia, encontravam-se duas das crianças do grupo a faltar e que participaram duas crianças nesta actividade, o Daniel e a Maria, enquanto as outras se mantiveram a brincar nas áreas de actividade da sala. As duas crianças necessitaram de ajuda para começarem a brincar com os mesmos materiais e necessitaram de ajuda para alternarem a sua vez de participação, através da ajuda das indicações dadas pelo adulto, foram conseguindo alternar a sua vez de participar.

Ao realizarmos esta actividade em que cada uma das crianças, tomava a vez de jogar, proporcionámos uma situação de brincadeira, com o par, incorporando uma componente social numa actividade que sem intervenção tenderia a ser mais solitária. Para as outras crianças que estavam na mesa da área dos jogos que brincaram com os materiais, em brincadeira individual e sem a intervenção do adulto, não realizámos a avaliação dos objectivos propostos apenas a realizámos para as duas crianças que participaram na actividade orientada pelo adulto.

Actividade 2: jogos de mesa – placas e pregos

Data: 5/02/09

Alunos: pequeno grupo - Maria, Daniel, Julieta, Luna, Eduardo e Tiago

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

- ✚ Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
- ✚ Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: placas e pregos

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Dizer a cada uma das crianças para escolher um dos amigos que está na área dos jogos para brincar com ela.
- Dizer-lhe para perguntar ao amigo se quer brincar com ela com os pregos.
- Se o amigo quiser brincar, sentam-se os dois, um ao lado do outro, na mesa dos jogos.
- Explicar-lhes que vão colocar os pregos onde quiserem mas só com uma placa, colocando cada menino um prego de cada vez.
- Quando acabarem de colocar os pregos, cada um tira um prego de cada vez.
- Quando terminarem, dizer-lhes para arrumar.

Efectuámos o registo do desempenho das crianças durante a actividade no quadro que se segue.

Quadro 3 - Avaliação das crianças na actividade 2

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	Ø	Ø	●	Ø	●	☺	☺	☺	●	☺	●	Ø	☺	Ø	☺	Ø	Ø	Ø	●	●	Ø	Ø
Alterna as vezes de participar com outra criança	Ø	Ø	●	Ø	●	☺	☺	☺	●	☺	●	Ø	☺	Ø	☺	Ø	Ø	Ø	●	●	Ø	Ø

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Nesta situação houve seis crianças a escolher a área dos jogos para brincar, o Diogo, o Eduardo, o Daniel, a Luna, a Julieta e a Maria. Pedimos ao Eduardo, à Luna e à Maria para escolherem e perguntarem a um dos colegas se queriam brincar com eles. O Eduardo escolheu o Diogo, a Luna escolheu a Julieta e a Maria escolheu o Daniel para jogar com ela. Em seguida, explicámos às crianças como deviam fazer para brincar com a placa e os pregos.

De acordo com a informação registada no Quadro 4, tivemos seis crianças a participar na actividade proposta e seis crianças a faltar durante este dia. Das seis crianças que participaram, duas delas, a Luna e a Julieta, conseguiram brincar uma com a outra usando os mesmos materiais e alternando as vezes de participar. As outras quatro crianças, três conseguiram brincar utilizando os mesmos materiais e uma necessitou de ajuda para o fazer. As quatro crianças necessitaram de ajuda para alternarem a vez de participação. O Diogo e o Eduardo, necessitaram de orientação na actividade, foi necessário chamarmos a atenção do Eduardo por diversas vezes para esperar, porque assim que colocava um prego, pegava logo noutro para o colocar em seguida. O Diogo, por sua vez, foi necessário chamá-lo a atenção que era a vez de ser ele a colocar o prego. A Maria e o Daniel necessitaram também do nosso apoio, para lhes indicar quando era a sua vez de colocar o prego. Para o Daniel foi ainda necessário pedirmos-lhe para se sentar para continuar o jogo com a Maria por diversas vezes. Como duas das crianças conseguiram realizar a actividade sem ajuda, conseguimos orientar a nossa ajuda para as outras crianças que necessitavam dela.

Avaliação e reflexão semanal

Durante esta semana, iniciámos a intervenção com actividades de pequeno grupo que tinham dois objectivos comuns em consideração. Um dos objectivos pretendia que uma das crianças pudesse brincar com outra, utilizando os mesmos materiais e o outro objectivo pretendia que cada criança alternasse a sua vez de participar com uma outra criança.

A diferença entre as duas situações de actividade durante esta semana foi a utilização de materiais diferentes. Na primeira actividade da semana utilizaram-se os cubos e na segunda semana foram utilizados a placa e os pregos. O quadro seguinte resume a avaliação dos objectivos propostos nesta semana, para as crianças que participaram nas actividades.

Quadro 4 - Avaliação das crianças de 2 de Fevereiro a 6 de Fevereiro

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Jogos de mesa - cubos	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	○	○	○	○	○	○	☺	○	○	●	○	○	○	☺	○	○	●	○	○	○	○
	Alterna as vezes de participar com outra criança	●	○	○	○	○	○	○	☺	○	○	●	○	○	○	☺	○	○	●	○	○	○	○
Jogos de mesa - placa e pregos	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	○	○	●	○	●	☺	☺	☺	●	☺	●	○	☺	○	☺	○	○	○	●	●	○	○
	Alterna as vezes de participar com outra criança	○	○	●	○	●	☺	☺	☺	●	☺	●	○	☺	○	☺	○	○	○	●	●	○	○

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

As actividades desta semana foram realizadas com pequenos grupos de crianças que brincaram na área dos jogos de acordo com as propostas que efectuámos. Assim, na primeira actividade participaram apenas duas crianças, mas na segunda actividade participaram seis. O Daniel e a Maria foram duas das crianças que participaram em ambas as situações propostas. Na primeira actividade o Daniel não conseguiu alternar a sua vez de participar, mas a Maria conseguiu-o através das indicações verbais do adulto. Na segunda actividade, a Luna e a Julieta conseguiram brincar as duas, partilhando a placa e os pregos e alternando a vez de participação. O Diogo e o Eduardo conseguiram brincar usando os mesmos materiais mas necessitaram da orientação verbal do adulto tal como o Daniel e a Maria, para alternar a vez de participar. Podemos referir a situação da Maria, que na primeira actividade só conseguiu brincar com o Daniel utilizando os mesmos materiais, os cubos, seguindo as nossas indicações, na actividade com a placa e pregos conseguiu brincar com o Daniel, usando os mesmos materiais que ele.

A nível da família

A nível da intervenção com a família, esta semana a tarefa que o Daniel levou para casa para realizar com os pais foi fazer o jogo do “Rei manda”, com o objectivo de imitar movimentos realizados com a boca. Esta actividade demorava entre cinco a dez minutos. De acordo com a observação/avaliação que a mãe fez, o Daniel conseguiu imitar quase todos os movimentos, mas tem ainda dificuldade em soprar.

4.2.2.2 Semana de 9 de Fevereiro a 13 de Fevereiro

A nível do grupo

De acordo com a planificação efectuada, continuámos a desenvolver actividades com os mesmos objectivos, brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e alternar as vezes de participar com outra criança. No entanto, para esta semana, alterámos os materiais utilizados pelas crianças, propondo a utilização de jogos de encaixe e de enfiamentos.

Actividade 3: jogos de mesa – jogos de encaixe

Data: 11/02/09

Alunos: pequeno grupo - Daniel, António, Diogo, Tomé, Salvador e Diana

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

- ✚ Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
- ✚ Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: jogos de encaixe

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Deixar as crianças brincar um pouco de forma livre com os jogos.
- Dizer a cada uma das crianças para escolher um dos amigos que está na área dos jogos para brincar com ela.
- Pedir para se sentarem ao pé do amigo com que querem brincar com os jogos que se vai dar.
- Se o amigo quiser brincar, sentam-se os dois, um ao lado do outro, na mesa dos jogos.
- Explicar-lhes que vão jogar colocando uma peça de cada vez.
- Quando terminarem, dizer-lhes para arrumar o que utilizaram e se quiserem trocam de jogo.

A informação sobre o desempenho das crianças durante a actividade, encontra-se registada tal como se demonstra no quadro seguinte.

Quadro 5 - Avaliação das crianças na actividade 3

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	☹	Ø	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺	Ø
Alterna as vezes de participar com outra criança	☹	Ø	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺	Ø

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), Ø Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Nesta actividade, participaram seis crianças que escolheram a área dos jogos para brincar. Depois de pedirmos às crianças para escolher o colega com quem queriam jogar, o Salvador escolheu o Tomé, a Diana escolheu o António e o Diogo escolheu o Daniel. Procurámos que o António brincasse com a Diana, mas ele recusou, dizendo que não queria brincar com ela, queria um jogo só para ele e também não quis que fizéssemos o jogo com ele. Assim, a Diana acabou por realizar a actividade connosco. O Diogo participou com o Daniel mas ficou cansado de esperar muito rapidamente, pelo que foi necessário insistirmos para concluir um dos jogos com o Daniel e assim que o fez, foi brincar para outra área de actividade.

Ao fazermos a leitura do Quadro 6, verificamos que faltaram duas crianças durante este dia e que das seis crianças que participaram na actividade, três delas conseguiram brincar utilizando o mesmo material, duas necessitaram de ajuda para brincar utilizando o mesmo material e uma não conseguiu brincar com o mesmo material da colega, querendo um jogo apenas para ele. O Tomé e o Salvador conseguiram fazer o jogo de acordo com o que lhe foi pedido de forma autónoma, incluindo alternar a vez de participar a colocar a peça do jogo de encaixe. A Diana conseguiu alternar a sua vez de participar embora tivéssemos que lembrá-la para o fazer, por isso conseguiu fazê-lo com ajuda. Assim como o Daniel, que precisou de ajuda para se manter a brincar com o jogo com o Diogo, porque senão mexia no jogo do Tomé e do Salvador e necessitou das nossas indicações para alternar a vez. Para além disso, o Daniel manifestou ainda algumas dificuldades na coordenação manual para realizar o jogo de encaixe.

Actividade 4: jogos de mesa - enfiamentos

Data: 12/02/09

Alunos: pequeno grupo - Daniel, Sílvia, Rodrigo, Tânia, Bernardo, Irene

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

- ✚ Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
- ✚ Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: enfiamentos

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Deixar as crianças brincar como quiserem com os enfiamentos, durante aproximadamente 5 minutos.
- Dizer-lhes para escolherem um amigo para brincar e para se sentarem os dois, um ao lado do outro, na mesa.
- Explicar-lhes que vão fazer um “colar” grande com as contas dos enfiamentos, mas que cada menino(a) vai por uma conta de cada vez.
- Quando terminarem, dizer-lhes para arrumar.

Esta actividade não se concretizou da forma inicialmente prevista porque concluímos que não era funcional. Assim, no Quadro 6 não existe registo para o desempenho das crianças relativamente a esta actividade.

Quadro 6 - Avaliação das crianças na actividade 4

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Alterna as vezes de participar com outra criança	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Tal como já referimos a actividade não se realizou da forma que planeámos inicialmente. Quando pedimos às crianças que estavam na área dos jogos para partilharem o mesmo fio para colocar os enfiamentos, nessa passagem, as crianças deixaram cair o fio o que fez com que as contas dos enfiamentos caíssem. Assim, as crianças não partilharam o fio dos enfiamentos e cada criança utilizou este material de forma individual e, como tal, não foram avaliados os objectivos inicialmente propostos.

Avaliação e reflexão semanal

Durante esta semana continuámos a desenvolver actividades em pequeno grupo com os objectivos de brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e alternar a vez de participar com outra criança. Na primeira actividade da semana, utilizando os jogos de encaixe que tinham à disposição na sala e na segunda actividade da semana, os enfiamentos, tal como se pode verificar no quadro seguinte.

Quadro 7 - Avaliação das crianças de 9 de Fevereiro a 13 de Fevereiro

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Jogos de mesa – jogos de encaixe	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	☹	Ø	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺	Ø
	Alterna as vezes de participar com outra criança	☹	Ø	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺	Ø
Jogos de mesa – enfiamentos	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Alterna as vezes de participar com outra criança	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

As actividades desta semana continuaram a ser desenvolvidas em pequeno grupo, com as crianças que escolheram brincar na área dos jogos e de acordo com as propostas que efectuámos. Como não foi possível concretizarmos a avaliação da segunda actividade da forma inicialmente prevista, observando os objectivos delineados anteriormente e as crianças utilizaram o material de forma individual, explorando-o à sua vontade, o quadro de avaliação

semanal relativo a esta actividade não se encontra preenchido e não é possível estabelecer algum tipo de comparação entre as duas actividades realizadas durante esta semana.

De qualquer maneira, podemos referir que na primeira actividade da semana, o António não quis participar com a Diana, dizendo que não queria jogar com ela, que queria jogar sozinho e recusando brincar com qualquer uma das outras crianças que também tinham escolhido a áreas dos jogos para brincar. Por sua vez, a Diana, o Diogo e o Daniel necessitaram da orientação verbal do adulto alternarem a sua vez de participação, mas o Tomé e o Salvador conseguiram fazê-lo sozinhos e sem ajuda.

4.2.2.3 Semana de 16 de Fevereiro a 20 de Fevereiro

A nível do grupo

Durante esta semana, procurámos repetir as actividades realizadas durante a primeira semana de intervenção, para proporcionar a participação de outras crianças do grupo nestas actividades sob orientação. Os objectivos delineados continuaram a ser brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e alternar a vez de participar com outra criança, recorrendo à utilização dos materiais da actividade 1 e da actividade 2, os cubos e a placa e os pregos, respectivamente.

Actividade 5: jogos de mesa - cubos

Data: 16/02/09

Alunos: pequeno grupo - Carlos, Vicente, Daniel, Daniela e Joaquina

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

-  Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
-  Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: cubos

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Dizer a uma das crianças que vai brincar com o(a) amigo(a) que ele escolher.
- Dizer-lhe para perguntar ao amigo se quer brincar com ele com os cubos.

- Se o amigo quiser brincar, sentam-se os dois, um ao lado do outro na mesa dos jogos.
- Explicar-lhes que vão fazer um comboio ou uma torre em que cada um põe um cubo de cada vez até acabarem os cubos e deixá-los escolher o que vão fazer.
- Quando acabarem, cada um tira um cubo de cada vez.
- Quando terminarem, dizer-lhes para arrumarem os cubos no lugar.

O quadro seguinte, mostra o registo efectuado relativamente ao desempenho das crianças na actividade.

Quadro 8 - Avaliação das crianças na actividade 5

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	Ø	●	☺	☺	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	☺
Alterna as vezes de participar com outra criança	Ø	●	☺	☺	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Nesta actividade participaram cinco crianças que escolheram a área dos jogos para brincar. Pedimos à Joaquina para escolher dois colegas para brincar e ela jogou com o Carlos e com a Daniela. A Daniela começou a jogar com os cubos com a Joaquina e com o Carlos mas depois resolveu brincar sozinha com os cubos enquanto os colegas continuaram a brincar utilizando os dois o mesmo material. Inicialmente o Vicente começou a brincar sozinho com os cubos porque o Daniel se levantou da mesa dos jogos e foi para a área do desenho. Quando o chamámos, procurámos que o Daniel jogasse com o Vicente, perguntando ao Vicente se queria fazer o jogo com o Daniel, em que nós ajudávamos.

Ao realizarmos a leitura do Quadro 9, podemos verificar o desempenho das crianças durante esta actividade, em que participaram cinco crianças e que faltaram três crianças do grupo neste dia. Relativamente às crianças que participaram na actividade podemos observar que três delas conseguiram brincar utilizando os mesmos materiais, mas duas conseguiram brincar utilizando os mesmos materiais mas necessitaram de ajuda para o fazer. O Daniel, precisou que o chamássemos e a Daniela acabou por dizer que queria brincar sozinha. No que

diz respeito a alternar as vezes de participar com outra criança, só a Joaquina conseguiu fazê-lo sozinha e para além disso há a referir que conseguiu ajudar o Carlos dizendo-lhe quando era a sua vez de jogar, revelando nesta situação de brincadeira, com o par, um comportamento de colaboração, numa perspectiva social, que nós incentivámos. Quanto às outras quatro crianças, todas necessitaram de ajuda para alternar a vez de participar. No caso do Carlos, a ajuda foi da colega Joaquina que lhe dizia quando tinha de colocar o cubo e nos outros casos fomos nós a dar indicações verbais para lhes dizer quando tinham de jogar. O Vicente perguntou várias vezes: “Sou eu? Agora sou eu?”, mostrando que não conseguiu identificar a sua vez de participação.

Actividade 6: jogos de mesa – placas e pregos

Data: 18/02/09

Alunos: pequeno grupo - Diogo, Eduardo, Daniel, Sílvia, Julieta, e Irene

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

- ✚ Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
- ✚ Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: placas e pregos

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Dizer a cada uma das crianças para escolher um dos amigos que está na área dos jogos para brincar com ela.
- Dizer-lhe para perguntar ao amigo se quer brincar com ele com os pregos.
- Dizer para se sentarem os dois, um ao lado do outro, na mesa.
- Explicar-lhes que vão colocar os pregos onde quiserem mas só com uma placa e um de cada vez.
- Quando acabarem de colocar os pregos, cada um tira um prego de cada vez.
- Quando terminarem, dizer-lhes para arrumar.

O desempenho das crianças durante a actividade encontra-se registado no quadro que se segue.

Quadro 9 - Avaliação das crianças na actividade 6

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	●	●	●	Ø	☺	☺	☺	Ø	Ø	●	☺	●	☺	Ø	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
Alterna as vezes de participar com outra criança	●	●	●	●	Ø	☺	☺	☺	Ø	Ø	●	☺	●	☺	Ø	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Nesta actividade participaram seis crianças que brincaram na área dos jogos utilizando a placa e os pregos, de acordo com a proposta que efectuámos. Quando pedimos às crianças que sentassem junto dos colegas com quem queriam brincar, a Joaquina, a Irene e a Maria sentaram-se juntas e a Joaquina disse que iam brincar juntas. O Eduardo disse que queria brincar com o Diogo e quando lhe perguntámos se o Daniel também podia jogar com eles disse que sim. Apesar de termos previsto uma situação de brincadeira com um par, dada a intenção manifestada pela Joaquina em brincar com as duas colegas pareceu-nos oportuno aproveitar a situação e deixar as três crianças brincar.

Pela leitura do quadro 10, podemos ver que neste dia faltaram seis crianças do grupo e que das seis crianças que participaram na actividade, todas conseguiram brincar com outra, utilizando os mesmos materiais. A maior dificuldade surgiu em alternar a vez de participar com outra criança. Neste objectivo, apenas a Joaquina conseguiu fazê-lo sem ajuda. As outras cinco crianças necessitaram de orientação para o fazer. A grande dificuldade do Daniel relacionou-se com perceber quando era a sua vez de jogar, daí a continuação da necessidade de orientação quando era a sua vez de participar. Nas situações em que tem realizado estas actividades para alternar a participação com os colegas, tem-no feito apenas com um deles e desta vez eram dois e por esse motivo tornou-se ainda mais necessária a intervenção para o ajudar. O Eduardo conseguiu alternar a vez de participar mas era preciso lembrá-lo para esperar, que ainda não podia ser ele, que só podia colocar um prego de cada vez, depois do Diogo e do Daniel jogarem, mas ele insistiu por diversas vezes. O Diogo alternou a vez de participar com os dois colegas mas foi preciso relembrá-lo quando se distraiu com o carro que o Salvador lhe veio mostrar.

Avaliação e reflexão semanal

Durante esta semana continuámos a desenvolver actividades em pequeno grupo, tendo em conta os objectivos de brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e alternar a vez de participar com outra criança. Na primeira actividade da semana, as crianças voltaram a brincar utilizando os cubos, e na segunda utilizaram a placa e os pregos tal como se pode verificar no quadro seguinte.

Quadro 10 - Avaliação das crianças de 16 de Fevereiro a 20 de Fevereiro

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Jogos de mesa - cubos	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	Ø	●	☺	☺	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	☺
	Alterna as vezes de participar com outra criança	Ø	●	☺	☺	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	☺
Jogos de mesa -	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	●	●	●	Ø	☺	☺	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	☺	Ø	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
	Alterna as vezes de participar com outra criança	●	●	●	●	Ø	☺	☺	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	☺	Ø	☺	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

As actividades desta semana continuaram a ser realizadas com pequenos grupos de crianças que brincaram na área dos jogos de acordo com as propostas que fizemos. Na primeira actividade participaram cinco crianças e na segunda actividade participaram seis. O Daniel e a Joaquina participaram nas duas actividades propostas.

De acordo com as informações registadas no Quadro 10, podemos verificar que durante esta semana, houve oito crianças a conseguirem brincar com outra criança, utilizando os mesmos materiais. Na primeira actividade da semana o Daniel necessitou de ajuda para o fazer mas na segunda actividade foi capaz de brincar com o Eduardo e o Diogo utilizando a placa e os pregos. No que diz respeito ao objectivo de alternar a vez de participar com outra criança, houve uma criança a conseguir fazê-lo sozinha, enquanto as outras necessitaram das indicações, sobretudo verbais, do adulto para o fazer.

Relativamente à participação da Joaquina nas actividades, há a salientar que para além de conseguir brincar com outros colegas, conseguiu ainda ajudar um deles, o Carlos,

dizendo-lhe quando era a sua vez de jogar desempenhando um papel importante na ajuda a outro colega.

A nível da família

Para esta semana a tarefa que o Daniel desenvolveu em família foi a brincadeira com a espuma de barbear com o objectivo de exercitar o movimento dos dedos e das mãos. De acordo com a observação/avaliação da mãe, o Daniel gostou muito de mexer na espuma, mas num dos dias, não queria fazer e bateu com as mãos na mesa em vez de brincar.

A nível do contexto escolar com outros grupos

No dia 20 realizámos o desfile de Carnaval que envolveu os grupos de um ano, de dois anos, da educação pré-escolar e do centro de actividades de tempos livres. Foi uma actividade que implicou uma grande organização a nível institucional para promover a participação das crianças de faixas etárias tão diferenciadas e realizou-se em articulação com a escola básica do primeiro ciclo da freguesia da instituição. Neste desfile, participaram todas as crianças dos grupos que referimos anteriormente mas havendo a preocupação de adaptar o percurso de acordo com as características dos grupos que participaram, as crianças mais novas realizaram percursos mais curtos e algumas delas com os pais.

4.2.2.4 Semana de 23 de Fevereiro a 27 de Fevereiro

A nível do grupo

Na última semana do mês, planificámos a continuação das duas situações de intervenção, com os objectivos delineados no início do mês, brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e alternar a vez de participar com outra criança, mas propondo a utilização dos jogos de encaixe e a utilização dos “legos”.

Actividade 7: jogos de mesa – jogo de encaixe

Data: 25/02/09

Alunos: pequeno grupo - Bernardo, Rodrigo, Tiago, Tânia, Diana, Julieta

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

- ✚ Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
- ✚ Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: jogos de encaixe

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Dizer a cada uma das crianças para escolher um amigo para brincar com os jogos de encaixe.
- Deixar as crianças brincar um pouco de forma livre com os jogos.
- Pedir para se sentarem ao pé do amigo com que querem brincar com os jogos dados.
- Se o amigo quiser brincar, sentam-se os dois, um ao lado do outro, na mesa.
- Explicar-lhes que vão jogar colocando uma peça de cada vez.
- Quando terminarem, dizer-lhes para arrumar e se quiserem trocam de jogo e continuam a jogar com outro.

A avaliação do desempenho das crianças relativamente à actividade 7 encontra-se registada no Quadro 11.

Quadro 11 - Avaliação das crianças na actividade 7

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivo																						
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	●	○	☺	○	○	○	○	○	○	●	○	☺	○	○	○	○	☺	○	☺	☺	☺
Alterna as vezes de participar com outra criança	●	●	○	☺	○	○	○	○	○	○	●	○	☺	○	○	○	○	☺	○	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Nesta actividade, seis crianças escolheram a área dos jogos para brincar. Quando lhes pedimos para escolherem os colegas com quem queriam jogar com os jogos de encaixe, o grupo de crianças acabou por se separar agrupando-se meninas para um lado e meninos para outro. A Julieta e a Tânia começaram por jogar as duas e pedimos-lhe para deixarem a

Daniela jogar com elas e jogaram as três. Os meninos juntaram-se para jogar, o Salvador, o Vicente e o Tiago.

Através da observação do Quadro 11 podemos verificar que nesta situação em se encontravam seis crianças a jogar, todas elas conseguiram utilizar os mesmos materiais, que neste caso era um jogo de encaixe para cada três crianças. Quanto a alternar a vez de participar com outra criança, quatro crianças conseguiram fazê-lo sozinhas mas duas das crianças necessitaram de orientação para o fazer. Numa das situações fomos nós a orientar a participação, no caso do Tiago com o Vicente e o Salvador, mas no caso da Daniela, foi a Tânia a desempenhar esse papel de dizer à Daniela para colocar a peça. Algumas das vezes era até ela que acabava por colocar, situação tivemos de chamar a atenção que cada criança é que tinha de colocar a peça.

Actividade 8: jogos de mesa - legos

Data: 27/02/09

Alunos: pequeno grupo - António, Daniel, Tomé, Fátima, Mariana, Bernardo

Enquadramento da actividade: aprendizagem para brincar nas áreas de actividade, nomeadamente na área dos jogos e iniciação da partilha de materiais

Objectivos:

- ✚ Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais
- ✚ Alternar as vezes de participar com outra criança

Material: legos

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Dizer a uma das crianças que vai brincar com o(a) amigo(a) que ele escolher.
- Explicar-lhes que vão fazer um comboio ou uma torre em que cada um põe uma peça de lego de cada vez, até acabarem as peças todas.
- Quando terminarem, dizer-lhes para arrumarem as peças no sítio delas.

No quadro 12 registámos o desempenho das crianças relativamente a esta actividade, tal como se mostra em seguida.

Quadro 12 - Avaliação das crianças na actividade 8

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	⊗	☺	●	∅	∅	∅	∅	☺	☺	∅	●	∅	∅	∅	☺	∅	☺	∅	∅	∅	∅	∅
Alterna as vezes de participar com outra criança	⊗	☺	●	∅	∅	∅	∅	☺	☺	∅	●	∅	∅	∅	☺	∅	☺	∅	∅	∅	∅	∅

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ∅ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação da actividade:

Nesta actividade participaram seis crianças, que escolheram a área dos jogos para brincar. Quando solicitámos às crianças para escolherem o colega com quem queriam jogar, a Fátima escolheu jogar com a Maria, o Bernardo escolheu o Rodrigo e o António disse que não queria brincar com ninguém, pelo que pedimos ao Bernardo, para o Daniel brincar com ele e com o Rodrigo. Não conseguimos que o António participasse apesar de no início ter escolhido brincar na área dos jogos, quando lhe pedimos para jogar com um dos colegas levantou-se e foi para a casinha, dizendo que já não queria fazer jogos. Desta forma, surgiu a necessidade de criarmos mais um símbolo para a grelha de avaliação, o item com a designação não fez, que foi o que aconteceu com o António nesta situação.

Durante a actividade, cinco crianças conseguiram brincar com outras utilizando os legos e apenas o António não o fez, recusando-se a jogar na área que inicialmente tinha escolhido. Quanto a alternar a vez com outra criança, quatro crianças conseguiram fazê-lo, uma necessitou de ajuda e uma não o fez. A Fátima conseguiu alternar a vez de participar com a Maria, embora o Eduardo, que entretanto estava a brincar na garagem, tenha vindo deitar as peças de lego para o chão, provocando alguma confusão na mesa. O Daniel acabou por jogar com o Rodrigo e com o Bernardo mas continuando com grandes dificuldades em perceber a sua vez de jogar, porque novamente acabaram por estar três crianças em vez de duas. Acabámos por alternar a vez de jogar com o Daniel e no jogo connosco, ele conseguiu alternar algumas vezes sem que fosse necessário dar-lhe indicação para o fazer. De qualquer modo, como ainda necessitou da nossa orientação, continuámos a considerar que alterna a vez de participar mas com ajuda.

Avaliação e reflexão semanal

Nas duas últimas intervenções deste mês, continuámos a trabalhar os objectivos de brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e alternar as vezes de participar com outra criança, utilizando os jogos de encaixe e os “legos”. A informação sobre o desempenho das crianças ao longo das duas actividades desenvolvidas durante a semana, encontra-se registada no Quadro 13.

Quadro 13 - Avaliação das crianças de 23 de Fevereiro a 27 de Fevereiro

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Jogos de mesa – jogos de encaixe	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	●	○	☺	○	○	○	○	○	○	●	○	☺	○	○	○	○	☺	○	☺	☺	☺
	Alterna as vezes de participar com outra criança	●	●	○	☺	○	○	○	○	○	○	●	○	☺	○	○	○	○	☺	○	☺	☺	☺
Jogos de mesa – legos	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	⊗	☺	●	○	○	○	○	☺	☺	○	○	○	○	○	☺	○	☺	○	○	○	○	○
	Alterna as vezes de participar com outra criança	⊗	☺	●	○	○	○	○	☺	☺	○	○	○	○	○	☺	○	☺	○	○	○	○	○

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Esta semana, participaram doze crianças nas actividades orientadas, em situação de pequeno grupo em que seis participaram na primeira actividade e outras seis participaram na segunda. Continuámos a proporcionar oportunidades para que as crianças brincassem utilizando o mesmo material e que alternassem a sua vez de participação no jogo com outra criança. Durante as situações de intervenção realizadas esta semana, houve oito crianças a conseguirem alcançar ambos os objectivos propostos. A nossa intervenção eduziu-se à explicação inicial e depois algumas crianças conseguiam participar de acordo com o que lhes era pedido e ajudar outras, como foi o caso da Tânia, que inicialmente, na primeira actividade, disse à Daniela quando tinha de colocar a peça e assim ajudou-a a conseguir perceber como fazer e a fazê-lo sozinha no final. Na segunda actividade da semana, embora o António tenha escolhido a área dos jogos para brincar, não realizou a actividade que estava proposta. Quando lhe pedimos que jogasse com outro colega, levantou-se e foi para outra área de actividade, não chegando a concretizar a actividade e daí a necessidade de adoptarmos um

novo símbolo para a legenda do Quadro onde registámos a avaliação, relacionado com a situação de não fazer e que inicialmente não tínhamos previsto.

A nível da família

A tarefa que o Daniel desenvolveu em família durante esta semana foi brincar com a mãe para alternar a vez de participar num jogo que tivesse lá em casa. Na sua observação/avaliação a mãe referiu que escolheu um jogo que o Daniel tinha em casa parecido com a placa e os pregos que usava na escola e que conseguiu alternar a vez de jogar com a mãe. Além disso, como foi a semana de Carnaval a mãe referiu que só jogaram três dias.

4.2.2.5 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Fevereiro

Depois de efectuarmos as intervenções previstas ao longo do mês de Fevereiro, organizámos a informação recolhida durante as actividades semanais, numa grelha mensal que permitisse a leitura global dos objectivos que as crianças conseguiram ou não atingir ao longo deste mês. O objectivo desta leitura global foi podermos ter uma referência relativamente ao desempenho das crianças do grupo e reflectirmos sobre elas de modo a estabelecer considerações que nos ajudassem a planificar as próximas actividades. Ao mesmo tempo, a leitura do quadro mensal permitiu-nos observar a evolução conseguindo-se distinguir a participação das crianças de uma forma global nas actividades propostas, tal como se demonstra no Quadro 14.

Quadro 14 - Avaliação do grupo no mês de Fevereiro

Nome da actividade	Semana	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Jogos de mesa - cubos	2 a 6 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø
		Alterna as vezes de participar com outra criança	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø
Jogos mesa placa e pregos	2 a 6 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	Ø	Ø	●	Ø	●	☺	☺	☺	●	☺	●	Ø	☺	Ø	☺	Ø	Ø	Ø	●	●	Ø	Ø

		Alterna as vezes de participar com outra criança	☐	☐	●	☐	●	☺	☺	☺	●	☺	●	☐	☺	☐	☺	☐	☐	☐	●	●	☐	☐
Jogos de mesa – jogos de encaixe	9 a 13 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	☹	☐	●	☐	☺	☺	☐	☺	☐	☐	●	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☺	☐	☺	☐
		Alterna as vezes de participar com outra criança	☹	☐	●	☐	☺	☺	☐	☺	☐	☐	●	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☺	☐	☺	☐
Jogos de mesa - enfiamentos	9 a 13 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
		Alterna as vezes de participar com outra criança	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jogos de mesa - cubos	16 a 20 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	☐	●	☺	☺	☐	☐	☐	☺	☐	☐	●	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐	●	☐	☐	☺
		Alterna as vezes de participar com outra criança	☐	●	☺	☺	☐	☐	☐	☺	☐	☐	●	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐	●	☐	☐	☺
Jogos de mesa – placa e pregos	16 a 20 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	●	●	●	☐	☺	☺	☺	☐	☐	●	☺	●	☺	☐	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐
		Alterna as vezes de participar com outra criança	●	●	●	●	☐	☺	☺	☺	☐	☐	●	☺	●	☺	☐	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Jogos de mesa – jogos de encaixe	23 a 27 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	●	●	☐	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐	●	☐	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☺	☺	☺
		Alterna as vezes de participar com outra criança	●	●	☐	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐	●	☐	☺	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☺	☺	☺
Jogos de mesa – legos	23 a 27 Fev.	Brinca com outra criança utilizando os mesmos materiais	⊗	☺	●	☐	☐	☐	☐	☺	☺	☐	●	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
		Alterna as vezes de participar com outra criança	⊗	☺	●	☐	☐	☐	☐	☺	☺	☐	●	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ☐ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Ao efectuarmos a análise global das actividades desenvolvidas durante este mês, de acordo com o quadro 14, podemos verificar que das oito actividades propostas, foram avaliados objectivos relativamente a sete, uma vez que uma das actividades não se concretizou da forma inicialmente prevista. Os objectivos propostos para as actividades

desenvolvidas ao longo do mês foram iguais, queríamos que as crianças conseguissem brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e alternassem a sua vez de participar com outra criança.

Pela leitura do quadro, podemos verificar que a participação das crianças foi sempre realizada em pequeno grupo, de no máximo, seis crianças. Assim, as crianças que têm o símbolo Ø, estiveram nesse tempo, dedicadas a outras áreas de actividade, uma vez que a actividade orientada não era dirigida para elas. Esta forma de participação das crianças na actividade orientada em pequenos grupos, permitiu-nos orientar a brincadeira das crianças, tendo em vista os objectivos propostos e de acordo com a necessidade de orientação das crianças para alternarem a sua vez de participar. Esta situação, inviabilizou a avaliação da participação de todas as crianças na actividade e por esse mesmo motivo algumas das actividades foram repetidas para proporcionar essa oportunidade a todas as crianças do grupo.

Das 22 crianças, 11 conseguiram atingir os dois objectivos propostos durante o mês, sendo capazes de brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais e de alternar a sua vez de participar. Por outro lado, 9 crianças das 22, apenas conseguiram concretizar sozinhas, um dos objectivos propostos, necessitando de ajuda no outro, que era efectivamente, conseguir alternar a vez de participação. O Daniel, por exemplo, até ao final do mês conseguiu brincar com outros colegas utilizando os mesmos materiais, mas continuou a necessitar de ajuda para alternar a sua vez de participar e foi prematuro a realização da actividade com outros dois colegas, dada a manifesta dificuldade que ainda se verificava em alternar a sua participação com uma outra criança. De qualquer modo, foi uma oportunidade para o percebermos e podermos tirar partido dessa informação no planeamento de situações futuras. Relativamente ao António, há a referir que nas duas situações que lhe sugerimos, não realizou o que era pedido apesar de termos procurado um material de jogo que fosse do seu interesse, não primeira situação não conseguiu fazê-lo e na segunda recusou. Na maioria das situações descritas em que a criança conseguiu concretizar a actividade com ajuda, houve o apoio do adulto sobretudo através de indicações verbais para a concretização do que era proposto.

Durante este mês, podemos ainda a referir a ausência da Lúcia, uma das crianças do grupo, que se prolongou durante algum tempo, visto que a mãe se encontrava em casa a gozar de licença de maternidade. Esta informação está relacionada com o facto de termos

considerado importante a anotação do registo das crianças que faltaram durante o dia de realização de actividade, para podermos ter em conta a sua participação.

Para o mês de Março, propusemos adequar as actividades de modo a que todas as crianças do grupo pudessem realizá-las, não restringindo a participação da actividade apenas a um grupo de crianças mas proporcionando-a a outras e alargar a outro tipo de actividades relativas às diversas áreas de conteúdo da educação pré-escolar. Também chegámos à conclusão de que o tipo de avaliação que estávamos a realizar no final de cada actividade estava a ser muito redutor, não havendo lugar a reflexão como parte integrante nas propostas para actividades posteriores pelo que procurámos melhorar este aspecto no mês de Março. Reflectimos ainda sobre a possibilidade de podermos realizar a avaliação com as crianças do grupo. Apesar da faixa etária em que se encontravam, procurámos arranjar estratégias em que também elas pudessem participar nesta fase do processo, proporcionando-lhes essa a oportunidade.

Achamos importante referir ainda que no final deste mês, a mãe do Rodrigo faleceu, vítima de doença, uma situação que além da consternação que provocou entre toda a comunidade escolar, provocou alguma instabilidade relativamente à situação individual do Rodrigo e do seu irmão mais velho, a frequentar o 1º ciclo, uma vez que os pais se encontravam separados e os dois irmãos viviam apenas com a progenitora. Esta situação surge referida neste contexto por ser um factor de necessidade especial de atenção em relação ao Rodrigo e à sua evolução relativamente a todas as alterações vivenciadas no seu ambiente familiar.

Relativamente às actividades realizadas a nível da família realizaram-se ao longo deste mês, três actividades que consistiram na realização de tarefas a realizar em casa pela família do Daniel, para o ajudar a imitar movimentos com a boca, a exercitar os movimentos das mãos e dos dedos e a treinar a sua vez de participar num jogo. A família procurou colaborar, na realização destas tarefas, dando feed-back de como tinham corrido as tarefas realizadas e se o Daniel as tinha conseguido efectuar ou não.

A nível do contexto escolar há a referir, uma actividade realizada com os outros grupos, durante este mês, que foi o desfile de Carnaval e que envolveu vários grupos da instituição.

4.2.2.6 Semana de 2 de Março a 6 de Março

A nível do grupo

Para esta semana procurámos realizar actividades em que um maior número de crianças tivesse oportunidade de participar. Assim, as duas actividades propostas para esta semana, foram uma actividade colectiva de expressão plástica, a realização de um desenho colectivo em papel de cenário e uma actividade de expressão dramática, a dramatização de uma história popular “Lobo e os Sete Cabritinhos”. O objectivo comum para ambas as actividades era as crianças esperarem pela sua vez de participação na actividade. Na actividade de desenho procurámos ainda trabalhar com as crianças a colocação do lápis na mão e na actividade de dramatização procurámos que as crianças fossem capazes de participar na dramatização.

Actividade 9: Desenho em papel de cenário

Data: 03/03/09

Alunos: grupo – participação em grupos de 3

Enquadramento da actividade: actividade colectiva de expressão plástica

Objectivos:

- ✚ Pegar no lápis entre o polegar e o indicador fazendo rabiscos
- ✚ Esperar pela sua vez na área de actividade

Material: papel de cenário, lápis de cor e lápis de cera

Quantas vezes: 2 vezes

Tempo: 45 minutos

Como fazer:

- Durante a programação com as crianças, das actividades que vão realizar durante a manhã, explicar-lhe que vão poder fazer um desenho no papel de cenário mas que só poderão fazer o desenho três crianças de cada vez, por isso vão ter de esperar um pouco que as chame a participar.
- Chamar 3 crianças de cada vez e pedir-lhes para escolherem o lápis que querem usar.
- Em seguida, ajudar as crianças que têm dificuldades a segurar o lápis, mostrando-lhe como fazer, ajudando a colocá-lo na mão da criança de forma correcta.

- Deixar as crianças explorar os lápis de várias cores, incentivando-as a realizar rabiscos circulares, linhas, etc.
- Conforme as crianças vão acabando o desenho, chamar outras crianças para o lugar delas.

Para observarmos o desempenho das crianças ao longo da actividade, organizámos a informação tal como se demonstra no quadro 15.

Quadro 15 - Avaliação das crianças na actividade 9

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Pega no lápis entre o polegar e o indicador	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Espera pela sua vez na área de actividade	●	☺	☺	☺	☺	☹	☹	☹	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Enquanto as crianças se mantinham nas áreas de actividade da sala, íamos chamando três crianças de cada vez, para fazerem o desenho no papel de cenário. Para concretizarmos a actividade desta forma, as crianças necessitaram de mais tempo do que aquele que tínhamos previsto à partida (45 minutos) para realizar a actividade, pelo que continuámos a actividade no dia seguinte para que todas as crianças tivessem oportunidade de a realizar. A maior dificuldade que as crianças tiveram na realização da actividade relacionou-se com o facto de terem dificuldade em esperar pela sua vez, o que fez com que algumas delas perguntassem constantemente “E eu?”, nomeadamente o Diogo e o Eduardo, que choraram até ser a sua vez. Assim, houve necessidade de explicar várias vezes que tinham de esperar um bocadinho pela sua vez, mas foi difícil aguardarem este tempo de espera, embora, enquanto umas crianças estavam a fazer a actividade as outras pudessem estar a brincar nas áreas de actividade da sala.

Pela observação do quadro 15, podemos verificar que dezoito crianças participaram na actividade e quatro crianças faltaram neste dia. De todas as crianças que participaram onze conseguiram pegar no lápis entre o polegar e o indicador e sete necessitaram de ajuda para o fazer. A ajuda para as crianças com dificuldade em segurar o lápis foi sobretudo física, embora depois tentássemos que o segurassem correctamente dizendo-lhes para segurarem

como tínhamos feito da primeira vez. O Daniel, segurou o lápis rabiscando com a mão toda e não conseguiu pegar no lápis entre o polegar e o indicador sem a ajuda física. Apesar de querer participar no desenho desinteressou-se quando o tentámos ajudar a segurar no lápis, fazendo birra. Quando rabiscou de forma livre também se desinteressou passado pouco tempo. Relativamente ao objectivo proposto de esperar pela sua vez, quinze crianças necessitaram de ajuda para conseguirem esperar pela sua vez, sobretudo através das indicações que lhes íamos dando. No entanto, três crianças não conseguiram mesmo esperar, como foi o caso do Diogo, do Eduardo e do Daniel, que choraram enquanto não os chamámos para efectuar o desenho, apesar de lhes tentarmos explicar que tinham de esperar.

Para a próxima actividade sugerimos a utilização dos marcadores que têm cores mais vivas e atractivas e deslizam mais facilmente no papel de cenário. Este objectivo tão específico como pegar no lápis ou marcador tornou-se inadequado para uma actividade deste género. Um objectivo destes seria mais adequado para trabalhar individualmente, com orientação verbal e física para as crianças que dela necessitassem.

Ao realizarmos a avaliação da actividade com algumas das crianças, a avaliação daquilo que mais gostaram de fazer foi o desenho no papel “grande” e aquilo de que não gostaram foi de estar à espera.

Actividade 10: Dramatização da história “O Lobo e os 7 Cabritinhos”

Data: 05/03/09

Alunos: Bernardo, Diana, Diogo, Daniel, Joaquina, Maria, Sílvia, Tiago, Vicente

Enquadramento da actividade: actividade colectiva de expressão dramática

Objectivos:

✚ Participar na dramatização da história

✚ Esperar pela sua vez em grande grupo

Material: livro da história “O Lobo e os 7 Cabritinhos”

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Na hora da história, na área de grande grupo realizar a leitura da história tendo em atenção o facto de virar sempre o livro com as imagens para as crianças.
- Depois de contar a história dizer às crianças que vamos fazer o “teatro” da história.

- À medida que se vai recontando a história vai-se perguntando a uma criança de cada vez se quer “ser” a personagem a seguir.
- Cada criança poderá participar na dramatização imitando gestos, imitando sons, repetindo pequenas frases ou mesmo verbalizando frases que já consiga transmitir sem a ajuda do adulto, de acordo com o que é capaz de fazer.

No quadro que se segue encontra-se o registo do desempenho das crianças relativamente a esta actividade.

Quadro 16 - Avaliação das crianças na actividade 10

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivo																						
Participa na dramatização da história	●	☺	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	☺	☺	●	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺
Espera pela sua vez em grande grupo	●	☺	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	☺	☺	●	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

À medida que recontámos a história, depois de termos feito a leitura, fomos pedindo a uma criança de cada vez que executasse pequenos gestos para participarem na história. A Joaquina, desempenhou o papel de mãe dos Cabritinhos, a Diana, o Bernardo, o Daniel, a Irene, a Maria, o Tiago e o Vicente foram os Cabritinhos e o Diogo foi o Lobo. Nesta actividade não participaram todas as crianças, pelo que na próxima actividade de dramatização vamos procurar que outras tenham oportunidade de o fazer.

Esta foi uma actividade que as crianças gostaram de realizar e que permitiu que participassem de vários modos, de acordo com o que foi sugerido no “como fazer”. A Joaquina e o Diogo repetiram pequenas frases da história à medida que as íamos verbalizando, o Daniel imitou os nossos gestos quando lhe pedimos para o fazer e foi “esconder-se” dentro do armário tal como uma das personagens da história quando lho pedimos. As outras crianças imitaram sons e repetiram palavras.

Como podemos ver pelo quadro 16, faltaram quatro crianças neste dia e das nove crianças que participaram na dramatização da história, todas conseguiram participar de acordo

com o que lhes foi solicitado. Três delas conseguiram esperar sozinhas pela sua vez e seis precisaram da indicação do adulto para conseguirem esperar pela sua vez.

Na avaliação realizada com as crianças o que mais gostaram foi de ver as “pedras na barriga do lobo” (realizado com almofadas na barriga de uma das crianças). O que não gostaram foi o lobo ter ido atrás dos cabritinhos.

Avaliação e reflexão semanal

Durante esta semana realizámos duas actividades em que várias crianças tiveram oportunidade de participar. Na primeira actividade as crianças participaram em pequenos grupos de três e na segunda actividade participaram individualmente, conforme íamos solicitando a sua participação. O objectivo comum delineado para as duas actividades foi esperar pela sua vez.

No quadro seguinte encontra-se registado o desempenho das crianças nas duas actividades desta semana.

Quadro 17 - Avaliação das crianças de 2 de Março a 6 de Março

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Desenho em papel de cenário	Pega no lápis entre o polegar e o indicador	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez na área de actividade	●	☺	☺	☺	☺	☹	☹	☹	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Dramatizaçã o Lobo e 7 Cabritinhos	Participa na dramatização da história	●	☺	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	☺	☺	●	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺
	Espera pela sua vez em grande grupo	●	☺	●	Ø	☺	☺	Ø	☺	Ø	Ø	●	☺	Ø	☺	☺	●	Ø	Ø	Ø	☺	Ø	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Durante esta semana realizámos duas actividades diferentes proporcionando uma situação de desenho colectivo cujos objectivos prendiam-se com pegar no lápis entre o polegar e o indicador e esperar pela sua vez e uma situação de dramatização, cujos objectivos eram participar na dramatização da história e esperar pela sua vez.

Na primeira actividade da semana, todas as crianças presentes participaram e onze delas conseguiram pegar correctamente no lápis para fazer o desenho e sete necessitaram de alguma ajuda para o fazer, inicialmente ajuda física para o colocarem correctamente e depois

indicação verbal. Relativamente ao objectivo de esperar pela sua vez, foi necessário explicarmos por várias vezes que só podiam estar três meninos a fazer o desenho de cada vez. O Diogo, o Eduardo e o Daniel não conseguiram mesmo esperar, começando a chorar e o Daniel acabou por se desinteressar quando o procurámos ajudar. A reflexão e avaliação da actividade levou-nos a perceber que este tipo de actividade não deve contemplar objectivos tão específicos como pegar no lápis e que o tempo de espera terá de ser dinamizado de outra forma para que as crianças consigam aprender a esperar. A avaliação que as crianças fizeram foi baseada no que gostaram e no que não gostaram de fazer, gostaram de fazer o desenho no papel de cenário mas não gostaram de estar à espera para o fazer.

Na segunda actividade da semana, nove crianças participaram na dramatização e três delas conseguiram esperar pela sua vez para participar, o Bernardo, a Diana e a Joaquina, só participaram quando lhes dávamos indicações para o fazer. O Diogo, o Daniel, a Irene, a Maria, o Tiago e o Vicente com a nossa ajuda, para lhe indicar quando tinham de realizar alguma acção, também conseguiram esperar pela sua vez de participação embora com ajuda.

A nível da família

Durante esta semana, no dia 2 de Março, comemorámos o aniversário do Daniel, ele fez quatro anos no dia 1 de Março. A mãe, a tia e o primo foram ao jardim-de-infância, levaram um bolo de aniversário para lhe cantarmos os parabéns e festejarmos esta data. No dia 3 de Março, realizámos uma reunião conjunta entre a educadora titular, a educadora de intervenção precoce e a mãe do Daniel, para fazermos um ponto de situação relativamente a como tem estado a evoluir o Daniel. Na reunião trocámos informações sobre o desempenho do Daniel, quer na escola quer em casa e verificámos que o Daniel já atingiu alguns dos objectivos planeados, pelo que foram delineados outros objectivos, para continuarmos a trabalhar. Assim, o Daniel já conseguia construir torres com cinco cubos e dizer o seu nome ou diminutivo a pedido. Ainda para continuar a trabalhar encontravam-se os objectivos de puxar as cuecas e as calças para cima quando ia à casa de banho, brincar com duas ou três crianças e imitar movimentos circulares.

No dia 6 de Março, propusemos uma colaboração às famílias das crianças através da sua participação com a realização de um pequeno trabalho de casa. Este trabalho devia ser em suporte de papel e pretendia mostrar às crianças as profissões dos elementos com quem viviam. Das famílias das vinte e duas crianças, foram entregues doze trabalhos relativos a

quinze crianças do grupo realizados das mais variadas formas. Alguns realizados em desenho, outros com pintura, outros com colagens, que mostraram a variedade existente nas profissões dos elementos da família de cada uma das crianças. Quando as crianças trouxeram os trabalhos, mostrámo-los ao grupo e conversámos sobre a diversidade de funções e de locais onde os elementos das famílias trabalhavam.

4.2.2.7 Semana de 9 de Março a 13 de Março

A nível do grupo

Uma das actividades propostas para esta semana esteve relacionada com a realização da prenda para comemoração do dia do pai, que envolveu a técnica de modelagem em massa de sal e a outra foi um jogo de grupo recorrendo à utilização dos blocos lógicos. Os objectivos propostos para a primeira actividade foram fazer bolas/rolos em massa de sal e brincar com outras crianças utilizando o mesmo material e para a segunda foram identificar a cor/forma geométrica e esperar pela sua vez.

Actividade 11: Modelagem em massa de sal

Data: 10/03/09

Alunos: grupo 3 anos

Enquadramento da actividade: actividade inserida na preparação da prenda para a comemoração do Dia do Pai

Objectivos:

- + Fazer bolas/rolos em massa de sal
- + Brincar com outras crianças utilizando o mesmo material

Material: farinha, sal, óleo, água, alguidar

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 45 minutos

Como fazer:

- Na primeira parte da actividade o adulto vai misturando todos os ingredientes à medida que os vai mostrando às crianças e procurando obter uma massa homogénea e maleável.
- Depois, o adulto distribui um pouco de massa por cada mesa e pede a cada uma das crianças que tire um bocado de massa, ajudando nesta tarefa.

- Deixar que as crianças explorem livremente a massa com as mãos e com os dedos, exemplificando como podem mexer na massa.
- Em seguida, perguntar às crianças quem é capaz de fazer bolas com a massa e pedir às crianças para fazerem bolas ou rolinhos.
- Quando acabarem, as crianças devem deixar a massa e o trabalho que realizaram em cima da mesa para o adulto identificar para posteriormente e ir ao forno para cozer.

A informação sobre o desempenho das crianças durante a actividade, encontra-se registada no quadro que se segue.

Quadro 18 - Avaliação das crianças na actividade 11

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivo																						
Faz bolas/ rolo com massa de sal	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺
Brinca com outras crianças utilizando o mesmo material	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Depois de misturarmos todos os ingredientes para fazer a massa e de os amassarmos numa mistura mais ou menos homogénea, pedimos às crianças para retirarem pequenos bocados da massa, para depois utilizarem. As crianças começaram por tirar bocados de massa tão pequenos que tivemos de ajudá-las a realizar esta tarefa. Todas as crianças que estavam presentes neste dia participaram na actividade e embora duas delas, a Daniela e a Diana, não gostem muito de sujar as mãos, todos experimentaram mexer na massa sem problemas. Algumas das crianças mexeram e começaram a fazer pequenos objectos que diziam ser “pizzas” e depois foram várias as que continuaram a fazer a base que espalmavam e depois colocavam pequenos bocadinhos de massa em cima desta base para fazer a “pizza”.

De acordo com o quadro 18, podemos ver que participaram dezanove crianças na actividade e três crianças do grupo se encontravam a faltar. Das crianças que participaram onze conseguiram fazer bolas ou rolos com a massa de sal e oito necessitaram de ajuda para o fazer. Foi difícil para oito das crianças fazerem, quer as bolas em massa, quer os rolos e por

essa razão, ajudámo-las fisicamente a fazerem os movimentos com as mãos e exemplificámos como podiam fazer. Não efectuámos o registo do desempenho das crianças relativamente ao objectivo proposto inicialmente de brincar com outra criança utilizando o mesmo material, porque as crianças não necessitaram de o partilhar por cada uma delas tinha um pedaço diferente para modelar.

A avaliação que as crianças fizeram da actividade foi que gostaram muito de mexer na massa, mas não gostaram que o Daniel pusesse a massa na boca e que o Eduardo e o Tiago deitassem a massa para o chão. Após a realização destes objectos em massa de sal houve continuidade com a pintura destes objectos realizados pelas crianças, depois de terem sido cozidos no forno. Os objectos realizados foram então colados numa mola de madeira e todos envernizados para servirem de clip e serem uma lembrança para oferecer.

Actividade 12: Jogo de grupo com blocos lógicos

Data: 13/03/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: actividade em grupo para iniciação à identificação das formas geométricas

Objectivos:

- ✚ Identificar, apontando a cor pedida (amarelo, vermelho)
- ✚ Identificar, apontando a forma geométrica (círculo, quadrado e triângulo)
- ✚ Esperar pela sua vez

Material: blocos lógicos, tabuleiro

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 20 minutos

Como fazer:

- Na área de grande grupo dizer às crianças que vamos fazer um jogo com os blocos lógicos e que neste jogo vão ter de esperar pela sua vez.
- Seleccionar as formas geométricas antes de cada criança jogar e colocá-las no tabuleiro. (2 peças forma igual e cor diferente e depois 3 peças de cor igual e forma diferente).
- Realizar um pedido de cada vez a cada criança. Para as crianças cujo objectivo é identificar a forma, utilizar várias formas de uma cor só. Para o Daniel, usar duas peças, com a mesma forma, mas com duas cores e pedindo que ele dê uma delas de acordo com a cor pedida.

Relativamente a esta actividade, registámos o desempenho das crianças em quadro, tal como se mostra em seguida, no quadro 19.

Quadro 19 - Avaliação das crianças na actividade 12

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Identifica a cor pedida apontando	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺
Identifica a forma geométrica pedida apontando	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺
Espera pela sua vez	☹	●	☺	☺	☺	☺	☹	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Esta foi uma das actividades que realizámos para iniciação da identificação das formas geométricas. Iniciámos a actividade na área de grande grupo, com todas as crianças presentes e apesar de se terem mantido sentadas na área de grande grupo enquanto esperavam pela sua vez para jogar, ao fim de 20 minutos continuámos a actividade, mas com um grupo mais pequeno de crianças que ainda não tinham participado, enquanto as outras foram brincar para as áreas de actividade que tinham escolhido previamente. Verificámos que o tempo de atenção das crianças não permitia que conseguissem estar mais tempo sentadas à espera e desta forma alterámos a situação inicial de grande grupo para uma situação de pequeno grupo para tentar concretizar o jogo com todas as crianças.

Nesta actividade participaram dezanove crianças porque três crianças do grupo se encontravam a faltar. Das crianças que participaram, de acordo com a informação registada no quadro 19, dezoito conseguiram identificar a peça da cor pedida e uma criança, o Daniel, só o conseguiu fazer com ajuda. O Daniel não conseguiu identificar a cor pedida, teve dificuldades e por esse motivo necessitou de ajuda. A ajuda concretizou-se através da selecção de uma peça de entre duas, com a mesma cor e só depois duas peças com duas cores. O pedido foi sempre a peça de cor amarela, cor que o Daniel tinha trabalhado noutras ocasiões individualmente, mas cuja aprendizagem ainda não se encontrava generalizada. Quanto à identificação da forma geométrica, sete crianças conseguiram fazê-la, mas doze necessitaram de ajuda para o fazer, concretizámos a ajuda pedindo às crianças para nos apontarem uma

peça com a forma igual à que lhes mostrávamos. Relativamente a esperar pela sua vez, as crianças necessitaram que se modificasse a situação de grande para pequeno grupo para que se mantivessem à espera. Desta forma necessitaram de ajuda para o fazer e mesmo assim, duas das crianças, o António e o Eduardo não conseguiram mesmo esperar. O António e o Eduardo não conseguiram esperar pela sua vez para jogar apesar de terem mudado de lugar na área de grande grupo, e quando mudaram para a situação em que mantivemos um pequeno grupo, continuavam a brincar fazendo caretas, beliscando os colegas ou dizendo palavras inventadas.

Para facilitar a aprendizagem da identificação de formas geométricas, como proposta para uma actividade futura será preferível associarmos estas formas antecipadamente com outros objectos que existem na sala, por exemplo, que as crianças procurem nos cantinhos da sala objectos com a forma geométrica pedida, como os pratos da casinha que têm a forma circular, as peças de lego com a forma rectangular, etc. de forma a concretizar as diferentes formas existentes com objectos que utilizam no dia-a-dia.

Quando falámos sobre a actividade que realizaram as crianças referiram ter gostado de brincar com as peças novas mas queriam brincar durante mais tempo. A Maria pediu para brincar outra vez com as peças. Os blocos lógicos são um material que não pertencem à sala, foram emprestados por outra sala da instituição e por esta razão as crianças ainda não tiveram muitas oportunidades para o explorarem e daí referirem que gostavam de brincar mais com estes materiais, que sendo novos na sala, se tornam ainda mais atractivos.

Avaliação e reflexão semanal

As actividades propostas durante esta semana foram diferentes, assim como os objectivos trabalhados. Na primeira actividade da semana pretendíamos que as crianças conseguissem efectuar bolas ou rolos com a massa de sal e brincassem com outras crianças utilizando o mesmo material e na segunda actividade pretendíamos que as crianças esperassem pela sua vez num jogo de grupo utilizando os blocos lógicos e identificassem a cor e a forma das peças de acordo com o que lhes era pedido.

O registo do desempenho das crianças em ambas as actividades encontra-se no quadro que se segue.

Quadro 20 - Avaliação das crianças de 9 de Março a 13 de Março

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Modelagem em massa de sal	Faz bolas/ rolo com massa de sal	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺
	Brinca com outras crianças utilizando o mesmo material	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jogo de grupo c/ blocos lógicos	Identifica a cor pedida apontando	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺
	Identifica a forma geométrica pedida apontando	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez	☹	●	☺	☺	☺	☺	☹	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas actividades proporcionadas durante esta semana, procurámos alargar o número de crianças a participar, tanto na primeira como na segunda actividade participaram todas as crianças presentes nesse dia. Como reflexão para a primeira actividade da semana, consideramos que a definição de objectivos não foi adequada uma vez que as crianças acabaram por não partilhar o material. Embora todas tivessem utilizado o mesmo material, a massa de sal, cada uma delas teve um pedaço para brincar e manusear, e desta forma, não registámos a avaliação relativamente a brincar com outra criança utilizando o mesmo material. Nesta actividade, podemos referir que onze crianças conseguiram fazer bolas ou rolos com a massa como e oito necessitaram de ajuda para o fazer, tal como podemos verificar pela leitura do quadro 20. Na segunda actividade procurámos que as crianças identificassem a cor e a forma geométrica, apontando correctamente de acordo com o que lhes era pedido. Dezoito crianças conseguiram identificar a cor pedida, sete crianças conseguiram identificar a forma geométrica e doze conseguiram-no com ajuda. Para além disso, as crianças necessitaram de ajuda para conseguir esperar pela sua vez para jogar, porque não conseguiram manter-se à espera em grande grupo, pelo que alterámos a situação de grande para pequeno grupo para tentar que o conseguissem fazer.

Na actividade de modelagem da massa de sal, houve maiores oportunidades das crianças interagirem com os pares, para lhes mostrarem o que estavam a fazer, para dizerem o que tinham feito, para falarem com as crianças que estavam no mesmo grupo sobre o que

estava a acontecer. A situação do jogo de grupo com os blocos lógicos não proporcionou tantas oportunidades para esta troca entre as crianças sobre o que estavam a fazer.

A nível da família

Para esta semana a tarefa do Daniel em casa com a família foi rasgar revistas velhas com o objectivo de rasgar com cada vez menos ajuda. Na sua observação/avaliação a mãe referiu que o Daniel continua a ter muitas dificuldades a rasgar, necessitou sempre da sua ajuda e fartou-se muito rapidamente, então a mãe deu-lhe outras coisas para rasgar, jornal e lista telefónica.

Ainda durante esta semana, no dia 10, o pai da Sílvia foi à sala para falar da sua profissão. Levou fotografias, levou o seu equipamento para mostrar às crianças e esteve a conversar com elas e a explicar algumas das suas funções como bombeiro. A ida do pai à sala proporcionou o desenvolvimento de actividades relacionadas com a temática das profissões, tal como os trabalhos realizados pelas famílias na semana anterior.

A nível do contexto escolar com outros grupos

Com a ida do pai da Sílvia à sala, organizámos uma actividade em conjunto com o outro grupo de três anos da instituição, para proporcionar um momento em que as crianças pudessem estar juntas e partilhar a experiência de ouvirem e verem o pai de uma das crianças a falar sobre a sua profissão. Não foi necessário, nenhum tipo de adaptação especial, para proporcionarmos esta actividade, tivemos apenas que nos preocupar com a organização do espaço da sala, afastando o mobiliário e alargando o espaço de grande grupo para que as crianças do outro grupo se pudessem sentar. As crianças dos dois grupos partilharam o espaço e todas as experiências que a ida do pai da Sílvia à sala proporcionou.

4.2.2.8 Semana de 16 de Março a 20 de Março

A nível do grupo

Para esta semana pretendíamos realizar uma actividade de rasgagem e colagem, em que as crianças participassem todas, em pequeno grupo na realização de um trabalho comum e uma actividade de jogo em grupo, como o jogo do lenço.

Actividade 13: Rasgagem e Colagem

Data: 16/03/09

Alunos: pequeno grupo

Enquadramento da actividade: actividade colectiva de expressão plástica inserida na temática desenvolvida depois da vinda de um pai à sala, para falar da sua profissão de bombeiro

Objectivos:

- ✚ Rasgar pequenos pedaços de papel de lustro
- ✚ Participar em pequeno grupo em actividades com outras crianças

Material: papel de lustro de cores variadas, pratinhos para colocar os pedaços rasgados, papel de cenário

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Após as crianças estarem sentadas à mesa explicar que vamos rasgar pedacinhos de papel para colar no “bombeiro” desenhado em papel de cenário.
- Demonstrar como devem segurar no papel para conseguirem rasgar e dizer-lhes que depois de rasgar devem colocar o bocadinho de papel em cima da mesa dentro do “pratinho”.
- Ajudar as crianças que têm algumas dificuldades em rasgar através de ajudas físicas e verbais.
- Pedir a uma criança de cada vez para ir colando os pedaços de papel no local adequado.

No quadro 21 registámos o desempenho das crianças durante a actividade proposta, tal como se mostra em seguida.

Quadro 21 - Avaliação das crianças na actividade 13

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Rasga pequenos pedaços de papel	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Participa em pequeno grupo em actividades com outras crianças	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ☐ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Para realizarem esta actividade as crianças estiveram distribuídas por duas vezes em dois grupos de 5/6 crianças e estiveram a trabalhar sentadas à mesa. As tarefas eram as mesmas, para ambos os grupos que estavam a participar, inicialmente rasgavam o papel de lustro e depois iniciavam a colagem numa das partes do bombeiro desenhado em papel de cenário. O António, o Diogo e o Tiago iniciaram a actividade mas passados alguns minutos diziam que já estavam cansados. Foi necessário apoiarmos cada um deles individualmente, assim como o Daniel, que foi difícil manter-se sentado sem o controlo do adulto.

Como podemos ver no quadro 21, participaram vinte crianças nesta actividade, encontrando-se duas a faltar neste dia. Dez crianças conseguiram rasgar sozinhas, pequenos pedaços de papel de lustro e dez crianças necessitaram de ajuda para conseguir rasgar. O Eduardo chorava e dizia “não consigo” [não consigo] mas quando ficámos ao pé dele, rasgou o papel sem ser preciso ajudá-lo fisicamente bastando apenas dizer para rasgar bocadinhos mais pequenos. Todas as crianças conseguiram participar em pequeno grupo com outras crianças.

Na avaliação que fizeram da actividade, as crianças gostaram de rasgar, mas preferiram a actividade da colagem dos papelinhos rasgados no desenho do bombeiro realizado em papel de cenário sobretudo porque conseguiam observar o produto final e viam os papelinhos a colorir as diferentes partes do desenho e surgiam comentários como os do Bernardo que dizia que também tínhamos de fazer a mangueira para o bombeiro apagar o fogo. Esta actividade esteve relacionada com a ida do pai da Sílvia à sala para falar da sua profissão de bombeiro.

Actividade 14: Jogo do lenço

Data: 19/03/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: jogo de grupo no exterior, para dinamização do espaço de recreio

Objectivos:

- ✚ Participar num jogo de grande grupo
- ✚ Seguir as instruções dadas

Material: lenço

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Durante o tempo de recreio pedir às crianças para fazerem uma roda e depois sentarem-se no chão, explicando o que se vai fazer.
- Lembrar que só a criança que tiver o lenço atrás das costas se pode levantar, tem de apanhar o lenço e correr atrás da criança que o colocou e tem de correr à volta da roda de meninos para se sentar no lugar da criança que se levantou.

Relativamente a esta actividade, registámos o desempenho das crianças durante o jogo do lenço em quadro, tal como se mostra em seguida.

Quadro 22 - Avaliação das crianças na actividade 14

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lucia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivo																						
Participa num jogo de grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Segue as instruções dadas	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Esta actividade foi realizada no espaço exterior, depois de chamarmos as crianças e fazermos uma roda com todo o grupo, pedimos que se sentassem no chão para explicarmos o jogo que íamos fazer. Explicámos que uma criança tinha que levar o lenço na mão e depois deixá-lo cair atrás das costas de um colega. Por sua vez, esse colega tinha que apanhar o lenço e ir atrás da criança que o tinha deixado cair, que tinha de ir para o lugar do colega que se tinha levantado. À medida que as crianças iam jogando íamos dizendo o que tinham de fazer, procurando dar as instruções necessárias.

Como podemos observar pelo quadro 22, participaram vinte e uma crianças neste jogo, porque uma dela se encontrava a faltar. Todas as crianças conseguiram participar no jogo em grande grupo, excepto a Daniela, por ter iniciado uma birra e mesmo quando a chamámos e lhe pedimos que viesse jogar com os amigos, respondeu “não” e começou a gritar. Só mais tarde, quando parou de gritar e depois de os colegas estarem a jogar é que ela se juntou ao grupo. Dez crianças conseguiram seguir as instruções dadas e onze conseguiram seguir as instruções mas com ajuda. Esta ajuda foi concretizada sobretudo a nível físico,

dávamos a mão à criança que estava a jogar e fazíamos o trajecto com ela. O Daniel, por exemplo, foi uma das crianças que necessitou da ajuda física e verbal do adulto para participar na altura de jogar. O António participou no jogo e manteve-se sentado à espera para jogar, o que nem sempre tem conseguido noutras situações.

Podemos referir ainda que neste jogo, é muito importante prevermos tempo de realização suficiente para que todas as crianças possam participar, porque noutras alturas já tínhamos iniciado a realização do jogo e depois as crianças que não conseguiram jogar ficaram a chorar. Neste dia, orientámos as crianças para conseguirmos que todas tivessem oportunidade para participar porque como já referimos ficam tristes e choram se por algum motivo não têm oportunidade de jogar todas.

Quando conversámos com as crianças sobre o jogo que tínhamos feito, referiram que gostaram de fazer este jogo com o lenço, mas não gostaram que a Daniela “portasse mal”. As crianças referiram o comportamento da Daniela como uma situação de que não gostaram.

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana desenvolvemos duas actividades distintas, a actividade de rasgagem e colagem e o jogo do lenço. Na primeira actividade queríamos verificar a participação das crianças e também perceber quais as crianças que eram capazes de rasgar. Na segunda actividade, pretendíamos igualmente verificar a participação das crianças, mas relativamente ao jogo do lenço e observar se as crianças eram capazes de seguir as instruções que iam sendo dadas para participarem no jogo.

Registámos o desempenho das crianças em ambas as actividades no quadro seguinte.

Quadro 23 - Avaliação das crianças de 16 de Março a 20 de Março

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Rasgagem e colagem	Rasga pequenos pedaços de papel	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
	Participa em pequeno grupo em actividades com outras crianças	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Jogo lenço	Participa num jogo de grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Segue as instruções dadas	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas actividades desenvolvidas durante esta semana, proporcionámos situações de aprendizagem em duas áreas diferentes. A primeira actividade da semana foi uma actividade de expressão plástica, de rasgagem em que as crianças participaram num trabalho comum em pequenos grupos. A segunda actividade foi o jogo do lenço proporcionado a todo o grupo.

Como podemos verificar pelo quadro 23, participaram vinte crianças actividade de rasgagem e colagem, porque duas delas se encontravam a faltar. Dez crianças conseguiram rasgar sozinhas e outras dez necessitaram de ajuda para o fazer. Esta ajuda concretizou-se pela ajuda física quando foi caso disso, ou pelas indicações que íamos dando às crianças que manifestavam dificuldades em rasgar. Relativamente ao jogo do lenço, participaram na actividade vinte e uma crianças e dezanove algumas delas conseguiram participar no jogo em grande grupo e duas necessitaram de ajuda, a Daniela e o Daniel que necessitaram de apoio para participar. A Daniela, por causa da birra e o Daniel para perceber quando era a sua vez de jogar. Dez crianças conseguiram também seguir as instruções que iam sendo dadas e onze necessitaram de ajuda para seguir as instruções, que se concretizou pela nossa ajuda física.

A nível da família

A tarefa do Daniel em casa com a família para esta semana foi manusear e ver livros com o objectivo de nomear as imagens do livro. Na observação/avaliação que fez a mãe referiu, que o Daniel prefere os livros com fotografias e dos livros que tem em casa nomeia os objectos, mas é difícil perceber o que diz. Além disso, a mãe referiu que ele gosta de ver as fotografias da família e nomear todas as pessoas.

Ainda durante esta semana, no dia 17, realizámos uma reunião entre educadora titular, mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago e educadora de intervenção precoce para avaliar e reformular os planos de intervenção do Diogo e do Tiago. O Diogo já conseguia pegar no lápis com o polegar e o indicador e descrever dois acontecimentos. O Tiago conseguia calçar as meias e saltar de uma altura de vinte centímetros. Nesta reunião aproveitámos ainda para trocar informações sobre algumas das estratégias utilizadas quer em casa, quer na escola como a utilização do caderno de correspondência entre casa e escola.

No dia 19, para comemorarmos o dia do pai, organizámos a ida dos pais à sala para partilharem um lanche com os filhos e poderem receber a lembrança que estes elaboraram. Nas situações em que o pai não podia estar presente por algum motivo eram convidados outros membros da família para partilharem o lanche connosco. Podemos afirmar que apesar

dos convites efectuados não houve muita participação da família nesta actividade, só compareceram cinco encarregados de educação para o lanche.

4.2.2.9 Semana de 23 de Março a 27 de Março

A nível do grupo

Esta semana queríamos continuar a trabalhar a temática que estávamos a desenvolver, as profissões, pelo que realizámos uma actividade de associação de imagens relacionada com esse mesmo tema e uma actividade de dramatização para proporcionar a oportunidade de participação em actividades deste tipo a outras crianças que ainda não tinham tido oportunidade de participar noutras ocasiões.

Actividade 15: Associação de imagens

Data: 24/03/09

Alunos: pequenos grupos entre 5 a 6 crianças

Enquadramento da actividade: actividade integrada na temática das profissões

Objectivos:

- ✚ Associar a imagem adequada, através da ligação com um traço ou através da colagem da imagem
- ✚ Esperar pela sua vez em pequeno grupo

Material: fotocópias com imagens, estojo individual

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Iniciar a actividade apenas com seis crianças de cada vez, sentadas na mesa para trabalhar.
- Pedir a cada criança que diga qual é o objecto que corresponde a determinada profissão (a colher ao cozinheiro, a mangueira ao bombeiro, etc.).
- Depois de as crianças realizarem a verbalização do que lhes foi solicitado pedir-lhes para fazerem um traço para estabelecer a ligação.
- Para algumas crianças a associação será feita através da colagem do objecto à frente da figura da profissão, para o Daniel a associação será através da procura do “igual” para colar à frente.

O desempenho das crianças durante esta actividade encontra-se registado no quadro 24, tal como se mostra em seguida.

Quadro 24 - Avaliação das crianças na actividade 15

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Associa a imagem adequada	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ☒ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Para realizarmos esta actividade, as crianças encontravam-se distribuídas num grupo de cinco crianças, que se sentaram à mesa para fazer a actividade enquanto as outras crianças se mantinham nas outras áreas de actividade a brincar. Quando as crianças do primeiro grupo terminaram o trabalho proposto, trabalhámos com o segundo grupo de crianças e sucessivamente com o terceiro e quarto grupos. Esta actividade foi realizada com um pequeno grupo de crianças porque exigia que em primeiro lugar seleccionássemos qual o trabalho que cada criança iria realizar em função daquilo que já era capaz de fazer e que também orientássemos o trabalho que cada criança estava a fazer individualmente, dando o nosso apoio sempre que necessário. Assim, a associação das imagens foi realizada de três diferentes maneiras, associação à imagem correcta através da ligação com um traço, associação à imagem correcta através da colagem do objecto correspondente e associação da imagem igual através de colagem. As crianças que apresentavam ainda dificuldade em desenhar uma linha com o lápis, realizaram a colagem.

Como podemos observar pelo quadro 24, participaram vinte crianças nesta actividade porque duas se encontravam a faltar neste dia. Como já referimos a actividade desenvolveu-se com pequenos grupos de cinco crianças e das crianças que participaram, treze conseguiram associar a imagem adequada e sete necessitaram de ajuda para o fazer. Esta ajuda foi concretizada com as nossas indicações verbais sobre as funções do objecto e depois da pergunta sobre quem é que necessitava desse objecto para trabalhar. Mesmo com a associação a ser feita através da colagem das imagens, o António, o Diogo, o Eduardo, o Tiago e a Sílvia demonstraram alguma dificuldade em perceber qual era o objecto adequado a cada profissão.

Ao Daniel, solicitámos que escolhesse a imagem igual às que lhe tínhamos dado. Ele necessitou de ajuda para escolher a primeira figura “igual” mas as outras conseguiu escolher sozinho, com a nossa presença sobretudo para se manter sentado à mesa.

Na avaliação, que efectuámos com as crianças, o Tomé disse que não gostou de fazer o trabalho porque “demorava muito tempo”, a Irene gostou porque podia “pintar os desenhos”.

Actividade 16: Dramatização da história “Carochinha”

Data: 27/03/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: actividade colectiva de expressão dramática

Objectivos:

- ✚ Participar na dramatização da história
- ✚ Esperar pela sua vez em grande grupo

Material: sem material

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 20 minutos

Como fazer:

- Na hora da história, contar a história com recurso a expressão corporal e vocal.
- Depois de contar a história dizer às crianças que vamos fazer a dramatização da história.
- À medida que se vai recontando a história vai-se perguntando a cada criança se quer “ser” a personagem a seguir.
- Cada criança poderá participar na dramatização imitando gestos, imitando sons, repetindo palavras ou pequenas frases ou mesmo verbalizando frases que já consiga transmitir sem a ajuda do adulto, de acordo com o que é capaz de fazer.

A avaliação do desempenho das crianças na actividade pode ver-se no quadro que se segue.

Quadro 25 - Avaliação das crianças na actividade 16

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Luísa	Joaquina	Juliana	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Participa na dramatização da história	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Iniciámos a actividade contando a história da Carochinha sem utilizarmos livro, mas recorrendo à expressão corporal à medida que contávamos. Depois de termos feito contado a história dissemos ao grupo que íamos fazer a dramatização e que cada criança ia fazer o que lhe íamos pedindo. Iniciámos o reconto da história e fomos pedindo a uma criança de cada vez que executasse pequenos gestos, repetisse pequenas frases ou palavras à medida que as chamávamos para participarem na história. Realizámos uma adaptação à história para proporcionar que todas as crianças tivessem oportunidade para desempenhar o seu papel. Assim acrescentámos algumas personagens para todas as crianças poderem participar na dramatização e todas aceitaram colaborar, até a Diana que noutras ocasiões fica um pouco envergonhada aceitou participar no “casamento da Carochinha”.

De acordo com a leitura que podemos fazer do quadro 25 participaram vinte crianças nesta dramatização e encontravam-se duas crianças a faltar. Todas as crianças conseguiram participar na dramatização da história, à sua medida e esperar pela sua vez em grande grupo. Esta foi uma actividade onde todas as crianças do grupo demonstraram interesse e apesar de não haver suporte visual para a história, as crianças conseguiram ouvir a história mantendo a atenção, o que nem sempre acontece. No entanto, o Eduardo e o Rodrigo, por diversas vezes, começaram a brincadeira um com o outro, enquanto nós íamos orientando a dramatização e foi necessário chamá-los à atenção algumas vezes.

Na avaliação feita pelas crianças a Luna disse que “queria ser a Carochinha”, a Joaquina disse que queria fazer mais “teatros”. Na conversa que tivemos com as crianças sobre a dramatização que fizemos prometemos que quando ouvirem as histórias da manhã

com atenção podemos combinar quando fazemos o “teatro”. Esta é uma actividade que todo o grupo gosta de realizar e onde se mantém durante algum tempo à espera da sua vez.

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana realizámos uma actividade de associação de imagens e uma dramatização da história da Carochinha, em que o desempenho das crianças se pode verificar no quadro seguinte:

Quadro 26 - Avaliação das crianças de 23 de Março a 27 de Março

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Assoc. de imagens	Associa a imagem adequada	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Dramatiz. Carochinha	Participa na dramatização da história	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas duas actividades desenvolvidas durante esta semana, trabalhámos em situação de pequeno grupo e em grande grupo. Na primeira actividade as crianças realizaram a uma tarefa em que tinham de fazer a associação de imagens que estavam relacionadas com a temática que estávamos a trabalhar sobre as profissões e nesta actividade, além de associarem a imagem adequada tinham de esperar pela sua vez em pequeno grupo. Na segunda actividade, realizámos a dramatização de uma história popular onde procurámos que as crianças participassem na dramatização e conseguissem esperar pela sua vez em grande grupo.

Como podemos verificar no quadro 26, participaram vinte crianças nas duas actividades da semana e as duas crianças que se encontravam a faltar não participaram em nenhuma delas. Na primeira actividade de associação de imagens, treze crianças conseguiram concretizar a actividade e sete necessitaram de ajuda para o fazer. A ajuda às crianças para perceberem o que lhes era pedido, foi concretizada sobretudo pela explicação da função do objecto a que tinham de fazer corresponder a imagem da profissão. Todas as crianças

conseguiram esperar pela sua vez em situação de pequeno grupo para realizar esta actividade. Relativamente à segunda actividade todas as crianças conseguiram participar na dramatização e todas conseguiram esperar pela sua vez em situação de grande grupo.

A nível da família

Para esta semana, propusemos que a tarefa do Daniel com a família fosse desenhar com um marcador em roll-on, para poder realizar o movimento circular com este material.

Nas observações que fez desta tarefa do Daniel a mãe referiu que o Daniel gostou muito de fazer esta actividade e que o fez sozinho e conseguiu pegar correctamente no marcador.

4.2.2.10 Semana de 30 de Março a 3 de Abril

A nível do grupo

Esta semana continuámos a trabalhar actividades colectivas realizando uma actividade de expressão plástica e uma actividade em grande grupo com uma canção, continuando a trabalhar a participação das crianças nas actividades.

Actividade 17: Trabalho colectivo Primavera

Data: 30/03/09

Alunos: pequenos grupos de 5 crianças

Enquadramento da actividade: actividade colectiva de expressão plástica

Objectivos:

- ✚ Iniciar o corte com tesoura/ realizar rasgagem
- ✚ Participar em actividades de pequeno grupo com outras crianças

Material: papel crepe de várias cores, tesouras de criança, papel de lustro, colas, cartolina

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Após as crianças estarem sentadas à mesa explicar que vamos experimentar cortar com a tesoura e que é necessário ter muito cuidado para não se magoarem.
- Demonstrar como devem segurar no papel para conseguirem cortar e dizer-lhes que depois de cortarem devem colocar o bocadinho de papel em cima da mesa.

- Depois de experimentarem o corte com a tesoura deixar as crianças que preferirem rasgar fazê-lo, em pedacinhos de papel para colar na “flor” desenhada em cartolina.
- Ajudar as crianças na colocação da tesoura e do papel e em rasgar através de ajudas físicas e verbais.
- Depois de todas as crianças terem cortado ou rasgado papel, uma criança de cada vez colocará os pedaços na cartolina onde previamente já colocou cola.

No quadro 27 registámos o desempenho das crianças durante a actividade, como mostramos em seguida.

Quadro 27 - Avaliação das crianças na actividade 17

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Inicia o corte com tesoura	●	○	☺	○	●	○	○	○	○	●	●	●	☺	○	○	○	●	●	☺	○	☺	○
Rasga pequenos pedaços de papel	●	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	●	●	●	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺
Participa em actividades de pequeno grupo com outras crianças	●	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	●	●	●	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Para concretizarmos a actividade, trabalhamos com um grupo de cinco crianças de cada vez, organizando a sua participação no trabalho colectivo. Proporcionámos às crianças a oportunidade de experimentarem a utilização da tesoura, uma de cada vez, mas depois sugerimos que as crianças que preferissem ou por nossa sugestão, fizessem rasgagem para colaborar no trabalho colectivo. Com esta actividade pretendíamos iniciar o corte com tesoura para algumas crianças que já demonstravam querer fazê-lo e já demonstravam maior maturidade na motricidade fina, para as outras crianças pretendíamos que praticassem a rasgagem de papel e que todas participassem na actividade desenvolvida em pequeno grupo, mas em que cada grupo de cinco crianças ia completando partes da flor desenhada em cartolina do tipo duplex.

Como podemos ver pelo quadro 27, participaram quinze crianças nesta actividade, faltando sete crianças neste dia. Das quinze crianças que participaram apenas considerámos a

avaliação do objectivo inicia o corte com tesoura para quatro crianças, que o fizeram com a nossa ajuda física. O Carlos, a Julieta, o Tomé e o Salvador conseguiram cortar com a tesoura, necessitaram de alguma ajuda para colocar correctamente a tesoura e o papel mas depois iam experimentando a fazer sozinhos. As outras crianças do grupo experimentaram o corte com a tesoura mas não o considerámos na avaliação porque efectivamente não iniciaram a aprendizagem com essa finalidade. Relativamente à rasgagem seis crianças conseguiram rasgar sem qualquer tipo de ajuda e nove crianças necessitaram de ajuda para rasgar. O Daniel necessitou de ajuda nesta área devido às dificuldades que demonstrava na rotação do pulso e para ele tornou-se ainda mais difícil tentar segurar na tesoura. Como estavam apenas cinco crianças a realizar a actividade ao mesmo tempo, foi possível ajudá-los individualmente à medida que iam surgindo as dificuldades, com instruções verbais mas sobretudo com apoio físico nos dedos para conseguirem rasgar. Podemos ainda referir que todas as crianças conseguiram participar na actividade em pequeno grupo com outras crianças.

Na conversa com as crianças no fim do dia abordámos o que tínhamos realizado durante a manhã mas as crianças não avaliaram o que gostaram ou não de fazer. A Irene e a Julieta fizeram o registo gráfico da actividade depois da conversa para lembrarmos o que tinham feito durante a manhã.

Actividade 18: Canção “Sra. D. Anica”

Data: 31/03/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: actividade colectiva na área de grande grupo com exploração de vários gestos associados a diversas profissões

Objectivos:

✚ Imitar o adulto ou os colegas

✚ Seguir instruções simples

Material: sem material

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Na área de grande grupo, cantar a canção com as crianças fazendo os gestos.
- Aproveitar os gestos da canção e pedir às crianças que os imitem.

- Pedir a uma criança de cada vez que imite os gestos.

No quadro 28, reunimos a informação relativa ao desempenho das crianças na actividade, tal como se demonstra em seguida.

Quadro 28 - Avaliação das crianças na actividade 18

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Imita os adultos ou os colegas	☹	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☹	☺	☺
Segue instruções simples	☹	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☹	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Na área de grande grupo, em que as crianças se encontravam sentadas nas suas respectivas almofadas, pedimos às crianças para se sentarem em roda. Começámos por relembrar algumas das profissões das quais já tínhamos falado, do bombeiro, do cozinheiro, etc. relembrando o que fazem as pessoas que têm estas profissões. Em seguida perguntámos às crianças como é que o cozinheiro faz quando tem de mexer a comida na panela e efectuámos o gesto, tal como o fizemos para outras profissões (motorista, futebolista, etc.) Cantámos a canção, fazendo os gestos associados que pedimos às crianças para imitarem, primeiro em grande grupo e depois individualmente.

Nesta actividade, de acordo com a informação que registámos no quadro 28, participaram dezasseis crianças, encontrando-se seis a faltar durante este dia. Do total de crianças que participaram na actividade, doze conseguiram imitar os adultos ou os colegas, duas conseguiram com ajuda e duas não conseguiram. Quase todas as crianças conseguiram seguir este género de instruções simples, fazer de conta que é o cozinheiro a mexer a panela, o motorista a conduzir, etc. O Daniel e a Sílvia não conseguiram imitar os gestos quando lhes foi pedido, mas fizeram-no em conjunto com o grupo, daí a nossa consideração de terem feito com a ajuda dos colegas. O António e o Tiago não conseguiram imitar as acções com gestos relativas à música porque brincaram um com o outro “às lutas” que consiste em atirarem-se um para cima do outro. Mesmo depois de os chamarmos à atenção continuaram com a brincadeira. Pedimos às duas crianças que se levantassem e trocassem de lugar, mas mesmo

assim continuavam a provocar-se pelo que lhes pedimos que saíssem da área de grande grupo e se sentassem um pouco à mesa sem estarem um ao pé do outro, desta forma não conseguiram fazer o que lhes foi pedido, nem imitar os gestos do adulto, nem dos colegas, nem conseguiram seguir as instruções. Relativamente a este mesmo aspecto de seguir as instruções dadas, doze crianças conseguiram fazê-lo, duas conseguiram fazê-lo com ajuda e como já referimos outras duas, não conseguiram fazê-lo.

A situação a considerar como reflexão foi o comportamento do António e do Tiago que conseguiu distrair os colegas e inclusive magoar alguns deles e por isso acabarmos por lhes ter pedido que saíssem do local onde estavam, afastando-os um pouco para que parassem com aqueles tipos de comportamento. A avaliação das crianças teve tendência a incidir no facto de não terem gostado que o António e o Tiago fizessem “lutas”, uma situação que interferiu no desenvolvimento da actividade uma vez que se fizeram algumas pausas relacionadas com a nossa intervenção nesta situação

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana realizámos um trabalho colectivo de expressão plástica em que as crianças em pequeno grupo colaboravam num trabalho comum e uma actividade de grande grupo com a exploração de uma canção em que cada criança tinha de seguir as instruções dadas e procurar imitar o adulto ou os colegas. Apresentamos o registo do desempenho das crianças nas duas actividades da semana no quadro que se segue.

Quadro 29 - Avaliação das crianças de 30 de Março a 3 de Abril

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Trabalho colectivo	Inicia o corte com tesoura	●	○	☺	○	●	○	○	○	○	●	●	●	☺	○	○	○	●	●	☺	○	☺	○
	Rasga pequenos pedaços de papel	●	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	●	●	●	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺
	Participa em actividades de pequeno grupo com outras crianças	●	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	●	●	●	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺
Canção D. Anica	Imita os adultos ou os colegas	☹	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☹	☺	☺
	Segue instruções simples	☹	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☹	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas actividades proporcionadas durante esta semana, procurámos que participassem todas as crianças presentes nesse dia, embora na primeira actividade participassem em pequenos grupos e na segunda em grande grupo. Na primeira actividade as crianças realizaram um trabalho colectivo onde proporcionámos às crianças a oportunidade de experimentarem a utilização da tesoura e onde quatro crianças iniciaram o corte com este instrumento. Para além disso, as crianças praticaram a rasgagem participando como já referimos neste trabalho colectivo em pequenos grupos de cinco crianças. Na segunda actividade, com uma canção procurámos que as crianças imitassem os gestos do adulto e dos colegas e que fossem seguindo as instruções à medida que cantávamos a canção.

Como podemos verificar no quadro 29, durante esta semana, houve três crianças que não realizaram qualquer uma das actividades por se encontrarem a faltar, faltaram sete crianças na primeira actividade e seis na segunda. Na primeira actividade participaram quinze crianças e todas conseguiram participar na actividade em pequeno grupo com os seus pares, seis crianças conseguiram rasgar e nove necessitaram de ajuda para o fazer. Relativamente à segunda actividade, houve duas crianças que conseguiram com ajuda imitar o adulto e os colegas e duas crianças que não conseguiram fazer o que lhes era pedido e eu envolveu uma situação de regulação do seu comportamento.

O nosso apoio às crianças que dele necessitaram concretizou-se sobretudo pela ajuda física na primeira situação que envolvia a rasgagem e o início ao corte, à medida que íamos verbalizando o que estávamos a fazer dando indicações às crianças sobre como fazer. Na segunda actividade, o apoio baseou-se nas indicações que íamos à medida que cantávamos, executávamos os gestos e pedíamos às crianças para os repetirem.

Como reflexão desta semana, achamos importante considerar que a primeira actividade em que as crianças contribuíram para um trabalho comum, de acordo com aquilo que conseguiam fazer contribuiu para que desenvolvessem a colaboração entre si e para que também aprendessem a esperar pela sua vez, quando necessitavam da nossa ajuda. Por outro lado a interacção proporcionada com a imitação de gestos entre as crianças e o adulto e a capacidade de seguir instruções são igualmente importantes no desenvolvimento da relação entre as crianças.

A nível da família

A tarefa do Daniel para realizar com a família esta semana foi identificar numa tabela, as expressões de uma criança. O Daniel conseguiu identificar o menino que estava triste, contente, zangado e com frio.

No dia 30, efectuámos uma reunião entre educadora titular, mãe do Daniel e educadora de intervenção precoce para fazer o ponto de situação do programa educativo individual do Daniel e trocar informações sobre como estão a correr as estratégias utilizadas, quer em casa quer na escola. A mãe referiu que estava a correr bem, mas que estava preocupada com a Terapia da Fala. O Daniel chorava e não queria entrar no gabinete da Terapeuta.⁵

4.2.2.11 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Março

Tal como realizámos no mês de Fevereiro, depois de efectuarmos as intervenções relativas ao mês de Março, organizámo-las num quadro conjunto para permitir uma análise global do desempenho das crianças nas actividades desenvolvidas, ajudando-nos a efectuar a avaliação e a permitir-nos a reflexão sobre alguns aspectos a ter em consideração para actividades posteriores. O quadro 30 resume o desempenho das crianças do grupo ao longo do mês.

Quadro 30 – Avaliação do grupo no mês de Março

Nome da actividade/ Semana	Nome	Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Desenho em papel de cenário	2 a 6 Março	Pega no lápis entre o polegar e o indicador	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
		Espera pela sua vez na área de actividade	●	☺	☺	☺	☺	☹	☹	☹	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Dramatiz. história	2 a 6 Março	Participa na dramatização da história	●	☺	●	∅	☺	☺	∅	☺	∅	∅	●	☺	∅	☺	☺	●	∅	∅	∅	☺	∅	☺
		Espera pela sua vez em grande grupo	●	☺	●	∅	☺	☺	∅	☺	∅	∅	●	☺	∅	☺	☺	●	∅	∅	∅	☺	∅	☺
Model.	9 a 13 Março	Faz bolas/ rolo com massa de sal	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺

⁵ O Daniel tinha Terapia da Fala duas vezes por semana, em que à hora de almoço a mãe o levava a uma instituição direccionada para este tipo de intervenção especializada, para beneficiar deste apoio.

Legenda: ☺ Consegui, ☹ Consegui com ajuda, ☹ Não consegui, ✖ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Neste mês continuámos a registar a ausência da Lúcia e algumas situações de faltas, visíveis no quadro 30, que afectaram a participação de algumas crianças nas actividades desenvolvidas. Das dez actividades propostas, todas se concretizaram, abordando objectivos relacionados com a parte académica como, pegar no lápis entre o polegar e o indicador, participar na dramatização, fazer bolas ou rolos com a massa de sal, identificar a cor ou a forma geométrica pedida, rasgar, associar a imagem adequada e iniciar o corte com tesoura. No aspecto relacional, e dada a dificuldade que algumas crianças ainda manifestavam no final do mês de Fevereiro para alternar a sua vez de participação com outras crianças, propusemos actividades que incluíssem situações para esperar pela sua vez em situação de grande e pequeno grupo, participar com outras crianças em actividades de pequeno grupo, participar num jogo de grande grupo e seguir instruções. Ao longo do mês não houve nenhuma criança a conseguir atingir todos os objectivos propostos, pelo que, numa ou outra situação necessitaram de algum tipo de ajuda para o conseguir.

Como podemos verificar pelo quadro 30, na actividade de associação de imagens em pequeno grupo, todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez. Em situação de grande grupo, todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez na actividade de dramatização da história da Carochinha. Nas situações de pequeno grupo, tal como na actividade de rasgagem e colagem, na associação de imagens e no trabalho da Primavera todas as crianças conseguiram participar na actividade em pequeno grupo com outras crianças.

Como reflexão para o mês de Abril, podemos referir que as actividades de dramatização em que as crianças demonstraram conseguir esperar pela sua vez em grande grupo podem revelar-se oportunidades de aprendizagem que contribuam para esse objectivo. As situações de pequeno grupo, em que as crianças mostraram ser capazes de participar na actividade realizada com esta organização, é uma indicação a ter em conta nas propostas de actividades a desenvolver procurando que as crianças possam colaborar em pequenos projectos comuns.

Neste mês solicitámos a participação das crianças na avaliação das actividades, verificámos que nas situações em que existia algum comportamento por parte de uma das crianças em que tivesse havido a intervenção do adulto para regular o seu comportamento, as crianças referiam-no como não tendo gostado dessa situação. São exemplo disso, as situações em que o Eduardo e o Tiago deitaram a massa para o chão, na actividade de modelagem, ou quando o António e o Tiago se envolveram nas “lutas”, na canção da Sra. D. Anica.

Ao nível das actividades realizadas com a família, este mês continuaram a ser desenvolvidas as tarefas para o Daniel. Ao longo do mês foi proposto que desenvolvesse tarefas como rasgar, desenhar com um marcador para efectuar o movimento circular e identificar as expressões de um menino. Para além destas tarefas que eram sobretudo direccionadas para o Daniel, foi proposto um trabalho de casa para todas as famílias das crianças do grupo e o pai da Sílvia veio à sala durante este mês, o que além da sua participação enquanto pai, possibilitou a actividade em contexto escolar com outros grupos. Para comemoração do dia do pai, as famílias foram ainda convidadas a partilhar um lanche e ainda durante este mês realizaram-se três reuniões, duas com a encarregada de educação do Daniel e uma com a encarregada de educação do Diogo e do Tiago.

4.2.2.12 Semana de 6 de Abril a 10 de Abril

A nível do grupo

Para esta semana, pretendíamos desenvolver actividades que estivessem relacionadas com a temática que nos encontrávamos a abordar sobre a casa, proporcionando actividades em grande grupo sobre este assunto ao mesmo tempo que trabalhávamos objectivos como participar numa conversa em grupo e esperar pela sua vez.

Actividade 19: conversa na área de grande grupo

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – domínio da linguagem oral

Data: 07/04/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: conversa para exploração da temática sobre a casa e os objectos que pertencem à casa

Objectivos:

-  Dizer o nome de um objecto que tem em sua casa
-  Participar numa conversa em grande grupo

Material: sem material

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 10 a 15 minutos

Como fazer:

- Na hora da conversa da manhã relembrar alguns dos aspectos de que já se falou anteriormente sobre as casas e sobre a “casinha” da sala.
- Explicar que cada menino vai poder falar mas tem que esperar pela sua vez para dizer objectos que tem na sua casa.
- Pedir a cada criança que diga nomes de objecto.
- Ir fazendo o registo escrito à medida que as crianças vão dizendo.
- Esta conversa deve ser breve para que todas as crianças possam participar mas ao mesmo tempo mantenham a atenção.

O registo do desempenho das crianças nesta actividade pode ver-se no quadro que se segue.

Quadro 31 - Avaliação das crianças na actividade 19

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Diz nome de um objecto que tem em casa	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	●
Participa na conversa em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	●

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Durante a conversa da manhã com as crianças relembrámos algumas das coisas que tínhamos falado noutras ocasiões. A propósito das casas da história dos “três porquinhos”, já conversámos sobre as casas das crianças, as divisões que têm na casa delas, que algumas delas têm de subir muitas escadas para chegar a casa, outras têm elevador, têm vizinhos, etc. Pedimos às crianças que cada uma falasse quando disséssemos o seu nome para dizer nomes de coisas que tinham na casa deles. Algumas das crianças queriam logo falar, explicámos-lhes que todos iam falar mas que íamos tentar que falasse um de cada vez porque senão não conseguíamos perceber o que diziam. Enquanto estávamos a conversar o António e o Tiago brigaram porque o António estava a bater com os pés no Tiago e tivemos que chamar a atenção dos dois, assim como da Fátima e da Maria que entretanto estavam a brincar com

brinquedos que tinham nos bolsos. Tivemos de lembrá-las que quando estamos a conversar no tapete as crianças não podem ter coisas nos bolsos e depois pedimos-lhes para arrumarem os brinquedos nos sacos individuais. Quando acabámos a conversa no tapete, o Daniel e o Tiago quiseram ir para a mesa com outros colegas para fazermos o registo da actividade, pelo que acompanharam o grupo que foi trabalhar na mesa. Com este grupo de crianças mais pequeno, as crianças falaram mais sobre o que sabiam e conseguimos então efectuar o registo escrito do que foram dizendo e as crianças ilustraram esse registo.

Como podemos observar pelo quadro 31, participaram dezoito crianças nesta actividade e quatro encontravam-se a faltar. Todas as crianças conseguiram dizer nomes de objectos que têm em casa, apenas uma, o Daniel necessitou de apoio para o dizer. Quando perguntámos ao Daniel o que é que ele tinha lá em casa começou por dizer pai, depois mãe e depois dissemos-lhe “pois é, a mãe e o pai, estão lá em casa e com que é que tu brincas lá em casa?” Ao que ele respondeu “oelhas” [Orelhas – um boneco que é uma das personagens das histórias do Noddy, uma série de animação infantil]. Completámos a afirmação do Daniel e formámos a frase dizendo que ele tinha o Orelhas lá em casa para brincar e pedimos que ele a dissesse à sua maneira. As crianças foram dizendo o nome de vários objectos, o Eduardo por exemplo, começou a chorar porque queria dizer ainda mais objectos que tinha em casa. Se algumas das crianças só disseram o nome de um objecto, outras queriam dizer vários. Doze crianças conseguiram participar na conversa de grupo, mas seis necessitaram de ajuda nesta participação. No caso do António, do Tiago, da Fátima e da Maria necessitaram que os chamássemos à atenção, os primeiros por causa dos pés e as segundas por causa da brincadeira com os brinquedos que tinham nos bolsos. O Carlos e a Diana também necessitaram de ajuda para participarem na conversa porque estavam envergonhados e não queria falar para os colegas. Pedimos-lhe que nos dissessem ao ouvido o que queriam dizer e depois fomos nós que transmitimos a informação aos colegas.

A maior dificuldade demonstrada pelo grupo foi regular a vez de participar e esperar pela sua vez de falar, situação que se verificou por serem crianças tão pequenas mas que poderemos continuar a trabalhar para que as crianças possam ir aprendendo gradualmente a regular a sua participação. Numa próxima actividade do género, será preferível a conversa em pequeno grupo para promover esta regulação. A outra dificuldade relacionou-se com os curtos períodos em que são capazes de manter a atenção e daí a sugestão de poder realizar a conversa com um grupo mais pequeno e sentados à mesa.

Actividade 20: jogo de classificação de objectos da “casinha” pela cor

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

Data: 08/04/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: jogo para exploração da temática sobre a casa, neste caso os objectos que pertencem à área de jogo simbólico, a casinha

Objectivos:

✚ Agrupar os objectos da mesma cor

✚ Esperar pela sua vez em grande grupo

Material: objectos da área de jogo simbólico “casinha”, caixas identificadas com a cor amarela, vermelha, azul e verde

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 20 minutos

Como fazer:

- Em tempo de grande grupo dizer às crianças que vamos fazer um jogo em que é preciso arrumar as coisas da mesma cor na caixa que lhe corresponde.
- Cada criança vai escolher o objecto que quiser, eu pergunto qual é a cor do objecto e depois de responder vai colocá-lo na respectiva caixa identificada com a cor.
- Para as crianças que demonstrem algumas dificuldades na escolha, perguntar por exemplo “este prato é desta cor? É vermelho como a cor da caixa?” apontando para a imagem na caixa e deixando que respondam sim ou não.

Para podermos observar o desempenho das crianças nesta actividade, efectuámos o registo no quadro que se segue.

Quadro 32 - Avaliação das crianças na actividade 20

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Agrupar os objectos da mesma cor	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	●	☺
Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ☒ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Nesta actividade em grande grupo dissemos às crianças para arrumarmos os objectos pelas cores deles nas caixas dessas mesmas cores mostrando as caixas com as identificações das cores amarela, vermelha, azul e verde. Pedimos que cada uma arrumasse um objecto de cada vez, mostrando aos colegas onde é que tinha de arrumar o objecto. Durante a actividade o António deu um murro no braço da Daniela e disse-lhe “cala-te!” quando ela falou quando ele estava a jogar. Tivemos de intervir e dizer-lhe que não podia bater na amiga, tinha que lhe dizer que agora era ele a jogar e ela não podia responder. A ela, que não parava de chorar dissemos-lhe que não o amigo não tinha gostado que ela falasse quando ele estava a fazer o jogo e pedimos-lhe para não o fazer. Relembámos a regra da sala que todos têm de ser amigos, o António pediu desculpa mas a Daniela quando ele se aproximou, bateu-lhe. Voltámos a falar na regra e como é importante que as crianças sejam amigas.

Como podemos verificar pelo quadro 32, quatro crianças do grupo encontravam-se a faltar e participaram dezoito crianças nesta actividade. Catorze crianças conseguiram agrupar os objectos da mesma cor e quatro crianças necessitaram de ajuda para o fazer porque precisaram de indicações para escolher o sítio onde colocavam o objecto. Para o Daniel que escolheu um pratinho vermelho foi necessário dizer-lhe onde estava a caixa identificada com o vermelho e depois dizer que essa era a cor do prato que ele tinha escolhido. A arrumação pelas cores fez surgir um problema porque as tampas dos tachos tinham duas cores. Perguntámos às crianças como é que íamos fazer e o Tomé respondeu que para a próxima vez, vamos ter que arranjar outra caixa para os objectos com duas cores. A Lúcia teve dificuldade a fazer a actividade porque parecia não nos ouvir, nem perceber o que lhe estávamos a pedir. O Tiago e a Sílvia não queriam fazer mas depois demos-lhe um dos objectos e pedimos para verem onde o guardavam e então conseguiram colocá-lo no sítio certo. Quanto a esperarem pela sua vez, onze crianças conseguiram esperar pela sua vez, em grande grupo para jogarem e sete necessitaram de ajuda para esperarem. Foi necessário dizermos-lhe várias vezes que todos iam jogar e “arrumar” o objecto na caixa, mas tinham de esperar um pouco.

Enquanto estava à espera o Eduardo chamou a atenção, dizendo várias vezes: “quero fazer uma pergunta”. Enquanto não lhe respondemos ele gritou e chorou. Quando falámos com ele, queria saber se os animais também choram. Respondemos que depois de fazermos o jogo já falávamos com ele e conversávamos sobre o que ele queria saber, mas foi difícil ele aguardar e esperar pela nossa resposta.

Como reflexão, não podemos deixar de referir que o tipo de conflitos que existiu nesta actividade e que as crianças ainda estão a aprender a resolver, fazem com que às vezes as actividades propostas demorem mais tempo do que o previsto, por ser necessário lembrar-lhes as regras e ajudá-los a perceber como devem fazer. Por um lado, isso faz com que tenham mais dificuldade em manterem-se com atenção, mas no entanto, esta aprendizagem no contexto em que as situações ocorrem torna-se muito importante porque desta forma as crianças vão percebendo e alterando o seu modo de reagir, conforme vão sendo capazes de aceitar as regras de convivência.

Na avaliação efectuada pelas crianças, a Maria referiu que não gostou que o António tivesse batido na Daniela e perguntou-nos “Tu também não gostaste, pois não?”, respondemos-lhe que tínhamos ficado um bocadinho tristes porque não gostamos quando os meninos se batem e o Tomé acrescentou: “Parece que são bebés! Não sabem falar!”

Avaliação e reflexão semanal

Nesta semana realizámos duas actividades, no seguimento do desenvolvimento da temática sobre a casa, que foram: a conversa em grande grupo onde pedimos às crianças que dissessem o nome de objectos que tinham na sua casa e que participassem na conversa de grupo e o jogo de classificação dos objectos pela sua cor em que pedimos às crianças que agrupassem os objectos pela mesma cor e que esperassem pela sua vez para jogar. O desempenho das crianças nas duas actividades propostas durante a semana encontra-se registado no quadro 33, tal como mostramos em seguida.

Quadro 33 - Avaliação das crianças de 6 de Abril a 10 de Abril

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Conversa	Diz nome de pelo menos um objecto que tem em casa	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	●
	Participa na conversa em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	●
Jogo clasif.	Agrupar os objectos da mesma cor	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	●	☺
	Espera pela sua vez	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas duas actividades realizadas ao longo da semana procurámos que as crianças participassem em situação de grande grupo, em duas situações distintas, numa conversa e num jogo. Na conversa pretendíamos ainda que as crianças dissessem o nome de objectos que tinham em sua casa e no jogo que agrupassem os objectos da mesma cor.

Como podemos observar no quadro 33, na primeira actividade da semana, participaram dezoito crianças, dezassete conseguiram dizer nomes de objectos que tinham em casa e apenas uma necessitou de ajuda para o fazer. Relativamente à participação na conversa em grupo, podemos referir que doze crianças conseguiram fazê-lo e que seis necessitaram de ajuda nesta participação. No que diz respeito à segunda actividade participaram igualmente dezoito crianças, tal como na primeira actividade, onde catorze delas conseguiram agrupar os objectos pela sua cor e quatro precisaram de ajuda para conseguir. Quanto ao objectivo de esperar pela sua vez, onze crianças conseguiram esperar pela sua vez e sete necessitaram de ajuda através das nossas indicações que tinham de esperar para poderem jogar.

Ambas as actividades foram realizadas com o grande grupo, proporcionando a participação de todas as crianças, no entanto, como reflexão podemos afirmar que é ainda difícil para as crianças do grupo manterem a atenção e regularem a sua forma de participação com o grupo todo. Em situações de conversa, em que procuramos que as crianças desenvolvam também a sua capacidade de se exprimirem oralmente será preferível conversar com pequenos grupos de crianças. Deste modo, podem ouvir-se umas às outras e aprender a esperar para falar na sua vez.

A nível da família

Esta semana propusemos que a tarefa do Daniel para realizar com a família fosse trabalhar colocar em cima/em baixo e atrás através da brincadeira com os jogos de construção que tinha em casa. Na observação/avaliação que fez, a mãe referiu que o Daniel ficou pouco tempo a brincar com os jogos mas conseguiu colocar as peças em cima e continuou a ter dificuldade em por em baixo e atrás.

4.2.2.13 Semana de 13 de Abril a 17 de Abril

A nível do grupo

Esta semana procurámos desenvolver mais duas actividades relacionadas com a temática que tínhamos abordado na semana anterior, desta vez através de uma dramatização, em que procurámos que as crianças participassem e de uma actividade em que se proporcionou a audição de sons para que as crianças identificassem o som que estavam a ouvir, proporcionando ocasiões para que em ambas as actividades as crianças pudessem esperar pela sua vez.

Actividade 21: dramatização da história “Três Porquinhos”

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Dramática

Data: 14/04/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: actividade colectiva de expressão dramática relacionada com o tema da casa

Objectivos:

-  Participar numa dramatização
-  Esperar pela sua vez

Material: pc portátil e história em ppt

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Na hora da história, na área de grande grupo mostrar a história com a apresentação em powerpoint.
- Depois de mostrar a história dizer às crianças que vamos fazer a dramatização da história.
- À medida que se vai recontando a história vai-se perguntando a cada criança se quer “ser” a personagem a seguir.
- Cada criança participará na dramatização imitando gestos, imitando sons, repetindo pequenas frases ou mesmo verbalizando frases que já consiga transmitir sem a ajuda do adulto, de acordo com o que é capaz de fazer.

Para podermos efectuar a leitura do desempenho das crianças nesta actividade, registámos a informação recolhida no quadro 34 como se mostra em seguida.

Quadro 34 - Avaliação das crianças na actividade 21

Nome	Anónimo	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivo																						
Participa numa dramatização	●	☺	☺	☺	⊗	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	⊗	●	☺	☺	☺	☺
Espera pela sua vez	●	☺	☺	☺	⊗	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	⊗	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ⊗ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ⊗ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Para iniciar a actividade, começámos por contar a história recorrendo à utilização do computador portátil e de um documento elaborado em powerpoint com a história. Apesar de alguma agitação inicial, porque algumas das crianças se sentaram à frente de outras e não as deixavam ver, conseguimos verificar se todas as crianças já estavam em situação adequada para poderem visualizar a história no computador e começámos a história. Durante o tempo em que íamos contando a história houve alguns momentos de nova agitação porque enquanto estavam a ver a história algumas crianças colocavam-se de joelhos e isso impedia que as que estavam atrás vissem e por isso começavam a chorar e a dizer “não vejo”. Por duas vezes tivemos de parar a história para voltar a sentar as crianças de maneira a que todas vissem, mas mesmo assim a tendência era para se aproximarem do computador para verem melhor. Durante a dramatização, as crianças realizando as acções ou dizendo o que lhes íamos solicitando à medida que íamos recontando a história.

Como podemos ver pelo quadro 34, faltaram três crianças neste dia e participaram dezanove crianças na actividade. Dezassete crianças participaram na dramatização mas duas crianças não quiseram participar, nem mesmo quando todas as crianças faziam o “sopro” imitando o lobo a soprar para derrubar as casas dos porquinhos. Quando lhes perguntámos porque não faziam, o Rodrigo não respondeu, manteve-se distraído, a brincar com os dedos, com os atacadores e com os botões do bibe, a Diana também não respondeu e manteve-se calada e quieta a ver os colegas. Desta forma, não avaliámos as crianças como não conseguindo concretizar a actividade mas optámos pelo símbolo correspondente ao não fez, porque as crianças não quiseram participar. Relativamente ao objectivo de esperar pela sua

vez, catorze crianças conseguiram aguardar pela sua vez e três necessitaram de ajuda para conseguirem esperar. O Diogo esteve sempre a chamar o Bernardo mas como este não lhe respondeu, chamou o Eduardo e começaram os dois a brincar e tivemos de os avisar que se não sabiam ver os amigos a fazer o teatro, iam sentar-se na cadeira, sem ver o que os amigos estavam a fazer. O Eduardo manteve a atenção durante algum tempo mas depois reiniciou a brincadeira com o Tiago e nessa altura perguntámos ao Eduardo se sabia o que é que tinha de fazer para ver os amigos e fazer a dramatização com eles. O Eduardo respondeu: “ainda falta muito? Depois vamos brincar pois é? Eu quero ir para a casinha ser o lobo mau.” Perguntámos-lhe se queria ser o lobo mau na história e ele respondeu que sim. Durante a dramatização as crianças iam respondendo aos meus pedidos para fazerem de conta, para imitarem gestos e sons.

As crianças não realizaram a avaliação desta actividade, que fez parte da preparação para a apresentação da dramatização a outro grupo da instituição, tal como descrito na actividade a nível do contexto escolar.

Actividade 22: Audição de sons que se podem ouvir em casa

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Musical

Data: 15/04/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: actividade colectiva de audição de sons relacionada com a temática da casa

Objectivos:

- ✚ Identificar dizendo o que é, ou identificar apontando para a imagem do som que ouviu
- ✚ Esperar pela sua vez em grande grupo

Material: pc portátil com sons: campainha, telemóvel, bater na porta, bater no prato, martelo e imagens com os respectivos objectos

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Iniciar a conversa relembrando alguns dos sons que as crianças podem ouvir em casa.
- Pedir às crianças para dizer os nomes de alguns deles.

- Explicar às crianças que vamos fazer um jogo para ver se conseguem adivinhar qual é o som que estão a ouvir.
- Para poder ouvir vão ter que estar em silêncio e só o menino ou a menina que estiver a adivinhar o som é que pode falar.
- Depois de se ouvir o som pedir a uma criança de cada vez para adivinhar, pode dizer qual é o som que está a ouvir ou então pode apontar para a imagem do som que ouviu.

Efectuámos o registo do desempenho das crianças durante a actividade no quadro que se segue.

Quadro 35 - Avaliação das crianças na actividade 22

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivo																						
Identifica dizendo o que é	☺	☺	○	○	○	○	○	○	○	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	○	☺	☺
Identifica apontando para a imagem do som que ouviu	○	○	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	○	○	○	○	○	○	●	○	●	○	☺	○	○
Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação/Reflexão:

No início da actividade houve alguns conflitos entre as crianças por causa do espaço para porem as pernas, algumas das almofadas onde as crianças se costumavam sentar foram para lavar e as de substituição são maiores que outras e tivemos que intervir para que todas as crianças se sentissem confortáveis. Depois da resolução desta situação começámos então a conversar com as crianças.

Iniciámos a conversa prévia falando dos sons que podemos ouvir. Falámos de alguns dos sons que podemos ouvir na sala, como as crianças a chorar, o filtro do aquário dos peixes, música, etc. e depois falámos de sons que podemos ouvir em casa. Mostrámos as imagens que tínhamos e falámos sobre os objectos representados e reproduzimos os sons gravados no computador, associando-os às imagens que tínhamos. Explicámos então que para fazer este jogo para adivinhar o som, tínhamos de ouvir o silêncio. Reproduzimos um som de cada vez e

pedimos a cada uma das crianças que à vez dissesse que som estava a ouvir. Para as crianças que mostraram alguma dificuldade em dizer o som pedimos que apontasse para a imagem do objecto que fazia aquele som.

Como podemos ver no quadro 35, faltaram duas crianças neste dia e participaram vinte crianças nesta actividade. Relativamente à identificação do som doze crianças conseguiram identificar o som dizendo o que era e quatro conseguiram identificar apontando a imagem. Quatro crianças necessitaram de ajuda para identificar o som apontando a imagem correcta. A ajuda dada às quatro crianças que identificaram o som através da imagem foi diferente. Para o Diogo, para o Eduardo e para o Tiago dissemos-lhe para ouvirem melhor e com mais atenção e ao fazer a repetição do mesmo som eles já o conseguiram identificar. O Daniel identificou através de sim ou não, conforme apontávamos para as imagens de acordo com o som que tinha ouvido, conseguiu identificar o som da campainha e o do telemóvel dizendo sim, quando apontámos para estas imagens e lhe perguntámos se tinha sido isto que tinha ouvido. No registo que efectuámos sobre o desempenho, assinalámos como não avaliado o objectivo de identificar apontando para a imagem, se as crianças já o tinham conseguido fazer verbalmente. Da mesma forma, para as crianças que tinham dificuldade em verbalizar qual tinha sido o som que tinham ouvido, foi apenas assinalado o objectivo de identificar apontando, deixando o objectivo anterior como não avaliado.

Apesar de ter sido um jogo efectuado em grande grupo, dezanove crianças conseguiram esperar pela sua vez e uma necessitou de ajuda para o conseguir. O Daniel teve alguma dificuldade em esperar pela sua vez tivemos que chamá-lo à atenção por duas vezes para se sentar, porque se levantava constantemente. Acabámos por lhe dizer para se sentar ao pé de nós. As outras crianças sabem que por vezes chamamos algumas crianças que mostram maior dificuldade em manter-se sentadas para mais perto de nós, para poderem estar com mais atenção, quando por vezes se encontram mais agitadas.

Na avaliação da actividade realizada com as crianças, o Bernardo e a Lúcia gostaram do som do telemóvel e o Bernardo disse que a mãe tinha a música do Noddy no telemóvel e que ele costumava ouvir. O Eduardo pediu para jogar outra vez porque queria ouvir mais sons e queria ouvir o som da ambulância dos bombeiros.

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana realizámos duas actividades em grande grupo, a dramatização e o jogo para audição e identificação de sons. Na dramatização continuámos a procurar que as crianças fossem capazes de participar na dramatização e esperar pela sua vez e na audição de sons tentámos que conseguissem identificar o som que tinham ouvido e ao mesmo tempo, conseguissem esperar pela sua vez. Desta forma, reunimos a informação do desempenho das crianças nas duas actividades da semana no quadro que mostramos em seguida.

Quadro 36 - Avaliação das crianças de 13 de Abril a 17 de Abril

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Dramatiz. 3 Porquinhos	Participa numa dramatização	●	☺	☺	☺	⊗	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	⊗	●	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez	●	☺	☺	☺	⊗	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	⊗	●	☺	☺	☺	☺
Audição de sons da casa	Identifica dizendo o que é	☺	☺	○	○	○	○	○	○	○	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	○	☺	☺
	Identifica apontando para a imagem do som que ouviu	○	○	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	○	○	○	○	○	○	●	○	●	○	☺	○	○
	Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Durante esta semana, concretizámos as duas actividades com o grande grupo, tendo por objectivo comum as crianças esperarem pela sua vez. Além desse propósito, as duas actividades realizadas esta semana, continuaram a estar relacionadas com a temática que vinha a ser abordada sobre a casa.

Como podemos observar pela leitura do quadro 36, faltaram três crianças na actividade de dramatização tendo participado dezanove crianças do grupo e na actividade de audição de sons faltaram duas crianças, tendo participado um total de vinte crianças. Relativamente à actividade de dramatização há a referir duas crianças que não quiseram participar na dramatização e embora catorze crianças tenham conseguido esperar pela sua vez, três crianças necessitaram de ajuda para o fazer, porque começaram a brincar paralelamente. No que diz respeito à actividade de audição de sons da casa, doze crianças conseguiram identificar o som e verbalizar essa identificação, quatro crianças conseguiram fazer a identificação apontando para as imagens do objecto ao qual o som correspondia e quatro

crianças conseguiram identificar apontando mas necessitando de indicações verbais para o fazer. Nesta situação, dezanove crianças conseguiram esperar pela sua vez apenas o Daniel necessitou de ajuda para conseguir.

Como reflexão para as actividades desenvolvidas esta semana, a actividade que proporcionou mais ocasiões de interacção entre as crianças do grupo foi a actividade de dramatização, em que as crianças puderam falar entre si, enquanto personagens, respondiam umas às outras, desempenhavam papéis, imitavam sons e gestos e aguardando a sua vez para participar.

A nível da família

A proposta de tarefa do Daniel para realizar com a família durante esta semana, foi na brincadeira com jogos de construção, emparelhar a cor do lápis que lhe era mostrado com uma peça do jogo da mesma cor. Na observação/avaliação da mãe, esta referiu que o Daniel conseguiu emparelhar as peças de cor vermelha e mostrou dificuldades nas outras cores.

A nível do contexto escolar

Esta semana, no dia 15, organizámos a dramatização da história dos três porquinhos para mostrar a outras duas salas da instituição, ao outro grupo de três anos e ao grupo heterogéneo. O outro grupo de três anos preparou a dramatização da história da Carochinha. Apesar de termos realizado anteriormente a dramatização da história dos três porquinhos na sala (actividade 21), neste dia, em que havia mais crianças a assistir, algumas crianças do grupo não quiseram participar, ficaram envergonhadas e mesmo quando lhes pedimos para repetir algumas palavras ou algumas pequenas frases, tiveram muita dificuldade em fazê-lo. Com esta actividade não pretendíamos efectivamente trabalhar o desempenho das crianças, mas proporcionar-lhes uma experiência de verem o que os colegas a participar e colaborar na dramatização para lhes mostrar.

4.2.2.14 Semana de 20 de Abril a 24 de Abril

A nível do grupo

Esta semana, continuámos a desenvolver actividades para o grupo, proporcionando duas actividades de expressão plástica com a participação em pequenos grupos, proporcionando a colaboração entre crianças. Em ambas as situações pretendíamos, que as crianças fossem capazes de seguir instruções simples de acordo com as indicações que lhes iam sendo dadas e de esperar pela sua vez.

Actividade 23: Pintura da parede da casinha

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Plástica

Data: 22/04/09

Alunos: pequeno grupo - de 2 crianças de cada vez

Enquadramento da actividade: pintura colectiva em papel de cenário

Objectivos:

- ✚ Pintar usando o pincel ou a mão
- ✚ Seguir instruções simples
- ✚ Esperar pela sua vez em pequeno grupo

Material: papel de cenário, fita-cola, pincéis de diferentes espessuras, tinta cenográfica

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 1 hora

Como fazer:

- Colocar papel de cenário nas paredes da área de jogo simbólico segurando com fita-cola larga até à altura das janelas.
- Conversar com as crianças na área de grande grupo sobre a actividade de pintura.
- Explicar-lhes que vão escolher “os cantinhos” para onde querem ir brincar e que depois vai-se chamando duas crianças de cada vez para poderem pintar a parede da casinha.

Registámos a informação relativa ao desempenho das crianças na actividade no quadro que se segue.

Quadro 37 - Avaliação das crianças na actividade 23

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Luíça	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Pinta usando o pincel ou a mão	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺
Segue instruções simples	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺
Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

A pintura da “parede” surge no seguimento do trabalho que tem vindo a ser realizado sobre a casa com várias actividades que integram este projecto de intervenção e não só. A parede da área do jogo simbólico encontrava-se deteriorada, a necessitar de pintura mas como não podíamos pintá-la realmente, cobrimos a área com papel de cenário para poder pintar a parede. A escolha da cor para a pintura foi objecto de votação pelas crianças e ganhou a cor rosa, por isso foi dessa cor que pintámos a parede.

Chamámos duas crianças de cada vez, para realizarem a pintura. Pedimos ao Daniel para pintar com o pincel mas como que ele se encontrava numa fase em que gostava mais de pintar com os dedos e com as mãos, depois de pintar um pouco com o pincel, deixámos que ele o fizesse. Isso fez com que o Eduardo perguntasse porque é que o Daniel estava a pintar com as mãos. Respondemos-lhe que ele gostava mais de pintar com as mãos e com os dedos, ao que o Eduardo respondeu: “ele ainda não sabe agarrar no pincel pois não? Ele é mais pequenino.” Na realidade, o Daniel é uma das crianças que em termos etários, é uma das mais velhas, mas o seu tamanho e o seu atraso aos vários níveis faz com que os colegas o considerem “mais pequenino”.

De acordo com a informação registada no quadro 37, podemos observar que faltaram duas crianças e que participaram vinte crianças na actividade, que como referimos anteriormente pintaram duas de cada vez. Quinze crianças conseguiram seguir as instruções dadas, mas cinco necessitaram de ajuda para o fazer o Diogo, o Daniel, a Maria, a Sílvia e o Tiago necessitaram de ajuda física para a colocação e o manuseamento correcto do pincel. Treze crianças conseguiram aguardar pela sua vez, em pequeno grupo, mantendo-se a brincar nas áreas de actividade e esperando que as chamássemos mas seis ficaram muito impacientes

e necessitaram de ajuda para esperar pela vez deles. O António, o Diogo, o Eduardo, o Daniel, a Luna, a Maria e o Vicente ficaram muito impacientes e foi difícil esperarem pela vez, vinham frequentemente ter connosco para perguntarem quando era a sua vez.

Na avaliação da actividade as crianças referiram que gostaram de pintar a parede mas o Vicente disse que queria pintar a outra parede, para ficar tudo da mesma cor.

Actividade 24: Construção da porta para a casinha

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Plástica

Data: 24/04/09

Alunos: pequeno grupo -

Enquadramento da actividade: projecto de colaboração numa actividade de expressão plástica para construir uma “porta” para a área de jogo simbólico

Objectivos:

- ✚ Esperar pela sua vez em pequeno grupo
- ✚ Participar em actividades com outras crianças
- ✚ Seguir instruções simples

Material: cartão grosso, tinta, pincéis, papel crepe, cola

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 20 minutos

Como fazer:

- Em pequeno grupo preparar os materiais com as crianças para dar início à “construção” da porta da casinha.
- Na primeira tarefa pedir às crianças para pintarem o cartão com os pincéis que têm à disposição. Cada criança escolhe um pincel e pintam em grupo, duas de cada vez o cartão que será a porta da casinha.
- Na segunda tarefa pedir às crianças para fazer bolinhas com o papel e depois colarem-nas na “fechadura” da porta.

Para podermos observar o desempenho das crianças nesta actividade, efectuámos o registo no quadro que se segue.

Quadro 38 - Avaliação das crianças na actividade 24

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☹	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺
Participa em actividades com outras crianças	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☹	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺
Segue instruções simples	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☹	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Realizámos esta actividade no seguimento do trabalho realizado sobre “a casa” e como incluía mais do que uma tarefa a realizar, optámos por escolher como objectivo se a criança era capaz de seguir as instruções que iam sendo dadas. Na primeira tarefa que pedimos às crianças solicitámos ao primeiro grupo que pintassem o cartão. As crianças começaram por pintar duas de cada vez, mas depois optámos por pintar apenas uma de cada vez, para conseguirmos movimentar o cartão e colocá-lo da forma mais adequada. O primeiro e segundo grupo de crianças pintaram o cartão e o terceiro e quarto grupos fizeram a “fechadura”.

Pela informação que nos é indicada no quadro 38, podemos ver que faltaram duas crianças e que participaram vinte crianças nesta actividade realizada com pequenos grupos de cada vez. Dezanove crianças conseguiram esperar pela sua vez para participar e uma não conseguiu, dezanove crianças participaram na actividade desenvolvida, juntamente com os outros colegas, mas o Daniel não conseguiu. Relativamente seguir instruções simples dezasseis crianças conseguiram seguir as instruções e três conseguiram com ajuda. O António, a Lúcia e o Tiago tiveram alguma dificuldade em seguir as instruções que lhes dávamos. O António porque queria fazer à sua maneira e cansou-se muito facilmente dizendo que já não queria fazer mais. Na situação da Lúcia parecia não ouvir o que lhe estávamos a pedir, por exemplo, quando lhe pedimos para rasgar bocadinhos de papel, ficou a olhar para nós, quando repetimos a instrução, ela repetiu o que dissemos e quando voltámos a dizer-lhe o que fazer, então ela começou a rasgar os bocadinhos de papel. O Tiago necessitou que estivéssemos sempre junto dele para que ele fosse realizando o que lhe pedíamos porque

quando nos afastávamos ele parava, olhava para nós e ficava à espera que lhe disséssemos o que fazer. Enquanto os colegas estavam a pintar a porta, O Daniel puxou o cabelo da Daniela e como ralhámos com ele, atirou-se para o chão e acabou por fazer uma birra. Em seguida, quando foi a vez de participar com as crianças de outro grupo não fez o que lhe pedimos, atirou-se para o chão e começou a chorar, pelo que a avaliação foi que não conseguiu seguir instruções simples, nem esperar pela sua vez ou participar na actividade.

Na avaliação que as crianças realizaram disseram que vamos ter de esperar que a porta seque para a colocarmos na casinha e depois todos os meninos têm de ter muito cuidado para a porta não se estragar. A Joaquina disse ainda que se a porta se estragasse depois não podíamos entrar e os meninos ficavam sem brincar na casinha.

Avaliação e reflexão semanal

Durante esta semana realizámos duas actividades de expressão plástica com dois objectivos comuns, que as crianças conseguissem aprender a seguir instruções simples e que conseguissem esperar pela sua vez em pequeno grupo. Para podermos realizar uma leitura do desempenho das crianças ao longo da semana, efectuámos o registo no quadro que apresentamos em seguida.

Quadro 39 - Avaliação das crianças de 20 de Abril a 24 de Abril

Nome da actividade	Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Pintura parede da casinha	Pinta usando o pincel ou a mão	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Segue instruções simples	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Construção porta da casinha	Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Participa em actividades com outras crianças	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Segue instruções simples	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas actividades que desenvolvemos esta semana, a participação das crianças foi feita em pequeno grupo. Na actividade de pintura do papel de cenário, da “parede da casinha”, pintaram duas crianças de cada vez, enquanto o resto do grupo se iam mantendo à espera,

como maior ou menor dificuldade, nas outras áreas de actividade da sala. Na actividade de construção da porta para a “casinha”, as crianças esperaram em pequenos grupo para participarem individualmente no trabalho que todas ajudaram a construir.

De acordo com a leitura que podemos fazer do quadro 39, podemos observar que faltaram duas crianças em ambas as actividades, a Tânia e o Salvador, não colaboraram em nenhuma delas. Das vinte crianças que participaram nas actividades desenvolvidas, todas conseguiram pintar usando o pincel ou a mão e todas conseguiram esperar pela sua vez na situação de construção da porta da “casinha” em que esperaram em pequeno grupo pela sua vez de participação junto ao adulto ao contrário da situação de pintura em que esperaram nas áreas de actividade e em que sete crianças necessitaram de ajuda para o fazer.

Relativamente à interacção entre as crianças, na situação da pintura do papel de cenário, as crianças colaboraram com o par na pintura, uma vez que se encontravam duas crianças de cada vez a pintar ao mesmo tempo no mesmo produto final. Na situação de construção da porta, proporcionámos a situação de colaboração entre as crianças para o mesmo trabalho mas concretizando a tarefa, uma de cada vez.

A nível da família

A tarefa que propusemos que o Daniel realizasse em casa esta semana, envolvia brincar com palhinhas e aproveitar para soprar pelas palhinhas. Soprar pequenos bocados de papel, soprar na água e outros objectos que tivesse em casa que fossem suficientemente leves para se elevarem com sopro. A mãe do Daniel na observação que fez, referiu que acabou por não fazer a brincadeira com as palhinhas mas usou o jogo de bolas de sabão que o Daniel tinha em casa. O Daniel conseguiu soprar as bolas de sabão.

A nível do contexto escolar com outros grupos

Ainda durante esta semana e inserido no plano anual de actividades da instituição celebrámos a comemoração do dia da Cidadania com um espectáculo de dança realizado por um grupo amador de dança de uma freguesia vizinha. Participaram nesta comemoração, assistindo ao espectáculo de dança, as crianças que frequentavam a educação pré-escolar e o centro de actividades de tempos livres.

4.2.2.15 Semana de 27 de Abril a 1 de Maio

A nível do grupo

Esta semana optámos por proporcionar duas situações diferentes de aprendizagem, uma na área da expressão musical e outra na área da matemática, com o objectivo comum de procurar que as crianças conseguissem esperar pela sua vez. Na audição de sons do corpo, proporcionámos uma situação de jogo de grupo em que pretendíamos que para além de esperarem pela sua vez, as crianças conseguissem identificar sons do próprio corpo. Na situação relacionada com o domínio da matemática proporcionámos um jogo com o par recorrendo à utilização do computador para classificação dos objectos.

Actividade 25: Audição sons do corpo

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Musical

Data: 27/04/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: jogo para identificação de sons do próprio corpo

Objectivo:

- ✚ Identificar dizendo o que é, ou identificar apontando para a parte do corpo que fez o som ou identificar repetindo o som que ouviu
- ✚ Esperar pela sua vez

Material: corpo

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Iniciar a conversa relembrando alguns dos sons que as crianças podem fazer com o corpo: com as mãos (bater palmas e estalar os dedos), com os pés (bater com os pés no chão), com a boca (dar estalidos com a língua)
- Pedir às crianças para fazerem alguns deles.
- Explicar às crianças que vamos fazer um jogo para ver se conseguem adivinhar qual é o som que estão a ouvir.
- Para poder ouvir vão ter que estar em silêncio e tapar os olhos e só o menino ou a menina que estiver a adivinhar o som é que pode falar.

- Depois de se ouvir o som pedir a uma criança de cada vez para adivinhar, pode dizer qual é o som que está a ouvir ou então pode apontar para a parte do corpo que fez esse som ou mesmo repeti-lo.

O quadro seguinte mostra o registo de desempenho das crianças durante a actividade de audição de sons do corpo.

Quadro 40 - Avaliação das crianças na actividade 25

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Identifica dizendo o que é	●	○	○	○	○	○	☺	☹	○	☺	○	●	○	○	○	○	○	●	☺	○	○	○
Identifica apontando para a parte do corpo	●	○	○	○	☺	☺	○	☹	☺	○	○	●	○	☺	☺	○	○	●	○	☺	☺	○
Identifica repetindo o som	●	☺	☺	☺	○	○	○	☹	○	○	☺	●	☺	○	○	☺	☺	●	○	○	○	☺
Espera pela sua vez em grande grupo	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Iniciámos a actividade conversando com as crianças sobre alguns dos sons que podem fazer com o corpo e exemplificando sons que se podem fazer com as mãos, com os pés e com a boca usando a língua. Depois de fazermos pedimos às crianças que experimentassem, pedindo-lhes para fazerem elas sons com o corpo. Em seguida, dissemos às crianças que íamos fazer o jogo para adivinhar o som e que durante o jogo, precisávamos ouvir silêncio para o menino ou a menina adivinharem qual era o som que tinham ouvido. Pedimos então à primeira criança para colocar o lenço nos olhos com a nossa ajuda. Quando o fizemos perguntámos se estava pronta e após a resposta afirmativa começámos o jogo, reproduzindo um dos sons que referimos anteriormente e repetindo-o por várias vezes. Perguntámos então à criança se sabia qual tinha sido o som. Nesta opção, deixámos que as crianças dissessem qual tinha sido o som reproduzido, dizendo qual a parte do corpo com que o tínhamos feito, ou apontando para essa parte do corpo ou então repetindo o som que tinham ouvido. Assim, para o mesmo objectivo que era a identificação do som, proporcionámos três possibilidades de identificação diferentes. Embora as crianças já tivessem realizado outras actividades

semelhantes de identificação de sons, esta revelou-se uma actividade mais difícil na identificação do som ouvido, apesar das diferentes formas que foram assumidas como formas de identificação.

De acordo com a leitura que podemos fazer do registo efectuado no quadro 40, podemos verificar que faltaram três crianças e que participaram na actividade, dezanove crianças. Destas, três conseguiram identificar o som dizendo o que era, sete identificaram o som apontando para a parte do corpo, oito, repetiram o som fazendo-o elas e uma das crianças não conseguiu identificar o som. O Daniel não conseguiu identificar o som que tinha ouvido, mas procurámos que ele participasse imitando os sons que fazíamos e repetindo os gestos efectuados. Apesar de não ter conseguido realizar o que estava inicialmente previsto, a participação do Daniel, foi realizada ajudando-o a imitar os sons para outro colega identificar, participando deste modo no jogo que estávamos a desenvolver. Neste jogo, realizado em grande grupo todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez para participar. Quando realizámos a avaliação da actividade com as crianças, pediram para fazer outra vez este jogo de identificação de sons do corpo.

Actividade 26: Jogo de classificação objectos da casa

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

Data: 30/04/09

Alunos: pequeno grupo – com o par

Enquadramento da actividade: jogo a pares com a classificação dos objectos da casa de acordo com o local onde pertencem

Objectivos:

- ✚ Classificar os objectos de acordo com o local a que se destinam, quarto, sala, cozinha e casa de banho verbalizando ou apontando para o local adequado
- ✚ Esperar pela sua vez, alternando com o par

Material: computador portátil

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 45 minutos

Como fazer:

- Dizer às crianças que para fazer o jogo no computador, só vão poder jogar duas de cada vez.

- Depois de as crianças escolherem quem vai iniciar o jogo, pedir às crianças para se sentarem à mesa e explicar o jogo.
- No monitor do computador vai aparecer um objecto de cada vez e na parte de baixo vão estar as divisões de onde esse objecto pode fazer parte: quarto, sala, cozinha e casa de banho.
- As crianças vão ter de dizer onde pertence esse objecto ou no caso de não dizerem podem apontar para o local no monitor.
- Iniciar o contacto com o “rato” do computador arrastando a imagem para o local adequado.

De acordo com o desempenho das crianças durante a actividade registou-se o mesmo no quadro que se segue.

Quadro 41 - Avaliação das crianças na actividade 26

Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Classifica o objecto verbalizando	●	∅	●	∅	∅	∅	∅	∅	∅	☺	☺	☺	☺	∅	∅	∅	☺	●	☺	○	☺	∅
Classifica o objecto apontando	●	∅	●	∅	∅	∅	∅	∅	∅	○	○	○	○	∅	∅	∅	○	●	○	☺	○	∅
Espera pela sua vez alternando com o par	●	∅	●	∅	∅	∅	∅	∅	∅	☺	☺	☺	☺	∅	∅	∅	☺	●	☺	☺	☺	∅

Legenda: ☺ Consegui, ☺ Consegui com ajuda, ☹ Não consegui, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação/Reflexão:

As actividades com a utilização do computador são sempre motivo para alguma confusão na sala, mas depois de ter conversado em grande grupo com as crianças e escolhermos quem seriam os “pares” que iam jogar, as crianças dirigiram-se às áreas de actividades que escolheram. Quando as crianças se sentaram à mesa, no local onde iam jogar explicámos que iam jogar uma de cada vez. Mostrámos e explicámos o jogo e pedimos às crianças que comesçassem a jogar. Não foi possível realizarmos esta actividade com todas as crianças do grupo no mesmo dia, pelo que a actividade será repetida posteriormente para proporcionar a oportunidade para que outras crianças possam participar.

Como podemos observar no quadro 41, participaram oito crianças, jogando em pares. A Luna jogou com a Joaquina, a Lúcia com a Julieta, o Rodrigo com o Tomé e o Tiago com o Salvador. Das oito crianças que participaram, seis conseguiram verbalizar o local onde o

objecto pertencia e uma necessitou de ajuda para o fazer. Podemos referir a dificuldade que a Lúcia demonstrou em verbalizar a resposta correcta à primeira vez, mas depois conseguiu perceber o que era pedido e conseguiu fazê-lo. O Salvador, por outro lado, verbalizou o local de onde era o objecto mas por vezes torna-se difícil compreendermos o que diz e daí, quando usou o rato do computador para colocar o objecto no local correcto, conseguimos verificar se tinha classificado o objecto como pertencendo ao local adequado. Uma criança não verbalizou o local adequado onde pertencia o objecto, limitando-se a apontar. O Tiago não quis dizer, embora o conseguisse fazer. Todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez alternando a vez de participação com o par.

O facto de termos proposto que a participação fosse alternada para esperarem pela sua vez para jogar, causou alguma inquietação nos pares mas as oito crianças que participaram conseguiram fazê-lo. As actividades com o computador demonstram o à vontade com que algumas das crianças já utilizam este equipamento, como por exemplo a Luna, a Joaquina, a Julieta e o Tomé que conseguiram utilizar o rato para deslocar o objecto para o local adequado, depois de dizerem onde pertencia. Por outro lado, algumas crianças mostram mais dificuldades nas situações em que iniciam os contactos com o computador, mas que rapidamente são superadas. Na avaliação da actividade que realizámos com as crianças algumas das crianças que não chegaram a jogar, nomeadamente o Eduardo, a Maria e a Sílvia, pediram-nos várias vezes para jogar.

Avaliação e reflexão semanal

Ao longo desta semana proporcionámos duas situações de actividade, uma relacionada com a expressão musical, com a realização de um jogo para identificação de sons do corpo em que pretendemos que as crianças esperassem pela sua vez em grande grupo e outra relacionada com um jogo de classificação, em que procurámos que as crianças classificassem o objecto de acordo com o local adequado e que esperassem pela sua vez alternando com o par com quem estavam a jogar. Reunimos a informação relativa ao desempenho das crianças esta semana no quadro que se segue.

Quadro 42 - Avaliação das crianças de 27 de Abril a 1 de Maio

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Audição de sons do corpo	Objectivo																						
	Identifica dizendo o que é	●	○	○	○	○	○	☺	☹	○	☺	○	●	○	○	○	○	○	●	☺	○	○	○
	Identifica apontando para a parte do corpo	●	○	○	○	☺	☺	○	☹	☺	○	○	●	○	☺	☺	○	○	●	○	☺	☺	○
	Identifica repetindo o som	●	☺	☺	☺	○	○	○	☹	○	○	☺	●	☺	○	○	☺	☺	●	○	○	○	☺
	Espera pela sua vez em grande grupo	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Jogo classificação	Classifica o objecto verbalizando	●	○	●	○	○	○	○	○	○	☺	☺	☺	☺	○	○	○	○	●	☺	○	☺	○
	Classifica o objecto apontando	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	●	○	☺	○	○
	Espera pela sua vez alternando com o par	●	○	●	○	○	○	○	○	○	☺	☺	☺	☺	○	○	○	☺	●	☺	☺	☺	○

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Esta semana desenvolvemos uma actividade em grande grupo e outra em que as crianças jogaram a pares. Na primeira actividade da semana as crianças realizaram um jogo com audição de sons do corpo em que proporcionámos diferentes formas de identificação desses sons. As crianças puderam identificá-lo dizendo a que parte do corpo correspondia, apontar para a parte do corpo correspondente ou ainda repetir o som que tinham ouvido. Na segunda actividade, recorrendo à utilização do computador portátil, as crianças classificaram o objecto de acordo com a divisão da casa a que correspondia e puderam fazê-lo, dizendo, apontando e algumas delas conseguiram até deslocar a imagem do objecto para a imagem da divisão respectiva. Nas duas actividades continuámos a procurar que as crianças conseguissem esperar pela sua vez.

De acordo com o quadro 42 podemos verificar que todas as crianças conseguiram realizar a identificação do som, à excepção do Daniel que não conseguiu fazê-lo e todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez neste jogo em grande grupo. Relativamente à classificação do objecto todas as crianças conseguiram fazê-lo embora a Lúcia tenha necessitado de ajuda e o Tiago o tenha feito apontando para a divisão correcta em vez de o verbalizar. Também nesta actividade todas as crianças que participaram conseguiram esperar pela sua vez alternando com o par. Em termos de colaboração entre crianças, a segunda

actividade exigiu que as crianças conseguissem controlar melhor a forma de participação, uma vez que em par, conseguiam chamar a atenção uma da outra, quando era necessário.

4.2.2.16 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Abril

Tal como realizámos no mês de Março, após realizarmos as intervenções relativas ao mês de Abril, organizámos o registo do desempenho das crianças num quadro conjunto para permitir uma leitura global do desempenho das crianças nas actividades desenvolvidas, ajudando-nos a efectuar a análise e reflexão sobre alguns aspectos a ser tidos em conta na realização de actividades posteriores. O quadro 43 resume os registos efectuados ao longo do mês.

Quadro 43 – Avaliação do grupo no mês de Abril

Nome da actividade/ Semana	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
		Objectivo																					
Conversa área de grande grupo	6 a 10 Abril	Diz nome de um objecto que tem em casa	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	●
		Participa na conversa em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	☺	●
Jogo classif. objectos	6 a 10 Abril	Agrupa os objectos da mesma cor	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	●	☺
		Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	●	☺	☺	●	☺
Dramatiz. 3 Porquinhos	13 a 17 Abril	Participa numa dramatização	●	☺	☺	☺	☒	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☒	●	☺	☺	☺	☺
		Espera pela sua vez	●	☺	☺	☺	☒	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☒	●	☺	☺	☺	☺
Audição de sons da casa	13 a 17 Abril	Identifica dizendo o que é	☺	☺	○	○	○	○	○	○	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	○	☺	☺
		Identifica apontando para a imagem do som que ouviu	○	○	☺	☺	☺	☺	☺	☺	○	○	○	○	○	○	●	○	●	○	☺	○	○
		Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	☺	☺
Pintura parede casinha	20 a 24 Abril	Pinta usando o pincel ou a mão	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺
		Segue instruções simples	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Da leitura do quadro 43, podemos salientar que foram propostas três actividades em que as crianças deveriam esperar pela sua vez em situação de pequeno grupo e em duas delas, todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez. Para esperar pela sua vez em situação de grande grupo foram propostas quatro actividades e nas três primeiras, houve sempre algumas

crianças a necessitarem de ajuda para o fazer e na quarta e última situação que correspondeu à audição de sons do corpo, todas as crianças do grupo conseguiram esperar pela sua vez. De uma forma global, as crianças iam necessitando de alguma ajuda em determinadas actividades mas das 22 crianças do grupo, 7 conseguiram alcançar todos os objectivos das actividades em que participaram.

Durante este mês, a Lúcia regressou à instituição, pelo que passou a participar nas actividades, tal como as outras crianças do grupo, relativamente à ausência das crianças há ainda a referir a situação da Tânia que não participou em nenhuma das actividades propostas durante este mês.

Como reflexão para o mês de Maio, propusemos desenvolver alguns projectos em pequeno grupo que necessitassem da colaboração entre as crianças e continuar a trabalhar situações em que as crianças necessitem de esperar pela sua vez e proporcionar a sua participação em situações em que sigam as instruções que vão sendo dadas.

Ao nível da família, continuámos a propor as tarefas para o Daniel desenvolver em casa, com a família, entre as quais: colocar em cima/em baixo e atrás, através da brincadeira com os jogos de construção que tinha em casa, emparelhar a cor do lápis que lhe era mostrado com uma peça do jogo da mesma cor e brincar com palhinhas aproveitando para soprar pelas mesmas.

A nível do contexto escolar, realizámos a dramatização da história dos três porquinhos para mostrar a outras duas salas da instituição e um espectáculo de dança para comemoração do dia da cidadania em que participaram vários grupos da instituição.

4.2.2.17 Semana de 4 de Maio a 8 de Maio

A nível do grupo

Ao iniciarmos este mês propusemos para esta semana, duas actividades, uma com a realização em pequenos grupos e outra em grande grupo. A primeira situação proposta foi uma actividade de expressão motora, um jogo de estafeta, em que pretendíamos que além da execução das tarefas pedidas, as crianças fossem capazes de esperar pela sua vez. A segunda situação proposta foi uma actividade de grande grupo relacionada com a preparação da visita ao Jardim Zoológico.

Actividade 27: estafeta

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 05/05/09

Alunos: grupo – pequenos grupos três grupos de 5 e um de 6 crianças

Enquadramento da actividade: jogo de grupo

Objectivos:

- ✚ Esperar pela sua vez em pequeno grupo
- ✚ Executar a tarefa pedida

Material: equipamentos expressão motora (escadas, rampa, semi-círculo, degrau, colchão) pinos, bolas, arcos

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 45 minutos

Como fazer:

- Dividir as crianças em 4 grupos: 2 grupos de 6 e 2 grupos de 5.
- Explicar a cada grupo de crianças o que vão ter de fazer individualmente, uma de cada vez, em cada tarefa.
- O grupo 1 realiza saltos a pés juntos para dentro dos arcos e quando termina regressa realizando a mesma tarefa.
- O grupo 2 faz um percurso subindo escadas, deslizando, passando por cima e por baixo de equipamentos de expressão motora.
- O grupo 3 leva a bola a rebolar pelo chão até ao pino, dá a volta ao pino e regressa ao sítio inicial.
- O grupo 4 sobe para o banco sueco, percorre o banco, salta no final e regressa ao lugar.

No quadro 44 registámos o desempenho das crianças relativamente a esta actividade, tal como se mostra em seguida.

Quadro 44 - Avaliação das crianças na actividade 27

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Executa a tarefa pedida	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

A organização inicial da actividade teve de ser realizada por nós, escolhendo quatro crianças do grupo para serem os elementos de referência de cada um dos grupos mais pequenos e depois seleccionámos as outras crianças. Em seguida, explicámos cada uma das tarefas que cada criança tinha de realizar. As tarefas pedidas foram todas realizadas anteriormente pelo grupo, em algumas sessões de educação física, pelo que as crianças sabiam o que tinham a fazer. A inovação desta sessão foi a organização do circuito com as quatro tarefas diferenciadas, em que participavam quatro crianças ao mesmo tempo, realizando tarefas diferentes.

De acordo com a informação do quadro 44, podemos observar que faltou apenas uma criança neste dia e que participaram vinte e uma crianças nesta actividade. Quinze crianças conseguiram esperar pela sua vez no pequeno grupo em que se encontravam para desenvolver as tarefas pedidas, cinco necessitaram de ajuda para conseguirem esperar pela sua vez. O Diogo, o Eduardo, o Tiago, a Lúcia e a Sílvia tiveram algumas dificuldades em perceber para onde se deviam dirigir, depois de terminar a tarefa do grupo onde estavam, em vez de aguardarem pela sua participação novamente, dirigiam-se a outro grupo, para continuarem outra tarefa. Quanto à execução das tarefas pedidas, dezassete crianças conseguiram fazer o que lhes foi pedido, três necessitaram de ajuda e uma não fez o que lhe pedimos. O Daniel necessitou da nossa ajuda na realização das tarefas, do apoio físico para saltar para dentro dos arcos, para percorrer o banco sueco e saltar e da orientação para voltar ao lugar. O Rodrigo foi a criança que não quis fazer nenhuma das tarefas e quando lhe perguntámos porque é que não quis fazer nenhum dos jogos, ficou a olhar para nós e não respondeu.

Na avaliação das crianças, a Luna e a Julieta disseram que gostaram muito dos “jogos” mas queriam brincar mais tempo com as bolas. Nesta actividade, conseguimos que os

grupos de crianças desenvolvessem tarefas diferentes mas tornou-se muito difícil, apoiarmos as várias crianças.

Actividade 28: contagem de animais

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

Data: 07/05/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: actividade inserida no desenvolvimento da preparação da visita de estudo ao Jardim Zoológico

Objectivos:

- ✚ Participar na contagem em grupo
- ✚ Esperar pela sua vez em grande grupo
- ✚ Seguir as instruções

Material: miniaturas de animais

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 20 a 30 minutos

Como fazer:

- Na hora da conversa de grupo, falar com as crianças sobre as miniaturas de animais que se tem na sala para brincar.
- Pedir às crianças para dizerem o nome dos animais, conforme se vai retirando da caixa, deixando que cada criança diga o nome de um animal.
- Depois de as crianças dizerem o nome dos animais
- Pedir a uma criança de cada vez que retire um animal da caixa e que o coloque junto dos animais iguais.
- Depois de ter retirado todos os animais da caixa e os ter agrupado, efectuar as contagens com o grupo de crianças.
- Conversar com as crianças sobre qual o animal que tem mais exemplares e qual o que tem menos.

O desempenho das crianças relativamente a esta actividade, encontra-se registado no quadro 45, tal como se mostra em seguida.

Quadro 45 - Avaliação das crianças na actividade 28

Nome Objectivos	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Luísa	Joaquina	Julieta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Participa na contagem em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Segue as instruções	☹	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Iniciámos a conversa relembrando que vamos realizar a visita ao Jardim Zoológico onde vamos poder ver vários animais, alguns que as crianças já conhecem e outros que vão ver pela primeira vez. Realizámos a actividade em duas fases, na primeira, as crianças disseram os nomes dos animais que estavam dentro da caixa, com os quais costumavam brincar e depois colocaram-nos junto dos animais iguais. Na segunda fase efectuámos a contagem dos animais que as crianças tinham agrupado.

De acordo com o que podemos observar no quadro 45, faltou uma criança e participaram vinte e uma crianças nesta actividade. Dezoito crianças conseguiram participar na contagem e três necessitaram de ajuda para participar. O Daniel soube dizer os números até 5, à sua maneira, com dificuldade na articulação dos sons das palavras, mas acompanhou a contagem enquanto as outras crianças do grupo a faziam. Todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez de participar mas quando chamámos o António, para colocar o animal junto a outros que já lá estavam iguais, ele não conseguiu seguir as instruções, atirou com os animais para o chão e atirou-se para o chão enquanto chorava e dizia que queria ir para casa. Enquanto esteve no chão, a gritar e a espernear, continuámos a conversar com as outras crianças e só quando ele parou de gritar, o chamámos para conversar com ele. Nessa altura disse que não queria falar connosco e foi para a área dos carros brincar. Pedimos à Julieta para ir ao pé dele e chamá-lo para vir conversar connosco, mas ele respondeu-lhe que não queria e então ela chamou-nos a dizer que ele não queria vir. Levantámo-nos da área de grande grupo, onde estávamos a conversar com as crianças fomos até à área dos carros e perguntámos-lhe quem era o colega ao pé de quem se queria sentar, mas respondeu que não queria ir sentar-se,

respondemos-lhe que agora não podia estar a brincar na área dos carros, estávamos a conversar e ele podia não conversar mas tinha de continuar sentado ao pé de nós e segurámo-lo pelo braço e levámo-lo até junto do resto do grupo avisando-o que se não ficasse sentado depois não podia brincar nos “cantinhos”⁶ a seguir. Depois desta situação ele manteve-se sentado e participou na contagem.

Na avaliação efectuada com as crianças voltámos a referir que no Jardim Zoológico vamos poder ver muitos outros animais, que também podemos contá-los e o Eduardo referiu que queria muito ver os papagaios, porque de acordo com a explicação que deu, gostava muito de ver papagaios, porque podia tirar fotografias com eles e até falar com eles porque sabia que os papagaios falavam.

Avaliação e reflexão semanal

Durante esta semana realizámos duas actividades diferentes. Na primeira actividade proposta, organizámos uma situação de grande grupo em que as crianças se encontravam distribuídas por quatro grupos mais pequenos para realizarem quatro percursos com diferentes tarefas, procurando que esperassem pela sua vez para participar e que executassem a tarefa que tinha sido pedida. Na segunda actividade, organizámos uma situação em grande grupo onde procurámos que as crianças conseguissem participar na contagem efectuada em grupo, seguissem as instruções que eram dadas e conseguissem esperar pela sua vez. O quadro seguinte demonstra o desempenho das crianças nas duas actividades da semana.

Quadro 46 - Avaliação das crianças de 4 de Maio a 8 de Maio

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Estafeta	Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Executa a tarefa pedida	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Contagem de animais	Participa na contagem em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Segue as instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ☺ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

⁶ Noutras ocasiões o António já tinha tentado desafiar, levantando-se do local onde tinha destinado que se sentasse e correndo à volta da sala.

Esta semana realizámos uma actividade na qual as crianças participaram em pequenos grupos, realizando quatro crianças tarefas diferentes ao mesmo tempo e outra actividade que realizámos com o grande grupo, realizando a contagem de animais. O objectivo comum nas duas actividades foi conseguir esperar pela sua vez. A única criança a faltar foi a Tânia, pelo que não realizou nenhuma das actividades propostas.

Como podemos observar no quadro 46, na realização da estafeta participaram vinte e uma crianças, em que quinze conseguiram esperar pela sua vez, cinco necessitaram de ajuda para o fazer e uma criança não o fez. Na execução das tarefas propostas, dezassete crianças conseguiram fazer a tarefa pedida, três necessitaram de ajuda e uma não fez. Quanto à participação na actividade de contagem, todas as crianças conseguiram efectuar a contagem, embora uma o tenha realizado com ajuda e todas conseguiram esperar pela sua vez para colaborar no que lhe era pedido. Vinte crianças conseguiram seguir as instruções e uma não conseguiu, tendo dificuldade em manter-se junto do grupo ao longo da realização da actividade.

A nível da família

Para esta semana, a tarefa proposta para o Daniel desenvolver com a família foi, fazer rabiscos no papel mas procurando imitar movimentos circulares utilizando lápis de cor e marcadores. A mãe referiu que o Daniel continuou a preferir usar os marcadores e tinha que insistir para que ele pegasse nos lápis e fizesse o rabisco com este material. Quando conversámos sobre esta tarefa, falámos que era preferível o Daniel utilizar os marcadores para conseguir trabalhar movimentos mais intencionais, uma vez que com os lápis acabava por rabiscar para um lado e para o outro mas depois mostrava dificuldade em dirigir o movimento do lápis e em pegá-los correctamente, ao contrário do marcador, que sendo mais grosso, permitia que o segurasse de forma mais adequada.

No dia 4, para comemorarmos o dia da mãe, organizámos a ida dos pais à sala para partilharem um lanche com os filhos e poderem receber a lembrança que estes elaboraram. Nas situações em que a mãe não podia estar presente por algum motivo eram convidados outros membros da família para partilharem o lanche connosco. Podemos afirmar que nesta actividade participaram elementos da família de dez crianças do grupo para partilharem o lanche.

A nível do contexto escolar com outros grupos

No dia 8, integrado no plano anual de actividades da instituição, realizámos uma visita de estudo ao Jardim Zoológico de Lisboa. Participaram nesta visita, os grupos de dois anos e todos os grupos do jardim-de-infância. Esta actividade proporcionou a participação de todas as crianças e não necessitou de adequações especiais para os grupos, a não ser a preocupação de proporcionar oportunidades para que as crianças fossem com uma frequência adequada à casa de banho. Isto sobretudo devido à necessidade de os grupos de dois anos e no caso do nosso grupo, o Daniel em particular precisarem de efectuar esta rotina com mais frequência de modo a evitar que as crianças se molhassem.

4.2.2.18 Semana de 11 de Maio a 15 de Maio

A nível do grupo

Para esta semana organizámos um jogo de grupo com bolas no qual as crianças tinham de escolher o par para jogar, participar no jogo com este par e atirar-lhe a bola e uma actividade de expressão dramática relacionada com a visita de estudo ao Jardim Zoológico, com a participação de todas as crianças do grupo.

Actividade 29: jogo com bola

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 12/05/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: dinamização do espaço de recreio exterior com um jogo a pares utilizando bolas

Objectivos:

- ✚ Escolher um par para jogar
- ✚ Participar num jogo com outra criança
- ✚ Atirar a bola para o seu par

Material: bolas coloridas

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Na hora do recreio, aproveitar o espaço exterior para a realização de um jogo com bolas. Inicialmente deixar cada criança brincar livremente com a bola
- Pedir às crianças para fazerem uma roda de mãos dadas. Com as crianças em roda explicar que uma de cada vez vai escolher um menino ou uma menina para ser o seu par no jogo.
- Depois de escolhidos os pares explicar como vão brincar com a bola, que devem atirar a bola para o colega e o colega deve apanhar a bola e voltar a atirar.

A informação relativa ao desempenho das crianças na actividade encontra-se registada no quadro que se segue.

Quadro 47 - Avaliação das crianças na actividade 29

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Escolhe um par para jogar	○	☺	☺	☺	○	☺	☺	○	☺	☺	○	☺	○	○	☺	○	○	●	○	○	☺	○
Participa no jogo com outra criança	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺
Atira a bola para o seu par	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Para a realização desta actividade aproveitámos o espaço exterior e utilizámos as bolas para as crianças jogarem entre si. Começámos por dar uma bola a cada uma das crianças e deixámo-las brincar livremente durante algum tempo. Depois recolhemos novamente todas as bolas. A seguir, pedimos às crianças para fazerem uma roda, explicámos quem ia escolher um menino ou uma menina para ser o seu par e pedimos que escolhessem. Depois de escolherem explicámos que tinham de jogar os dois e atirar a bola um para o outro. Nesta actividade só metade das crianças conseguiu escolher o par para jogar, por isso, este objectivo não pode ser avaliado para todas as crianças, pelo que na próxima oportunidade de jogo tentaremos proporcionar esta escolha às crianças que não o fizeram.

Como podemos verificar pelo quadro 47, todas as crianças a quem pedimos para escolher um par foram capazes de o fazer. Todas as crianças conseguiram participar no jogo e

atirar a bola para o seu par, não tendo havido necessidade de realizar adaptações específicas para qualquer uma das crianças participar. Embora se tenha gerado alguma confusão com as bolas que as crianças deixavam cair, como estas tinham cores diferentes, as crianças conseguiam ir apanhar a sua bola e regressar ao lugar para continuar a jogar, embora eu fôssemos dando algumas instruções verbais no decorrer da actividade.

Actividade 30: imitação movimentos dos animais

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Dramática

Data: 14/05/09

Alunos: grupo de 3 anos

Enquadramento da actividade: actividade inserida no desenvolvimento da visita de estudo ao Jardim Zoológico

Objectivos:

- ✚ Seguir as instruções dadas
- ✚ Participar na actividade em grupo

Material: utilização do corpo

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 10 a 15 minutos

Como fazer:

- Na hora da conversa da manhã, relembrar alguns dos nomes dos animais que as crianças viram no Jardim Zoológico. Pedir às crianças que digam o nome de alguns dos animais de que se lembram.
- Explicar que se irá fazer um jogo em que vão imaginar que são os animais que viram no Jardim Zoológico. Para isso vão andar pela sala a fazer movimentos.
- Relembrar que é necessário ter cuidado para não “chocar” com os outros colegas.
- Pedir às crianças que andem como os animais, que imitem movimentos como rastejar, saltar, correr, nadar.
- Pedir às crianças que imitem o som de animais.

No quadro que se segue encontra-se a informação relativa ao desempenho das crianças na actividade desenvolvida.

Quadro 48 - Avaliação das crianças na actividade 30

Nome Objectivos	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Luísa	Joaquina	Juliana	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Segue as instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺
Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

No início da actividade, na conversa com as crianças, gerou-se alguma confusão com as crianças a quererem falar todas ao mesmo tempo, foi necessário chamarmo-las à atenção e procurar que falasse uma de cada vez. Assim, pedimos a uma criança de cada vez que dissesse o nome de um animal, o Eduardo acabou por dizer vários nomes e foi necessário pedirmos-lhe para deixar os colegas dizerem os nomes dos animais. A parte do jogo que envolveu a deslocação na sala gerou alguns conflitos, nomeadamente entre o António e o Rodrigo. Efectuámos esta actividade na sala, mas deveríamos ter previsto um local mais amplo para a realização de certo tipo de movimentos porque apesar de termos afastado os móveis e preparado o espaço, este tornou-se redutor na realização de alguns dos movimentos. A nível institucional, o espaço destinado a este tipo de actividade encontra-se sempre ocupado com aulas de educação física ou com as actividades de enriquecimento curricular pelo que é difícil utilizá-lo no âmbito de actividades deste género.

De acordo com a informação que nos é dada pelo quadro 48, podemos ver que faltaram três crianças pelo que participaram dezanove crianças na actividade. No que diz respeito a seguir instruções, dezasseis crianças conseguiram fazê-lo e três necessitaram de ajuda para o concretizarem. Como já referimos o António e o Rodrigo empurraram-se e só depois de os chamarmos e lhes pedirmos para imitar os movimentos dos colegas, começaram a seguir as instruções, mas pouco depois tivemos de chamá-los à atenção novamente, necessitando da nossa orientação verbal dizendo-lhe para fazerem os movimentos como os dos animais que eram pedidos. O Daniel necessitou de ajuda na exemplificação dos movimentos que tinha de fazer, através da indicação que lhe demos para fazer os movimentos como o Eduardo, ou como o Tomé e depois deixámos que os fizesse de acordo com as suas possibilidades. Para realizar os saltos do “canguru” necessitou do nosso apoio físico dando-

lhe a mão para se equilibrar. Quanto à participação na actividade, dezanove crianças conseguiram participar na actividade e três conseguiram com a nossa ajuda concretizar essa participação.

As crianças gostaram de fazer esta actividade de imitação de movimentos e sobretudo nos saltos, em que algumas delas caíam, riam e tornavam a saltar. O Bernardo, o Carlos e o Vicente, por exemplo, quiseram imitar os leões a saltar para atacar os outros animais mais pequenos.

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana realizámos duas actividades em grande grupo, que envolveram a expressão motora e dramática. Na primeira actividade pedimos às crianças que escolhessem o par para jogar, participando no jogo e atirando a bola para o par com quem estavam a jogar. Na segunda actividade procurámos que as crianças fossem capazes de seguir as instruções que iam sendo dadas para imitação do tipo de movimento dos animais, participando deste modo na actividade desenvolvida em grupo. O registo do desempenho das crianças relativamente às duas actividades da semana encontra-se no quadro 49, como podemos observar em seguida.

Quadro 49 - Avaliação das crianças de 11 de Maio a 15 de Maio

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Jogo com bola	Escolhe um par para jogar	○	☺	☺	☺	○	☺	☺	○	☺	☺	○	☺	○	○	☺	○	○	●	○	○	☺	○
	Participa no jogo com outra criança	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺
	Atira a bola para o seu par	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺
Imitação movimentos animais	Segue as instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺
	Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ○ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

As duas actividades desenvolvidas durante esta semana destinaram-se ao grande grupo, ambas envolveram movimento e numa delas recorremos à utilização do espaço exterior do recreio para as crianças poderem brincar com as bolas. O objectivo comum a ambas as actividades era promover a participação das crianças no jogo, escolhendo e atirando a bola

para o seu par, portanto brincando com o par e participar na actividade seguindo as instruções e sendo capaz de imitar os movimentos.

Como podemos observar no quadro 49, faltaram duas crianças, participando vinte crianças na actividade do jogo com bola e faltaram três crianças, participando um total, de dezanove crianças na actividade de imitação do movimento dos animais. No jogo com bola todas as crianças a quem pedimos que escolhessem o par conseguiram fazê-lo e todas conseguiram participar na actividade e atirar a bola para o seu par. Na actividade de imitação de movimentos de animais, das dezanove crianças que participaram, dezasseis conseguiram seguir as instruções e participar na actividade em grupo e três necessitaram sobretudo das nossas indicações para o fazer. Nesta actividade poderíamos ter beneficiado se tivesse havido a possibilidade de utilização de um espaço mais amplo que possibilitasse a realização de movimentos mais largos.

A nível da família

A tarefa proposta esta semana para o Daniel, realizar com a família, consistia em identificar, apontando correctamente, o objecto grande e o objecto pequeno num quadro com figuras iguais mas de tamanho diferente. Da observação que a mãe fez, o Daniel não identificou os objectos pelo tamanho de forma consistente, umas vezes apontava correctamente outras não.

Para procurarmos envolver as famílias e que estas se deslocassem à instituição para além de deixarem ou irem buscar as crianças e integrada no plano anual de actividades, organizámos a celebração do dia da família. Para isso, convidámos as famílias a virem à instituição, para um jantar volante partilhado, em que algumas das mães de crianças que frequentavam a instituição se voluntariaram para fazer receitas tradicionais que estavam relacionadas com os seus países e terras de origem. Desde pratos com origem beirã e minhota, a pratos escandinavos e africanos, a riqueza da variedade ilustrou a diversidade de hábitos que as famílias partilharam entre si. Esta actividade envolveu toda a instituição e teve várias famílias que ajudaram na sua dinamização e muitas outras que depois se envolveram e partilharam este jantar.

A nível do contexto escolar com outros grupos

No dia 12, celebrámos a comemoração do dia do livro com a vinda do autor Gonçalo Pratas à instituição para divulgar a sua obra “Canta o Galo Gordo”. Os grupos participaram na apresentação do autor, assistindo à sua apresentação.

4.2.2.19 Semana de 18 de Maio a 22 de Maio

A nível do grupo

Esta semana resolvemos realizar apenas uma actividade, que envolvia um projecto de colaboração entre as crianças e que requeria várias etapas, a construção das casinhas dos três porquinhos utilizando caixas de cartão do tamanho das crianças e vários tipos de materiais. O desenvolvimento deste projecto de construção está relacionado com a dramatização que fizemos para outros grupos da instituição de acordo com a história que já trabalhámos noutra ocasião.

Actividade 31: construção das casinhas dos 3 porquinhos

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Plástica

Data de início: 19/05/09

Data de conclusão: 27/05/09

Alunos: grupo de 3 anos – pequenos grupos

Enquadramento da actividade: actividade de expressão plástica envolvendo a colaboração de um grupo de crianças no desenvolvimento de um projecto comum

Objectivos:

✚ Seguir as instruções dadas

✚ Participar na actividade em grupo

Material: 3 caixas de cartão (uma para cada casa da história), colas, materiais para colagem (palha, paus de gelado e pacotes de leite vazios), tintas cenográficas, pincéis

Quantas vezes: várias vezes durante a semana (a actividade será realizada as vezes necessárias à conclusão dos trabalhos)

Tempo: 45 minutos

Como fazer:

- Durante a conversa da manhã com as crianças, explicar que vamos fazer três grupos de meninos, um grupo vai fazer a casa de palha, o outro grupo vai fazer a casa de madeira e o outro grupo vai fazer a casa de tijolo.
- Dizer quem são as crianças que fazem parte de cada grupo.
- Explicar que a primeira casa que se vai começar a construir é a casa de palha, porque é a primeira casa que o porquinho da história construiu e que enquanto uns meninos vão trabalhar na casa, os outros vão brincar nos cantinhos, porque não conseguem estar todos a trabalhar na casa ao mesmo tempo.
- Depois das crianças do grupo estarem reunidas na mesa em que vão trabalhar e com os materiais já preparados à disposição, explicar-lhes que vão fazer a colagem na caixa de cartão, um de cada vez, com os materiais que se combinou.
- Relembrar as regras de utilização da cola.

No quadro 50, registámos a informação relativa ao desempenho das crianças neste projecto de colaboração, relativamente à primeira sessão em que cada uma das crianças participou, como mostramos em seguida.

Quadro 50 - Avaliação das crianças na actividade 31

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Luísa	Joaquina	Juliana	Irene	Maria	Silvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Segue as instruções dadas	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Participa na actividade em grupo	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Para desenvolvermos esta actividade foram necessárias cinco sessões, em que trabalhámos com pequenos grupos. O Bernardo foi a criança que faltou por se encontrar de férias e por isso não foi possível participar nos projectos. Além disso, durante esta semana houve ainda o feriado municipal, pelo que ainda realizámos mais duas sessões na semana seguinte e só os conseguimos concluir nessa altura. Na distribuição das crianças pelos três

grupos de trabalho optámos por distribuir o Daniel, o Eduardo e o Tiago por grupos diferentes, para procurarmos dar o apoio que se manifestasse necessário a cada um deles.

De acordo com a informação registada no quadro 50, podemos observar que dezassete crianças conseguiram seguir as instruções dadas e quatro necessitaram de ajuda. O António necessitou da nossa orientação verbal sobretudo para esperar pela sua vez e quando colou as primeiras palhas disse que queria ir brincar para a casinha, levantou-se e foi para esse cantinho, apesar de lhe termos pedido para continuar a fazer a colagem com os colegas. Quanto ao Daniel necessitou de ver primeiro como é que os colegas faziam e quando foi a sua vez de fazer apenas necessitou de algumas indicações sobre como devia por a cola de modo a que fosse mais fácil colar as palhas. A Lúcia e o Tiago ficaram no mesmo grupo e foi necessário chamá-los à atenção várias vezes para fazerem a colagem, porque se distraíram a brincar um com o outro. Todas as crianças conseguiram participar na actividade com o grupo, excepto uma, o António que necessitou da nossa orientação.

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana realizámos, tal como descrevemos anteriormente, três pequenos projectos em que as crianças estiveram envolvidas em pequenos grupos na sua concretização. Estes projectos envolveram a construção das casinhas relacionadas com a história dos três porquinhos e envolveram sobretudo actividades de expressão plástica como pintura e colagem. Como reflexão, poderíamos ter avaliado o desempenho das crianças em cada uma das sessões em que trabalharam no projecto, mas na altura de desenvolvimento da actividade não nos apercebemos de como poderia ser importante efectuar essa comparação. De qualquer forma podemos afirmar que as todas as crianças conseguiram participar na actividade em pequeno grupo, com algumas delas a necessitarem da nossa ajuda, relativamente às instruções daquilo que tinham de ir fazendo.

A nível da família

Durante esta semana, a tarefa que pedimos à família para desenvolver em casa com o Daniel foi quando a mãe lhe lesse uma história de um livro que ele gostava, fazer-lhe perguntas depois de ler a história, conversar com ele sobre imagens, personagens, objectos e procurar que ele respondesse às perguntas que a mãe lhe fazia. A mãe referiu que o livro que o Daniel mais gostava de ouvir ler era o “Noddy” e que dessa história ele sabia responder

onde estavam todas as personagens e objectos característicos da história, anteriormente apenas apontava, agora já começou a nomear algumas das personagens pronunciando sílabas dos seus nomes.

4.2.2.20 Semana de 25 de Maio a 29 de Maio

A nível do grupo

Nesta semana, além de concluirmos os projectos de construção das casinhas dos tês porquinhos que iniciámos na semana passada, procurámos desenvolver uma actividade a pares recorrendo à utilização do computador e uma colagem colectiva em que todas as crianças participaram para colarem no local adequado e para esperarem pela sua vez.

Actividade 32: jogo em PowerPoint com noções espaciais

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

Data: 26/05/09

Alunos: grupo – pares

Enquadramento da actividade: actividade a par com utilização do computador

Objectivos:

- ✚ Esperar pela sua vez para jogar alternando com o par
- ✚ Seleccionar o objecto de acordo com a indicação verbal

Material: computador portátil

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 30 minutos

Como fazer:

- Dizer às crianças que para fazer o jogo no computador, mas que só vão poder jogar duas, uma de cada vez.
- Depois de as crianças escolherem quem vai iniciar o jogo, pedir às crianças para se sentarem à mesa e explicar o jogo.
- Quando começar o jogo vão aparecer imagens de objectos e vão ter de ouvir o que se está a pedir, como por exemplo qual é a bola que está em cima da mesa ou a flor que está debaixo da cadeira. Depois de ouvirem vão apontar ou por o rato em cima do objecto correcto e “clicar”

com o rato. Quando acabar, “clicam” em cima da seta para continuar o jogo. Joga uma criança de cada vez, alternadamente.

Registámos o desempenho das crianças no quadro seguinte.

Quadro 51 - Avaliação das crianças na actividade 32

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
<i>Espera pela sua vez para jogar alternando com o par</i>	Ø	☺	●	Ø	☺	☺	☺	☺	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
<i>Selecciona o objecto de acordo com a indicação</i>	Ø	☺	●	Ø	☺	☺	☺	☺	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), Ø Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Esta actividade serviu para outras crianças jogarem no computador e aproveitarem este recurso, uma vez que quando realizam actividades desta natureza não conseguem realizá-las todas ao mesmo tempo. Depois da conversa com as crianças na área de grande grupo escolhemos quem seriam os “pares” que iam jogar e em seguida as crianças dirigiram-se às áreas de actividades que escolheram. Quando um dos pares se sentou à mesa, no local onde iam jogar, explicámos que iam jogar uma de cada vez. Mostrámos e explicámos que no jogo era pedido para “dizerem” qual era o objecto que estava no sítio certo e pedimos às crianças que comesçassem a jogar. O Daniel jogou com o Bernardo, o Diogo com o Vicente e a Daniela com o Eduardo. O Bernardo jogou primeiro enquanto o Daniel ficou a ver e depois jogou ele. O Bernardo ajudou o Daniel a clicar na imagem correcta, porque o Daniel ainda não o conseguia fazer. Assim, o Daniel apontava com o dedo para a imagem e depois o Bernardo fazia o rato ir até à imagem que o Daniel tinha apontado e clicava. Decidimos intervir para tentarmos que o Daniel fosse participando mais, além de apontar e pedimos ao Bernardo para deixar o Daniel manusear o rato depois de ele por a seta em cima do objecto certo. Assim, o Daniel conseguiu também melhorar a utilização que fazia do rato do computador.

Como podemos observar pela informação registada no quadro 51, faltaram duas crianças neste dia, o Carlos estava de férias durante esta semana e a Joaquina também faltou neste dia. Participaram seis crianças nesta actividade, enquanto as outras que não participaram na actividade orientada se mantiveram a brincar nas áreas de actividade da sala. Das crianças

que jogaram, cinco conseguiram esperar pela sua vez e uma necessitou de ajuda para esperar. O Vicente começou a chorar porque queria jogar sempre, em vez de deixar o Diogo participar também. Cinco crianças conseguiram seleccionar a imagem do objecto de acordo com a indicação que era pedida e uma necessitou de ajuda para o fazer. O Daniel necessitou de mais indicações sobre o que estava a ser pedido.

A avaliação das crianças das actividades em que utilizam o computador é sempre bastante satisfatória, dizem que gostam de jogar no computador e que querem jogar mais.

Actividade 33: colagem colectiva com animais

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão Plástica

Data: 28/05/09

Alunos: grupo de 3 anos

Enquadramento da actividade: actividade colectiva sobre locais onde vivem os animais

Objectivos:

-  Esperar pela sua vez
-  Colar os animais no local adequado

Material: imagens de animais recortadas, papel de cenário, colas

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 10 a 15 minutos

Como fazer:

- Na conversa da manhã, relembrar com as crianças o nome de vários animais.
- Mostrar as imagens dos animais recortados e ir perguntando o nome dos animais.
- Explicar que alguns animais vivem na terra, outros vivem na água e explicar que o que vamos fazer é colar os animais no sítio onde eles vivem. No papel de cenário estão pintadas duas zonas distintas, castanho para indicar o espaço da terra e azul para indicar o espaço do mar.

O registo do desempenho das crianças nesta actividade pode ver-se no quadro 52.

Quadro 52 - Avaliação das crianças na actividade 33

Nome Objectivos	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Luíça	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Participa na actividade em grupo	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade

Após a conversa inicial em que relembrámos alguns dos nomes de animais que as crianças conheciam, explicámos que estes animais vivem em sítios diferentes. Alguns animais só conseguem viver dentro de água e há outros que não conseguem e então explicámos que na colagem que íamos fazer, íamos colocar as imagens no sítio certo consoante os animais vivessem na água ou vivessem na terra. Durante a realização desta actividade optámos por pedir a uma das crianças para explicar ao Daniel o que é que ele tinha de fazer, neste caso, pedimos à Luna para o fazer. Foi interessante observarmos a postura da Luna, na qual nos identificámos, quando chamou o Daniel para junto dela, lhe deu a mão e depois disse-lhe onde é que tinha de colar os animais que ele tinha escolhido.

Como podemos observar pela informação dada pelo quadro 52, faltaram duas crianças e participaram vinte na actividade desenvolvida. Há a salientar que todas as crianças conseguiram participar adequadamente na actividade e esperar pela sua vez.

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana, proporcionámos às crianças a realização de um jogo recorrendo à utilização do computador, para trabalhar noções espaciais em que as crianças tinham de seleccionar o objecto correcto de acordo com as indicações pedidas e esperar pela sua vez, jogando a par com outra criança. Na outra actividade realizada durante a semana, efectuámos uma colagem em que cada criança do grupo participou, esperando pela sua vez para a realizar. O desempenho das crianças nas duas actividades da semana encontra-se registado no quadro 53, como podemos observar em seguida.

Quadro 53 - Avaliação das crianças de 25 de Maio a 29 de Maio

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
	Objectivo																						
Jogo em powerpoint	Espera pela sua vez para jogar alternando com o par	Ø	☺	●	Ø	☺	☺	☺	☺	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺
	Selecciona o objecto de acordo com a indicação	Ø	☺	●	Ø	☺	☺	☺	☺	Ø	Ø	Ø	●	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	☺
Colagem colectiva	Participa na actividade em grupo	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
	Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas duas actividades desenvolvidas durante esta semana, o objectivo comum que pretendíamos trabalhar era que as crianças fossem capazes de esperar pela sua vez. Na situação do jogo com abordagem às noções espaciais em que as crianças utilizaram o computador, só participaram seis crianças, jogando com o seu par. Na situação de colagem, a actividade foi realizada em grande grupo, com cada criança a participar individualmente.

Como podemos observar no quadro 53, faltaram duas crianças, quer na primeira, quer na segunda actividade, participando seis crianças na primeira e vinte na segunda actividade realizada. Como reflexão para esta semana, referimos o facto de todas as crianças terem conseguido esperar e a colaboração proporcionada pelo jogo realizado no computador e o facto de termos solicitado a uma das crianças que explicasse a outra o que tinha de fazer. Nesta altura começamos a notar que as crianças vão conseguindo colaborar entre si de forma mais pacífica embora por vezes, surjam situações que necessitam da nossa intervenção para as ajudar a fazê-lo.

A nível da família

Para esta semana, a tarefa do Daniel em casa com a família foi, apontar correctamente para imagens de crianças, apontando o menino e a menina, nas revistas ou livros lá em casa. Na sua observação/avaliação a mãe referiu que o Daniel conseguiu identificar correctamente e começou a perguntar “qué é?”, utilizando esta expressão para perguntar o que era ou quem era.

A nível do contexto escolar com outros grupos

Esta semana, no dia 29, tivemos oportunidade de participar numa actividade organizada pela Câmara Municipal, destinada às crianças que frequentavam a educação pré-escolar e o primeiro ciclo do ensino básico do concelho. Nesta actividade, além de se encontrarem com outras crianças de outras instituições e escolas, as crianças puderam assistir a espectáculos ou workshops em conjunto, realizar jogos tradicionais e visitar a quinta pedagógica num espaço ao ar livre e organizado para esta comemoração que está relacionada com o dia da criança e que se realiza anualmente.

4.2.2.21 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Maio

Tal como fizemos no mês de Abril, após realizarmos as intervenções relativas ao mês de Maio, organizámos o registo do desempenho das crianças num quadro conjunto para permitir uma leitura global do desempenho destas nas actividades desenvolvidas, ajudando-nos a efectuar a análise e reflexão sobre alguns aspectos a ser tidos em conta na realização de actividades posteriores. Durante este mês, procurámos desenvolver um pequeno projecto de colaboração em que as crianças puderam colaborar na construção das casinhas dos porquinhos, em que realizaram tarefas como pintura e colagem, colaborando para o trabalho final. O quadro 54 mostra os registos do desempenho das crianças do grupo ao longo do mês.

Quadro 54 - Avaliação do grupo no mês de Maio

Nome da actividade	Semana	Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Estafeta	4 a 8 Maio	Espera pela sua vez em pequeno grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
		Executa a tarefa pedida	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Contagem de animais	4 a 8 Maio	Participa na contagem em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
		Espera pela sua vez em grande grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺
		Segue as instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☹ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☹ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Quanto aos objectivos com uma orientação mais académica para este mês, podemos referir que foram trabalhados, executar a tarefa pedida, participar na contagem em grupo, atirar a bola para o seu par e seleccionar o objecto de acordo com a indicação. Quanto aos objectivos na área relacional, foram trabalhados o esperar pela sua vez em pequeno e em grande grupo, participar na actividade ou no jogo com outras crianças e seguir as instruções. Relativamente a estes objectivos, podemos verificar pela leitura do quadro 54, que 12 crianças, das 22 conseguiram ao longo do mês concretizar todos os objectivos propostos para as actividades que desenvolveram, há ainda a situação de uma criança, a Tânia, que apesar de ter faltado, nas duas situações em que participou também conseguiu concretizar os objectivos

propostos nessas actividades. As restantes, 9 crianças, foram conseguindo concretizar a maioria dos objectivos, mas necessitando por vezes de algum tipo de ajuda para o fazer.

Todas as crianças conseguiram esperar pela sua vez em grande grupo, na actividade de contagem dos animais, atingiram igualmente todos os objectivos propostos no jogo com bolas e na colagem colectiva.

Para o mês de Junho e sendo o mês final da intervenção, deixámos a proposta de desenvolver as actividades propostas relativamente aos jogos de grupo, tentando promover a colaboração entre crianças neste domínio, explorando alguma das potencialidades deste tipo de jogos no desenvolvimento da relação social entre as crianças e procurando desenvolver a maioria das actividades propostas em situação de grande grupo.

Ao nível das actividades desenvolvidas com a família, as tarefas proposta para o Daniel desenvolver em casa com a família foram: fazer rabiscos no papel, procurando imitar movimentos circulares e utilizando lápis de cor e marcadores, identificar, apontando correctamente, o objecto grande e o objecto pequeno num quadro com figuras iguais mas de tamanho diferente, procurar que ele respondesse a perguntas depois de lhe ler uma história, conversando com ele sobre imagens, personagens, objectos e apontar correctamente para imagens de crianças, apontando o menino e a menina, em revistas ou livros. Para além disso, destas tarefas promovemos a participação das famílias com a comemoração do dia da mãe em que convidámos as mães ou outros familiares a irem à sala para partilharem um lanche e festejámos o dia da família com um jantar partilhado realizado com a contribuição de várias famílias.

Ao nível do contexto escolar podemos referir as actividades realizadas com outros grupos na comemoração do dia do livro, a visita de estudo ao Jardim Zoológico de Lisboa e a participação na actividade organizada pela Câmara Municipal.

4.2.2.22 Semana de 1 de Junho a 5 de Junho

A nível do grupo

Nas duas actividades propostas para esta semana e por ser o último mês de intervenção procurámos efectuar propostas relacionadas com o desenvolvimento de jogos em grande grupo, tal como tínhamos reflectido na avaliação final do mês de Maio.

Actividade 34: dança – Linda Falua

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 02/06/09

Educadora: Catarina

Ajudante: Ana

Alunos: grupo de 3 anos

Enquadramento da actividade: jogo de grupo

Objectivos:

✚ Participar numa actividade em grupo

✚ Seguir instruções

Material: sem material específico

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 minutos

Como fazer:

- Escolher as duas crianças que farão a “ponte” para passar a “falua”.
- Escolher a criança que irá à frente da fila e guiará a fila fazendo-a passar por entre os braços das duas crianças que fazem a ponte.
- A última criança da fila ficará retida na ponte trocando de lugar com outra das crianças. Por sua vez, a criança que se encontrava a fazer a ponte irá para o princípio da fila e guiará novamente os colegas ao som da música “Linda Falua”, que todas as crianças vão cantando.

No quadro 55 registámos o desempenho das crianças relativamente a esta actividade, tal como se mostra em seguida.

Quadro 55 - Avaliação das crianças na actividade 34

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Segue instruções	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ☺ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Iniciámos a actividade com uma explicação de como íamos fazer esta dança, em seguida escolhemos a criança que ia à frente da fila e as duas crianças que fariam a ponte. Começámos por guiar a criança que se encontrava no início da fila para conseguir passar por baixo dos braços das duas crianças que estavam a fazer a ponte. Esta actividade demorou bastante mais tempo do que tínhamos programado inicialmente, acabando por se prolongar durante quase uma hora, para todas as crianças poderem experimentar.

De acordo com a informação que registámos no quadro 55, podemos verificar que faltaram duas crianças neste dia e participaram vinte crianças. Nesta actividade todas as crianças conseguiram participar na actividade em grupo. Relativamente a seguir as instruções dezassete crianças conseguiram e três necessitaram de ajuda para o fazer. Para estas três crianças, o Daniel, a Lúcia e o Tiago foi necessário pegarmos-lhe na mão para os ajudarmos a guiar a fila de colegas, o apoio foi sobretudo físico no início, mas depois conseguiram seguir as instruções verbais à medida que se iam aproximando do local onde iam passar por baixo da “ponte”.

Na avaliação realizada com as crianças sobre a actividade todas gostaram bastante de realizar esta dança que acabou por funcionar como um jogo em que todas quiseram participar.

Actividade 35: dança da “Roseira”

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 03/06/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: jogo de grupo

Objectivos:

✚ Participar numa actividade em grupo

✚ Seguir instruções

Material: sem material específico

Quantas vezes: 1 vez por semana

Tempo: 15 a 20 minutos

Como fazer:

- Na hora do recreio pedir às crianças para realizarem uma roda.
- Escolher a criança que irá ficar dentro da roda.

- Explicar que a criança que ficar dentro da roda terá de andar e depois fazer o que a música manda. Num dos versos, a letra diz: “dar um beijinho a quem é mais lindo e um abraço a quem gosta mais”, repetindo depois o verso. A última criança a quem se abraçar trocará de lugar com ela no centro da roda, executando da mesma forma aquilo que a música vai pedindo.

O desempenho das crianças nesta actividade encontra-se registado no quadro que mostramos em seguida.

Quadro 56 - Avaliação das crianças na actividade 35

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Segue instruções	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação/Reflexão:

Aproveitámos o espaço exterior para realizarmos a actividade, reunimos as crianças e pedimos que fizessem uma roda, dando as mãos. Escolhemos uma criança para ficar no centro da roda, a primeira foi a Julieta e explicámos que enquanto os meninos que estavam na roda iam andando de mãos dadas, ela tinha de andar dentro da roda e depois dirigir-se a um dos colegas para dar um beijinho e a outro para dar um abraço. A criança a quem deu o abraço, à Joaquina, trocou de lugar com ela. As crianças já conheciam a música e isso contribuiu para que conseguissem seguir as instruções mais facilmente.

Como observamos no quadro 56, faltaram duas crianças neste dia e vinte crianças participaram na dança. Quinze crianças conseguiram participar na actividade em grupo e cinco apenas conseguiram com ajuda. O Diogo, o Eduardo, o Rodrigo, o Tiago e o Vicente, mostraram alguma dificuldade na participação na actividade com o resto do grupo. O Eduardo assumiu uma postura de liderança, puxando os braços dos colegas que estavam na roda, que achavam graça e imitavam os seus movimentos, fazendo com que os outros colegas a quem estavam a dar a mão, caíssem. De início, não percebemos que era o Eduardo que iniciava esta

“brincadeira” paralela e chamámos à atenção das várias crianças em causa, mas depois percebemos que era ele que estava a originar esta situação. Quando o chamámos à atenção e lhe dissemos que se não parasse de puxar os colegas tinha de sair da roda, continuou, e por essa razão pedimos-lhe para se sentar um pouco no chão, fora da roda. Retirámo-lo durante algum tempo da roda e os colegas que imitavam os movimentos dele, conseguiram participar na roda e fazer a dança seguindo as instruções. Quando chamámos o Eduardo para regressar à roda, perguntámos-lhe se já conseguia fazer a dança com os colegas, ao que ele respondeu que sim. A partir daí, colaborou com os colegas e foi capaz de executar o que lhe era pedido, mas primeiro foi necessário o tempo de pausa para depois o conseguir fazer. Relativamente ao objectivo de conseguir seguir as instruções, treze crianças conseguiram fazê-lo e sete necessitaram de ajuda. Quanto à situação das crianças que se envolveram na brincadeira que referimos provocada pelo Eduardo, foi necessário repetirmos a explicação para eles perceberem o que tinham de fazer, quanto ao Daniel e à Lúcia necessitaram da nossa ajuda física para os orientarmos na roda.

Na avaliação realizada com as crianças a Maria e a Sílvia disseram que gostaram de dar um beijinho e não houve referência à situação com o Eduardo. Além da participação na actividade em conjunto com os outros colegas, este jogo permitiu que as crianças realizassem algumas manifestações de afecto com os outros colegas como dar um abraço ou dar um beijinho.

Avaliação e reflexão semanal

Iniciámos as actividades na primeira semana do mês de Junho com duas danças em que participou todo o grupo, à excepção das crianças que faltaram, com dois objectivos comuns, participar na actividade em grupo e ser capaz de seguir as instruções. A informação do desempenho das crianças nas duas actividades encontra-se registada no quadro que se segue.

Quadro 57 – Avaliação das crianças de 1 de Junho a 5 de Junho

Nome da actividade	Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Dança da Linda Falua	Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
	Segue instruções	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
Dança da Roseira	Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺
	Segue instruções	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	☺	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Nas duas actividades desenvolvidas durante esta semana, os objectivos foram comuns e trabalhámos a participação das crianças em actividades de grupo e a capacidade de seguir instruções, realizando duas danças. Esta semana, como podemos verificar no quadro 58, faltaram duas crianças, a Daniela e a Tânia, que não participaram nas duas actividades propostas, tendo participado um total de vinte crianças em cada uma.

Como reflexão para esta semana, referimos o facto de todas as crianças terem participado na actividade de dança da falua e de quase todas as crianças terem conseguido seguir as instruções. A situação da dança da roseira como referimos na avaliação da actividade proporcionou uma situação de troca de manifestações de afecto entre as crianças, dar o beijinho, dar o abraço ao colega, que estão na base de aprender a relacionar-se afectivamente com o outro.

A nível do contexto escolar com outros grupos

Integrado no plano anual de actividades, para comemorarmos o dia da criança, organizámos no dia 1, uma feira com várias actividades e ateliers, nos quais as crianças de cada grupo podiam participar. Realizaram-se jogos tradicionais, karaoke, actividades com barro e massa de cor, desenho e pintura em que os familiares das crianças eram também convidados a participar. Para além disso semearam-se manjericos, as crianças puderam brincar num insuflável e a feira foi organizada com produtos elaborados pelas crianças nas suas actividades de sala.

No dia 5, as crianças assistiram à festa de final de ano, integrada no plano anual de actividades, onde as crianças dos grupos de cinco anos e os grupos de 4º ano do centro de actividades de tempos livres, protagonizaram um espectáculo que culminou com a entrega das pastas de “finalistas” e com uma festa popular com música ao vivo e arraial, pela sua progressão para um novo ciclo de escolaridade.

4.2.2.23 Semana de 8 de Junho a 12 de Junho

A nível do grupo

Durante esta semana, continuámos a propor a realização de jogos em grupo tendo em consideração os objectivos que pretendíamos continuar a desenvolver com todas as crianças do grupo.

Actividade 36: jogo do leão

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 09/06/09

Alunos: grupo de 3 anos

Enquadramento da actividade: jogo de grupo

Objectivos:

✚ Participar numa actividade em grupo

✚ Seguir instruções

Material: placas de esponja

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 10 a 15 minutos

Como fazer:

- Escolher a criança que será o leão. Explicar que esta criança, não poderá sair de cima das placas de esponja e ao sinal dado terá de tentar agarrar as crianças que estão de fora.
- O resto do grupo de crianças terá de passar de um lado para o outro, das placas de esponja, onde “o leão” se desloca. A criança que for agarrada ficará em cima das placas e terá de tentar agarrar as outras crianças que passarem por ela, passando a ser “leão”.

No quadro que mostramos em seguida encontra-se registado o desempenho das crianças nesta actividade.

Quadro 58 - Avaliação das crianças na actividade 36

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Participa na actividade em grupo	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	⊗	●	●	☺	●	●
Segue instruções	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	⊗	●	●	☺	●	●

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ⊗ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Iniciámos a actividade explicando que neste jogo uma criança iria fingir que era um leão e que quem fazia de leão tinha de andar sempre em cima das placas de esponja, tentando apanhar o resto das crianças que faziam de conta que eram outros animais que o leão queria caçar. As outras crianças passavam de um lado para outro das placas de esponja fugindo da criança que era o leão. O Bernardo foi a primeira criança a fazer de leão. Depois de as crianças terem jogado algumas vezes, pedimos às crianças que tinham sido o leão para se sentarem a ver os outros colegas, para permitir que o número de crianças fosse diminuindo, mas ao mesmo tempo aumentasse um pouco a dificuldade. O Diogo conseguiu ser o último a ser “caçado” pelo leão.

Como podemos ver pelo quadro 58, nesta semana o número de crianças diminuiu, várias crianças que faltaram porque se encontravam de férias e porque esta semana teve dois feriados nacionais. Assim, o número total de crianças foi apenas treze, faltando nove crianças. Das treze crianças que participaram doze conseguiram participar e uma não fez a actividade, o Rodrigo não quis participar no jogo, ficou a ver os colegas a jogar. Das crianças que participaram, doze conseguiram seguir as instruções e uma necessitou de ajuda. O Tiago teve alguma dificuldade em manter-se em cima das placas para apanhar os colegas que passavam e corria atrás deles, como quando jogam à apanhada e correm atrás uns dos outros, foi necessário explicarmos-lhe individualmente que tinha de apanhar os colegas mas sem sair dos colchões. Na avaliação que fizeram da actividade o Bernardo e o Carlos gostaram muito de fazer o jogo do leão mas o Bernardo disse que não gostou que o Eduardo o tivesse apanhado.

Actividade 37: jogo das cadeiras

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 09/06/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: jogo de grupo

Objectivos:

✚ Participar numa actividade em grupo

✚ Seguir instruções

Material: cadeiras, leitor de cd e cd musical

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 a 20 minutos

Como fazer:

- Pedir às crianças para se deslocarem à volta de um conjunto de cadeiras (menos uma cadeira do que o total de crianças), dispostas em círculo viradas para o exterior.
- Quando a música parar, as crianças têm de sentar-se, uma em cada cadeira. Quando a música recomeça, as crianças continuam a caminhar à volta das cadeiras.

O quadro seguinte, mostra o registo efectuado relativamente ao desempenho das crianças na actividade.

Quadro 59 - Avaliação das crianças na actividade 37

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julieta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Participa na actividade em grupo	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺	●	●	☺	●	●
Segue instruções	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺	●	●	☺	●	●

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Iniciámos a actividade pedindo às crianças que andassem à volta das cadeiras, ouvindo e dançando ao som da música que colocámos em seguida. Avisámos que quando deixassem de ouvir a música tinham de procurar uma cadeira para se sentarem o mais depressa que conseguissem. Neste dia, não foi a primeira vez que as crianças realizaram este

jogo, já o realizaram noutras situações. No início, quando iniciámos a abordagem ao jogo, houve necessidade de realizarmos a adaptação de não ir retirando as cadeiras, à medida que as crianças iam ficando sem lugar, porque as crianças tinham muita dificuldade em perceber porque é que ficavam sem jogar. Nesta ocasião, já conseguiram jogar sem realizarmos esta adaptação e foram saindo e sentando-se à espera dos outros colegas que estavam a jogar, ficando a ver os colegas. O facto de terem faltado nove crianças do grupo também facilitou a participação das crianças e mesmo depois de saírem do jogo passados alguns minutos reiniciaram a sua participação o que facilitou o tempo de espera. Como podemos observar no quadro 59, as treze crianças conseguiram participar no jogo em grupo e todas conseguiram seguir as instruções.

Avaliação e reflexão semanal

Esta semana as crianças realizaram duas actividades em grupo, dois jogos em que continuámos a trabalhar os objectivos de participarem em actividades em grupo e de seguirem instruções, tal como temos vindo a proporcionar nas actividades desenvolvidas durante este mês. No quadro que se segue registámos o desempenho das crianças, durante as duas actividades da semana.

Quadro 60 - Avaliação das crianças de 8 de Junho a 12 de Junho

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Jogo do leão	Participa na actividade em grupo	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	⊗	●	●	☺	●	●
	Segue instruções	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	⊗	●	●	☺	●	●
Jogo das cadeiras	Participa na actividade em grupo	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺	●	●	☺	●	●
	Segue instruções	●	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺	●	●	☺	●	●

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Durante esta semana, os objectivos trabalhados nas duas actividades continuaram a ser comuns, a participação das crianças em actividades de grupo e a capacidade de seguir instruções, realizando dois jogos em grupo. Como podemos verificar no quadro 60, esta semana, faltaram nove crianças, que não participaram em nenhuma das actividades propostas, tendo participado um total de treze crianças em cada uma.

Como reflexão para esta semana, referimos o facto de quase todas as crianças terem conseguido participar e seguir as instruções, excepto o Tiago que necessitou de ajuda no jogo do leão e o Rodrigo que não quis fazer esse jogo.

4.2.2.24 Semana de 15 de Junho a 19 de Junho

A nível do grupo

Nesta semana continuámos a propor duas situações de jogo em grupo, tal como temos vindo a propor neste último mês de intervenção, continuando a trabalhar a participação das crianças nestas actividades e a forma de seguir as instruções que vão sendo dadas.

Actividade 38: jogo dos peixinhos

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 18/06/09

Alunos: grupo de 3 anos

Enquadramento da actividade: jogo de grupo

Objectivos:

-  Participar numa actividade em grupo
-  Seguir instruções

Material: sem material específico

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 15 a 20 minutos

Como fazer:

- Explicar às crianças algumas das crianças do grupo vão fazer de conta que são os pescadores que dão as mãos e formam uma rede, enquanto as outras crianças vão fazer de conta que são os peixes.
- Os pescadores têm de combinar um número e iniciar uma contagem crescente enquanto os peixes entram e saem da roda.
- Ao número combinado os pescadores baixam-se, fechando a roda. Os “peixes” apanhados passam a fazer parte da rede.

No quadro que se segue registámos o desempenho das crianças nesta actividade.

Quadro 61 - Avaliação das crianças na actividade 38

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julietta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺
Segue instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, Ø A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Para iniciarmos à actividade, escolhemos as dez crianças para fazer a roda e pedimos-lhe que dessem as mãos enquanto as outras se mantinham do lado de fora da roda. Explicámos que as crianças que estavam na roda iam fazer de pescadores que tinham uma “rede” para apanhar os peixes que eram as crianças que estavam de fora. Juntámos as crianças da roda e procedemos à escolha dos números e nas primeiras três vezes, fomos nós a efectuar esta escolha. Nas outras vezes pedimos ao Tomé, à Julieta, à Joaquina e à Lúcia para dizerem números e foram eles a escolher a contagem dos peixinhos, com números até 10. Em seguida começámos a contagem com as crianças, dizendo às que se encontravam fora da roda para passarem por dentro da “rede”. Quando chegámos ao número combinado baixámo-nos e as crianças que ficaram dentro da roda, passaram a dar a mão aos colegas, ficando a fazer parte da “rede”.

Como podemos ver pelo quadro 61, faltaram três crianças e participaram dezanove crianças neste jogo. Das crianças que participaram dezoito conseguiram participar na actividade em grupo e uma necessitou de ajuda para participar. Quanto a seguir as instruções, dezasseis crianças conseguiram fazê-lo e três precisaram de ajuda. O António quando começou o jogo, seguiu as instruções mas quando foi apanhado e teve que ir para a rede, estava constantemente a largar a mão dos colegas e corria novamente para o meio dos colegas que faziam de peixes, tivemos que o chamar várias vezes. A Lúcia teve alguma dificuldade em percorrer a roda por dentro, corria à volta das crianças que faziam a rede, foi preciso pedirmos à Julieta que lhe desse a mão para passar por baixo dos braços das crianças que

estavam a fazer a rede para ela poder perceber como tinha de fazer. Para o Daniel, pedimos à Joaquina que lhe desse a mão para o ajudar a passar pela rede.

Na avaliação que as crianças fizeram gostaram de fazer o jogo dos peixinhos mas a Luna disse que não queria dar a mão ao António porque ele não sabia jogar.

Actividade 39: jogo do lenço

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação – Expressão motora

Data: 19/06/09

Alunos: grupo

Enquadramento da actividade: jogo de grupo

Objectivos:

✚ Participar numa actividade em grupo

✚ Seguir instruções

Material: lenço

Quantas vezes: 1 vez

Tempo: 20 a 30 minutos

Como fazer:

- Durante o tempo de recreio no espaço exterior pedir às crianças para fazerem uma roda e depois sentarem-se no chão, explicando o que se vai fazer.
- Uma das crianças contorna a roda pelo lado de fora, com um lenço na mão, deixando-o cair atrás de outra. Esta tem de apanhá-lo e tentar agarrar a primeira criança antes de ela chegar ao lugar vago. Todas devem correr à volta do círculo, na direcção que se exemplifica com gestos e que segue a orientação do sentido dos ponteiros do relógio. Todas as crianças devem olhar para a frente até verem ou saberem que o lenço caiu atrás delas.
- Relembrar as regras do jogo, só a criança que tiver o lenço atrás das costas é que se pode levantar, tem de apanhar o lenço e correr atrás da criança que colocou o lenço atrás de si e por sua vez, tem de correr à volta da roda de crianças para se sentar no lugar da criança que se levantou.

No quadro que se segue registámos o desempenho das crianças na actividade proposta.

Quadro 62 - Avaliação das crianças na actividade 39

Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Luíça	Joaquina	Julieta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Objectivos																						
Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺
Segue instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☹ Não conseguiu, ☒ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Avaliação e reflexão da actividade:

Realizámos esta actividade no espaço exterior, aproveitando o espaço disponível. Pedimos às crianças para fazerem uma roda e depois que se sentassem no chão para explicarmos o jogo que íamos fazer. Explicámos que uma criança tinha que levar o lenço na mão e depois deixá-lo cair atrás das costas de um colega. O colega tinha que apanhar o lenço e correr atrás do colega que o tinha deixado cair. Este último tinha que correr para se ir sentar no lugar do colega que se tinha levantado. As instruções para a participação no jogo foram sendo dadas à medida que cada criança participava e procurámos adequar as instruções para que as crianças fossem capazes de as seguir.

Como podemos observar pelo quadro 62, faltaram três crianças durante este dia e participaram dezanove crianças no jogo. Todas as crianças conseguiram participar no jogo, aguardaram a sua vez de jogar e conseguiram seguir as instruções que iam sendo dadas, à excepção do Daniel. Ele necessitou de orientações verbais mais simples, apenas uma acção de cada vez, para conseguir fazê-lo. Por exemplo, quando a Julieta deixou cair o lenço atrás das costas do Daniel, tivemos de dizer-lhe “olha para trás das tuas costas, Daniel”, depois dissemos-lhe “apanha o lenço” e depois “corre atrás da Julieta para a apanhares”. Na avaliação que fizeram do jogo, as crianças gostaram de apanhar o lenço e correr atrás do colega para o apanhar.

Avaliação e reflexão semanal

Na última semana de intervenção continuámos a realização de jogos de grupo, tal como tínhamos proposto para este mês.

No quadro 63, encontra-se o registo da informação sobre o desempenho das crianças nas duas actividades proporcionadas durante esta semana.

Quadro 63 - Avaliação das crianças de 15 de Junho a 19 de Junho

Nome da actividade	Nome	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julieta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
		Objectivo																					
Jogo dos peixinhos	Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺
	Segue instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺
Jogo do lenço	Participa na actividade em grupo	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺
	Segue instruções	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	☺	●	☺	●	☺	☺	●	☺

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ☺ Recusou fazer, ● Faltou, ☺ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Ao longo das duas intervenções que efectuámos esta semana, continuámos a proporcionar jogos de grupo de modo a promover a participação das crianças nestas actividades em grupo e a trabalhar para que fossem capazes de seguir as instruções. Como reflexão para esta semana, queremos referir que na situação do jogo dos peixinhos, duas crianças conseguiram colaborar com os colegas que estavam a manifestar alguma dificuldade em jogar, que foi o caso da Joaquina que ajudou o Daniel e a Julieta que ajudou a Lúcia. Para além disso, as situações de jogo em grupo proporcionam uma grande variedade de experiências entre as crianças, o facto de conseguirem seguir as instruções que são dadas revela-se muito importante para que venham a ser capazes de aceitar e seguir as regras de convivência e de vida social, abrindo caminho para futuras oportunidades de cooperação.

A nível da família

Para esta semana, a tarefa proposta para o Daniel desenvolver com a família, foi a brincadeira com os jogos de encaixe, praticar o encaixe de vários tipos de jogos que tinha em casa com esta finalidade. A mãe referiu que o Daniel se desinteressou facilmente por estes jogos, o que também tínhamos vindo a verificar na sala. O Daniel necessitava de experimentar novos tipos de jogos a este nível, para podermos verificar o seu desempenho com jogos que ainda não conhecia.

No dia 16, realizámos a reunião com encarregados de educação das crianças do grupo onde efectuámos a avaliação do ano lectivo com os mesmos, sugerindo referências a

aspectos negativos e positivos. Da avaliação realizada, salientamos o aspecto positivo que esteve relacionado com o trabalho desenvolvido com as crianças e o aspecto negativo relacionou-se com a falta de recursos existente e a gestão relativa a alguns aspectos institucionais.

A nível do contexto escolar com outros grupos

O sarau desportivo foi uma actividade realizada no dia 19, integrada no plano anual de actividades e que contou com a colaboração dos docentes e técnicos que trabalhavam na instituição, assim como do resto do pessoal. Nesta actividade participaram os grupos de dois anos, os grupos do jardim-de-infância, os grupos do centro de actividades de tempos livre e os grupos que frequentavam as actividades extra-curriculares com componente desportiva, com apresentações a nível da expressão motora e da educação física. Nesta situação, podemos referir que antes da exibição do grupo, o Daniel começou a chorar e a dizer que não queria, mas quando todos os colegas começaram a deslocar-se para irem apresentar a dança que tinham preparado, foi atrás deles e participou tal como todas as crianças do grupo.

4.2.2.25 Síntese da avaliação e reflexão do mês de Junho

Tal como nos meses anteriores de intervenção, após efectuarmos as actividades relativas ao mês de Junho, organizámos o registo do desempenho das crianças num quadro mensal para permitir uma leitura global do desempenho destas nas actividades desenvolvidas. Desta forma, a informação registada ajudou-nos a efectuar a análise e reflexão sobre alguns aspectos das actividades desenvolvidas. Durante este mês, procurámos desenvolver jogos em grupo, promovendo a participação de todas as crianças e a sua capacidade de seguir instruções. O quadro 64 mostra os registos do desempenho das crianças do grupo ao longo deste mês.

Quadro 64 – Avaliação do grupo no mês de Junho

Nome da actividade/ Semana	Nome Objectivo	António	Bernardo	Carlos	Daniela	Diana	Diogo	Eduardo	Daniel	Fátima	Luna	Lúcia	Joaquina	Julieta	Irene	Maria	Sílvia	Rodrigo	Tânia	Tomé	Tiago	Salvador	Vicente
Dança Linda Falsa 1 a 5 Junho	Participa na actividade em grupo	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊
	Segue instruções	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊
Dança da Roseira 1 a 5 Junho	Participa na actividade em grupo	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊
	Segue instruções	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	😊	😊
Jogo do leão 8 a 12 Junho	Participa na actividade em grupo	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	⊗	🟦	🟦	😊	🟦	🟦
	Segue instruções	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	⊗	🟦	🟦	😊	🟦	🟦
Jogo das cadeiras 8 a 12 Junho	Participa na actividade em grupo	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊	🟦	🟦	😊	🟦	🟦
	Segue instruções	🟦	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊	🟦	🟦	😊	🟦	🟦
Jogo dos peixinhos 15 a 19 Junho	Participa na actividade em grupo	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊
	Segue instruções	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊
Jogo do lenço 15 a 19	Participa na actividade em grupo	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊
	Segue instruções	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	🟦	😊	🟦	😊	😊	🟦	😊

Legenda: ☺ Conseguiu, ☺ Conseguiu com ajuda, ☺ Não conseguiu, ⊗ Recusou fazer, ● Faltou, ∅ A actividade orientada não foi dirigida para ele(a), ○ Objectivo não foi avaliado.

Durante este mês, a frequência das crianças do grupo foi bastante irregular devido às férias de algumas crianças e pela leitura do quadro 64, podemos observar um grande número de crianças que faltaram sobretudo na semana de 8 a 12 de Junho. Há a salientar ainda que durante este mês a intervenção realizou-se apenas até ao dia 19 de Junho, coincidindo com o encerramento do ano lectivo e culminando com a actividade conjunta registada nas actividades em contexto escolar, o sarau desportivo, no qual todas as crianças do grupo participaram. Após esta data, iniciou-se a colónia de praia, uma actividade realizada por todas as crianças que frequentam a instituição. Realizaram-se seis actividades no total, em que a

participação das crianças foi sempre realizada em grande grupo e todos os objectivos foram avaliados tal como estava previsto.

Ao longo do mês, das 22 crianças do grupo, 13 conseguiram sempre alcançar dois objectivos propostos para as actividades desenvolvidas, enquanto 9, necessitaram de algum tipo de ajuda para o conseguir.

A nível da família, houve apenas uma actividade proposta para o Daniel desenvolver com a família que foi a brincadeira com os jogos de encaixe, isto porque o Daniel também esteve de férias com a família, tendo faltado na semana de 8 a 12 de Junho. Para além desta actividade mais individualizada proposta para a família desenvolver com o Daniel, realizámos a reunião com os encarregados de educação das crianças do grupo para efectuarmos uma avaliação de como tinha corrido o ano lectivo.

A nível do contexto escolar realizaram-se comemorações integradas no plano anual de actividades da instituição e na qual todas as crianças participaram, que foram a comemoração do Dia da Criança e o Sarau desportivo. As crianças do grupo, assistiram ainda à festa de final de ano organizada pelos colegas das salas de 5 anos e de 4º ano do centro de actividades de tempos livres.

4.3 Avaliação global

Durante a caracterização inicial do grupo, tínhamos constatado a dificuldade das crianças do grupo em se relacionarem entre si e para além disso, pretendíamos que a intervenção proporcionasse uma resposta adequada em termos pedagógicos ao grupo de crianças programando situações de aprendizagem adequadas para promover o desenvolvimento de cada criança tendo em atenção a sua especificidade no seio do grupo e tomando em consideração a importância de que se revestem as relações com os pares na sua aprendizagem e desenvolvimento.

Neste sentido, procurámos delinear uma intervenção que fosse de encontro ao projecto que queríamos desenvolver planificando uma intervenção de acordo com o quadro 1, apresentado no início deste capítulo. No entanto, a metodologia de investigação-acção utilizada, obrigou-nos a uma planificação, acção e reflexão, etapa a etapa, pelo que a proposta inicial global de toda a intervenção tal como se apresentou, acabou depois por ser desdobrada

e complementada de acordo com algumas das reflexões que fomos realizando ao longo dos meses de intervenção.

De acordo com a caracterização do grupo que tínhamos efectuado, utilizando o teste sociométrico e a observação naturalista, tínhamos verificado a grande oscilação em termos de preferências das crianças relativamente à escolha de parceiros para brincar e em relação à observação naturalista tínhamos constatado um grande número de registos de comportamento que tinham estado relacionados com situações problemáticas, nomeadamente com situações de conflito entre as crianças, face às situações identificadas queríamos procurar desenvolver as relações sociais estabelecidas entre as crianças e promover situações de aprendizagem e desenvolvimento para todas. No quadro 65 apresentamos a planificação da intervenção tal como foi realizada entre Fevereiro de 2009 e Junho de 2009.

Quadro 65 – Planificação da intervenção a nível do grupo e dos alunos caso

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Actividades	Estratégias	Calendarização	Recursos materiais	Recursos humanos	Avaliação
Relacionar-se com crianças da sua idade	- Brincar com outra criança utilizando os mesmos materiais - Alternar as vezes de participar	Brincadeira com jogos de mesa	Pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	2 vezes por semana durante o mês de Fevereiro	Jogos de encaixe, cubos, legos, enfiamentos	Educadora Ajudante de acção educativa	Para cada actividade foi criado um documento de registo que incluiu o quadro relativo ao desempenho das crianças que participaram na actividade e a avaliação e reflexão da mesma
	- Esperar pela sua vez - Participar em actividades com outras crianças	Actividades de expressão plástica Actividades de expressão dramática Jogos de grupo	Grande grupo e pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	2 vezes por semana durante o mês de Março	Papel de cenário, lápis de cor e lápis de cera, livro, farinha, sal, óleo, água, alguidar, blocos lógicos, papel de lustro, lenço, fotocópias, papel crepe de várias cores, tesouras de criança, colas, cartolina	Educadora Ajudante de acção educativa	
	- Esperar pela sua vez - Participar em actividades com outras crianças - Seguir instruções simples	Conversas Jogos de grupo Actividades de expressão dramática Actividades de expressão plástica	Grande e pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	2 vezes por semana durante o mês de Abril	Papel de cenário, tintas, pincéis, aventais, objectos da área de jogo simbólico “casinha”, caixas identificadas com a cor amarela,	Educadora Ajudante de acção educativa	

					vermelha, azul e verde, pc portátil, imagens com os objectos, cartão, cola, papel crepe		
	- Esperar pela sua vez - Participar em actividades com outras crianças - Seguir instruções simples	Jogos de grupo Conversas Actividades de expressão plástica	Grande e pequeno grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	2 vezes por semana durante o mês de Maio	Equipamentos expressão motora, peças de legos, bolas, caixas de cartão, colas, materiais colagem, tintas, pincéis, imagens, pc portátil	Educadora Ajudante de acção educativa	
	- Participar em actividades com outras crianças - Seguir instruções simples	Danças Jogos de grupo: leão, cadeiras, peixinhos, lenço	Grande grupo (com ajuda física e verbal do adulto quando necessário)	2 vezes por semana durante o mês de Junho	Placas de esponja, cadeiras, leitor de cd, cd, lenço	Educadora Ajudante de acção educativa	

Como podemos verificar pelo quadro 65, iniciámos a intervenção com actividades em pequeno grupo, com uma situação de jogo orientada pelo adulto na qual participavam poucas crianças de cada vez, tendo concluído a intervenção com situações de jogos em grande grupo, em que a orientação continuou a ser efectuada pelo adulto.

Apesar de inicialmente termos proposto o desenvolvimento de actividades apenas em situação de pequeno grupo, com o decorrer da intervenção, considerámos pertinente incluir actividades em que as crianças participassem em grande grupo e também nestas as crianças foram conseguindo atingir os objectivos propostos.

Na proposta inicial, também tínhamos como referência, apenas dois objectivos para cada um dos meses, mas constatámos que essa estruturação necessitou de ir sendo reformulada, pelo que fomos alterando e adequando os objectivos que pretendíamos trabalhar às situações que propúnhamos.

A avaliação foi realizada após a realização de cada actividade e de acordo com as crianças que nela participaram. Além disso, todas as semanas se efectuou uma avaliação que considerou alguns aspectos como reflexão para actividades posteriores tendo em consideração os comportamentos das crianças durante essa semana nas duas actividades propostas. No final de cada mês foi feita uma nova avaliação para se poderem adequar as actividades de acordo com as reflexões efectuadas. Procurámos que a avaliação fosse realizada através de um trabalho de reflexividade crítica sobre a prática ao longo da intervenção.

4.3.1 A nível do grupo e do/s aluno/s “caso”

No início da intervenção, durante o mês de Fevereiro desenvolvemos actividades com pequenos grupos de crianças na área dos jogos, proporcionando oportunidades para que as crianças pudessem brincar entre si utilizando os mesmos materiais e pudessem alternar a vez de participar nesse jogo com outra criança. Conseguimos concretizar as actividades inicialmente previstas embora numa das situações, na actividade de jogos com enfiamentos, não tivéssemos conseguido avaliar o desempenho das crianças tendo em consideração os objectivos propostos. Iniciámos a intervenção com actividades orientadas para uma área de actividade específica e direccionada para um pequeno grupo de crianças e com uma duração aproximada entre 15 a 20 minutos em que gradualmente as crianças foram capazes de atingir os objectivos propostos.

Relativamente à relação entre as crianças podemos salientar a colaboração da Joaquina na ajuda ao Carlos e a colaboração da Tânia relativamente à ajuda que deu à Daniela. Do ponto de vista do desenvolvimento é muito importante a fase em que as crianças aprendem a partilhar os materiais e a brincar com outra criança, criando nesta fase as bases para uma futura colaboração na brincadeira e durante este mês procurámos trabalhar estas bases, procurando proporcionar deliberadamente estas oportunidades na área dos jogos.

No que diz respeito ao mês de Março, apesar de mantermos algumas actividades em pequeno grupo, alargámos a intervenção a outros pequenos grupos e houve também algumas propostas para o grande grupo. Podemos referir também, que alargámos a intervenção proporcionando actividades relacionadas com as diversas áreas de conteúdo da educação pré-escolar. Os objectivos trabalhados ao longo deste mês na área relacional foram sobretudo, esperar pela sua vez e participar em actividades com outras crianças. Foram realizadas todas as actividades planeadas e avaliados os objectivos propostos, à excepção do objectivo brincar com outra criança utilizando o mesmo material na actividade de modelagem que não se revelou adequado. Em algumas das actividades prolongámos o tempo da actividade para além do que estava inicialmente estava previsto, sempre que o considerámos importante, dando continuidade ao trabalho desenvolvido. A adequação em termos do tamanho do grupo de crianças, no desenvolvimento de algumas actividades permitiu-nos que fosse possível ajudar as crianças a regularem o seu comportamento em termos da sua participação e a esperar pela sua vez, embora esta dificuldade por vezes se tenha mantido como por exemplo o Eduardo que perguntava constantemente “E eu?” na actividade de desenho no papel de cenário.

Em algumas das actividades que se realizaram durante este mês, a participação das crianças ocorreu a diferentes níveis na mesma actividade consoante aquilo que as crianças já eram capazes de fazer. Por exemplo, na actividade de desenho no papel de cenário, o Daniel acabou por rabiscar com os lápis segurando-os com a mão toda porque considerámos mais importante a experimentação e participação na actividade esperando pela sua vez, deixando a exercitação da colocação correcta do lápis para outra oportunidade. Nas actividades de dramatização as crianças também participaram de acordo com o que eram capazes de fazer. Por exemplo, a Luna e a Julieta eram duas das crianças que já conseguiam repetir pequenas frases e o Eduardo gostava muito de fazer personagens onde tinha de fazer caretas e aproveitávamos essas características para promover a sua participação. No entanto, existiam algumas crianças que não gostavam de se expor tanto a esse nível ou participar dessa forma,

como a Diana, o Rodrigo ou o Tiago por exemplo. Muitas das vezes, encolhiam-se e preferiam não participar, situação que também respeitávamos e que procurávamos compreender.

Algumas actividades foram simplificadas e efectuámos a adaptação do material de trabalho, conforme aquilo que as crianças já eram capazes de realizar, como foi o caso do jogo de grupo com a cor/formas geométricas, a associação de imagens, ou a rasgagem/recorte. No jogo de grupo com as formas geométricas, apesar de ser utilizado o mesmo material para todas as crianças, o que lhes foi solicitado foi diferente. Para o Daniel pedimos que identificasse peças da cor amarela, enquanto para os outros colegas, depois de todos terem identificado as cores pedidas, pedimos-lhe que identificassem a forma geométrica e nesse caso já se manifestaram maiores dificuldades. Na associação de imagens houve três tarefas para realizar: as crianças que já dominavam o lápis, fizeram a ligação das imagens com um traço e depois pintaram as imagens, aquelas que ainda tinham algumas dificuldades na colocação e manuseamento do lápis, fizeram a associação das imagens colando a imagem à frente e o Daniel efectuou a colagem da imagem igual. Na actividade de rasgagem ou iniciação ao recorte, o que fizemos foi iniciar o contacto com a tesoura para todas as crianças mas depois deixámos que as crianças que assim o preferissem pudessem rasgar.

Os objectivos foram sendo parcialmente atingidos ao longo do mês, com muitas das crianças a necessitarem de ajudas ou os apoios para o conseguir. Dependendo da actividade em questão, durante este mês, os apoios dados pelo adulto foram, um pouco mais físicos. Por exemplo, houve pelo menos quatro situações em que foi necessária a ajuda física do adulto, nomeadamente o desenho em papel de cenário, a modelagem em massa de sal, a rasgagem e o trabalho colectivo de Primavera com iniciação ao recorte, que foram sempre sendo complementadas com as indicações verbais necessárias.

Na situação do desenho no papel de cenário, constatámos o pouco interesse de uma das crianças pelos materiais e deixámos a proposta de alteração para a utilização de materiais mais apelativos. Noutra ocasião sucedeu a situação inversa, no caso da utilização dos blocos lógicos, em que os materiais eram novos e por esse motivo se tornaram tão atractivos que todas as crianças os queriam experimentar.

Ao longo do mês de Abril, os objectivos trabalhados foram, esperar pela sua vez, aguardar pela sua vez para falar, para jogar, etc., objectivos que considerámos muito importantes para a aprendizagem dos comportamentos necessários para desenvolver as suas

relações sociais e que contribuíam para a resolução dos seus conflitos, como as brigas ou as agressões que ocorriam entre elas. Surgiram várias ocasiões em que se tornou necessário relembrarmos as regras da sala, que eram conhecidas por todas as crianças e se encontravam afixadas na sala, em registo escrito e gráfico. Por exemplo, na actividade de conversa na área de grande grupo realizada na primeira semana do mês, as crianças sabiam que quando chegavam à sala tinham de arrumar os brinquedos de casa nos seus sacos individuais, que estavam pendurados nos cabides porque iam ter oportunidade de os mostrar durante a conversa da manhã, mostrando o que tinham trazido de casa e mais tarde, podiam brincar com estes objectos. Isto, para que durante a conversa, em que se pretendia abordar determinado assunto, elas não se distraíssem com os brinquedos. Outro exemplo, de abordagem das regras foi o jogo de classificação pelas cores, onde o Eduardo insistia em fazer perguntas, que nem estavam relacionadas com o que estávamos a fazer e ele insistia em ser atendido na chamada de atenção que estava a fazer. Tornou-se difícil regular o seu comportamento, de modo que percebesse que não ia ser com aquela postura que ia ter mais atenção e por outro lado, darmos-lhe a atenção que solicitava sem deixarmos de dar atenção ao resto do grupo.

Os apoios prestados nas actividades ao longo do mês variaram entre a simplificação da tarefa pedida, como por exemplo, na actividade de classificação de objectos pela cor em que de acordo com o que o Daniel era capaz de fazer lhe pedimos para colocar o objecto na caixa com a vermelha, ou através da ajuda dada na repetição dos sons em que o Daniel os identificava associando-os à imagem, ou mesmo na ajuda física na colocação e manuseamento correcto do pincel.

Neste mês continuámos a optar pela realização das actividades em grupos mais pequenos e sentados à mesa, sempre que a atenção das crianças do grupo o justificava. Essa alteração, em termos do ambiente, proporcionou maior disponibilidade e mais conforto, porque as crianças se sentaram nas cadeiras existentes em torno da mesa de trabalho, que lhes ofereciam essa estabilidade.

Gostaríamos ainda de referir uma situação pontual que ocorreu este mês, mas que revela um pouco, de como as crianças se vêem entre si, que foi a observação que o Eduardo fez relativamente ao Daniel na actividade de pintura, considerando-o mais “pequenino”.

No mês de Maio, iniciámos a colaboração entre crianças com a actividade de construção das casinhas dos três porquinhos. A concretização da actividade gerou um produto final que foi fruto da colaboração entre pequenos grupos de crianças. Actividades deste

género permitem ajudar as crianças a formar “alicerces” para futuros trabalhos de cooperação. A propósito da abordagem em termos de colaboração com o outro, há a referir a ajuda que o Bernardo deu ao Daniel no jogo em powerpoint e a explicação e a ajuda que a Luna lhe deu na colagem colectiva.

Quanto aos apoios prestados às crianças, estas demonstraram alguma dificuldade na orientação espacial na actividade de estafeta, necessitaram desta ajuda para regressarem ao lugar mas não necessitaram de qualquer tipo de apoio na realização das tarefas. O Daniel necessitou sobretudo de apoio físico e orientação verbal em especial nas tarefas que implicavam maior coordenação motora como as que envolviam saltos. No entanto, as crianças conseguiram atingir a maioria dos objectivos propostos.

No mês de Junho, direccionámos a intervenção para jogos de grupo. Neste mês realizaram-se apenas seis actividades e há a salientar também a inconsistência da frequência das crianças, que faltaram durante este mês. Podemos no entanto, referir que durante a intervenção realizada, foram abordadas algumas das regras da sala, como por exemplo na situação da dança da Roseira com o Eduardo, em que após os avisos efectuados, continuava a perturbar os colegas, pelo que o seu afastamento, realizando um tempo de pausa, o que proporcionou que quando regressou à actividade não perturbou e conseguiu acompanhar os seus colegas na realização do que lhe era pedido. Relativamente às instruções que foram dadas, estas adequavam-se ao nível de desenvolvimento de cada criança. Aqui, salientamos a importância do educador ter conhecimento do nível de desenvolvimento individual de cada uma das crianças, pois só assim consegue traduzir as instruções de modo a que cada criança seja capaz de as executar ou de lhe fornecer ajuda para que consiga realizar o que lhe é pedido. Proporcionámos a repetição do jogo do lenço, com outro modo de fazer, mais complexo do que a actividade realizada em Março e conseguimos verificar as alterações ao nível da participação das crianças.

De uma forma global, quanto à concretização dos objectivos académicos, pensamos que estes foram sendo conseguidos, de acordo com o desenvolvimento individual de cada uma das crianças, em que para isso, lhes procurámos proporcionar as condições necessárias para que os desenvolvessem e estivessem relacionados com o que já eram capazes de fazer. Na perspectiva desenvolvimentista, procurámos ir tornando mais complexas as actividades propostas, à medida que as crianças iam conseguindo concretizar as anteriores.

De acordo com a nossa perspectiva, a escolha de apenas um objectivo com orientação académica em cada uma das actividades, permitiu-nos direccionar a intervenção para aquele objectivo específico, procurando realizar todas as adequações para que cada uma das crianças tivesse oportunidade de o conseguir concretizar, evitando dispersar a atenção por uma série de objectivos.

Quanto à concretização dos aspectos inicialmente propostos na área relacional, houve algumas mudanças, o grande objectivo que pretendíamos era que as crianças aprendessem a relacionar-se entre si. As crianças atingiram os objectivos que foram propostos, mas pensamos que o Tomé, fez uma oportuna observação, mesmo sem ter consciência disso, relativamente ao facto de outras crianças não conseguirem resolver os seus conflitos, quando referiu que os colegas pareciam bebés e que não sabiam conversar para resolver os seus problemas, o que indica que apesar de terem havido algumas alterações no modo como se relacionavam, ainda muito trabalho continuou por ser feito.

Neste aspecto, os dados fornecidos pela sociometria e pela observação naturalista, permitem-nos uma leitura em que verificamos a alteração de algumas situações que se verificavam na situação inicial e que pretendíamos com o desenvolvimento da intervenção conseguir alterar.

De acordo com o teste sociométrico aplicado, que foi exactamente igual nas duas situações de aplicação, relembramos a existência de três critérios relativamente a com quem gostam de brincar na casinha, de brincar nos jogos e fazer desenho.

Realizando a leitura da matriz final das escolhas efectuadas pelas crianças, existiram 2 crianças com 16 escolhas, a Julieta e o Rodrigo. A Julieta foi escolhida por 15 crianças do grupo e o Rodrigo por 13, salientando que o Bernardo escolheu o Rodrigo nos 3 critérios. Nesta situação final, todas as crianças conseguiram efectuar escolhas, incluindo o Daniel, que no teste sociométrico inicial não tinha conseguido realizar qualquer escolha e o Rodrigo que tinha recusado fazer as escolhas. O António, o Daniel e a Daniela só efectuaram 3 escolhas. As crianças que foram menos escolhidas foram a Sílvia e o Vicente com 4 escolhas cada um.

Relativamente ao primeiro critério, com quem gostavam de brincar na casinha, as crianças que tiveram mais escolhas foram o Bernardo com 7 crianças a escolhê-lo neste critério e o Rodrigo com 6 crianças a escolhê-lo. Neste critério houve 2 crianças que não foram escolhidas por nenhum dos seus colegas, que foram o António e a Tânia.

No segundo critério, com quem gostavam de fazer jogos, as crianças com mais escolhas foram o Rodrigo e a Julieta com 7 crianças a escolherem-nos e o António e o Diogo com 5 escolhas neste critério. O Carlos, o Eduardo e a Irene não obtiveram qualquer escolha neste critério.

No que diz respeito ao terceiro critério, com quem gostavam de fazer desenho, as crianças com mais escolhas foram a Julieta e a Daniela com 6 escolhas, cada uma neste critério. A Fátima não obteve qualquer escolha relativamente a este critério.

Fazendo a leitura da matriz sociométrica final das rejeições, a criança que obteve mais rejeições foi a Lúcia, com 7 rejeições, sobretudo no terceiro critério onde teve 5 rejeições. Em seguida, o Tiago obteve 6 rejeições e o Eduardo, a Fátima e a Daniela obtiveram 5 rejeições cada um. Na situação inicial, a maioria das situações de rejeição tinham sido relativamente à Maria e ao Daniel.

Estabelecendo a comparação entre as matrizes sociométricas inicial e final, existiram algumas alterações mais significativas, nomeadamente nas escolhas mais frequentes de um ou outro colega, mas continuando a manifestar escolhas muito variadas.

Relativamente à observação naturalista efectuada e de acordo com os dados da observação final realizada em que foi efectuado o registo sob a forma de notas de campo que foram organizadas na grelha de análise das notas de campo finais (Anexo 9) de acordo com categorias e subcategorias, registámos os comportamentos observados na grelha de análise e procurámos organizar o registo destes comportamentos de acordo com cinco categorias que se salientaram de acordo com a sua actuação. Assim, organizámos a primeira categoria como perfil de actuação das crianças entre si, a segunda categoria como perfil de actuação individual das crianças com materiais, a terceira categoria como o perfil de actuação das crianças com a educadora, a quarta categoria como perfil de actuação da educadora com as crianças e a quinta categoria de acordo com o perfil de actuação no espaço, dos intervenientes na observação.

A categoria definida como perfil de actuação do grupo de crianças entre si, diz respeito aos comportamentos adoptados pelo grupo de crianças nas relações que estabeleceram entre si nomeadamente situações de conflito, brincadeira com contacto físico, diálogo, incumprimento de regras da sala, reconhecimento de regras da sala, observação, jogo simbólico e estabelecimento de relação com o par, definindo assim, oito subcategorias. Nesta categoria registaram-se 96 comportamentos, distribuídos da seguinte forma: situações de

conflito onde se verificaram 34 comportamentos, brincadeira com contactos físicos, com 2 comportamentos, incumprimento das regras da sala, onde ocorreram 4 comportamentos, reconhecimento de regras de convivência, em que se registou uma frequência de 8 comportamentos, observação, que registou 5 situações, jogo simbólico, onde se verificaram 15 comportamentos e estabelecimento de relação com o par, registando 20 comportamentos nesta subcategoria. Desta observação podemos salientar que existiram várias situações de conflito, nomeadamente pela partilha de materiais como nas situações em que “(Eduardo) tira duas peças ao Tiago e senta-se a montar o puzzle” ou “o Tiago chora e diz: o Eduardo tem o jogo.” Estas situações de conflito resultaram também de ocasiões em que as crianças se empurraram ou bateram, mais uma vez, para tentarem resolver os seus problemas como foi o caso das situações “o Tiago e a Lúcia batem um no outro” ou “A Lúcia e o Tiago continuam a empurrar-se.” Mas para além destas situações, queremos referir as 8 situações registadas em que as crianças, nomeadamente o Eduardo, o Diogo e a Julieta, conseguiram demonstrar comportamentos em que houve o reconhecimento de regras de convivência como foi a situação em que “o Eduardo responde: temos de ir para os cantinhos a andar, não é? Porque podemos fazer uma ferida e depois temos de ir para o hospital pois é?” Ou seja, apesar das várias situações de conflito, na observação final, houve pelo menos 8 registos de comportamentos em que as crianças demonstraram reconhecer algumas das regras estabelecidas para e com o grupo, ao contrário da situação inicial de observação onde isso não se verificou. Houve ainda registo de 8 situações de diálogo entre as crianças, incluindo situações de perguntas entre as crianças, como foi o caso da Joaquina que ao responder à Julieta lhe diz: “pois é! Onde é que estava?”, revelando situações de interacção verbal, tal como existiram também nos comportamentos registados na subcategoria de jogo simbólico, onde se verificou uma frequência de 15 comportamentos. Para além destas subcategorias queremos ainda referir a subcategoria que designámos como estabelecimento de relação com o par, onde se verificaram interacções entre as crianças e onde se registaram 20 comportamentos, de que são exemplos: “A Maria abre a caixa da plasticina e dá-lhe (Daniel) plasticina” ou “o Salvador aproxima-se e mostra o carro que tem ao Tiago”.

À categoria que foi definida como, perfil de actuação individual das crianças com os materiais, corresponderam quatro subcategorias: comportamentos verificados com jogos, com objectos da área de jogo simbólico, com livros e com outros brinquedos e objectos. Nesta categoria registaram-se 33 comportamentos que se dividiram por 10 comportamentos

registados com jogos, 3 comportamentos registados com objectos da área de jogo simbólico, 4 comportamentos com material de desenho, 8 comportamentos com livros e igualmente 8 comportamentos registados com outros brinquedos e objectos.

A terceira categoria foi definida como perfil da actuação das crianças com a educadora, em que registámos a frequência de 53 comportamentos relativos a pedidos, queixas, respostas verbais, perguntas e comportamentos não verbais, que definiram as subcategorias. Na sua actuação com a educadora, as crianças registaram 7 comportamentos em que pretendiam efectuar pedidos, como “a Daniela pede para ir fazer desenho” ou “a Julieta pede para mudar de cantinho”. Registou-se uma frequência de 4 comportamentos relativos a situações em que as crianças fizeram queixas à educadora e 2 comportamentos em que fizeram perguntas. Relativamente à subcategoria definida como respostas verbais, registaram-se 15 comportamentos, em que as crianças responderam à educadora de forma verbal como a situação em que “a Diana responde: `tou a conduzir o carro”. Mas apesar do número de respostas verbais, as crianças revelaram também vários comportamentos não verbais, registando-se 25 comportamentos nessa subcategoria, em que as crianças efectuem gestos ou acções para interagir com a educadora como: “ (Daniel) dá-me um abraço” ou “(Lúcia) pára, olha para mim e começa a chorar.” Podemos ainda referir que muitos destes comportamentos, cerca de 17 foram registados pelo Daniel.

Na categoria que definimos como perfil de actuação da educadora/observadora, organizámos o perfil de actuação em função da sua actuação relativamente a: pedidos de esclarecimento, respostas, indicações para regulação de comportamento e manifestações de afecto, definindo assim as quatro subcategorias. Nesta categoria registámos uma frequência de 39 comportamentos, registando 15 comportamentos como pedidos de esclarecimento em que a educadora questionava as crianças sobre alguma situação nomeadamente sobre o que estavam a fazer ou o que queriam fazer. Foram registados 3 comportamentos de resposta da educadora às crianças e 4 comportamentos registados na subcategoria de manifestações de afecto. Ainda nesta categoria, mas na subcategoria de indicações para regulação de comportamento registou-se a frequência de 17 comportamentos, nestes, a educadora dá orientações às crianças sobre o modo como devem comportar-se designadamente, “quando acabamos de marcar os cantinhos, digo: podem ir brincar para os cantinhos que escolheram, a andar e falam baixinho quando brincam.” ou ainda “digo-lhe (Daniel): isso não se faz, magoaste a amiga! Pede desculpa e dá um beijinho.”

Na categoria que definimos como perfil de actuação dos intervenientes no espaço, considerámos duas subcategorias, as deslocações efectuadas pelas crianças e as deslocações efectuadas pela educadora/observadora participante. Considerámos esta categoria por ter sido relevante o número de registos efectuados com esta característica que é reveladora das várias deslocações efectuadas nomeadamente pelas crianças no espaço da sala, durante o tempo de observação. Registaram-se 39 comportamentos nesta categoria, em que 35 comportamentos foram efectuados pelas crianças e 4 pela educadora.

De um modo geral, não podemos dizer que as crianças aprenderam a relacionar-se entre si, nem que não o fizeram, mas podemos observar situações em que demonstraram evidências de começar a relacionar-se de outra maneira, começando a partilhar alguns dos materiais, a permanecerem mais tempo envolvidos nas actividades e a esperarem durante mais algum tempo pela sua vez.

4.3.2 A nível da família

As situações de intervenção realizadas com a família não foram objecto de uma planificação tão pormenorizada como a intervenção com o grupo, mas foram efectuados vários registos formais e informais que contribuíram para documentarmos a intervenção realizada com as famílias. Relativamente às actividades propostas para a família no que diz respeito ao trabalho a desenvolver com o Daniel, as folhas de actividades propostas, serviram-nos de registo, mas muitas das vezes a mãe referia-nos oralmente como tinham corrido as tarefas durante essa semana, em pequenas conversas presenciais ou até telefónicas. A avaliação efectuada da intervenção realizada a este nível foi positiva, com o Daniel a efectuar a maioria das situações que eram propostas e a família a envolver-se nas tarefas apresentadas. Houve um total de 14 propostas e em todas a família colaborou no que lhe era proposto, de uma forma muito especial a mãe do Daniel. Para além tarefas para casa que eram sobretudo direccionadas para o Daniel, foi proposto um trabalho de casa para todas as famílias das crianças do grupo e o pai da Sílvia foi à sala, o que além da sua participação enquanto pai, possibilitou o desenvolvimento de uma actividade em contexto escolar com outros grupos. Para comemoração do dia do pai e do dia da mãe, as famílias foram ainda convidadas a partilhar um lanche e a estarem na sala durante algum tempo com as crianças. Para assinalar a

comemoração do dia da família, estas foram ainda convidadas para um jantar volante realizado na instituição e que contou com a colaboração na organização das próprias famílias.

Ao longo da intervenção realizaram-se seis reuniões formais, com a encarregada de educação do Daniel e com a encarregada de educação do Diogo e do Tiago, em que nalgumas delas contámos com a participação da educadora da intervenção precoce. Para além destas reuniões de carácter mais formal, tivemos por diversas vezes, conversas mais informais que nos transmitiam informações valiosas sobre as crianças. Apesar de durante o tempo de intervenção termos registado apenas seis reuniões, queremos referir que no registo de actividades realizadas com as famílias assinalámos reuniões anteriores e posteriores à duração do tempo de intervenção porque enquanto educadoras titulares de grupo, a nossa intervenção não se restringiu à duração da intervenção proposta, prolongando-se para além desta. Além disso, realizámos ainda uma reunião com todos os encarregados de educação das crianças do grupo para avaliação do ano lectivo.

Nas entrevistas realizadas às encarregadas de educação e relativamente ao envolvimento das famílias a mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago referiu que “a existência do caderno de correspondência entre os pais e a educadora, que permitia a troca de informação” possibilitou que conseguisse ter mais informação sobre o que os filhos faziam na escola e da mesma forma, a educadora conseguia ter informação sobre o que as crianças realizavam com os pais, visitas que faziam ao fim-de-semana, pessoas que os visitavam, etc. Quanto à sua participação pessoal, a mesma mãe referiu que “tento estar disponível para participar em todas as reuniões” mas confessa que “nas actividades com as famílias nem sempre é fácil conseguir estar presente” e “tento fazê-lo na medida do possível.” As afirmações da mãe do Daniel vão no mesmo sentido, relativamente à sua participação pessoal nas actividades desenvolvidas com as famílias “da minha parte tento fazer tudo o que estiver ao meu alcance para colaborar no que for preciso” e “no meu caso tento fazer tudo pelo meu filho, ele é o mais importante.”

Quanto à participação dos outros encarregados de educação, a mãe do Daniel afirma “a preocupação em por os pais a participar foi bastante”, embora acrescenta que “acho que houve uma boa organização, embora nem sempre as famílias colaborem”. A mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago confirma que “existe a preocupação de tentar que os pais participem” e “houve algumas actividades em que as famílias foram convidadas a participar”, embora ache que “cada uma participa consoante a sua disponibilidade”.

Desta forma, a perspectiva de envolvimento que procurámos que nas famílias das crianças de cada uma das crianças do grupo, foi conseguida embora cada uma das famílias participasse à sua maneira e do modo que conseguia.

4.3.3 A nível do contexto escolar com outros grupos

Todas as actividades realizadas a nível do contexto escolar com outros grupos encontravam-se previstas no plano anual de actividades, foram propostas em reunião de pessoal docente e em todas elas havia necessidade de contar com a colaboração de outros funcionários da instituição, que também procuravam participar de acordo com o que lhes era solicitado. Estas actividades, tal como as actividades desenvolvidas com a família, não tiveram uma planificação tão estruturada quanto as actividades realizadas com o grupo, mas foram registadas no anexo

Assim, ao nível do contexto escolar foram desenvolvidas durante a intervenção, 10 actividades em que as crianças participaram em actividades com outros grupos. Nestas actividades, houve a preocupação de procurar que todas as crianças tivessem a possibilidade de participar, tendo em atenção as necessidades individuais de cada uma das crianças dos grupos. A avaliação das actividades realizadas em contexto escolar, tiveram sempre um relatório efectuado pelas educadoras do grupo que participavam nessas actividades, em que eram registados aspectos importantes relativos ao desenvolvimento da actividade.

4.3.4 A nível do processo

A preocupação desde o início era desenvolver uma intervenção para todo o grupo e não apenas para as crianças com necessidades educativas especiais, nesse sentido, pensamos que procurámos proporcionar a participação de cada uma das crianças, atendendo ao seu desenvolvimento e características individuais. De acordo com a perspectiva de educação inclusiva, procurámos desenvolver actividades em que tivemos em consideração de que forma conseguíamos proporcionar a participação de cada uma das crianças e por várias vezes foram referidos os apoios prestados não só às crianças com necessidades educativas especiais como a outras que dele tenham necessitado.

Em termos de educação pré-escolar as oportunidades proporcionadas enquadraram-se nas actividades que se desenvolvem em contexto de jardim-de-infância. Neste contexto, o

desenvolvimento e as aprendizagens efectuadas pelas crianças vão para além do que planeamos ensinar-lhes. A intervenção efectuada teve a sua maior parte direccionada para as actividades realizadas com o grupo, que se desenvolveu ao longo das 39 actividades orientadas mas todas as outras actividades prévias que não são descritas nas actividades, mas que fazem parte do dia-a-dia do jardim-de-infância, como aprender as músicas, fazer uma fila, etc. e se revestem de uma grande importância para que depois as crianças possam ter mais facilidade e consigam fazer este tipo de actividades conjuntas.

Além disso, procurámos envolver as famílias, na medida do que nos era possível procurando que participassem em algumas das actividades propostas e que tivessem conhecimento do que as crianças realizavam ao longo do dia que passavam na instituição. Essas trocas de informação eram feitas através de contactos informais como conversas ou telefonemas e ainda através da realização do registo diário com as crianças sobre o que tinham feito nesse dia, tal como refere a mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago “o sumário das actividades desenvolvidas que era colado no placard fora da sala de aula”.

Do ponto de vista educativo a planificação, a avaliação e a reflexão são etapas de um processo que nunca está concluído, que é um processo contínuo e nesse aspecto, a intervenção demonstrou-o. A selecção e organização de objectivos a trabalhar, em termos de planificação para um determinado grupo de crianças, nomeadamente um grupo desta faixa etária com 22 crianças com necessidades individuais em que três delas tinham alterações no seu desenvolvimento, nem sempre foi fácil e revelou-se que em algumas situações nem sempre foi adequada, mas fizeram parte do tal processo contínuo que obriga a planear, realizar, avaliar e reflectir para recomençar o processo novamente.

Numa perspectiva pessoal podemos aconselhar que em situações de intervenção do género não se queiram obter grandes mudanças, mas que se possam ir proporcionando pequenas alterações no sentido de modificar a prática de acordo com o que consideramos relevante para a mudança que pretendemos alcançar. Neste caso específico, pretendíamos promover situações de desenvolvimento e aprendizagem para todo o grupo e ao mesmo tempo promover a relação social entre as crianças para poderem superar os conflitos e iniciarem as bases para a colaboração e um futuro trabalho de cooperação que acreditávamos poder contribuir para o trabalho a desenvolver numa perspectiva de educação inclusiva.

Reflexões Conclusivas

O desenvolvimento de um projecto de intervenção desta natureza, permitiu construir um trabalho que reuniu informações sobre aspectos a ter em consideração na intervenção pedagógica com crianças que frequentavam a educação pré-escolar, numa intervenção que procurou ter em conta a diversidade existente no grupo e dar resposta a todas e a cada uma das crianças, de acordo com as suas características individuais. Assim, os objectivos gerais foram: compreender como é que estas crianças aprendiam no seu grupo, desenvolver capacidades ao nível da socialização, mas também ao nível da cognição, da autonomia, da motricidade e da linguagem deste grupo e com o grupo, experimentar estratégias de diferenciação pedagógica inclusiva, perceber quais as estratégias educativas mais adequadas para este grupo específico e utilizar a investigação-acção como desencadeante da acção/reflexão, para a produção de saber utilizável no grupo e com o grupo.

O projecto enquadrou-se na abordagem da metodologia de investigação-acção, uma vez que partiu de um problema experienciado durante a intervenção educativa com um grupo de crianças entre três e quatro anos que frequentava a educação pré-escolar num jardim-de-infância de uma instituição particular de solidariedade social e em que três das crianças apresentavam alterações no seu desenvolvimento. Enquanto educadora de infância titular de grupo o nosso principal motivo de preocupação prendeu-se com o facto de querer proporcionar situações de desenvolvimento e aprendizagem para todos e para além disso preocupou-nos o modo como as crianças desenvolviam as relações entre si e desta forma, pretendíamos que a nossa intervenção fosse de encontro a estas preocupações. Assim, como podíamos nós, promover situações de aprendizagem e desenvolvimento para todas as crianças num grupo de 3/4 anos da educação pré-escolar, em que três das crianças apresentavam alterações no seu desenvolvimento?

Para dar resposta a estas preocupações iniciámos o projecto enquadrando teoricamente os pressupostos pelos quais fundamentámos a nossa intervenção. Assim, abordámos dois grandes aspectos, educação inclusiva e educação pré-escolar, e desenvolvimento e aprendizagem na educação pré-escolar. Relativamente ao primeiro ponto considerámos importante estabelecer um quadro teórico relativamente aos aspectos mais relevantes a abordar face a este assunto e também enquadrar teoricamente a diferenciação pedagógica inclusiva e o envolvimento das famílias nas escolas ou instituições, assumindo-os

como factores muito importantes quando se aborda a questão da educação inclusiva. No que diz respeito ao segundo ponto, considerámos importante: as referências teóricas aos modelos de desenvolvimento, com os quais identificámos a nossa intervenção; a abordagem às alterações no desenvolvimento e aprendizagem, no sentido de as reconhecer enquanto factores desfavoráveis; a referência ao desenvolvimento das relações sociais na infância para podermos sustentar a nossa intervenção a este nível; as orientações curriculares para a educação pré-escolar enquanto documento orientador da intervenção educativa nesta faixa etária; e o papel do educador, enquanto responsável no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Para fundamentarmos, a nossa intervenção a nível metodológico, considerámos cinco pontos fulcrais, caracterizámos o projecto enquanto trabalho no âmbito da investigação-acção, estabelecemos a problemática e a questão de partida, definimos os objectivos gerais do projecto, realizámos a abordagem teórica relativa às técnicas de pesquisa e recolha de dados, de entre as quais a pesquisa documental, a sociometria, a observação naturalista e a entrevista e descrevemos os procedimentos efectuados para a recolha e análise de dados de acordo com essas mesmas técnicas.

No sentido de caracterizarmos a situação inicial, como ponto de partida para a intervenção a efectuar, caracterizámos a situação de acordo com três pontos: caracterização do contexto escolar, onde fizemos referência ao meio envolvente, ao estabelecimento educativo e às preocupações existentes a nível do atendimento à diversidade numa perspectiva de educação para todos; caracterização da sala, reunindo informações sobre o espaço físico e logístico, os recursos humanos e a dinâmica educativa; caracterização do grupo, efectuando uma caracterização estrutural, dinâmica, considerando os níveis de competências adquiridas e assumindo alguns dos casos específicos do grupo que evidenciavam necessidades especiais por motivos vários.

O plano de acção que delineámos, considerou três pontos-chave, teve em consideração: pressupostos teóricos relativamente à aprendizagem estruturada por actividades e por objectivos, às actividades em grupo e às actividades individualizadas; a planificação, realização e avaliação da intervenção, ao longo de actividades diárias, das situações com envolvimento das famílias e a nível do contexto escolar, com reflexões semanais e mensais; avaliação global, ao nível da intervenção com o grupo, com as famílias, no contexto escolar e a nível do processo.

Muitas das actividades desenvolvidas durante o plano de acção, foram actividades habituais que se viveram durante a rotina diária do jardim-de-infância mas que nesta situação, obrigaram a uma reflexão anterior de forma a pensar o que era necessário fazer para adequar qualquer uma das actividades de modo a permitir a participação de qualquer uma das crianças com ou sem necessidades especiais. Todos e qualquer um de nós, pode ter necessidades especiais durante algum período, ao longo da nossa vida e a nossa preocupação subjacente era que todas as crianças tivessem oportunidade de participar, recorrendo a várias estratégias para o fazer. Depois de concretizadas, as actividades foram registadas para serem novamente alvo de reflexão. A grande diferença entre a nossa prática diária e a concretização do projecto foi efectuarmos registos da intervenção mais pormenorizados do que tínhamos realizado baseando-nos nos pressupostos que considerámos importantes. Nesta situação específica, esses registos e essas reflexões podem, deste modo, ser partilhadas com outros de forma a permitir a partilha dessas experiências, de algumas estratégias que podem ser utilizadas e a promover outras para que se possam obter melhores resultados.

A organização de um plano de intervenção de forma tão estruturada, permitiu-nos uma avaliação muito pormenorizada, face às actividades propostas. Neste aspecto, conseguimos monitorizar a participação e o desempenho das crianças nas actividades e ter uma perspectiva sobre se as estratégias que eram propostas para essas actividades proporcionavam ou não que todas as crianças do grupo fossem capazes de atingir os objectivos propostos. Tivemos a preocupação de promover a participação de todas as crianças do grupo, adaptando o que fosse necessário para que todas pudessem participar, embora isso nem sempre tenha sido fácil e nem sempre conseguido da melhor forma, porque a diferenciação pedagógica inclusiva requer também uma aprendizagem por parte do educador, do modo como tem de propor e concretizar as actividades para que estas sejam verdadeiramente inclusivas.

Este trabalho surgiu, não com a preocupação de criar uma teoria, que pudesse aplicar-se a outras situações semelhantes, mas adquiriu sobretudo uma perspectiva auto-formativa de reflexão sobre o trabalho que estava a ser desenvolvido e se estaria ou não a ser adequado e a proporcionar às crianças em causa, as condições facilitadoras para o seu desenvolvimento e aprendizagem, incluindo todas as crianças, numa perspectiva de um atendimento que se pretendia direccionado para uma educação inclusiva. Foi por vezes complexo, uma vez que nem sempre as crianças reagiam do modo como estávamos à espera,

enquanto indivíduos únicos, todas elas eram a seu modo especiais, com as características que as definiam de modo singular e que nos colocou à prova perante em diversas situações.

Mas os resultados que foram sendo obtidos, em que as crianças do grupo iam atingindo os objectivos delineados, em que as famílias foram envolvidas e em que os outros grupos se envolviam em actividades comuns, foram factores que nos fizeram continuar a desenvolver o trabalho delineado. Perante isto, confere-nos dizer que houve uma alteração no trabalho desenvolvido, a intervenção obrigou a uma revisão da prática educativa e de um modo geral, as crianças atingiram os objectivos propostos. Em várias ocasiões, pudemos observar situações em que as crianças do grupo demonstraram evidências de começarem a relacionar-se de maneira diferente, começando a partilhar alguns dos materiais, a permanecerem mais tempo envolvidos nas actividades, a esperarem durante mais tempo pela sua vez e a identificarem regras de convivência. As famílias envolveram-se nas actividades que foram propostas e acima de tudo, a mãe de uma das crianças com necessidades educativas especiais, tentou que em casa fossem proporcionadas condições para contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem do seu filho. Todas as actividades desenvolvidas em contexto escolar com outros grupos, tiveram sempre a preocupação de proporcionar a participação de todas as crianças, independentemente das suas necessidades.

Ao longo do desenvolvimento do projecto podemos referir que para além da alteração na nossa prática, que se tornou mais reflexiva, o facto de contemplar vários níveis de intervenção, foi enriquecedor, porque permitiu-nos alargar a actuação para além do grupo e embora o investimento fosse maior nas actividades dirigidas ao grupo, conseguimos envolver as famílias. Para além disso, o facto de ser educadora titular de grupo e portanto acompanharmos diariamente as crianças, deu-nos um conhecimento valioso sobre cada uma delas. Embora neste projecto estejam apenas descritas algumas das actividades desenvolvidas, ao longo do dia do jardim-de-infância eram criadas várias oportunidades que também contribuíam para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e que faziam parte da rotina diária como por exemplo, as conversas diárias, as canções, a utilização de um horário ilustrado com símbolos, a utilização de um relógio temporizador, sobretudo nas situações para as crianças arrumarem, ou as actividades desenvolvidas nas áreas de actividade em situação espontânea e muitas outras.

No aspecto que pretendíamos desenvolver relativamente à relação entre as crianças, a importância da definição de limites e regras que as crianças conheciam, apesar de terem

dificuldade em seguir, afigurou-se muito importante e apesar de podermos dizer que o facto de as crianças crescerem poderá ter contribuído para melhorarem a relação que tinham entre elas, a verdade é que se não tivessem sido proporcionadas situações que trabalhassem essa vertente relacional e sem a organização das actividades com componente social, qual seria o tempo que as crianças demorariam a atingir alguns desses objectivos tão importantes nessa área, ou chegariam mesmo a atingi-los se não houvesse deliberadamente uma preocupação nesse sentido?

Quanto ao apoio de adulto e nas situações, em que surgia o apoio do adulto como orientador, tínhamos também a preocupação sobre o equilíbrio entre prestar ajuda e dar espaço para que as crianças desenvolvessem as relações entre si, que as interações se desenrolassem. Por outro lado, o apoio do adulto no ambiente educativo que proporciona, a nível da organização do espaço e dos materiais tem de ser igualmente reflectido e é igualmente um factor a ter em consideração. Neste caso, com a alteração da disposição na sala, procurámos atribuir uma intencionalidade ao espaço diferente da situação inicial, procurando desta forma, contribuir para promover o objectivo que pretendíamos que as crianças do grupo desenvolvessem.

Não consideramos que tenha havido verdadeiros aspectos negativos, mas apenas alguns factores que caso voltássemos a desenvolver um projecto de intervenção deste género, teríamos em conta e já com outra experiência, nos proporcionaria abordar certas actividades de outra maneira. A faixa etária das crianças, por exemplo, que se encontravam nos três anos de idade, até meio da intervenção em Abril de 2009, apenas seis crianças tinham feito quatro anos de idade, foi um factor que influenciou as actividades propostas e a maior necessidade de orientação. No ano lectivo anterior as crianças tinham frequentado a creche, com uma organização e dinâmicas diferentes das da educação pré-escolar, pelo que este foi o primeiro ano nesta valência e num novo espaço. A duração das actividades foi outro factor que afectou o comportamento das crianças do grupo em termos do tempo de espera, se inicialmente as actividades propostas tinham aproximadamente 15 minutos, no decorrer da intervenção este tempo foi sendo progressivamente aumentado, o que também foi demonstrativo da evolução das crianças a este nível. As situações individuais das crianças, foram outro factor que tiveram por várias vezes, de ser ponderadas, face às reacções de cada uma das crianças, enquanto educadoras, procurámos percebê-las e arranjar formas de lhes proporcionar a respostas

adequadas, mas nem sempre essa resposta é tão linear e muitas das vezes requer para além da formação, muito bom senso e serenidade.

No entanto, como em qualquer projecto deste género, existiram também alguns constrangimentos que afectaram o desenvolvimento do projecto, tanto no domínio da intervenção como no da avaliação. Foram vários os exemplos, dos quais salientamos: a situação de não renovação de contrato de trabalho, do coordenador pedagógico da instituição, com o qual pretendíamos concretizar uma entrevista, para poder caracterizar qual foi a perspectiva com que a instituição ficou do desenvolvimento da intervenção; as alterações dos horários de trabalhos das ajudantes de acção educativa, bem como das tarefas que tinham de desempenhar, o que fez com que não conseguissem estar presentes em muitas das actividades propostas; o registo das sessões efectuadas não ser realizado imediatamente a seguir à actividade desenvolvida, mas no final da tarde após o dia de trabalho; a falta de experiência na utilização das técnicas de pesquisa e recolha de dados, que poderiam ter sido mais enriquecedoras para o trabalho.

No fundo, para além de alguns dos constrangimentos, as limitações do projecto prendiam-se com o facto de nos parecer sempre insuficientes as estratégias utilizadas, considerávamos sempre que podíamos ter feito melhor, mas nem sempre sabíamos muito bem como. Sabíamos à partida qual a situação que queríamos alterar e ultrapassar a ideia ainda enraizada entre profissionais, de que as crianças com necessidades educativas especiais devem trabalhar com o educador da educação especial. Enquanto educadoras titulares sentíamos que devíamos proporcionar respostas adequadas não só às crianças com necessidades educativas especiais mas a todas as crianças do grupo e foi isso que procurámos fazer assumindo as nossas limitações, mas procurando fazer o melhor, que conseguíamos. Mas a nossa envolvimento nas actividades, em que a participação se fundia com a nossa interpretação da realidade, fez surgir algumas dificuldades entre o processo de tomada de notas, o relato do que aconteceu e a própria reflexão.

Este projecto poderá ser inspirador para outras situações, mas não um livro de receitas, com conta, pesos e medidas. Acreditamos que todos os intervenientes no projecto, ficaram um pouco mais sensíveis relativamente à intervenção na perspectiva de uma educação inclusiva e que sobretudo as famílias das crianças com necessidades educativas especiais continuaram a procurar utilizar algumas das estratégias que utilizámos, continuando a envolver-se no trabalho realizado com os seus filhos. Como já referimos, não conseguimos ter

a efectiva percepção do que acharam os outros encarregados de educação da intervenção efectuada, dado que todos tinham conhecimento do projecto mas tiveram pelo menos conhecimento de que havia a preocupação de promover o desenvolvimento e aprendizagem de cada uma das crianças independentemente das necessidades que apresentavam.

Este trabalho, não teve a pretensão de produzir teorias, mas apenas deixar um contributo teórico-prático que se utilizou para esta situação específica e colocar à disposição de outros educadores, um conjunto de experiências que se julgam serem dignas de reflexão, contribuindo para partilhar com outros, não só os resultados obtidos, mas todo o percurso para chegar a eles. Tentou, sim, fornecer algumas pistas que possam contribuir para ajudar a criar contextos educativos onde se promove uma verdadeira educação inclusiva. No fundo, um conjunto de experiências que vivenciámos em conjunto com o grupo de crianças, com as suas famílias e com outros intervenientes no contexto escolar, que foram dignas de uma reflexão mais aprofundada e que pensamos poderá contribuir para apontar pistas para a promoção de contextos educativos onde as crianças se desenvolvem e se partilha a intencionalidade de uma educação inclusiva contribuindo para o desenvolvimento e bem-estar de todas as crianças independentemente das necessidades que tenham.

De ressaltar ainda, que neste projecto ficou registada apenas uma parte da prática desenvolvida, porque muito do dia-a-dia do jardim-de-infância não ficou registado, como as características mais informais do desenvolvimento afectivo e relacional que as crianças vão adquirindo e da qual não há registo e que vai muito para além do que ficou em grelha ou em quadro, porque afinal, quando convivem no jardim-de-infância as crianças aprendem muito para além do que planeamos ensiná-las.

Referências bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.P., Mario, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Antunes, N. (2009). *Mal-entendidos*. Lisboa: Verso de Kapa.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGrawHill.
- Associação Portage (1994). *Guia de Pais para a Educação Precoce*. Lisboa: DC: Autor.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva – Publicações. Lda.
- Bénony, H. (2002). *O desenvolvimento da criança e as suas psicopatologias*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Benavente, A., Costa A. & Machado, F. (1990). Práticas de mudança e de investigação – Conhecimento e intervenção na escola primária. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 55-80.
- Binder, G. & Michaelis, R. (2006). *Perturbações no desenvolvimento e na aprendizagem*. Lisboa: Trilhos Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Casanova, M. (1999). *Atenção à diversidade a partir da flexibilidade do currículo. Escola, Diversidade e currículo*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Duarte, J. (2004) Pedagogia Diferenciada para uma aprendizagem eficaz - contra o pessimismo pedagógico, uma reflexão sobre duas obras de referência. *Revista Lusófona de Educação*, 4, pp. 33-50.
- Esteves, (1986). A investigação-acção. In A. Silva & J. Pinto (org). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Estrela, A. (1986). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores* (2ª edição). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Estrela, A. (2006). Necessidade e actualidade das Ciências da Educação. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, 1. Consultado em Julho, 2009 em <http://sisifo.fpcc.ul.pt>

- Ferland, F. (2006). *O desenvolvimento da criança no dia-a-dia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferreira, M., Ponte, M., & Azevedo, L., (1999). *Inovação curricular na implementação de meios alternativos de comunicação em crianças com deficiência neuromotora grave*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração de Pessoas com Deficiência.
- Ferreira, M. (2007). *Educação Regular, Educação Especial: uma história de separação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Folque, M. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna - Revista do MEM*, nº 5, pp. 5-12, 5ª Série.
- Fonseca, V. (1989). *Educação especial – Programa de estimulação precoce*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Franco V., Riço M. & Galésio M., (2002). Inclusão e construção de contextos inclusivos. In Patrício, M. (org). *Globalização e Diversidade – A escola cultural, uma resposta*. Porto: Porto Editora.
- Gardou, C. (2003). A inclusão escolar das crianças e adolescentes em situação de handicap: uma revolução cultural necessária ou do homo sapiens ao homo socians. *Revista Lusófona de Educação*, 2, pp. 53-66.
- Giddens, A. (1997). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação.
- Gleitman, H. (1986). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação.
- Guerra, I. (2000). *Fundamentos e processos de uma sociologia de acção*. Cascais: Principia
- Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.
- Katz, L. (2006) Perspectivas actuais sobre aprendizagem na infância. *Saber (e) Educar*, 11, pp. 7-21.
- Kravtsova, E. (2009). A perspectiva de educação de Vygotsky. *Revista Noesis*, nº 77, Destacável Redescobrir Vygotsky, pp. 7-8.
- Ladd, G. & Coleman, C. (2002). As relações entre pares na infância: formas características e funções. In B. Spodek, (org). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.

- Lessard-Hébert, M. (1996). *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Instituto Piaget. Colecção Horizontes Pedagógicos.
- Martinho, C. (2004). Interações sociais entre crianças com deficiência mental – Benefícios cognitivos e aprendizagem. *Análise Psicológica*, 1, (XXII), pp. 225-233.
- Ministério da Educação (1998) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica.
- Northway, M. & Weld, L. (1999). *Testes Sociométricos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Odom, S. (2002). *Alargando a roda*. Porto: Porto Editora.
- Oers, Bert van. (2009). A ZDP, zona de desenvolvimento próximo. *Revista Noesis*, nº 77, Destacável Redescobrir Vygotsky, pp. 15-16.
- Paasche, C., Gorrill, L. & Strom, B. (2010). *Crianças com necessidades especiais em contextos de educação de infância*. Porto: Porto Editora.
- Peretz, H. (2000). *Métodos em sociologia*. Lisboa: Temas e Debates - Actividades Editoriais, Lda.
- Post, J. & Hohman, M. (2004). *Educação de bebés em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas
- Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre educação inclusiva. In D. Rodrigues (org). *Inclusão e Educação: doze olhares sobre educação inclusiva*. S. Paulo: Summus Editorial.
- Saint-Georges, P. (1997). Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político. In *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*, 8, pp. 63-83.
- Sandall, S. & Schwartz, I. (2003). *Construindo blocos – estratégias para incluir crianças com necessidades especiais em idade pré-escolar*. Porto: Porto Editora.
- Spodek, B. (org). (2002) *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.
- Stevens, J., Hough R., & Nurss, J.(2002). A influência dos pais no desenvolvimento e educação das crianças. In B. Spodek, (org). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.

UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na área das Necessidades Educativas Especiais*. Paris: UNESCO / Ministério da Educação e Ciência (Espanha).

Vasconcelos, T. (1997). *Ao redor da mesa grande*. Porto: Porto Editora.

Vieira, F. & Pereira, M. (2007). “*Se houvera quem me ensinara...*” *A Educação de Pessoas com Deficiência Mental*. 3ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.

Anexos

Anexo 1 - Questionário teste socimétrico

I – Com quem é que gostas de brincar na “casinha”?

E outro colega

E ainda outro

Com quem é que não gostas de brincar na “casinha”?

II – Com quem é que gostas de brincar nos jogos de mesa?

E outro colega

E ainda outro

Com quem é que não gostas de brincar nos jogos de mesa?

III – Com quem é que gostas de fazer desenho?

Indica outro colega

E ainda outro

Com quem é que não gostas de fazer desenho?

Nome: _____

Idade: _____ **Data:** _____

Sala de 3 anos Educação Pré-escolar

Anexo 2 - Matriz sociométrica inicial de escolhas

		Sexo masculino											Sexo feminino											N.º de escolhas	N.º de escolhidos
		António	Bernardo	Carlos	Diogo	Eduardo	Daniel	Rodrigo	Salvador	Tomé	Tiago	Vicente	Fátima	Irene	Julieta	Joaquina	Luna	Lúcia	Maria	Sílvia	Tânia	Daniela	Diana		
M a s c u l i n o	S e x o	António ⁷	300					030				100	003	001			010		002	020	200			9	9
		Bernardo						200		320		013			001	102	030							9	6
		Carlos	300								230			100	002				021				013	9	6
		Diogo	003			200				020	010		300		001	100					030	002		9	9
		Eduardo	020		030			010	002			003				101	200	300						9	8
		Daniel																							
		Rodrigo																							
		Salvador	020	010	300	030	002	003		001												200	100	9	9
		Tomé		100	300	003			002			001				010	020	030				200		9	9
S e x o		Tiago			300	200			020			010			100	002				030	003	001		9	9
		Vicente						210	100				030			300	020	002	003		001			9	8
		Fátima		200					003	300		022		111						030				9	6
		Irene				002				020	010		101		300			030		200		003		9	8
		Julieta						100	002	300	010	001				030	003	020		200				9	9
		Joaquina	002	003					010			020			200		301				100	030		9	8
		Luna		200					003				001	030	300	100					002	010	020	9	9
		Lúcia																							
		Maria	003				301						012		200					100		020	030	9	7
F e m i n i n o		Sílvia	100	200	300			002	001			030				003					010	020		9	9
		Tânia	020		200	010	100	003							001	302						030		9	8
		Daniela	001							002					200	010	300		020	030	003		100	9	9
		Diana								200		020	300			003	101	002		030	010			9	8
	Totais por Critério	134	611	410	121	202	202	332	126	432	140	165	324	222	604	636	443	132	023	350	224	243	251		
	Totais combinados	8	8	5	4	4	4	8	9	9	5	12	9	6	10	15	11	6	5	8	8	9	8	171	
	N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido	8	8	5	4	4	3	7	9	8	4	10	7	4	10	12	9	6	4	8	8	9	7		

⁷ Todos os nomes das crianças utilizados na matriz são fictícios

Anexo 3 - Matriz sociométrica final de escolhas

		Sexo masculino											Sexo feminino											N.º de escolhas	N.º de escolhidos
		António	Bernardo	Carlos	Diogo	Eduardo	Daniel	Rodrigo	Salvador	Tomé	Tiago	Vicente	Fátima	Irene	Julieta	Joaquina	Luna	Lúcia	Maria	Sílvia	Tânia	Daniela	Diana		
M a s c. S e x o	António ⁸		010	001																		100		3	3
	Bernardo							231		102					020		303		010					9	6
	Carlos		300			003			020		030		200	100	010							002	001	9	9
	Diogo			200				010	330	020				100	001		003				002			9	8
	Eduardo		310				200		100			002	020						001			003	030	9	8
	Daniel				010	001		100																3	3
	Rodrigo		101	200	010		003		030		020				300				002					9	8
	Salvador	010		001	100	200		030			300				003	002					020			9	9
	Tomé	010	101					202					020			030					003	300		9	7
	Tiago		300		020			030	200	001					003			010		100			002	9	9
	Vicente	010			100	200		300							033	001	002				020			9	8
S e x o F e m i n i n o	Fátima			200	002	003					030			100	010		020			001		300		9	9
	Irene		002		001					020			100		300			003		200		030	010	9	9
	Julieta		020	003	002			030					300			200	100	010				001		9	9
	Joaquina		020	200	030			010	003		002			001			100	300						9	9
	Luna		200				300	003		002			020		010	100						001	030	9	9
	Lúcia	020				010	030				300				003				100			202	001	9	8
	Maria			001			002			200			300	100	030			003		010		020		9	9
	Sílvia							300	200	003		020		100			030		001		010	002		9	9
	Tânia	002	100		003			300		200		001			020	030	010							9	9
	Daniela														100	200						300		3	3
	Diana	010			020	300									003	001	030	002	200			100		9	9
Totais por Critério		051	743	404	254	303	212	673	431	324	131	112	430	501	376	323	343	123	213	211	032	426	233		
Totais combinados		6	14	8	11	6	5	16	8	9	5	4	7	6	16	8	10	6	6	4	5	12	8		
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		6	11	8	11	6	5	13	7	8	5	4	7	6	15	8	9	6	6	4	5	11	8		

⁸ Todos os nomes das crianças utilizados na matriz são fictícios

Anexo 4 - Matriz sociométrica inicial de rejeições

		Sexo masculino											Sexo feminino													N.º de rejeições	N.º de rejeitados
		António	Bernardo	Carlos	Diogo	Eduardo	Daniel	Rodrigo	Salvador	Tomé	Tiago	Vicente	Fátima	Irene	Joaquina	Julieta	Luna	Lúcia	Maria	Sílvia	Tânia	Daniela	Diana				
Sexo masculino	António ⁹				- - 1				1 - -													- 1 -		3	3		
	Bernardo	- - 1													- 1 -	1 - -								3	3		
	Carlos						11 -				- - 1													3	2		
	Diogo			- - 1			1 - -														- 1 -			3	3		
	Eduardo						1 - -		- 11															3	2		
	Daniel																										
	Rodrigo																										
	Salvador				- 1 -	1 - -																- - 1		3	3		
	Tomé	1 - -				- - 1	- 1 -																	3	3		
	Tiago												1 - -						- 11						3	2	
	Vicente					- 1 -							- - 1							1 - -					3	3	
Sexo feminino	Fátima						- - 1												- 1 -	1 - -					3	3	
	Irene												- - 1						11 -						3	2	
	Joaquina						- - 1							1 - -		- 1 -									3	3	
	Julieta			1 - -								- - 1			- 1 -										3	3	
Feminino	Luna				1 - -							- - 1	- 1 -												3	3	
	Lúcia																										
	Maria			- 1 -			1 - -				- - 1														3	3	
	Sílvia										1 - -														1	1	
	Tânia								1 - -							- - 1			- 1 -						3	3	
	Daniela	- - 1										11 -													3	2	
	Diana																					1 - -		1	1		
	Totais por Critério	1-2		111	111	111	422		211		1-2	112	112	1- -	- 2-	111			141	2- -		121					
Totais combinados		3	0	3	3	3	8	0	4	0	3	4	4	1	2	3	0	0	6	2	0	4	0	53			
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		3	0	3	3	3	7	0	3	0	3	3	4	1	2	3	0	0	4	2	0	4	0				

⁹ Todos os nomes das crianças utilizados na matriz são fictícios

Anexo 5 - Matriz sociométrica final de rejeições

		Sexo masculino										Sexo feminino										N.º de rejeições	N.º de rejeitados			
		António	Bernardo	Carlos	Diogo	Eduardo	Daniel	Rodrigo	Salvador	Tomé	Tiago	Vicente	Fátima	Irene	Joaquina	Julieta	Luna	Lúcia	Maria	Sílvia	Tânia			Daniela	Diana	
Sexo masculino	António ¹⁰									1 - -														1	1	
	Bernardo				1 1 -							- - 1												3	2	
	Carlos												- 1 -		- - 1						1 - -			3	3	
	Diogo			- 1 -														- - 1				1 - -		3	3	
	Eduardo	1 - -																- - 1	- 1 -					3	3	
	Daniel																									
	Rodrigo																	- 1 1	1 - -					3	2	
	Salvador					- - 1						- 1 -											1 - -	3	3	
	Tomé						- 1 -						1 - -					- - 1							3	3
	Tiago					- - 1							1 - -	- 1 -											3	3
Sexo feminino	Vicente			1 - -						- - 1		- 1 -												3	3	
	Fátima						- 1 -		1 - -										- - 1					3	3	
	Irene							1 - -										- 1 -		- - 1				3	3	
	Joaquina															1 - -		- - 1				- 1 -		3	3	
	Julieta					1 - -					- - 1	- 1 -												3	3	
	Luna				- 1 -	1 - -														- - 1				3	3	
	Lúcia									1 - -												- 1 1		3	2	
	Maria		1 - -					- 1 -				- - 1												3	3	
	Sílvia										1 - -		- 1 -				- - 1							3	3	
	Tânia					- - 1					- 1 -		1 - -											3	3	
	Daniela										1 - -													1	1	
	Diana						- 1 1	1 - -																3	2	
Totais por Critério		100	100	110	120	203	031	210	100	100	312	011	221	130			001	025	111	002		221	100			
Totais combinados		1	1	2	3	5	4	3	1	1	6	2	5	4	0	0	1	7	3	2	0	5	1			
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		1	1	2	2	5	3	3	1	1	6	2	5	4	0	0	1	6	3	2	0	4	1			

¹⁰ Todos os nomes das crianças utilizados na matriz são fictícios

Anexo 6 - Notas de campo iniciais

2 de Dezembro de 2008
Catarina Serrão
Ed. Ensino Regular/ Observadora
10.00h -10.40h
IPSS

SALA DOS 3 ANOS

CO¹¹: o grupo é constituído por vinte e duas crianças, mas hoje só estão 20 crianças, porque o António e a Lúcia faltaram. Durante o período da observação, a Julieta também não se encontra na sala porque teve de sair para uma aula de compensação de uma das actividades extra-curriculares. Antes das crianças se deslocarem para as áreas de actividade, ou “cantinhos” como elas as denominam, houve o momento de conversa em grande grupo e de escolha individual do local para onde cada criança quer ir brincar tal como exemplificado na rotina diária (Anexo 8). As crianças já efectuaram a escolha e colocaram a sua fotografia num quadro de duas entradas, assinalando a área para onde querem ir brincar.

Quando acabamos de marcar os “cantinhos”, digo: “já podem ir brincar, devagar, para os cantinhos que escolheram.” As crianças dirigem-se para as áreas de actividades e eu desloco-me para o canto da sala onde se situa a área do desenho para poder observar todas as crianças.

O Daniel¹² vai para a área do desenho com o Vicente, a Fátima, a Diana e a Luna. Antes de se sentarem vão até à prateleira do móvel onde estão os estojos com os lápis de cor e os marcadores, tiram-nos e levam-nos para a mesa.

CO.: cada criança tem o seu estojó individual com lápis de cor e canetas de feltro que consegue identificar.

O Daniel vai buscar o estojó dele, a Diana, o estojó dela, como o Vicente ainda não tem estojó individual, vai buscar a caixa de lápis da sala. Dou-lhes a folha de desenho, depois de a identificar com o nome de cada criança e a data de hoje.

A Tânia, o Rodrigo, o Carlos e o Bernardo vão buscar os jogos à prateleira e sentam-se na mesa dos jogos. O Bernardo e o Rodrigo brincam com um jogo de construções, enquanto a Tânia e o Carlos têm um jogo de encaixe cada um.

A Fátima tira todos os lápis do estojó para cima da mesa. O Daniel tira um lápis do estojó e risca na folha de papel, segurando o lápis com a mão toda. O Vicente limpa a folha com a mão porque partiu o bico do lápis. O Daniel põe o lápis dentro do estojó.

A Daniela está sentada numa almofada na área dos livros. A Joaquina vai buscar um livro à prateleira e senta-se na almofada a ver o livro. O Tiago vai até ao quadro das actividades e pergunta-me: “posso ir pôs carros?”. Respondo-lhe para mudar a fotografia do quadro, para os carros e digo-lhe “para baixo”, enquanto ele coloca a fotografia no sítio certo.

A Luna vai até ao pé da Tânia e fica de pé ao lado dela a vê-la a brincar com um jogo de encaixe. A Maria vem ter comigo e diz: “Catarina, Catarina, quero xixi”, respondo-lhe: “queres ir à casa de banho fazer xixi? Podes ir e depois de fazeres xixi lava as mãozinhas.”

Na casinha, o Tomé põe os pratos e o tacho em cima do fogão, a Irene brinca no chão com uma mala e um boneco. A Sílvia vê-se ao espelho e mexe no baú onde estão as malas. A Maria regressa da casa de banho, puxa a Sílvia e tira-a da frente do espelho, a Sílvia põe a mão na boca e começa a chorar. Enquanto a Maria se vê ao espelho a Sílvia empurra-a. A Maria vem a chorar até ao pé de mim e choram as duas. Pergunto: “Maria e Sílvia, o que se passa?” Não me respondem e continuam a chorar. A Maria olha para mim, aponta para a Sílvia e eu digo: “vai lá falar com a Sílvia...” A Maria vai dar um abraço à Sílvia e voltam a brincar cada uma com diferentes objectos da casinha.

O Eduardo vai até à casinha e mexe nos pratos, o Tomé olha para ele e volta a brincar. A Fátima vem até ao pé de mim e diz a gritar: “quero água!” Eu respondo: “desculpa?! Como é que se pede para beber água?” A Fátima fala mais baixo e diz: “quero água faz favor.” Então desloco-me até à prateleira onde estão as garrafas individuais e dou-lhe a garrafa dela. O Tiago, a Luna, o Vicente e a Irene também vêm até ao pé de nós e

¹¹ Comentário da observadora

¹² Todos os nomes de crianças utilizados são nomes fictícios atribuídos por razão de confidencialidade

repetem sem parar: “quero água, quero água...” Respondo-lhes: “calma, têm de esperar pela vossa vez, eu já dou a garrafa de água...” O Vicente e o Tiago insistem “quero água, quero água...” e só param quando lhes dou as respectivas garrafas.

CO. Tenho de repensar a estratégia relativamente às garrafas de água, por um lado para proporcionar a autonomia às crianças que já são capazes de beber sozinhas, mas por outro prevenir que as crianças que ainda não são capazes de o fazer, se molhem fazendo disso uma brincadeira.

A Daniela anda pela sala com o livro “Branca de Neve” na mão. Vem dizer-me “conta esta história.” Respondo-lhe: “agora a Catarina não pode contar-te a história, mais logo conto, pode ser? Vai ver o livro ali na manta.” Ela vai até à área dos livros/de grande grupo e senta-se a ver o livro.

Na casinha, a Maria e a Sílvia brigam, a Sílvia chora, vem ter comigo e aponta para a Maria. Respondo: “então mas já estão outra vez zangadas? Têm aí muitos pratos, não é preciso brigas.”

A Luna vem ter comigo e diz: “a Tânia não me deixa jogar.” Respondo-lhe: “ela está a brincar um bocadinho com aquele puzzle, depois já te empresta um bocadinho.” A Luna vai até à mesa dos jogos, vai até ao pé do Carlos e tira-lhe o jogo com que ele está a brincar, ele levanta-se e vai buscar outro.

Na casinha, o Eduardo atira toda a loiça para o chão e vai pôr-se dentro do armário. Enquanto isso, o Tomé põe um dos tachos na cabeça fingindo que é um boné. A Irene está no mesmo cantinho, pega no bebé, põe a mochila nas costas e vai ver-se ao espelho.

O Vicente, que estava a fazer desenho diz: “já tá.” E vem dar-me o desenho. Digo-lhe para ir arrumar a caixa dos lápis e apanhar os lápis que estão no chão antes de ir para outro cantinho. Ele não faz o que lhe pedi e vai brincar com os carros. Quando lá chega tira um carro ao Tiago, que lhe bate. Chamo o Vicente e digo-lhe: “acho que ainda não podes ir brincar para outro cantinho, ainda não arrumaste os lápis... vai lá arrumá-los primeiro. Depois já vais escolher outro cantinho.” Responde-me: “não.” Vou até junto dele, chamo-o novamente e repito segurando-lhe a mão: “Vicente, vai arrumar os lápis.” Ele atira-se para o chão e chora. Digo-lhe: “se não consegues fazer o que a Catarina te está a pedir então não podes ir brincar com os carros.” E levo-o para sentar-se numa cadeira e digo-lhe que assim não vai poder brincar. Ele responde: “não”. Volto a perguntar-lhe: “vais arrumar?” Ele levanta-se e ajoelha-se junto à mesa do desenho, apanha todos os lápis, põe-nos dentro da caixa e arruma-a. Digo-lhe então: “onde é que queres ir brincar?” ao que ele responde: “na plasticina”.

A Daniela vai até à casinha e pisa a Maria, ela chora.

Na mesa do desenho, o Daniel atira vários lápis para o chão, remexe-se na cadeira e pega num lápis e rabisca na folha de papel. Levanta-se e vai até ao espelho, dá uma cabeçada e volta a sentar-se na mesa do desenho.

A Fátima diz: “já tá”, referindo-se ao desenho que estava a fazer e levanta a folha da mesa para me dar.

Nos carros, o Diogo deita-se em cima do Salvador e este chora.

Na casinha, o Eduardo apanha um “pão” e põe-no dentro da caçarola do Tomé que dá uma gargalhada. O Tomé põe as duas caçarolas na mesa, vira o pão dentro da caçarola e canta: “lá, lá, lá”. Deixa cair o pão para o chão e bate com as duas caçarolas como se batesse palmas. O Eduardo sai da casinha, vai à mesa dos jogos e atira com um jogo para o chão. A Luna vem dizer-me: “Catarina, o Eduardo atirou o jogo para o chão.”

O Daniel vai até à casinha, escorega nos brinquedos da casinha espalhados no chão e cai. Levanta-se, esfrega a cabeça com uma mão e bate com a outra mão no ombro da Sílvia que está a ver-se ao espelho, de costas para ele. A Sílvia faz caretas para o espelho e o Daniel bate com a cabeça no espelho, ri-se e diz: “pum” enquanto bate com a mão na testa. Aos pulos, vai até à mesa dos jogos.

O Bernardo e o Rodrigo continuam a brincar na mesa dos jogos, com os blocos das construções de encaixe. O Daniel chega à mesa dos jogos tira uma destas peças e corre para a casinha. O Bernardo chora e diz: “Catarina, o Daniel tirou uma peça.” Chamo o Daniel ao pé de mim e digo: “Daniel, vai dar a peça ao Bernardo, não se tira as peças aos amigos.” Dou-lhe a mão e digo: “dá a peça ao Bernardo.” O Daniel esconde-a atrás das costas, digo-lhe novamente: “dá a peça”. Quando o Daniel estica o braço, o Bernardo agarra a peça e leva-a novamente para a mesa dos jogos.

O Daniel põe as mãos na cabeça, dá pulos e vai até ao pé do espelho.

Nos carros, o Diogo cospe para a cabeça do Tiago, o Tiago ri-se e começa a cuspir também. Chamo-os e pergunto: “o que é que estão a fazer?” O Diogo responde: “nada”, o Tiago diz: “a cupir.” Pergunto-lhes se isso se faz e só o Tiago me responde: “não”. Digo: “vão lá brincar nos carros mas não se cospe.” O Diogo pega num carro e brinca com ele na cara do Salvador, que começa a chorar. Então o Diogo, larga os carros, vai até ao espelho e começa a lamber o espelho. O Daniel vai até lá e põe também a língua no espelho, até que chamo os dois e lhes digo para irem brincar.

O Daniel e o Diogo vão até aos carros, o Diogo deita-se no chão para brincar e o Daniel senta-se na cabeça dele e depois escorrega e cai. O Diogo empurra-o com a cabeça, depois bate-lhe e diz: “tai”[sai]. O Daniel mexe na caixa onde estão os carros e depois despeja a caixa para o chão. Encontra um boneco, agarra-o e senta-se em cima das costas do Tiago que está deitado a brincar com os carros. O Daniel passa por cima das costas do Tiago e aos pulos vai até à mesa dos jogos. Quando chega à mesa, sobe para a cadeira e põe um joelho em cima da mesa, o Bernardo diz: “Catarina, ele vai para cima da mesa.” O Daniel desce da cadeira e vai até ao pé do Bernardo e do Rodrigo e espalha as peças com que eles estão a brincar. Digo ao Bernardo: “diz lá ao Daniel onde é que ele tem de se sentar se quiser brincar com os jogos.” O Bernardo olha para o Daniel, mas o Daniel já foi mexer nos livros que estão na prateleira e o Bernardo regressa às construções.

O Daniel vai até à mesa do desenho tira lápis e marcadores do estojo da Diana e põe-nos em cima da mesa, depois deita-os para o chão. Quando lhe digo: “Daniel, agora vais apanhar os lápis que deitaste para o chão.” Ele responde: “não” e atira-se para o chão e chora. Pego na mão dele para ajudá-lo a levantar-se mas ele puxa a mão para eu o largar e volta a dizer: “não” e deita-se no chão novamente. Faço-o levantar-se e com cara séria repreendo-o e digo: “vamos apanhar os lápis do chão.” Agarro na mão dele e ajudo-o a apanhar os lápis e guardar. Continua a choramingar.

Na casinha, o Eduardo dá murros para o ar enquanto diz: “aahrrr.” A Irene diz à Maria: “vai deitar o bebé.”

O Daniel pára de choramingar, vai até ao espelho e põe a boca junto ao espelho. Depois, vai até à casinha e põe-se dentro do armário. A Irene chama-me: “Catarina, o Daniel tá na casinha.” O Daniel sai da casinha e vai até aos carros. O Salvador vem ter comigo e diz: “no tato.” Como não consigo perceber pergunto-lhe: “o quê, Salvador?” Ele diz novamente: “tá nos tatos” e aponta para o Daniel. Eu respondo: “O Daniel está nos carros não é?” O Daniel, enquanto isso senta-se dentro da caixa vazia dos carros. Levanta-se, vai até à mesa dos jogos e senta-se. Digo-lhe: “Daniel, vai buscar um jogo para brincare.” Ele levanta-se mas a Luna e a Tânia vão buscar uma caixa com puzzles e dão-lhe. Ele pega na caixa e despeja as peças em cima da mesa e vai aos pulos para o cantinho dos livros.

A Diana está a brincar nos jogos e a Fátima vai ter com ela. Fica em pé ao lado dela. A Daniela vai até ao pé da Diana e bate-lhe com a mão na cabeça. A Fátima mexe nas peças do dominó e a Diana começa a arrumá-las dentro da caixa.

O Daniel saltita de um lado para o outro e vai até à mesa dos jogos e senta-se numa cadeira enquanto põe a mão na boca. Pergunto às crianças que estão na mesa dos jogos quem é que quer brincar nos jogos com o Daniel. A Tânia diz: “eu” e senta-se na cadeira ao pé do Daniel. Ele bate-lhe na cara com a mão e a Tânia chama-me: “Catarina, o Daniel bateu-me.” Vira-se para o Daniel e diz: “pede desculpa à Tânia.” O Daniel encosta a cara dele à cara da Tânia e ela diz-lhe: “diz lá desculpa, diz lá.” O Daniel dá um abraço à Tânia. A seguir espalha as peças dum jogo de encaixe em cima da mesa, a Tânia vira as peças que estão viradas para baixo e tenta encaixá-las. O Daniel levanta-se e vai até à casinha.

CO. : para as crianças poderem ir brincar um pouco no espaço exterior, antes de almoçar, começo a cantar a canção de arrumar e faço o jogo para “ganhar ao relógio” para as crianças arrumarem todos os cantinhos e sentarem-se no tapete na área de grande grupo, para poder ajudá-los a vestirem os casacos para poderem ir brincar na rua.

Anexo 7 - Notas de campo finais

3 de Julho de 2009
Catarina Serrão
Ed. Ensino Regular/ Observadora
10.00h -11.00h
IPSS

SALA DOS 3 ANOS

CO¹³.: o grupo é constituído por vinte e duas crianças e hoje faltam o António ¹⁴, a Sílvia e o Rodrigo. Terminámos a conversa da manhã e as crianças já escolheram as áreas de actividade, ou “cantinhos” como elas dizem, para onde cada criança quer ir brincar tal como exemplificado na rotina diária (Anexo). Esta escolha continua a ser efectuada, tal como na observação inicial, através da marcação com a fotografia no quadro de duas entradas, onde estão os nomes das crianças e as áreas de actividade disponíveis. Todas as crianças já efectuem autonomamente esta escolha mas algumas delas ainda necessitam de alguma orientação na marcação. A maior dificuldade que demonstram é aguardar pela sua vez e perceber que não podem ir sempre para o mesmo sítio, nem podem estar todos ao mesmo tempo na mesma área.

Quando acabamos de marcar os “cantinhos”, digo: “podem ir brincar para os cantinhos que escolheram, a andar e falam baixinho quando brincam.” As crianças dirigem-se para as áreas de actividades, o Eduardo e o Tiago correm à volta da mesa do desenho. Chamo-os e faço-os voltar a sentar no tapete. Pergunto-lhes o que é que combinámos para ir para os cantinhos e o Eduardo responde: “Temos de ir para os cantinhos a andar, não é? Porque podemos fazer uma ferida e depois temos de ir para o hospital pois é?”. O Tiago fica calado enquanto eu recomendo para irem brincar, mas com juízo.

Enquanto as crianças se deslocam para os cantinhos que escolheram e se preparam para brincar, eu desloco-me para o canto da sala onde se situa a área do desenho para poder observar todas as crianças.

CO.: nesta observação apercebo-me que apesar de neste local poder observar todas as acções das crianças não consigo ouvir os seus diálogos em cada área. Nesta altura, no fim deste ano lectivo as suas conversas já demonstram várias evoluções. É impossível eu registar toda esta riqueza nas conversas que mantém entre eles, mas procuro interferir o menos possível e vou tentando passar por todas as áreas para poder registar alguns dos acontecimentos e também algumas das conversas.

O Daniel vai para a frente do espelho, deita-se no chão e olha para mim. A Fátima que está na casinha diz: “olha, olha aqui parece um palhaço” referindo-se ao Vicente que tem uma camisa de homem vestida. Ele responde: “esta é minha” referindo-se à camisa.

O Daniel vem até ao pé de mim senta-se na cadeira do meu lado direito e bate-me no braço direito. Pergunto-lhe: “o que é Daniel?” Ele responde: “da, óia” e mostra-me um prato da casinha que trazia na mão. A Fátima sai da casinha, vem ter connosco e diz: “isto é da casinha”. Agarra no prato que o Daniel tem na mão, dá-lhe a outra mão e leva-o para a casinha. O Daniel quando chega à casinha põe-se dentro do armário, depois sai e vai até à garagem onde estão a Daniela e o Carlos. O Daniel deita-se em cima da garagem e a Daniela diz-lhe: “sai” e afasta-o empurrando-o para o chão. O Daniel levanta-se e vai até ao pé do espelho e deita-se no chão continuando a olhar para o espelho.

O Tiago tira um puzzle da prateleira dos jogos e senta-se na mesa dos jogos. Despeja as peças da caixa em cima da mesa e depois começa a montá-lo. O Diogo que estava na mesa dos jogos, vem ter comigo e diz: “o Eduardo tirou-me o jogo.” Respondo-lhe: “vai lá conversar com ele.” O Diogo responde: “vou guardar, ele não dá-me.” e começa a choramingar. Quando olho directamente para o Eduardo ele diz: “mas eu é que tinha isto, eu, eu, eu.” E começa também a chorar.

CO.: numa outra situação, provavelmente eu teria feito uma intervenção junto desta situação, mas hoje resolvi não intervir (excepto por ter direccionado o olhar para o Eduardo) para tentar perceber como resolveriam a situação sem a minha intervenção.

¹³ Comentário da observadora

¹⁴ Todos os nomes utilizados são nomes fictícios atribuídos por razão de confidencialidade

O Diogo deixa a mesa dos jogos e vai até à garagem e senta-se a brincar com os carros. Pergunto-lhe se já mudou a fotografia para a garagem. Ele não me responde mas olha para o quadro, dirige-se para lá e coloca a fotografia por baixo do símbolo da garagem. O Eduardo vai até à mesa dos jogos e tira duas peças ao Tiago e senta-se a montar o puzzle. O Tiago chora e diz: “o Eduardo tem o jogo.”

O Daniel bate-me no braço e aponta para o Eduardo, pergunto ao Eduardo: “o que é que tens de fazer se queres brincar com o jogo que tem o Tiago?” Ele responde-me: “tenho de pedir não é?”. Digo-lhe: “sim, tens de pedir se podes brincar”. O Eduardo abraça o Tiago e pergunta-lhe: “posso brincar?” O Tiago agarra nas peças todas e diz: “não!” O Eduardo vai até à casinha.

Na casinha, a Irene, a Luna e a Fátima cantam a música das Winkx (desenhos animados do canal infantil). A Luna diz à Irene: “eu canto”. Recomeçam a cantar mas a Luna corrige: “não é assim!”. Reiniciam a canção e ela canta ainda mais alto.

O Eduardo fica à porta da casinha. O Daniel vai até à casinha, olha para as meninas que estão a cantar e regressa para junto de mim. Mantém-se junto a mim e põe o polegar direito na boca e chucha no dedo.

Na área da garagem o Bernardo e a Daniela brincam às “lutas” e depois a Daniela deita-se em cima das costas do Carlos e continuam a “brincadeira”. O Daniel vai até junto deles e deita-se por cima da Daniela. A Daniela não diz nada e bate-lhe nas costas e a seguir empurra-o e ele cai no chão. O Daniel levanta-se, vai até ao pé do espelho e olha para a cara e bate com a mão no espelho. A Daniela, o Bernardo e o Carlos voltam a brincar com os carros.

CO.: a brincadeira deste género em que lutam, às vezes acaba com a situação em que uma das crianças se magoa e muitas vezes eu interrompo este tipo de brincadeira porque quero evitar que chorem ou que se magoem.

O Daniel vem até ao pé de mim, diz: “óia” e aponta para a casinha. Pergunto-lhe: “o que é Daniel? O que é que queres dizer?” Ele aponta novamente para a casinha e diz: “tá”. Respondo-lhe: “queres ir brincar para a casinha? É isso?” Ele diz: “sim” e acena afirmativamente com a cabeça. O Daniel vai até à casinha senta-se em cima da Luna que está deitada na cama de bonecas. Ela diz-lhe: “sai de cima de mim!” Ele afasta-se e vai até à mesa da plasticina.

Na casinha, a Irene diz: “a gente `tá aqui escondidas.” A Irene, a Luna e a Fátima escondem-se debaixo da toalha de mesa. O Diogo aproxima-se e grita: “AHH!” A Luna grita: “o Diogo é o monstro.” O Vicente anda de gatas pela casinha, sai da casinha de gatas e vai até ao meio da sala onde está o Eduardo. Gritam os dois e começam a correr na sala. Chamo-os e pergunto-lhes: “o que é que estão a fazer?” O Vicente responde rapidamente: “estamos a brincar aos monstros.”, o Eduardo acrescenta: “ele é o mau”. Digo-lhes para voltarem para os cantinhos onde estavam a brincar. O Vicente regressa à casinha, o Eduardo vai até à mesa dos jogos.

O Daniel vai buscar uma peça de lego à mesa de jogos, leva a peça na mão e vai até à garagem. Quando chega à garagem bate com a peça na cabeça da Daniela. Ela chora, vem ter comigo e diz: “O Daniel bateu-me.” Chamo o Daniel e pergunto: “o que é que fizeste à Daniela?” Ele fecha a mão direita e diz: “pum” repetindo o gesto que tinha feito. Digo-lhe: “isso não se faz, magoaste a amiga! Pede desculpa e dá um beijinho.” O Daniel abraça o pescoço da Daniela e encosta a cara dele à dela. A Daniela pede para ir fazer desenho. Pergunto ao Daniel se também quer ir fazer desenho. Ele vai sentar-se na mesa. Digo-lhes para irem buscar os estojos individuais e depois as folhas de desenho.

CO.: As crianças continuam a mudar várias vezes de área de actividade, a minha preocupação tem consistido não tanto em mantê-las na mesma área mas que quando fazem essa transição se regulem pelo quadro de marcação de actividades para saberem se podem ir para o cantinho que pretendem. Neste sentido, durante a observação as crianças estiveram em várias áreas e nem todas as transições ficaram registadas.

Na mesa dos jogos o Bernardo atira as peças de encaixe todas para o chão. Pergunto-lhe: “o que estás a fazer? Vais ter de apanhar tudo do chão!” Ele responde: “está bem.” E começa a apanhar as peças que estão debaixo da mesa. O Daniel sai da mesa do desenho vai para debaixo da mesa dos jogos, senta-se e olha para o Bernardo.

A Daniela vai até à casinha e grita: “calem-se!” A Luna, a Fátima e a Irene olham para ela e continuam a cantar. Ela afasta-se e vai para a mesa dos jogos.

A Julieta pede para mudar de cantinho, digo-lhe para ir mudar a fotografia. Ela vai até ao quadro de actividades muda a fotografia para a área da casinha. Vai até à casinha, entra e começa a mexer nos objectos da casinha. O Diogo vai até à porta da casinha e olha para mim. Pergunto-lhe: “o que é que se passa Diogo?” Ele não me responde e regressa à mesa dos jogos e senta-se a brincar com os enfiamentos.

O Daniel anda para trás na sala, bate na parede, olha para mim e ri-se. Vem até ao pé de mim, aos pulos e com os braços abertos e dá-me um abraço. Retribuo o abraço e digo: “Tu gostas é de miminhos não é?” O Eduardo vem a correr e abraça-me também. Digo: “Pronto, eu dou um abraço a todos.” E aproximam-se a Luna e o Tiago para outro abraço.

Vou até ao armário e retiro um caderno onde escrevo algumas notas. O Tomé pergunta: “o que estás a fazer?” Respondo: “estou a escrever no meu caderno.” Ele pergunta: “estás a escrever um recado?”. Digo-lhe: “não, agora não estou a escrever um recado estou a escrever uma coisa para me lembrar depois.” A Tânia pergunta: “também posso escrever? Eu já sei escrever o meu nome”. Digo-lhe que pode escrever o que quiser numa folha de desenho e dou-lhe uma folha. Ela senta-se na mesa do desenho e faz algumas das letras do nome dela.

A Maria e a Irene sentam-se na mesa dos jogos a brincar com um puzzle grande do corpo humano. O Carlos vai até ao pé delas e senta-se a brincar com o dominó. Na área de grande grupo o Tiago e a Lúcia batem um no outro. A Lúcia empurra-o e diz: “sai”. Ele acena com o dedo de forma negativa e empurra-a. A Lúcia diz: “vai brincar com o teu.” Referindo-se a um dos carros que tem na mão, o Tiago empurra-a e diz: “não.” A Lúcia faz força para empurrar o Tiago para fora da área mas ele encosta-se à parede e faz também força contra o braço dela que o empurra. O Salvador aproxima-se e mostra o carro que tem ao Tiago. O Tiago e a Lúcia mantêm-se a fazer força um contra o outro.

As crianças que estão na casinha decidem por a toalha da mesa no chão para “fazer um piquenique”, o Daniel vai até lá, senta-se em cima da toalha ao pé do Bernardo. O Bernardo diz-lhe “senta-te.” O Daniel responde: “não” O Bernardo segura no braço do Daniel e diz: “sim” O Daniel levanta o braço e bate-lhe na cara. O Bernardo segura-lhe o braço e o Daniel deita-se para trás ficando deitado no chão. A Luna e o Bernardo levantam as pontas da toalha de mesa e dizem ao Daniel: “sai”, enquanto ele continua deitado na toalha de pernas levantadas. O Bernardo e a Luna vão ter com a Julieta e deixam o Daniel sozinho na toalha.

O Daniel levanta-se e vai até ao cantinho dos livros e tira todos os livros de dentro da caixa para o chão. Pega no livro do Noddy e senta-se a ver.

A Daniela e a Fátima brincam com as bonecas que a Daniela trouxe de casa, a Daniela diz: “olha pa isto, já tá estragado!” e tira os sapatos da boneca das mãos da Fátima.

A Lúcia e o Tiago continuam a empurrar-se, o Tiago tira o carro da mão da Lúcia e foge. Ela vai atrás dele mas não o alcança, pára, olha para mim e começa a chorar. O Eduardo aproxima-se dela e pergunta-lhe “o que foi Lúcia?” Aproxima-se do Tiago e diz-lhe: “tens de dar isso a ela.” O Tiago põe o carro atrás das costas. A Lúcia tenta tirar-lho enquanto grita e chora. O Eduardo agarra-lhe os braços e tenta tirar-lhe o carro, a Lúcia continua a gritar. O carro cai para o chão e rola pelo chão da sala. A Lúcia corre, apanha o carro do chão segura-o na mão e olha para o Eduardo. O Eduardo diz: “Não brigam mais, está bem?”. O Salvador aproxima-se da Lúcia e do Eduardo e olha para os dois, apanha uma peça de lego que estava no chão, vai pô-la na mesa dos jogos e regressa à garagem.

Na garagem, o Diogo mostra um jogo de bolso que trouxe de casa, o Tiago e o Salvador olham e o Salvador agarra o jogo e mexe-lhe.

O Daniel chama: “Dáa, Dáa” e bate-me na perna. Pergunto-lhe: “O que é Daniel?” O Daniel vai até à mesa do desenho e senta-se. Pergunto-lhe o que quer fazer. Ele aponta para o estojo, vai buscá-lo e senta-se à mesa. Pergunto-lhe: “queres fazer desenho?” O Daniel faz o gesto afirmativo com a cabeça, digo-lhe: “como é que se diz?” Ele responde “sim”, mexendo a cabeça.

O Tomé e o Bernardo fazem uma construção os dois com os blocos de madeira. O Diogo aproxima-se, olha e quando se aproxima da mesa dos jogos faz cair uma das peças. O Bernardo diz: “oh pá! olha pa isto!” e refaz a construção e continua a brincar com o Tomé.

A Joaquina, a Luna e a Irene brincam na área de grande grupo fazendo de conta que têm microfones.

O Carlos, a Daniela e a Fátima estão na mesa de desenho e espalham os lápis em cima da mesa. Têm as mãos pintadas dos marcadores. A Julieta vê um lápis que identifica com o nome da Joaquina, pega nele e vai dar-lhe o lápis e diz-lhe: “este lápis é teu não é?” A Joaquina responde: “pois é! Onde é que estava?” A Julieta responde: “estava aqui misturado” e aponta para a mesa do desenho.

Na casinha estão a Julieta a Diana e o Tiago, colocaram as quatro cadeiras da área em fila, uma cadeira à frente, duas ao meio e outra atrás e sentaram-se nas cadeiras, a Diana senta-se na cadeira da frente que ficou junto ao armário e mexe as mãos uma à frente da outra. Pergunto: “quem és tu Diana? O que estás a fazer?” A Diana responde: “tô a conduzir o carro.” As outras crianças continuam sentadas nas cadeiras atrás dela.

A Daniela vem ter comigo com o desenho na mão e diz: “já ‘cabei.” Digo-lhe: “temos de escrever o nome não é?” Ela acena com a cabeça que sim. Dirigimo-nos à área do desenho, eu retiro o nome dela escrito e pergunto-lhe se quer escrever ela. Ela acena com a cabeça que não e eu escrevo o nome, a data do desenho e entrego-lho novamente. Ela vai até à caixa dos desenhos terminados, coloca-o lá dentro e depois vai até à área dos livros e senta-se a ver o livro do Tarzan.

O Daniel vai até junto do aquário e diz “peixe”. A seguir segura nas calças e diz: “xi”. Pergunto-lhe: “queres ir fazer xixi? Vai à casa de banho”

CO. : Antes do Daniel sair para ir à casa de banho, verifico qual é a roupa que traz vestida para ver se consegue despi-la sozinho na casa de banho, como são calções apenas com elástico à volta da cintura, consegue despi-los sozinho.

O Daniel sai da sala e vai à casa de banho enquanto eu fico à porta da sala junto ao corredor. Quando ele regressa pergunto-lhe se lavou as mãos, ele responde “não” e volta para a casa de banho. Peço ao Carlos para ir abrir a torneira da casa de banho ao Daniel e ele vai. Regressam os dois da casa de banho. O Carlos regressa à mesa de desenho, o Daniel senta-se na mesa da plasticina com a Maria e diz à Maria: “olha, olha, ao meu, mia (minha)”. A Maria abre a caixa da plasticina e dá-lhe plasticina e brincam os dois com plasticina, cada um com um bocado diferente.

Olho para o relógio e começo a cantar a canção para arrumar para as crianças poderem arrumar todos os brinquedos e poderem ir brincar no recreio. O Eduardo pede: “Catarina, só mais um bocadinho `tá bem? Respondo-lhe: “temos de arrumar para podermos ir brincar um bocadinho lá fora, não queres ir brincar no recreio?” O Eduardo responde: “`tá bem!” e começa a arrumar alguns dos objectos da casinha.

Anexo 8 - Grelha de análise de notas de campo iniciais

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados	Frequência		
			Comportamentos observados	Comportamentos na subcategoria	Comportamentos na categoria
Comportamento das crianças entre si	Deslocação na sala	As crianças dirigem-se para as áreas de actividades O Daniel¹⁵ vai para a área do desenho com o Vicente, a Fátima, a Diana e a Luna Antes de se sentarem vão até á prateleira do móvel onde estão os estojos com os lápis de cor e os marcadores, tiram-nos e levam-nos para a mesa O Daniel vai buscar o estojo dele, a Diana, o estojo dela, como o Vicente ainda não tem estojo individual, vai buscar a caixa de lápis da sala A Tânia, o Rodrigo, o Carlos e o Bernardo vão buscar os jogos à prateleira e sentam-se na mesa dos jogos	5	5	
	Situação problemática	A Maria regressa da casa de banho, puxa a Sílvia e tira-a da frente do espelho, a Sílvia põe a mão na boca e começa a chorar Enquanto a Maria se vê ao espelho a Sílvia empurra-a Na casinha, a Maria e a Sílvia brigam A Luna vai até à mesa dos jogos, vai até ao pé do Carlos e tira-lhe o jogo com que ele está a brincar (Vicente) tira um carro ao Tiago, que lhe bate A Daniela vai até à casinha e pisa a Maria, ela chora			

¹⁵ Todos os nomes de crianças utilizados são nomes fictícios atribuídos por razão de confidencialidade

		Nos carros, o Diogo deita-se em cima do Salvador e este chora O Diogo pega num carro e brinca com ele na cara do Salvador, que começa a chorar (Daniel) Levanta-se, esfrega a cabeça com uma mão e bate com a outra mão no ombro da Sílvia que está a ver-se ao espelho, de costas para ele O Daniel e o Diogo vão até aos carros, o Diogo deita-se no chão para brincar e o Daniel senta-se na cabeça dele e depois escorrega e cai. O Diogo empurra-o com a cabeça, depois bate-lhe e diz: “tai”[sai] Encontra um boneco, agarra-o e senta-se em cima das costas do Tiago que está deitado a brincar com os carros O Daniel passa por cima das costas do Tiago e aos pulos vai até à mesa dos jogos O Daniel desce da cadeira e vai até ao pé do Bernardo e do Rodrigo e espalha as peças com que eles estão a brincar O Daniel vai até à mesa do desenho tira lápis e marcadores do estojo da Diana e põe-nos em cima da mesa, depois deita-os para o chão A Daniela vai até ao pé da Diana e bate-lhe com a mão na cabeça O Daniel chega à mesa dos jogos tira uma destas peças e corre para a casinha O Daniel esconde-a (peça de jogo) atrás das costas	18	18	
	Resolução de situação problemática	A Maria vai dar um abraço à Sílvia e voltam a brincar cada uma com diferentes objectos da casinha Quando o Daniel estica o braço, o Bernardo agarra a peça e leva-a novamente para a mesa dos jogos O Bernardo olha para o Daniel, mas o Daniel já foi mexer nos livros que estão na prateleira e o Bernardo regressa às construções			

		(Tânia) Vira-se para o Daniel e diz: “pede desculpa à Tânia.” O Daniel encosta a cara dele à cara da Tânia e ela diz-lhe: “diz lá desculpa, diz lá.” O Daniel dá um abraço à Tânia.	6	6	
	Observação	A Luna vai até ao pé da Tânia e fica de pé ao lado dela a vê-la a brincar com um jogo de encaixe O Eduardo vai até à casinha e mexe nos pratos, o Tomé olha para ele e volta a brincar A Diana está a brincar nos jogos e a Fátima vai ter com ela. Fica em pé ao lado dela.	3	3	
	Jogo simbólico	(Tomé) Deixa cair o pão para o chão e bate com as duas caçarolas como se batesse palmas A Irene diz à Maria: “vai deitar o bebé.”	2	2	
	Imitação	Nos carros, o Diogo cospe para a cabeça do Tiago, o Tiago ri-se e começa a cuspir também A Sílvia faz caretas para o espelho e o Daniel bate com a cabeça no espelho, ri-se e diz: “pum” enquanto bate com a mão na testa O Diogo, larga os carros, vai até ao espelho e começa a lamber o espelho. O Daniel vai até lá e põe também a língua no espelho	3	3	
	Colaboração	Ele (Daniel) levanta-se mas a Luna e a Tânia vão buscar uma caixa com puzzles e dão-lhe A Tânia diz: “eu” e senta-se na cadeira ao pé do Daniel	2	2	39

Comportamento individual das crianças com material	Com jogos	Ele (Carlos) levanta-se e vai buscar outro O Eduardo sai da casinha, vai à mesa dos jogos e atira com um jogo para o chão (Daniel) Aos pulos, vai até à mesa dos jogos. Ele pega na caixa e despeja as peças em cima da mesa e vai aos pulos para o cantinho dos livros (Daniel) Levanta-se, vai até à mesa dos jogos e senta-se. O Daniel saltita de um lado para o outro e vai até à mesa dos jogos e senta-se numa cadeira enquanto põe a mão na boca	6	6	
	Com objectos da área de jogo simbólico	Na casinha, o Tomé põe os pratos e o tacho em cima do fogão A Irene brinca no chão com uma mala e um boneco A Sílvia vê-se ao espelho e mexe no baú onde estão as malas O Tomé põe um dos tachos na cabeça fingindo que é um boné A Irene está no mesmo cantinho, pega no bebé, põe a mochila nas costas e vai ver-se ao espelho (Daniel) vai até à casinha e põe-se dentro do armário Levanta-se e vai até ao espelho, dá uma cabeçada e volta a sentar-se na mesa do desenho Na casinha, o Eduardo atira toda a loiça para o chão e vai pôr-se dentro do armário O Daniel vai até à casinha, escorrega nos brinquedos da casinha espalhados no chão e cai O Daniel põe as mãos na cabeça, dá pulos e vai até ao pé do espelho Na casinha, o Eduardo dá murros para o ar enquanto diz: “aahrrr.” O Daniel pára de choramingar, vai até ao espelho e põe a boca junto ao	13	13	

		espelho O Daniel levanta-se e vai até à casinha.			
	Com material de desenho	A Fátima tira todos os lápis do estojo para cima da mesa O Daniel tira um lápis do estojo e risca na folha de papel, segurando o lápis com a mão toda O Vicente limpa a folha com a mão porque partiu o bico do lápis O Daniel põe o lápis dentro do estojo Na mesa do desenho, o Daniel atira vários lápis para o chão, remexe-se na cadeira e pega num lápis e rabisca na folha de papel	5	5	
	Com outros brinquedos da sala	A Daniela está sentada numa almofada na área dos livros A Joaquina vai buscar um livro à prateleira e senta-se na almofada a ver o livro A Daniela anda pela sala com o livro “Branca de Neve” na mão Ela (Daniela) vai até à área dos livros/de grande grupo e senta-se a ver o livro O Daniel sai da casinha e vai até aos carros O Daniel mexe na caixa onde estão os carros e depois despeja a caixa para o chão Daniel, enquanto isso senta-se dentro da caixa vazia dos carros.	7	7	31

Comportamento das crianças com a educadora	Pedidos	O Tiago vai até ao quadro das actividades e pergunta-me: “posso ir pôs carros?” A Maria vem ter comigo e diz: “Catarina, Catarina, quero xixi” Fátima vem até ao pé de mim e diz a gritar: “quero água!” A Fátima fala mais baixo e diz: “quero água faz favor.” O Tiago, a Luna, o Vicente e a Irene também vêm até ao pé de nós e repetem sem parar: “quero água, quero água...” (Daniela) Vem dizer-me “conta esta história.”	6	6	19
	Queixas	A Maria vem a chorar até ao pé de mim e choram as duas A Maria olha para mim, aponta para a Sílvia A Sílvia chora, vem ter comigo e aponta para a Maria A Luna vem ter comigo e diz: “a Tânia não me deixa jogar.” Quando chega à mesa, sobe para a cadeira e põe um joelho em cima da mesa, o Bernardo diz: “Catarina, ele vai para cima da mesa.” Ele bate-lhe na cara com a mão e a Tânia chama-me: “Catarina, o Daniel bateu-me. (Vicente) Responde-me: “não.” A Irene chama-me: “Catarina, o Daniel tá na casinha.” O Salvador vem ter comigo e diz: “no tato.” (Salvador) diz novamente: “tá nos tatos” e aponta para o Daniel A Luna vem dizer-me: “Catarina, o Eduardo atirou o jogo para o chão.” O Bernardo chora e diz: “Catarina, o Daniel tirou uma peça O Diogo responde: “nada”, o Tiago diz: “a cupir.”	11	11	
	Informação	O Vicente, que estava a fazer desenho diz: “já tá.” E vem dar-me o desenho A Fátima diz: “já tá”, referindo-se ao desenho que estava a fazer e levanta a folha da mesa para me dar	2	2	

Anexo 9 - Grelha de análise de notas de campo finais

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados	Frequência		
			Comportamentos observados	Comportamentos na subcategoria	Comportamentos na categoria
Perfil de actuação das crianças entre si	Situação de conflito	▪ a Daniela diz-lhe (Daniel): “sai” e afasta-o empurrando-o para o chão	1		
		▪ (Daniel) deita-se por cima da Daniela	1		
		▪ A Daniela não diz nada e bate-lhe (Daniel) nas costas	1		
		▪ (Daniela) empurra-o e ele (Daniel) cai no chão	1		
		▪ (Daniel) senta-se em cima da Luna que está deitada na cama de bonecas	1		
		▪ Ela (Luna) diz-lhe (Daniel): “sai de cima de mim!”	1		
		▪ Quando chega à garagem (Daniel) bate com a peça na cabeça da Daniela	1		
		▪ (Eduardo) tira duas peças ao Tiago e senta-se a montar o puzzle	1		
		▪ Tiago chora e diz: “o Eduardo tem o jogo.”	1		
		▪ o Tiago e a Lúcia batem um no outro	1		
		▪ A Lúcia empurra-o (Tiago) e diz: “sai”	1		
		▪ (Tiago) empurra-a (Lúcia)	1		
		▪ A Lúcia diz: “vai brincar com o teu.”	1		
		▪ o Tiago empurra-a (Lúcia) e diz: “não.”	1		
		▪ A Lúcia faz força para empurrar o Tiago para fora da área	1		
		▪ Ele (Tiago) encosta-se à parede e faz também força contra o braço dela (Lúcia) que o empurra	1		
		▪ O Tiago e a Lúcia mantêm-se a fazer força um contra o outro	1		
		▪ O Daniel levanta o braço e bate-lhe na cara (Bernardo)	1		
		▪ O Bernardo segura-lhe o braço (Daniel)	1		
		▪ A Lúcia e o Tiago continuam a empurrar-se	1		
		▪ o Tiago tira o carro da mão da Lúcia e foge	1		
		▪ Ela (Lúcia) vai atrás dele mas não o alcança (Tiago)	1		
		▪ O Tiago põe o carro atrás das costas.	1		
		▪ A Lúcia tenta tirar-lho (carro ao Tiago) enquanto grita e chora	1		

		▪ a Lúcia continua a gritar ▪ O Tiago agarra nas peças todas e diz: “não!” ▪ O Eduardo agarra-lhe os braços e tenta tirar-lhe (Tiago) o carro ▪ o Daniel deita-se para trás ficando deitado no chão. ▪ A Luna e o Bernardo levantam as pontas da toalha de mesa e dizem ao Daniel: “sai” ▪ ele (Daniel) continua deitado na toalha de pernas levantadas ▪ O Bernardo diz-lhe “senta-te.” ▪ O Daniel responde: “não” ▪ O Bernardo segura no braço do Daniel e diz: “sim” ▪ Ele (Tiago) acena com o dedo de forma negativa	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	34	
	Brincadeira com contactos físicos	▪ o Bernardo e a Daniela brincam às “lutas” ▪ a Daniela deita-se em cima das costas do Carlos e continuam a “brincadeira”	1 1	2	
	Diálogo	▪ A Luna diz à Irene: “eu canto” ▪ Recomeçam a cantar mas a Luna corrige: “não é assim!” ▪ Reiniciam a canção e ela (Luna) canta ainda mais alto. ▪ O Bernardo diz: “oh pá! olha pa isto!” ▪ a Daniela diz: “olha pa isto, já tá estragado!”(bonecas) ▪ (Julieta) diz-lhe (Joaquina): “este lápis é teu não é?” ▪ A Joaquina responde: “pois é! Onde é que estava?” ▪ A Julieta responde: “estava aqui misturado” e aponta para a mesa do desenho	1 1 1 1 1 1 1 1	8	
	Incumprimento de regras da sala	▪ o Eduardo e o Tiago correm à volta da mesa do desenho ▪ (Eduardo e Vicente) começam a correr na sala ▪ O Eduardo vem a correr ▪ Gritam os dois (Eduardo e Vicente)	1 1 1 1	4	
	Reconhecimento de regras de convivência	▪ O Eduardo abraça o Tiago e pergunta-lhe: “posso brincar?” ▪ O Eduardo aproxima-se dela e pergunta-lhe “o que foi Lúcia?” ▪ (Eduardo) Aproxima-se do Tiago e diz-lhe: “tens de dar isso a ela.” ▪ O Eduardo diz: “Não brigam mais, está bem?” ▪ o Eduardo responde: “Temos de ir para os cantinhos a andar, não	1 1 1 1 1		

		é? Porque podemos fazer uma ferida e depois temos de ir para o hospital pois é?” ▪ Ela (Julieta) vai até ao quadro de actividades muda a fotografia para a área da casinha ▪ (Diogo) dirige-se para lá (ao quadro) e coloca a fotografia por baixo do símbolo da garagem ▪ Ele (Eduardo) responde-me: “tenho de pedir não é?”	1		
			1		
			1	8	
	Observação	▪ (Daniel) olha para as meninas que estão a cantar ▪ A Luna, a Fátima e a Irene olham para ela (Daniela) e continuam a cantar. ▪ O Salvador aproxima-se da Lúcia e do Eduardo e olha para os dois ▪ o Tiago e o Salvador olham ▪ O Diogo aproxima-se, olha ▪ (Daniel) senta-se e olha para o Bernardo.	1		
			1		
			1		
			1		
			1	5	
	Jogo simbólico	▪ Na casinha, a Irene diz: “a gente tá aqui escondidas.” ▪ A Irene, a Luna e a Fátima escondem-se debaixo da toalha de mesa. ▪ O Diogo aproxima-se e grita: “AHH!” ▪ A Luna grita: “o Diogo é o monstro.” ▪ O Vicente anda de gatas pela casinha ▪ As crianças que estão na casinha decidem por a toalha da mesa no chão para “fazer um piquenique” ▪ senta-se (Daniel) em cima da toalha ao pé do Bernardo ▪ O Bernardo e a Luna vão ter com a Julieta ▪ (Bernardo e a Luna) deixam o Daniel sozinho na toalha ▪ A Joaquina, a Luna e a Irene brincam na área de grande grupo fazendo de conta que têm microfones ▪ Na casinha estão a Julieta a Diana e o Tiago, colocaram as quatro cadeiras da área em fila, uma cadeira à frente, duas ao meio e outra atrás e sentaram-se nas cadeiras ▪ Diana senta-se na cadeira da frente que ficou junto ao armário e mexe as mãos uma à frente da outra	1		
			1		
			1		
			1		
			1		
			1		
			1		
			1		
			1		
			1		
			1		

Perfil de actuação individual das crianças com materiais	Com jogos	▪ O Tiago tira um puzzle da prateleira dos jogos e senta-se na mesa dos jogos ▪ (Tiago) Despeja as peças da caixa em cima da mesa e depois começa a montá-lo ▪ O Daniel vai buscar uma peça de lego à mesa de jogos ▪ Na mesa dos jogos o Bernardo atira as peças de encaixe todas para o chão. ▪ (Bernardo) começa a apanhar as peças que estão debaixo da mesa ▪ (Diogo) senta-se a brincar com os enfiamentos ▪ (Carlos) senta-se a brincar com o dominó ▪ (Salvador) apanha uma peça de lego que estava no chão ▪ (Salvador) vai pô-la na mesa dos jogos ▪ (Diogo) quando se aproxima da mesa dos jogos faz cair uma das peças	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	10	
	Com objectos da área de jogo simbólico	▪ O Daniel quando chega à casinha põe-se dentro do armário ▪ (Eduardo) começa a arrumar alguns dos objectos da casinha ▪ (Julieta) entra e começa a mexer nos objectos da casinha	1 1 1	3	
	Com material de desenho	▪ Ela (Tânia) senta-se na mesa do desenho ▪ (Tânia) faz algumas das letras do nome dela ▪ O Daniel vai até à mesa do desenho e senta-se ▪ (Daniela) coloca-o (desenho) lá dentro (caixa de desenhos)	1 1 1 1	4	
	Com livros	▪ O Daniel levanta-se e vai até ao cantinho dos livros ▪ (Daniel) tira todos os livros de dentro da caixa para o chão ▪ (Daniel) Pega no livro do Noddy e senta-se a ver ▪ (Daniela) senta-se a ver o livro do Tarzan	1 1 1 1	8	
	Com outros brinquedos e objectos	▪ (Diogo) senta-se a brincar com os carros ▪ A Lúcia corre, apanha o carro do chão segura-o na mão e olha para o Eduardo ▪ O Daniel deita-se em cima da garagem ▪ O Daniel vai para a frente do espelho, deita-se no chão ▪ (Daniel) deita-se no chão continuando a olhar para o espelho ▪ (Daniel) olha para a cara e bate com a mão no espelho	1 1 1 1 1 1	8	

		▪ (Daniel) bate na parede ▪ O Daniel levanta-se e vai até ao pé do espelho	1 1		33
Perfil de actuação das crianças com a educadora	Pedidos	▪ O Daniel vem até ao pé de mim, diz: “óia” ” e aponta para a casinha. ▪ A Daniela pede para ir fazer desenho ▪ A Julieta pede para mudar de cantinho ▪ (Daniel) segura nas calças e diz: “xi”. ▪ O Eduardo pede: “Catarina, só mais um bocadinho `tá bem?” ▪ O Daniel chama: “Dáa, Dáa” ▪ A Tânia pergunta: “também posso escrever? Eu já sei escrever o meu nome”.	1 1 1 1 1 1	7	
	Queixas	▪ O Diogo que estava na mesa dos jogos, vem ter comigo e diz: “o Eduardo tirou-me o jogo ▪ (Diogo) começa a choramingar ▪ (Eduardo) começa também a chorar ▪ Ela (Daniela) chora, vem ter comigo e diz: “O Daniel bateu-me”	1 1 1 1	4	
	Respostas verbais	▪ Ele (Daniel) responde: “da, óia” ▪ (Fátima) vem ter connosco e diz: “isto é da casinha” ▪ O Diogo responde: “vou guardar, ele não dá-me.” ▪ Ele (Daniel) aponta novamente para a casinha e diz: “tá”. ▪ Ele diz: “sim” e acena afirmativamente com a cabeça ▪ O Vicente responde rapidamente: “estamos a brincar aos monstros.” ▪ o Eduardo acrescenta: “ele é o mau”. ▪ Ele (Daniel) fecha a mão direita e diz: “pum” repetindo o gesto que tinha feito. ▪ Ele (Bernardo) responde: “está bem.” ▪ A Diana responde: “tou a conduzir o carro.” ▪ Ele (Daniel) responde “não” e volta para a casa de banho ▪ O Eduardo responde: “`tá bem!”</li> <li>▪ ele (Eduardo) diz: “mas eu é que tinha isto, eu, eu, eu.”</li> <li>▪ A Daniela vem ter comigo com o desenho na mão e diz: “já `cabei.”	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	15	

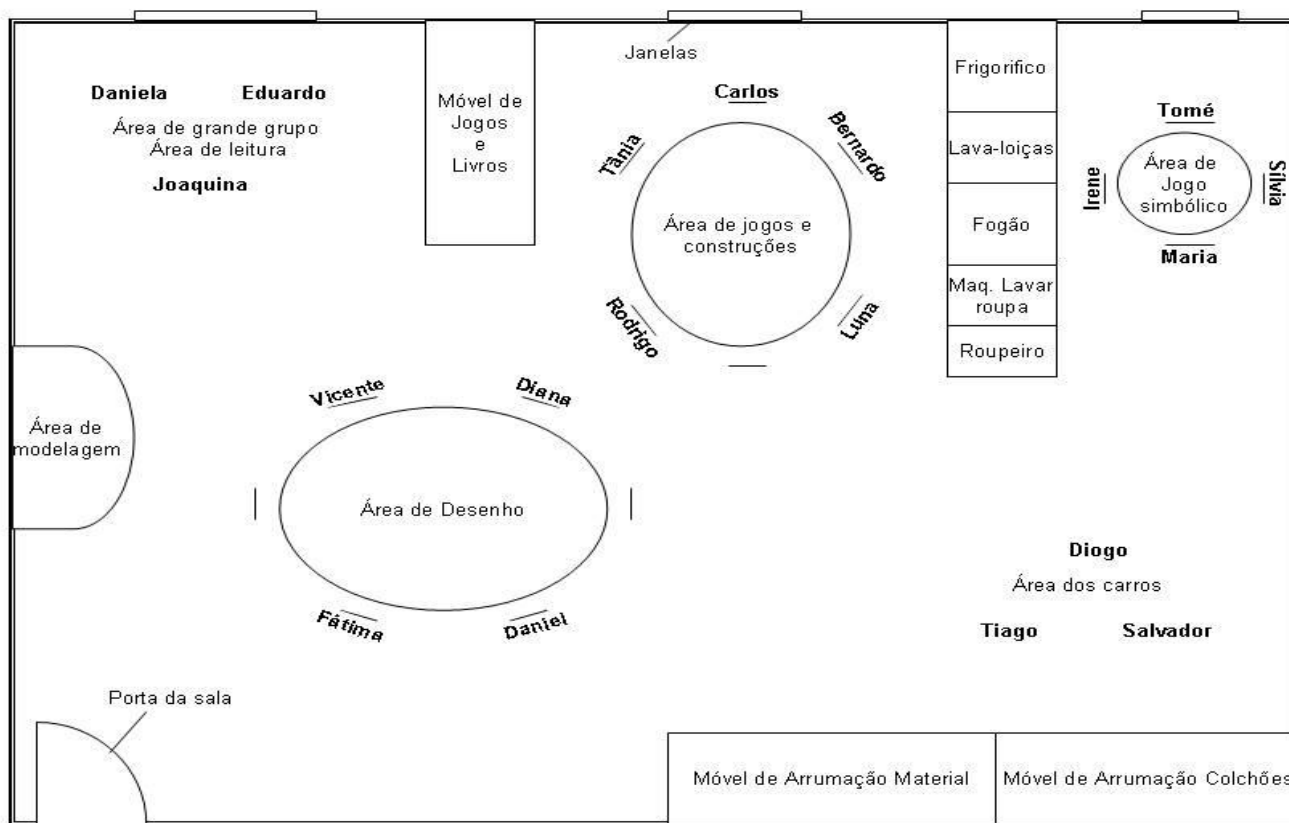
[illegible]

		▪ Pergunto-lhe (Daniel) o que quer fazer. ▪ Pergunto-lhe (Daniel): “queres fazer desenho?” ▪ Respondo-lhe (Daniel): “queres ir brincar para a casinha? É isso?” ▪ Chamo-os (Vicente e Eduardo) e pergunto-lhes: “o que é que estão a fazer?” ▪ digo-lhe (Daniel): “como é que se diz?” ▪ Pergunto: “quem és tu Diana? O que estás a fazer?” ▪ Digo-lhe (Daniela): “temos de escrever o nome não é?” ▪ Pergunto-lhe (Daniel): “queres ir fazer xixi? Vai à casa de banho” ▪ eu retiro o nome dela(Daniela) escrito e pergunto-lhe se quer escrever ela ▪ Quando ele regressa pergunto-lhe (Daniel) se lavou as mãos	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1		
	Respostas	▪ Respondo (Tomé): “estou a escrever no meu caderno.” ▪ Digo-lhe (Tomé): “não, agora não estou a escrever um recado estou a escrever uma coisa para me lembrar depois.” ▪ Digo-lhe (Tânia) que pode escrever o que quiser numa folha de desenho e dou-lhe uma folha	1 1 1	15	
	Indicações para regulação de comportamento	▪ Quando acabamos de marcar os “cantinhos”, digo: “podem ir brincar para os cantinhos que escolheram, a andar e falam baixinho quando brincam.” ▪ Chamo-os (Eduardo e Tiago) e faço-os voltar a sentar no tapete ▪ eu recomendo para irem brincar (Eduardo e Tiago), mas com juízo ▪ Pergunto-lhes (Eduardo e Tiago) o que é que combinámos para ir para os cantinhos ▪ Digo-lhes (Vicente e Eduardo) para voltarem para os cantinhos onde estavam a brincar ▪ Chamo o Daniel e pergunto: “o que é que fizeste à Daniela?” ▪ Digo-lhe (Daniel): “isso não se faz, magoaste a amiga! Pede desculpa e dá um beijinho.” ▪ Digo-lhes (Daniela e Daniel) para irem buscar os estojos	1 1 1 1 1 1 1	3	

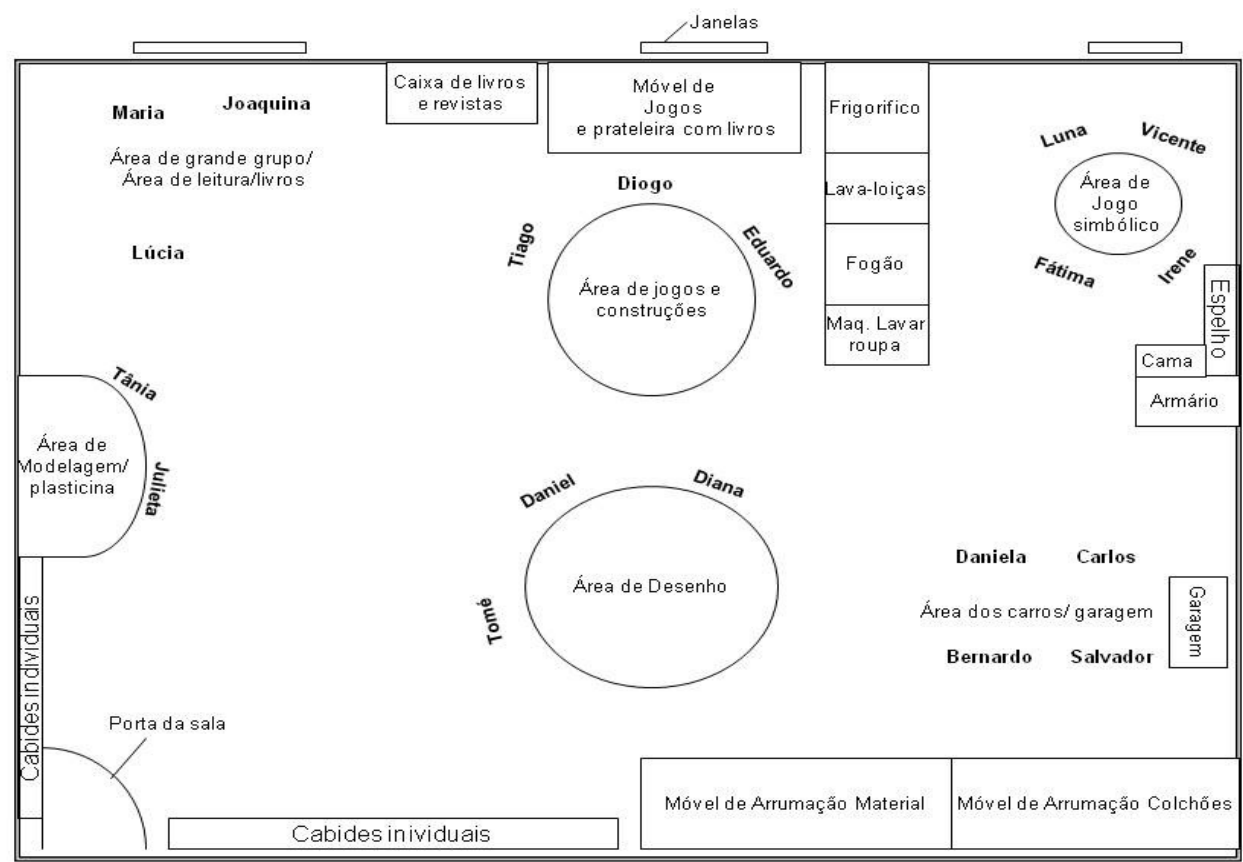
		individuais e depois as folhas de desenho ▪ digo-lhe (Julieta) para ir mudar a fotografia 1 ▪ Digo-lhe (Eduardo): “sim, tens de pedir se podes brincar” 1 ▪ Respondo-lhe (Diogo): “vai lá conversar com ele.” (Eduardo) 1 ▪ olho directamente para o Eduardo 1 ▪ Pergunto-lhe (Diogo) se já mudou a fotografia para a garagem 1 ▪ pergunto ao Eduardo: “o que é que tens de fazer se queres brincar com o jogo que tem o Tiago?” 1 ▪ Pergunto-lhe (Bernardo): “o que estás a fazer? Vais ter de apanhar tudo do chão!” 1 ▪ Olho para o relógio e começo a cantar a canção para arrumar 1 ▪ Respondo-lhe (Eduardo): “temos de arrumar para podermos ir brincar um bocadinho lá fora, não queres ir brincar no recreio?” 1 ▪ Peço ao Carlos para ir abrir a torneira da casa de banho ao Daniel		17	39
	Manifestações de afecto	▪ Retribuo o abraço (Daniel) 1 ▪ Digo: “Pronto, eu dou um abraço a todos.” 1 ▪ digo: “Tu (Daniel) gostas é de miminhos não é?” 1 ▪ aproximam-se a Luna e o Tiago para outro abraço 1		4	
Perfil de actuação no espaço, dos intervenientes na observação	Deslocações das crianças	▪ As crianças dirigem-se para as áreas de actividades 1 ▪ as crianças se deslocam para os cantinhos que escolheram e se preparam para brincar 1 ▪ A Fátima sai da casinha 1 ▪ (Daniel) depois sai (de dentro do armário) e vai até à garagem onde estão a Daniela e o Carlos 1 ▪ O Diogo deixa a mesa dos jogos vai até à garagem 1 ▪ O Eduardo vai até à mesa dos jogos 1 ▪ O Eduardo vai até à casinha. 1 ▪ O Eduardo fica à porta da casinha 1 ▪ O Daniel vai até à casinha 1 ▪ O Daniel levanta-se, vai até ao pé do espelho 1 ▪ O Daniel vai até à casinha 1 ▪ Ele (Daniel) afasta-se e vai até à mesa da plasticina 1 ▪ (Vicente) sai da casinha de gatas e vai até ao meio da sala onde 1			

[illegible]

Anexo 10 - Planta da sala na observação inicial



Anexo 11 - Planta da sala na observação final



Anexo 12 - Guião de entrevista da mãe do Daniel

Temática: Caracterização da situação educativa do grupo de crianças

Objectivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada e o seu contexto sócio-familiar
- Recolher informação para caracterizar a resposta da instituição às crianças
- Recolher informação para caracterizar as práticas a nível do ensino/aprendizagem
- Recolher informação para caracterizar o pessoal que trabalha directamente com as crianças
- Recolher informação para caracterizar o espaço e materiais de trabalho
- Recolher informação para descrever o envolvimento e participação das famílias

Entrevistada: Mãe do Daniel

Data: 25/09/09

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Motivar a entrevistada • Garantir confidencialidade	• Apresentação entrevistadora/entrevistada • Motivos da entrevista • Objectivos	• Entrevista semi-directiva • Usar linguagem apelativa e adaptada à entrevistada • Tratar a entrevistada com delicadeza e recebê-la num local apazível • Pedir para realizar o registo escrito
Bloco B Perfil da entrevistada	• Caracterizar a entrevistada • Caracterizar o seu contexto sócio-familiar	• Idade • Habilitações académicas e profissionais • Profissão • N.º filhos • Ambiente familiar	• Estar atenta às reacções da entrevistada e anotá-las por escrito
Bloco C Resposta educativa da instituição	• Caracterizar a resposta dada às crianças	• Considerações • Preocupações com crianças com necessidades educativas especiais	• Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções no discurso da entrevistada
Bloco D Práticas a nível do ensino/aprendizagem	• Caracterizar as experiências de aprendizagem proporcionadas	• Actividades realizadas • Adaptação às crianças com necessidades educativas especiais • Trabalho da educadora e das ajudantes de acção educativa • Contactos com outros grupos	• Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco E Pessoal que trabalha com as crianças	• Caracterizar o pessoal que trabalha directamente com as crianças	• Número de funcionários • Formação do pessoal	
Bloco F Espaço e materiais de trabalho	• Caracterizar os espaços • Caracterizar os materiais existentes	• Quantidade • Adequação • Aspectos que podem ser melhorados	
Bloco G Envolvimento das famílias	• Descrever o envolvimento das famílias	• Formas de participação • Organização do trabalho realizado	
Bloco Dados complementares	• Dar oportunidade à entrevistada para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos • Agradecer o contributo prestado	• Vivências • Constrangimentos... • Agradecimentos	

Nota: Adaptado de Estrela (1986:356)

Anexo 13 - Guião de entrevista da mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago

Temática: Caracterização da situação educativa do grupo de crianças

Objectivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada e o seu contexto sócio-familiar
- Recolher informação para caracterizar a resposta da instituição às crianças
- Recolher informação para caracterizar as práticas a nível do ensino/aprendizagem
- Recolher informação para caracterizar o pessoal que trabalha directamente com as crianças
- Recolher informação para caracterizar o espaço e materiais de trabalho
- Recolher informação para descrever o envolvimento das famílias

Entrevistada: Mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago

Data: 06/11/09

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente - Motivar a entrevistada - Garantir confidencialidade	- Apresentação entrevistadora/entrevistada - Motivos da entrevista - Objectivos	- Entrevista semi-directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada à entrevistada - Tratar a entrevistada com delicadeza e recebê-la num local apazível - Pedir para realizar o registo escrito
Bloco B Perfil da entrevistada	- Caracterizar a entrevistada - Caracterizar o seu contexto sócio-familiar	- Idade - Habilitações académicas e profissionais - Profissão - N.º filhos - Ambiente familiar	Estar atenta às reacções da entrevistada e anotá-las por escrito
Bloco C Resposta educativa da instituição	Caracterizar a resposta dada às crianças	- Considerações - Preocupações com crianças com necessidades educativas especiais	Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções no discurso da entrevistada
Bloco D Práticas a nível do ensino/aprendizagem	- Caracterizar as experiências proporcionadas - Caracterizar as estratégias utilizadas	- Actividades realizadas - Adaptação às crianças com necessidades educativas especiais - Trabalho da educadora e das ajudantes de acção educativa - Contactos com outros grupos	Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco E Pessoal que trabalha com as crianças	Caracterizar o pessoal que trabalha directamente com as crianças	- Número de funcionários - Formação do pessoal	
Bloco F Espaço e materiais de trabalho	Caracterizar os espaços e materiais existentes	- Quantidade - Adequação - Aspectos que podem ser melhorados	
Bloco G Envolvimento das famílias	Descrever o envolvimento das famílias	- Formas de participação - Organização do trabalho realizado	
Bloco Dados complementares	- Dar oportunidade à entrevistada para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos - Agradecer o contributo prestado	- Vivências - Constrangimentos... - Agradecimentos	

Nota: Adaptado de Estrela (1986:356)

Anexo 14 - Protocolo da entrevista da mãe do Daniel

Contextualização da situação

Entrevista realizada à mãe do Daniel, uma das crianças do grupo de três anos que frequenta a educação pré-escolar na instituição particular de solidariedade social onde decorreu a intervenção e que é uma das crianças com necessidades educativas especiais. O objectivo geral da entrevista é recolher informação para efectuar a caracterização da situação educativa.

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada e o seu contexto sócio-familiar
- Recolher informação para caracterizar a resposta da instituição às crianças
- Recolher informação para caracterizar as práticas a nível do ensino/aprendizagem
- Recolher informação para caracterizar o pessoal que trabalha directamente com as crianças
- Recolher informação para caracterizar o espaço e materiais de trabalho
- Recolher informação para descrever o envolvimento das famílias

Entrevistada: Cila¹⁶., mãe do Daniel, uma das crianças com necessidades educativas especiais do grupo.

Entrevistadora¹⁷: Muito obrigada por ter aceitado colaborar nesta entrevista, sei que está um pouco nervosa, mas gostaria que pensasse nela apenas como mais uma conversa. Para começarmos, gostaria que falasse um pouco sobre si e sobre a sua experiência enquanto mãe de uma criança a frequentar o jardim-de-infância.

Entrevistada: O meu nome é Cila, tenho 36 anos, sou mãe do Daniel, um menino de 4 anos, que tem um problema genético, uma deleção no cromossoma 8 e que frequenta o Centro desde os 8 meses de idade. Sou casada, vivemos os três em A. Trabalho como auxiliar de educação num jardim-de-infância e desde o início do contacto com esta instituição, sempre tive um bom relacionamento com as profissionais que trabalharam e trabalham com o meu filho. Sempre me senti apoiada e acarinhada, senti principalmente que o faziam com o meu filho, que para mim é o mais importante. Em momento algum me senti insegura ou com medo de que o Daniel não fosse bem cuidado, pelo contrário, saía da instituição despreocupada e feliz por saber que o meu filho estava bem entregue.

Entrevistadora: O que acha da resposta que é dada por parte da Instituição às necessidades das crianças e dos encarregados de educação? Quais são as suas maiores preocupações neste domínio?

Entrevistada: Bem, na minha opinião, por vezes as necessidades das crianças e dos encarregados de educação no Centro são passadas para segundo plano. (pausa) Acho que a instituição precisa de mais funcionários. É claro que falo em relação à direcção do Centro. Os técnicos com quem me relaciono directamente “fazem das tripas coração” para darem a melhor resposta, tanto às crianças como aos pais.

¹⁶ Nome fictício atribuído por razões de confidencialidade.

¹⁷ A relação entre entrevistadora e entrevistada, apesar de formal, permite que o tratamento não seja feito por Dona, mas que cada uma trate a outra, pelo respectivo nome próprio.

Quanto aos técnicos nada me preocupa porque sei que só alguma resposta ficará por dar se não lhes forem dados os meios e o apoio da instituição.

Entrevistadora: Acha que na instituição existe a preocupação de integrar crianças com Necessidades Educativas Especiais?

Entrevistada: Na instituição, quero acreditar que sim! Pela parte dos profissionais que trabalham com as crianças sim, sem dúvida alguma. Fazem tudo por tudo para as integrar.

Entrevistadora: Então e o que pensa de como está organizado o apoio educativo dado a estas crianças?

Entrevistada: Quanto ao meu filho acho que está bem organizado.

Entrevistadora: O que acha dos tipos de actividades que foram proporcionadas às crianças durante o ano lectivo 2008/2009?

Entrevistada: Na minha opinião foram boas.

Entrevistadora: Acha que as actividades desenvolvidas deram resposta às necessidades das crianças?

Entrevistada: Sim, penso que sim.

Entrevistadora: E o que é que ainda se poderia fazer mais a este nível?

Entrevistada: Eu acho que talvez mais saídas da instituição, mais visitas e passeios.

Entrevistadora: Acha que as actividades desenvolvidas foram adaptadas às crianças com Necessidades Educativas Especiais?

Entrevistada: Sim, quanto ao meu filho, penso que sim.

Entrevistadora: Na sua opinião o atendimento a estas crianças beneficiou ou prejudicou o trabalho realizado com o conjunto das crianças?

Entrevistada: Como mãe, o meu filho beneficiou, sem dúvida! Quanto ao grupo, o atendimento que lhes foi prestado foi o melhor possível mas também sei que por vezes é difícil conseguir dar o apoio e a atenção total, quando na sala existe uma criança que necessite de atenção redobrada. Mas não acredito que o grupo tenha sido prejudicado, pelo contrário, acho que lhes foram inculcidos valores muito importantes: entreajuda, amizade, união, protecção e principalmente de respeito pelo amigo especial.

Entrevistadora: Na sua opinião quais são as actividades que mais contribuem para a aprendizagem das crianças? Acha que as experiências proporcionadas são diversificadas? Ou há alguns aspectos que não são contemplados?

Entrevistada: Acho que todas as actividades contribuem para a aprendizagem das crianças, todas as experiências, até as mais básicas como a higiene e a alimentação são importantes para a aprendizagem.

Entrevistadora: De um modo geral, como vê o trabalho da educadora de infância do ano lectivo 2008/2009? E das ajudantes de acção educativa?

Entrevistada: Acho que foi um trabalho excelente, principalmente quando senti, por algumas vezes, que lhes era negado algum apoio por parte da instituição, da direcção. Perante o grupo de crianças que tinham, era de esperar mais “apoio no terreno”, em vez de “palmadinhas nas costas”. Darem mais reposta a estas crianças era-lhes humanamente impossível.

Entrevistadora: Tem conhecimento de terem existido contactos e/ou actividades entre os diferentes grupos de crianças? De que modo vê essas oportunidades?

Entrevistada: Sim e acho que são importantes.

Entrevistadora: Acha que existe uma preocupação com o progresso de todas e de cada uma das crianças individualmente?

Entrevistada: Sim, sem dúvida!

Entrevistadora: Consegue explicar, de que forma é que se concretiza essa preocupação?

Entrevistada: A educadora e a auxiliar sempre demonstraram interesse e disponibilidade em ajudar para que esses progressos existissem, mas é claro que os pais também têm de estar muito atentos e disponíveis.

Entrevistadora: E acha que as crianças com Necessidades Educativas Especiais estão integradas nas actividades de grupo?

Entrevistada: Sim, no caso do meu filho.

Entrevistadora: Relativamente ao pessoal, nomeadamente os que trabalham directamente com as crianças, acha que o número de educadores e auxiliares é suficiente?

Entrevistada: Não, principalmente o número de auxiliares.

Entrevistadora: A formação dos profissionais que lidam com as crianças é adequada?

Entrevistada: Acho que sim.

Entrevistadora: O pessoal está preparado para trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Especiais?

Entrevistada: A maior parte das pessoas não.

Entrevistadora: Pensa que os espaços e os materiais existentes são suficientes e adequados para as crianças que frequentam o Centro?

Entrevistada: Penso que não, principalmente os materiais, é tudo já muito gasto e velho.

Entrevistadora: O que gostaria de ver melhorado relativamente a estes aspectos?

Entrevistada: Necessitavam de instalações novas, para começar. O espaço exterior precisava de obras e que as crianças pudessem aproveitá-lo mesmo quando está a chover. E depois, tudo o resto, mobiliário, jogos, materiais de apoio, etc.

Entrevistadora: E relativamente à participação dos pais qual é a preocupação existente? Quais são as formas de participação desenvolvidas?

Entrevistada: A preocupação em por os pais a participar foi bastante. A minha opinião é que hoje em dia os pais são muito mais virados para a profissão e muito menos para os filhos e para a importância que tem para cada criança a presença dos pais nas suas festinhas, nas reuniões e principalmente quando lhes é pedido para colaborar, com algum trabalho ou material e depois a criança ser a única que não colabora. Da minha parte tento fazer tudo o que estiver ao meu alcance para colaborar no que for preciso.

Entrevistadora: De que forma houve a organização do trabalho a realizar com as crianças, envolvendo as famílias?

Entrevistada: Acho que houve uma boa organização, embora nem sempre as famílias colaborem, no meu caso tento fazer tudo pelo meu filho, ele é o mais importante.

Entrevistadora: Antes de terminar, o que é que gostaria de acrescentar? Há mais alguma informação que ache que deva referir?

Entrevistada: Queria aproveitar para deixar um grande “bem haja” para todos os profissionais de educação, principalmente para os que lutam todos os dias pelo desenvolvimento, progresso e integração de todas as crianças especiais.

Entrevistadora: Muito obrigada, mais uma vez, pela sua disponibilidade e pela sua colaboração.

25 Setembro de 2009

Anexo 15 - Protocolo da entrevista da mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago

Contextualização da situação

Entrevista realizada à mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago, três das crianças do grupo de três anos que frequentam a educação pré-escolar na instituição particular de solidariedade social onde decorreu a intervenção e que são duas das crianças com necessidades educativas especiais. O objectivo geral da entrevista é recolher informação para efectuar a caracterização da situação educativa.

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada e o seu contexto sócio-familiar.
- Recolher informação para caracterizar a resposta da instituição às crianças.
- Recolher informação para caracterizar as práticas a nível do ensino/aprendizagem.
- Recolher informação para caracterizar o pessoal que trabalha directamente com as crianças.
- Recolher informação para caracterizar o espaço e materiais de trabalho.
- Recolher informação para descrever o envolvimento das famílias.

Entrevistada: Verónica¹⁸, mãe do Diogo, do Eduardo e do Tiago. O Diogo e o Tiago são duas das crianças com necessidades educativas especiais do grupo.

Entrevistadora¹⁹: Muito obrigada por colaborar nesta entrevista. Para começarmos, gostaria que falasse um pouco sobre si e sobre a sua experiência enquanto mãe de três crianças a frequentar o jardim-de-infância.

Entrevistada: O meu nome é Verónica., tive uma gravidez de risco por ser trigemelar. Nasceram três bebés prematuros do sexo masculino, às 34 semanas de gestação. Os meus filhos foram pela primeira vez para a creche com 16 meses e integraram o grupo que mantém até hoje. Por integrarem um estudo sobre trigémeos no Hospital de Santa Maria, aos 19 meses foram avaliados pela equipa de Pediatria do Desenvolvimento que achou que todos eles se encontravam, numa situação de borderline no desenvolvimento cognitivo pelo que deveriam iniciar acompanhamento individualizado e esta mesma equipa encaminhou-os para a Intervenção Precoce do Agrupamento de referência da instituição onde eles se encontram. Em relação à instituição onde estão, sempre achei que tinha poucas auxiliares de acção educativa para o grupo, principalmente por este se encontrar primeiramente dividido, sendo que cada metade se encontrava num espaço físico diferente e que a educadora também tinha de passar um tempo numa sala e outro na outra sala.

Entrevistadora: O que acha da resposta que é dada por parte da Instituição às necessidades das crianças e dos encarregados de educação? Quais são as suas maiores preocupações neste domínio?

Entrevistada: Penso que as educadoras e as auxiliares de educação tentam fazer o melhor que podem com as condições que lhes são proporcionadas. Quanto às maiores preocupações são exactamente a falta de

¹⁸ Nome fictício atribuído por razões de confidencialidade.

¹⁹ A relação entre entrevistadora e entrevistada, apesar de formal, permite que o tratamento não seja feito por Dona, mas que cada uma trate a outra, pelo respectivo nome próprio.

recursos humanos para desenvolver actividades pedagógicas com as crianças e simultaneamente cuidar e satisfazer as suas necessidades, já que nesta altura, a que me refiro, um e dois anos, não são autónomas ao nível da higiene e alimentação e ainda agora, que já estão noutra sala, continuam a necessitar de bastante apoio.

Entrevistadora: Acha que na instituição existe a preocupação de integrar crianças com Necessidades Educativas Especiais?

Entrevistada: A nível das educadoras penso que fazem tudo para integrar as crianças com necessidades educativas especiais, a nível da instituição não sei muito bem...

Entrevistadora: Então e o que pensa de como está organizado o apoio educativo dado a estas crianças?

Entrevistada: No meu caso concreto, penso que o apoio não devia ser dado aos três filhos em simultâneo, mas sim separadamente, pois as suas necessidades são diferentes. Cada um deles, necessita de atenção individualizada que eu também tenho dificuldade em dar, por serem três.

Entrevistadora: O que acha dos tipos de actividades que foram proporcionadas às crianças durante o ano lectivo 2008/2009?

Entrevistada: Foram boas, mas provavelmente poderiam ter sido melhores se fossem dadas condições para tal.

Entrevistadora: Acha que as actividades desenvolvidas deram resposta às necessidades das crianças?

Entrevistada: Penso que sim, mas poderiam ter sido melhores. Apoio mais individualizado às crianças que dele precisavam, mas para isso é necessário haver pessoal.

Entrevistadora: Acha que as actividades desenvolvidas foram adaptadas às crianças com Necessidades Educativas Especiais?

Entrevistada: Sim, na minha opinião as actividades eram adaptadas às crianças com Necessidades Educativas Especiais, elas participavam nas actividades que eram realizadas tal como as outras crianças.

Entrevistadora: Na sua opinião o atendimento a estas crianças beneficiou ou prejudicou o trabalho realizado com o conjunto das crianças?

Entrevistada: Penso que terá acontecido as duas coisas, umas vezes terá beneficiado o grupo em geral, mas outras terá prejudicado.

Entrevistadora: Em que medida?

Entrevistada: Beneficiou, porque estando com outras crianças conseguem aprender entre si, mas por outro lado, torna-se difícil dar a atenção individualizada que cada uma delas necessita.

Entrevistadora: Na sua opinião quais são as actividades que mais contribuem para a aprendizagem das crianças? Acha que as experiências proporcionadas são diversificadas? Ou há alguns aspectos que não são contemplados?

Entrevistada: No que respeita aos meus filhos e por eles eu não sabia o que faziam no dia-a-dia, quais as actividades que faziam, o que comiam, se iam brincar no recreio. Estava informada do Projecto a desenvolver com o grupo e no final do dia apenas me transmitiam o que se tinha passado em relação à

xxxviii

alimentação e higiene. Portanto penso que o que não foi contemplado foi a maneira de os pais saberem que tarefas os filhos desenvolveram nesse dia de modo, a poderem falar com eles e também desenvolverem a memória e a linguagem. No meu caso, sentia muito essa necessidade. No entanto, no ano lectivo passado, o “sumário” das actividades desenvolvidas que era colado no placard fora da sala de aula, foi muito útil para colmatar essa falha que até então existia, bem como a existência do caderno de correspondência entre os pais e a educadora, que permitia a troca de informação.

Entrevistadora: De um modo geral, como vê o trabalho da educadora de infância do ano lectivo 2008/2009? E da ajudante de acção educativa?

Entrevistada: Considero que foi um bom trabalho.

Entrevistadora: Tem conhecimento de terem existido contactos e/ou actividades entre os diferentes grupos de crianças?

Entrevistada: Não sei. Sei que organizam algumas actividades em conjunto, principalmente as festividades e comemorações mas de resto não sei.

Entrevistadora: Acha que existe uma preocupação com o progresso de todas e de cada uma das crianças individualmente?

Entrevistada: Sim, penso que as actividades que desenvolvem são para todas as crianças.

Entrevistadora: Consegue explicar, de que forma é que se concretiza essa preocupação?

Entrevistada: Sim, participam nas actividades do grupo e há a preocupação de quando não conseguem, tentar ajudá-las para que consigam, mas nem sempre é fácil.

Entrevistadora: E acha que as crianças com Necessidades Educativas Especiais estão integradas nas actividades de grupo?

Entrevistada: Claro.

Entrevistadora: Relativamente ao pessoal, nomeadamente os que trabalham directamente com as crianças, acha que o número de educadores e auxiliares é suficiente?

Entrevistada: Não. Nem o número de educadoras, nem o número de auxiliares, sempre me pareceu insuficiente.

Entrevistadora: A formação dos profissionais que lidam com as crianças é adequada?

Entrevistada: Das Educadoras penso que sim, das auxiliares sinceramente não sei.

Entrevistadora: O pessoal está preparado para trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Especiais?

Entrevistada: As educadoras penso que sim, as auxiliares não.

Entrevistadora: Pensa que os espaços e os materiais existentes são suficientes e adequados para as crianças que frequentam o Centro?

Entrevistada: Acho que os espaços não são suficientes e os materiais são insuficientes, deveria haver mais para o número de crianças que existe.

Entrevistadora: O que gostaria de ver melhorado relativamente a estes aspectos?

Entrevistada: Relativamente aos espaços, acho que beneficiaria as crianças se as salas fossem maiores e mais amplas e tivesse um pátio maior e com mais equipamentos. Quanto aos materiais, pela minha

parte contribuo sempre que possível com o que me é pedido, mas sei que nem toda a gente o faz. Da parte da instituição as verbas disponíveis para este tipo de coisas também não são muitas, vão existindo outras prioridades...

Entrevistadora: E relativamente à participação dos pais qual é a preocupação que existe? Quais são as formas de participação desenvolvidas a este nível?

Entrevistada: Existe a preocupação de tentar que os pais participem, houve algumas actividades em que as famílias foram convidadas a participar e cada uma participa consoante a sua disponibilidade. No meu caso, tento estar disponível para participar em todas as reuniões, embora nas actividades com as famílias nem sempre seja fácil conseguir estar presente mas tento fazê-lo na medida do possível.

Entrevistadora: De que forma houve a organização do trabalho a realizar com as crianças, envolvendo as famílias?

Entrevistada: no caso dos meus filhos o caderno de correspondência foi uma boa iniciativa que ajudou a que houvesse uma maior troca de informação sobre o que faziam em casa e na escola.

Entrevistadora: Antes de terminar, o que é que gostaria de acrescentar? Há mais alguma informação que ache que deva referir?

Entrevistada: Penso que não.

Entrevistadora: Muito obrigada, mais uma vez, pela sua disponibilidade e pela sua colaboração.

6 Novembro de 2009

Anexo 16 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista da mãe do Daniel

Análise de conteúdo dos dados da entrevista					
Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Frequência		
			Unidades de registo	Unidades de registo na Subcategoria	Unidades de registo na Categoria
Perfil da entrevistada	Entrevistada	- O meu nome é Cila, tenho 36 anos - Trabalho como auxiliar de educação num jardim-de-infância - Sou casada	1 1 1	3	5
	Contexto sócio-familiar	- sou mãe do Daniel, um menino de 4 anos, que tem um problema genético, uma deleção no cromossoma 8 e que frequenta o Centro desde os 8 meses de idade - vivemos os três em A.	1 1	2	
Resposta educativa da instituição	Direcção	- Bem, na minha opinião, por vezes as necessidades das crianças e dos encarregados de educação no Centro são passadas para segundo plano. (...) É claro que falo em relação à direcção do Centro. [preocupação em integrar crianças com necessidades educativas especiais]. Na instituição, quero acreditar que sim! - senti, por algumas vezes, que lhes era negado algum apoio por parte da instituição, da direcção.	1 1 1	3	

	▪ Pessoal docente e não docente	▪ Os técnicos com quem me relaciono directamente “fazem das tripas coração” para darem a melhor resposta, tanto às crianças como aos pais. ▪ Quanto aos técnicos nada me preocupa porque sei que só alguma resposta ficará por dar se não lhes forem dados os meios e o apoio da instituição. ▪ Perante o grupo de crianças que tinham, era de esperar mais “apoio no terreno”, em vez de “palmadinhas nas costas”. ▪ [preocupação em integrar crianças com necessidades educativas especiais]. Pela parte dos profissionais que trabalham com as crianças sim, sem dúvida alguma. Fazem tudo por tudo para as integrar. ▪ Quanto ao meu filho acho que está bem organizado. [apoio educativo] ▪ Darem mais resposta a estas crianças era-lhes humanamente impossível.	1 1 1 1 1 1	6	9
▪ Práticas a nível de ensino/aprendizagem	▪ Experiências e actividades proporcionadas ao filho Daniel	▪ Como mãe, o meu filho beneficiou, sem dúvida! ▪ Sim, quanto ao meu filho, penso que sim. [actividades adaptadas] ▪ Como mãe, o meu filho beneficiou, sem dúvida! ▪ [integrado nas actividades do grupo] Sim, no caso do meu filho.	1 1 1 1	4	

	Experiências/Actividades proporcionadas ao grupo de crianças	[actividades] Na minha opinião foram boas. - Sim, penso que sim. [deram resposta às necessidades das crianças] - Acho que todas as actividades contribuem para a aprendizagem das crianças, todas as experiências, até as mais básicas como a higiene e a alimentação são importantes para a aprendizagem. [preocupação com o progresso de cada uma das crianças] Sim, sem dúvida! - Quanto ao grupo, o atendimento que lhes foi prestado foi o melhor possível - também sei que por vezes é difícil conseguir dar o apoio e a atenção total, quando na sala existe uma criança que necessite de atenção redobrada - Mas não acredito que o grupo tenha sido prejudicado, pelo contrário, acho que lhes foram incutidos valores muito importantes: entajuda, amizade, união, protecção e principalmente de respeito pelo amigo especial. - A educadora e a auxiliar sempre demonstraram interesse e disponibilidade em ajudar para que esses progressos existissem - Acho que foi um trabalho excelente [actividades com outros grupos] acho que são importantes.	1 1 1 1 1 1 1 1 1	10	14
Pessoal que trabalha com as crianças	Número de funcionários	- Acho que a instituição precisa de mais funcionários. [número suficiente] Não, principalmente o número de auxiliares.	1 1	2	7
	Formação	[formação adequada] Acho que sim. [Formação para trabalhar com crianças com NEEs.] A maior parte das pessoas não.	1 1	2	
	Relação entre o pessoal e a encarregada de educação	- desde o início do contacto com esta instituição, sempre tive um bom relacionamento com as profissionais que trabalharam e trabalham com o meu filho - Sempre me senti apoiada e acarinhada, senti principalmente que o faziam com o meu filho, que para mim é o mais importante. - Em momento algum me senti insegura ou com medo de que o Daniel não fosse bem cuidado, pelo contrário, saía da instituição despreocupada e feliz por saber que o meu filho estava bem entregue.	1 1 1	3	

▪ Espaço e materiais	▪ Espaços	▪ Necessitavam de instalações novas, para começar. ▪ O espaço exterior precisava de obras e que as crianças pudessem aproveitá-lo mesmo quando está a chover	1 1	2	4
	▪ Materiais	▪ Penso que não [espaços e materiais adequados], principalmente os materiais, é tudo já muito gasto e velho. ▪ E depois, tudo o resto, mobiliário, jogos, materiais de apoio, etc.	1 1	2	
▪ Envolvimento das famílias	▪ Participação pessoal	▪ Da minha parte tento fazer tudo o que estiver ao meu alcance para colaborar no que for preciso. ▪ no meu caso tento fazer tudo pelo meu filho, ele é o mais importante.	1 1	2	6
	▪ Participação dos outros encarregados de educação	▪ os pais também têm de estar muito atentos e disponíveis. ▪ A preocupação em por os pais a participar foi bastante. ▪ A minha opinião é que hoje em dia os pais são muito mais virados para a profissão e muito menos para os filhos e para a importância que tem para cada criança a presença dos pais nas suas festinhas, nas reuniões e principalmente quando lhes é pedido para colaborar, com algum trabalho ou material e depois a criança ser a única que não colabora. ▪ Acho que houve uma boa organização, embora nem sempre as famílias colaborem	1 1 1 1	4	

Adaptado de Estrela (1986: 261)

xlv

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Práticas a nível de ensino/aprendizagem	Experiências e actividades proporcionadas aos filhos	ainda agora, que já estão noutra sala, continuam a necessitar de bastante apoio.	1	14	
		o apoio não devia ser dado aos três filhos em simultâneo	1		
		as suas necessidades são diferentes	1		
		Cada um deles, necessita de atenção individualizada	1		
		No que respeita aos meus filhos e por eles eu não sabia o que faziam no dia-a-dia	1		
		quais as actividades que faziam, o que comiam, se iam brincar no recreio	1		
		Estava informada do Projecto a desenvolver com o grupo	1		
		no final do dia apenas me transmitiam o que se tinha passado em relação à alimentação e higiene	1		
		não foi contemplado foi a maneira de os pais saberem que tarefas os filhos desenvolveram nesse dia	1		
		a poderem falar com eles e também desenvolverem a memória e a linguagem.	1		
		No meu caso, sentia muito essa necessidade.	1		
		participam nas actividades do grupo	1		
		há a preocupação de quando não conseguem, tentar ajudá-las para que consigam	1		
		nem sempre é fácil	1		

	▪ Experiências/ Actividades proporcionadas ao grupo de crianças	▪ a educadora também tinha de passar um tempo numa sala e outro na outra sala. ▪ A nível das educadoras penso que fazem tudo para integrar as crianças com necessidades educativas especiais ▪ Foram boas ▪ poderiam ter sido melhores se fossem dadas condições para tal. ▪ Apoio mais individualizado às crianças que dele precisavam, ▪ as actividades eram adaptadas às crianças com Necessidades Educativas Especiais ▪ elas participavam nas actividades que eram realizadas tal como as outras crianças. ▪ Penso que terá acontecido as duas coisas ▪ umas vezes terá beneficiado o grupo em geral ▪ outras terá prejudicado. ▪ porque estando com outras crianças conseguem aprender entre si ▪ torna-se difícil dar a atenção individualizada que cada uma delas necessita ▪ o “sumário” das actividades desenvolvidas que era colado no placard fora da sala de aula ▪ muito útil para colmatar essa falha que até então existia ▪ Considero que foi um bom trabalho ▪ organizam algumas actividades em conjunto, principalmente as festividades e comemorações mas de resto não sei. ▪ penso que as actividades que desenvolvem são para todas as crianças.	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	17	31
▪ Pessoal que trabalha com as crianças	▪ Número de funcionários	▪ Em relação à instituição onde estão, sempre achei que tinha poucas auxiliares de acção educativa para o grupo ▪ a falta de recursos humanos para desenvolver actividades pedagógicas com as crianças e simultaneamente cuidar e satisfazer as suas necessidades ▪ para isso é necessário haver pessoal. ▪ Nem o número de educadoras, nem o número de auxiliares, sempre me pareceu insuficiente.	1 1 1 1	4	

	▪ Formação	▪ Das Educadoras penso que sim ▪ das auxiliares sinceramente não sei. ▪ as auxiliares não	2 1 1	4	8
▪ Espaço e materiais	▪ Espaços	▪ cada metade [do grupo] se encontrava num espaço físico diferente ▪ Acho que os espaços não são suficientes ▪ beneficiaria as crianças se as salas fossem maiores ▪ mais amplas ▪ um pátio maior	1 1 1 1 1	5	10
	▪ Materiais	▪ os materiais são insuficientes ▪ deveria haver mais para o número de crianças que existe ▪ com mais equipamentos ▪ Quanto aos materiais, pela minha parte contribuo sempre que possível com o que me é pedido ▪ nem toda a gente o faz.	1 1 1 1 1	5	
▪ Envolvimento das famílias	▪ Participação pessoal	▪ existência do caderno de correspondência entre os pais e a educadora, que permitia a troca de informação. ▪ No meu caso, tento estar disponível para participar em todas as reuniões ▪ nas actividades com as famílias nem sempre seja fácil conseguir estar presente ▪ tento fazê-lo na medida do possível ▪ no caso dos meus filhos o caderno de correspondência foi uma boa iniciativa ▪ ajudou a que houvesse uma maior troca de informação sobre o que faziam em casa e na escola	1 1 1 1 1	6	9
	▪ Participação dos outros encarregados de educação	▪ Existe a preocupação de tentar que os pais participem ▪ houve algumas actividades em que as famílias foram convidadas a participar ▪ cada uma participa consoante a sua disponibilidade	1 1 1	3	

Adaptado de Estrela (1986: 261)

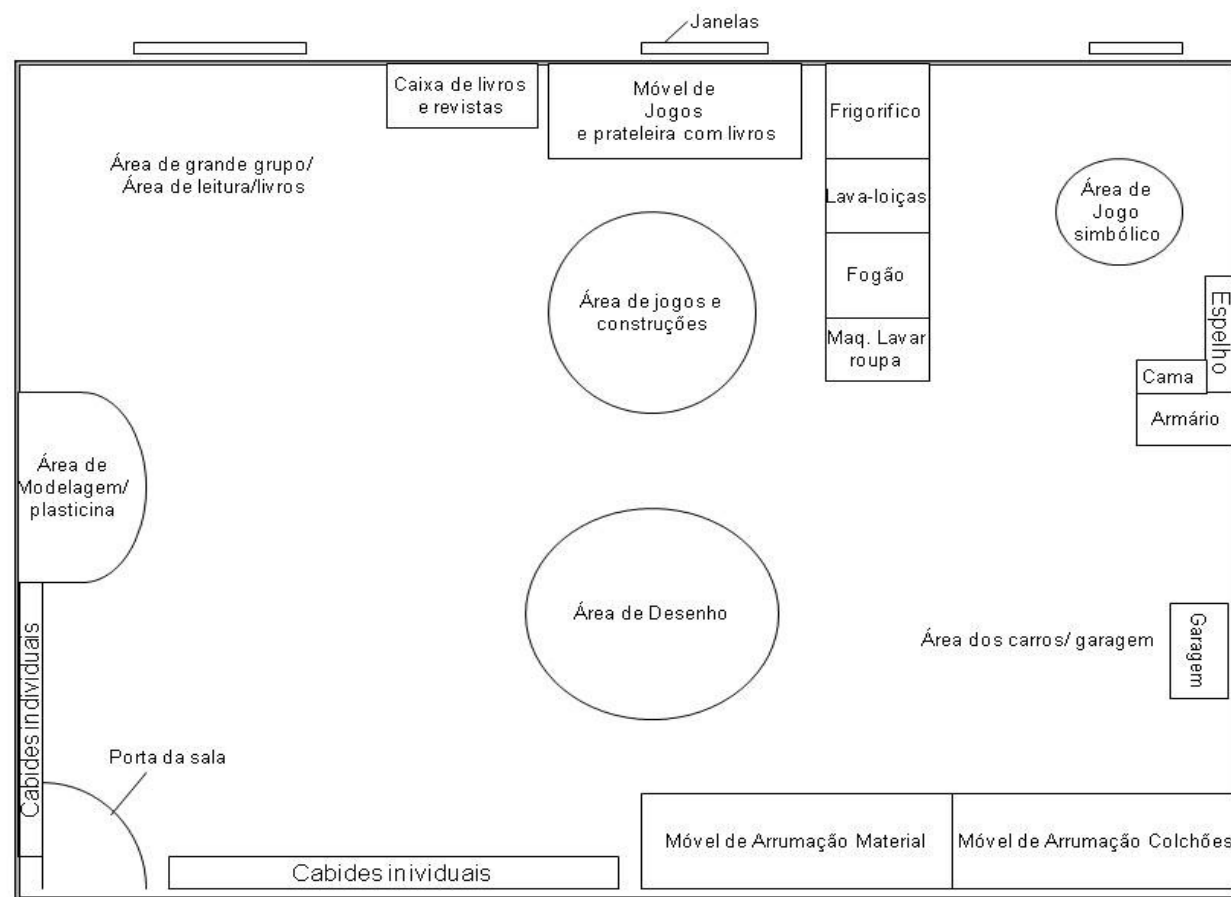
Anexo 18 - Caracterização do espaço físico da sala

A sala encontrava-se dividida em 6 áreas de actividade, identificadas com símbolos que as crianças reconheciam e estavam delimitadas através da disposição de armários, mesas ou tapetes. Em seguida descrevemos resumidamente o material existente em cada uma das áreas de actividade.

Na área dos carros ou garagem existia um tapete que funcionava como uma estrada, uma garagem em madeira e carros de vários tamanhos e materiais (plástico e acrílicos). Na área de grande grupo havia lugar para as conversas com todo o grupo de crianças, para ouvir histórias, para realizar jogos com todo o grupo ou cantar canções, além de uma manta no chão, existia uma almofada individual de cada uma das crianças do grupo, para se sentarem neste local. Além disso, neste espaço existia também a área dos livros, onde havia uma caixa e uma prateleira com livros e revistas, que as crianças podiam manusear e ver sentadas nesta zona. Na área dos jogos existiam vários jogos de encaixe, identificação, progressões lógicas, puzzles, empilhamento, associação e de construção, a esta área encontrava-se associada uma mesa e várias cadeiras nas quais as crianças se podiam sentar para brincar com estes jogos. Na área do jogo simbólico, a área vulgarmente chamada “casinha”, existia uma mesa, 4 cadeiras, um fogão, um frigorífico, uma máquina de lavar roupa, um lava-loiça, um microondas, loiças diversas (pratos, tachos, caçarolas, copos, talheres, jarro), uma caminha e vários bonecos, um armário, um telefone, um espelho e um baú com malas, acessórios e peças de vestuário adulto, camisas, saias, calças, sapatos, etc. Na área da modelagem havia uma mesa utilizada para modelagem com plasticina com o respectivo material necessário. Existia ainda a área de desenho, onde as crianças podiam utilizar materiais como lápis, marcadores e papel.

Áreas como a expressão plástica ou a música são realizadas através de actividades diárias organizando-se o espaço para esse efeito.

Anexo 19 - Planta da sala



Anexo 20 - Rotina diária

HORAS	Actividades
7h 00m / 8h 30m	• Brincadeira livre
8h30m/9h	• Pequeno almoço
9.00h	• Conversa da manhã na área de grande grupo • Canção “Bom dia” • História/ Canções/ Cantilena
9h 30m ²⁰ / 10h	• Escolha e marcação da área para onde cada criança quer ir brincar
10h / 11h	• Actividades orientadas
11h/ 11h10m	• Arrumação
11h10m / 11h20m	• Higiene
11h20m / 12h00m	• Almoço
12h00m / 12h 30m	• Higiene
12h 30m / 15h	• Repouso
15h / 15h 15m	• Higiene
15h 15m / 15h 30m	• Conversa em grupo sobre o que se fez durante a manhã • Registo escrito e gráfico (2 crianças por dia)
15h.30m / 16h	• Lanche
16h/ 16h15m	• Higiene
16h.15m / 19.00h	• Componente não lectiva / Actividades Extra Curriculares/ Brincadeira livre
Até 19h	• Saída

²⁰ A entrada das crianças faz-se até às 9.30h

Anexo 21 - Avaliação e diagnóstico do Daniel



**Hospitais Cívicos de
Lisboa**

**Hospital de Dona
Estefânia**

**Unidade
de
Desenvolvimento**

Unidade de Desenvolvimento

Coordenador
Dr.ª Maria do Carmo Vale

Equipa Médica
Dr. Filipe Silva
Dr. João Estrada
Dr.ª Mónica Pinto

Equipa de Enfermagem
Enf.ª M.ª José Quintela

Professora Ensino Especial
Dr.ª Manuela Martins

Psicóloga Clínica
Dr.ª M.ª João Pimentel

Terapeuta da Fala
Dr.ª Isabel Santos

Morada
R. Jacinta Marto
1169-045 Lisboa

Contactos
Tel.: 213596535



Ministério da Saúde

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO

Nome:

Data de Nascimento: 01/03/2005

Data de Observação: 09/04/2008

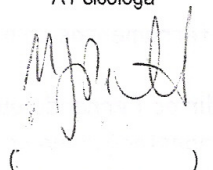
Idade à Data de Observação: 3 anos 1 mês

Foi realizada uma avaliação de desenvolvimento com a Escala de Desenvolvimento de Griffiths no contexto da Consulta de Desenvolvimento. O [] teve alguma dificuldade em se adaptar à situação de consulta, tendo colaborado apenas com a ajuda e incentivo da mãe. É de salientar que inicialmente reage de forma muito negativa nas consultas no Hospital mas que gradualmente se vai adaptando, melhorando o seu comportamento. Dispersa ainda muito a atenção, parecendo não se interessar por um brinquedo ou actividade durante muito tempo.

O desempenho do [] é globalmente muito inferior ao esperado para a idade em todas as áreas que constituem a escala. Na sub-escala Motricidade Grosseira o [] teve dificuldade em tarefas que implicam coordenação motora (saltos por exemplo) e equilíbrio. Realizou as tarefas propostas de forma insegura, parecendo ter receio de as realizar sem apoio (por exemplo manter-se num só pé). Na sub-escala pessoal-social é de salientar que o [] é ainda excessivamente dependente do adulto sendo importante que seja reforçada nas pequenas tarefas que vai conseguindo realizar (vestir-despir por exemplo, controlo dos esfíncteres). Na sub-escala Audição-fala o [] mostrou ter ainda muitas dificuldades na expressão mas também na compreensão verbal, o que dificulta a comunicação com os que o rodeiam. Não nomeia objectos nem imagens, usa poucas palavras e não junta palavras. Na sub-escala de Coordenação olho-mão mostrou ter ainda pouco interesse pelas tarefas de papel e lápis, não brinca com os cubos, nem tenta fazer a torre de cubos, parecendo não se interessar por este tipo de tarefas. Na sub-escala de Realização o [] teve dificuldades nos encaixes mas também pareceu pouco interessado em explorar as caixas de cubos

Em conclusão, o [] tem um atraso global do desenvolvimento que se manifesta em todas as áreas avaliadas. Necessita de manter os apoios de que tem vindo a beneficiar, em particular o apoio por Educadora da Intervenção Precoce individualmente e no contexto da sala.

A Psicóloga



()

Lisboa, 15 de Maio de 2008.

Hospital de Dona Estefânia

SERVIÇO DE PEDIATRIA - C. DE DESENVOLVIMENTO

NOME

ENVIADO POR

MOTIVO ENVIO

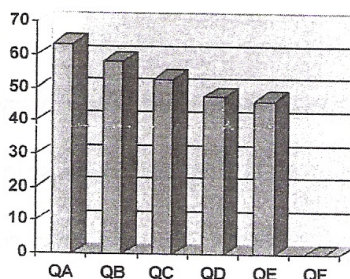
DATA NASC

DATA AVALIAÇÃO

01-03-2005

09-04-2008

ESCALA DE GRIFFITHS



IDADE CRONOLÓGICA

37,8 meses

3,2 anos

IDADE MENTAL

20,3 meses

1,7 anos

Perfil do Desenvolvimento em Meses

Motricidade Grosseira	Pessoal - Social	Audição e Fala	Coordenação Mão - Olho	Realização	Raciocínio Prático
A	B	C	D	E	F
24,0	22,0	20,0	18,0	17,5	0,0

Coefficientes do Desenvolvimento em Percentagens

Motricidade Grosseira	Pessoal - Social	Audição e Fala	Coordenação Mão - Olho	Realização	Raciocínio Prático
QA	QB	QC	QD	QE	QF
63,4	58,1	52,9	47,6	46,3	0,0

Coefficiente Geral

QG

53,66

RESPONSÁVEL CASO:

segunda-feira, 14 de Abril de 2008

Página 1 de 1

liv



MINISTÉRIO DA SAÚDE



HOSPITAL DE DONA ESTEFÂNIA
SERVIÇO DE GENÉTICA MÉDICA

Director: Prof. Doutor Luís Nunes

CARIOTIPO DE SANGUE PERIFÉRICO

Nome: _____

Data de Nasc. 01/03/2005

N.º de Proc. Hospital: 26188449

N.º de Proc. Genética: 12047

N.º do Laboratório: 07274

Data de Colheita: 16/10/07

Data de Saída: 11/12/07

Mitoses Analisadas	Mitoses Contadas
5	15
Cariotipo	
46,XY,?del(8)(p21.1p21.3)	

Relatório: Procedeu-se à análise dos cromossomas em metafase e prometafase, corados pela técnica de bandas GTL. As metafases observadas apresentam o braço curto de um dos cromossomas 8 com configuração anómala. Aparentemente trata-se de uma deleção intersticial da região 8p21.1-21.3.
Para continuar o estudo genético pede-se mais sangue à criança e dos pais.

(Citogeneticista)

(Médico Geneticista)

Secretariado: de 2ª a 6ª Feira, das 09:00 às 16:00
Hospital D. Estefânia – Rua Jacinta Marto – 1150 Lisboa. Telef.: 21 312 66 74 Fax: 00-351-21 312 68 69

Anexo 22 - Diagnóstico do Diogo



Nome: _____
Data de Nascimento: 05/05/2005
Idade: 3 anos 6 meses
Testes Aplicados:
Teste de Articulação Verbal – Feito pela Terapeuta
TALC (Sua-Kay, E. E Tavares)
Data de Avaliação: 29/10/08

RELATÓRIO DE TERAPIA DA FALA

O _____ frequenta o Jardim de Infância do Centro Social _____, desde Setembro 2006 e está integrado numa sala de 3 anos. Foi avaliado em Terapia da Fala e apresenta uma *Perturbação Articulatória*.

Na avaliação da linguagem, o _____ demonstrou interesse pelas actividades propostas, colaborando com a terapeuta, mostrando ser uma criança simpática.

Na área de Compreensão de Material Verbal, o _____ revelou um vocabulário adequado à idade, quer na identificação de objectos, quer na identificação de imagens. Na execução de tarefas com relações semânticas de duas e três palavras de conteúdo realizou sem qualquer dificuldade, identificando sempre o agente, a acção e o objecto, bem como o objecto, o atributo e o local. A compreensão de frases complexas está adequada à sua idade, não apresentando dificuldades.

Na área de Expressão Verbal, o _____ nomeou correctamente os objectos e imagens de objectos e de acção. Compreendeu o sentido das frases absurdas. O _____ produz frases



SVO utilizando os constituintes morfossintáticos, como a utilização de preposições, masculino/feminino, os plurais regulares, a conjugação de verbos.

O demonstra interacção comunicativa com os seus pares, como o cumprimentar, o chamar a atenção verbalmente e fazer pedidos. Consegue relatar acontecimentos e o seu dia-a-dia.

O quer na Compreensão de Material Verbal, quer na Expressão Verbal, tem resultados acima da média esperada para a sua idade.

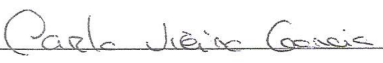
Ao nível da Articulação Verbal, tanto em contexto de palavra isolada como em discurso espontâneo, omite os fonemas /j/, /nh/, /lh/ e /r/, substitui consistentemente os fonemas /f/ por /p/; /v/ por /b/; /s/ e / por /t/. No entanto em algumas situações produz de modo inconsistente, fazendo:

- Omissão do /l/ em posição inicial;
- Omissão do /z/ em posição inicial;

É de salientar, que o deve ter acompanhamento em Terapia da Fala com o objectivo de corrigir as dificuldades existentes na sua articulação verbal.

Póvoa , 18 de Novembro de 2008

A Terapeuta da Fala


(Carla Vieira Garcia)

Anexo 23 - Diagnóstico do Tiago

HOSPITAL DE SANTA MARIA - LISBOA
SERVIÇO DE PEDIATRIA - CENTRO DE DESENVOLVIMENTO

DIAGNÓSTICO E PLANO

NOME		IDENTIFICAÇÃO:		NÚMERO PROCESSO	
ENVIADO POR		MOTIVO ENVIO			
DATA NASCIMENTO	DATA AVALIAÇÃO	IDADE CRONOLÓGICA		IDADE MENTAL	
05-05-2005	20-11-2008	42,6 meses		44,0 meses	

OBSERVAÇÕES

Criança com um desenvolvimento psicomotor dentro dos valores esperados para a sua idade. Relativamente à avaliação anterior fez bons progressos, sobretudo na área da Linguagem. Contudo permanecem alterações ao nível da articulação verbal e na construção da frase que deverão ser avaliadas pela especialista da área. Permanecem alterações ao nível do comportamento registadas quer na avaliação quer através dos Questionários CONNERS para pais e professores: agitação excessiva, falta de atenção, dificuldade em terminar as tarefas, dificuldade em permanecer sentado, dificuldade em cumprir regras. Todas estas alterações prejudicam diariamente as suas aprendizagens e integração social e familiar. Neste momento cumpre já os critérios para o diagnóstico de Perturbação da Atenção com Hiperactividade (segundo critérios do DSM-IV).

IMPRESSÃO DIAGNÓSTICA

Alterações compatíveis com a Perturbação de Atenção e Hiperactividade (segundo critérios do DSM-IV).

PLANO 1

- 1 - Manter integração em Creche
- 2 - Manter Apoio Educativo Individualizado e especializado (treino da atenção, das competências pessoais, sociais e comportamentais)
- 3 - Apoio Psicológico à criança e à família
- 4 - Avaliação da Linguagem em 08-09-2008 às 11h (HSM)
- 5 - Próxima consulta dia: 4/2/09 - 12h - Dr. Fernando Teyl

RESPONSÁVEL PELO CASO

HOSPITAL DE SANTA MARIA - LISBOA

SERVIÇO DE PEDIATRIA - CENTRO DE DESENVOLVIMENTO

NOME

ENVIADO POR

MOTIVO ENVIO

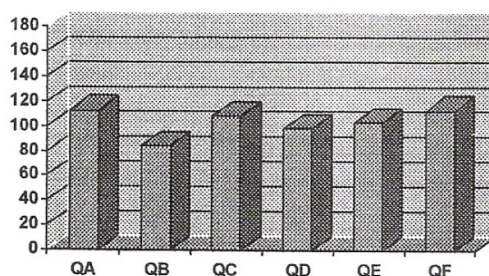
DATA NASC

DATA AVALIAÇÃO

05-05-2005

20-11-2008

ESCALA DE GRIFFITHS



IDADE CRONOLÓGICA

42,6 meses

3,5 anos

IDADE MENTAL

44,0 meses

3,7 anos

Perfil do Desenvolvimento em Mese

Motricidade Grosseira	Pessoal - Social	Audição e Fala	Coordenação Mão - Olho	Realização	Raciocínio Prático
A	B	C	D	E	F
48,0	36,0	46,0	42,0	44,0	48,0

Coefficientes do Desenvolvimento em Percentagens

Motricidade Grosseira	Pessoal - Social	Audição e Fala	Coordenação Mão - Olho	Realização	Raciocínio Prático
QA	QB	QC	QD	QE	QF
112,7	84,5	108,0	98,6	103,3	112,7

Coefficiente Geral

QG
103,32

RESPONSÁVEL CASO:

HOSPITAL DE SANTA MARIA - LISBOA

SERVIÇO DE PEDIATRIA - CENTRO DE DESENVOLVIMENTO

NOME



HOSPITAL DA LUZ

ESPÍRITO SANTO SAÚDE

INFORMAÇÃO CLÍNICA

O , DN - 05-05-2005 é seguido na Unidade de Neurodesenvolvimento e Comportamento do Hospital da Luz.

Tem um atraso global do desenvolvimento não caracterizado, sequela de prematuridade.

É Uma alteração do desenvolvimento de carácter permanente e prolongado que resulta de disfunção do Sistema Nervoso Central.

É portador de deficiência visual moderada, corrigível por utilização de óculos.

Não apresenta sinais ou sintomas de outros órgãos ou sistemas.

A Médica assistente

Luisa Teles



5 de Junho 2008



CENTRO DE INTERVENÇÃO
E ORIENTAÇÃO PRECOCE



Agrupamento
de Centros
de Referência

Nome:

Data de Nascimento: 05 /05/2005

Idade: 3 anos 6 meses

Testes Aplicados:

Teste de Articulação Verbal – Feito pela Terapeuta

TALC (Sua-Kay, E. E Tavares)

Data de Avaliação: 29/10/08

RELATÓRIO DE TERAPIA DA FALA

O [] frequenta a o Jardim de Infância do Centro Social [] , desde Setembro 2006 e está integrado numa sala de 3 anos. Foi avaliado em Terapia da Fala e apresenta um Atraso do Desenvolvimento da Linguagem ligeiro acompanhado de uma Perturbação Articulatória.

Na avaliação da linguagem, o [] demonstrou interesse pelas actividades propostas, colaborando com a terapeuta, mostrando ser uma criança simpática.

Na área de Compreensão de Material Verbal, o [] revelou um vocabulário adequado à idade, quer na identificação de objectos, quer na identificação de imagens. Na execução de tarefas com relações semânticas de duas palavras de conteúdo realizou sem qualquer dificuldade, identificando sempre o agente, a acção e o objecto, bem como o objecto, o atributo e o local. A compreensão de frases complexas está adequada à sua idade, não apresentando dificuldades.

Na área de Expressão Verbal, o [] nomeou correctamente os objectos e imagens de objectos e de acção. Compreendeu o sentido das frases absurdas. O [] produz frases

SVO utilizando os constituintes morfossintácticos, como a utilização de preposições, masculino/feminino, os plurais regulares, a conjugação de verbos.

O demonstra interação comunicativa com os seus pares, como o cumprimentar, o chamar a atenção verbalmente e fazer pedidos. Consegue relatar acontecimentos e o seu dia-a-dia.

O quer na Compreensão de Material Verbal, quer na Expressão Verbal, tem resultados a cima da média esperada para a sua idade.

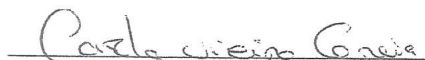
Ao nível da Articulação Verbal, tanto em contexto de palavra isolada como em discurso espontâneo, omite os fonemas /j/, /nh/, /lh/ e /r/, substitui consistentemente os fonemas /f/ por /p/, /v/ por /b/, /s/ e / /por /t/. Apresenta ainda de uma forma inconsistente:

- Omissão do fonema /l/ em posição inicial;
- Omissão do fonema /z/ em posição inicial;

É de salientar, que o deve ter acompanhamento em Terapia da Fala com o objectivo de corrigir as dificuldades existentes na sua compreensão e articulação verbal.

Póvoa , 18 de Novembro de 2008

A Terapeuta da Fala



(Carla Vieira Garcia)

Anexo 24 - Diagnóstico do Salvador

CENTRO DE INTERVENÇÃO
E ORIENTAÇÃO PRECOCE



UNIVERSIDADE
DE LISBOA
FACULDADE DE
PSICOLOGIA

Nome:

Data de Nascimento: 14/05/2005

Idade: 3 anos 5 meses

Testes Aplicados:

Teste de Articulação Verbal – Feito pela Terapeuta

TALC (Sua-Kay, E. E Tavares)

Data de Avaliação: 29/10/08

RELATÓRIO DE TERAPIA DA FALA

O frequenta o Jardim de Infância do Centro Social , desde os 4 meses de idade e está integrado numa sala de 3 anos. Foi avaliado em Terapia da Fala e apresenta um Atraso do Desenvolvimento da Linguagem ligeiro, acompanhado por uma Perturbação Fonético-Fonológica.

Na avaliação da linguagem, o demonstrou interesse pelas actividades propostas, colaborando com a terapeuta, mostrando ser uma criança envergonhada, mas simpática.

Na área de Compreensão de Material Verbal, o revelou um vocabulário adequado à idade, quer na identificação de objectos, quer na identificação de imagens. Realizou sem dificuldade as tarefas com relações semânticas de duas e três palavras de conteúdo, identificando sempre o agente, a acção e o objecto, bem como o objecto, o atributo e o local. A compreensão de frases complexas está adequada à sua idade, não apresentando dificuldades.

Na área de Expressão Verbal, nomeou os objectos e imagens de objectos e de acção correctamente. Compreendeu as frases absurdas. O produz frases simples. Apresenta dificuldades nos constituintes morfosintácticos, como a utilização preposições, dos plurais, da conjugação de verbos.

O revelou dificuldades nas funções comunicativas, como o cumprimentar, pedir clarificações, informações e em expressar sentimentos. Demonstrou também dificuldades em relatar o seu dia-a-dia e acontecimentos.

Ao nível da Articulação Verbal, o apresenta um discurso ininteligível. Tanto em contexto de palavra isolada como em discurso espontâneo, omite de forma consistente os fonemas /r /, /nh/, /lh/ e substitui consistentemente os fonemas: /v/ por /b/, /R/ e /k/ por /t/ e /f/ por /s/. No entanto em algumas situações produz de modo inconsistente, fazendo:

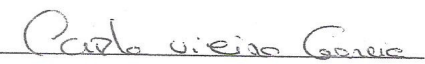
- Omissão do /l/ inicial;
- Omissão do /g/ em posição medial;
- Substituição do /p/ por /t/ em posição inicial;
- Substituição do /g/ por /n/ ou /d/ em posição inicial e medial;
- Substituição do /b/ por /m/ ou /d/ em posição inicial;
- Simplificação de palavras (ex: limão – mão).

O apresenta um discurso ininteligível, foi solicitado exames audiométricos, a fim de despistar qualquer situação.

É de salientar, que o deve ter acompanhamento em Terapia da Fala com o objectivo de corrigir as dificuldades existentes na sua articulação verbal.

Póvoa de Santa Iria, 20 de Novembro de 2008

A Terapeuta da Fala


(Carla Vieira Garcia)

Anexo 25 - Planificação da intervenção do Daniel

Instituição: Centro Social

Aluno: Daniel

Educadora Titular: Catarina

Prof. E.E.: Maria

Data da elaboração: Dezembro 2008

Áreas	Objectivos adquiridos	Objectivos a longo termo	Avaliação/ data:
Autonomia	Puxa as calças e as cuecas para baixo quando vai à casa de banho	Puxar as cuecas e as calças para cima quando vai à casa de banho	Em aquisição a 3/03/09
Socialização	Brinca com outra criança, embora cada uma realize actividades separadas	Brincar com duas ou três crianças	Em aquisição a 3/03/09
Desenvolvimento motor	Faz rabiscos para cá e para lá	Imitar movimentos circulares	Em aquisição a 3/03/09
Cognição	Constrói uma torre com 3 cubos	Construir uma torre com 5 cubos	Adquirido a 3/03/09
Linguagem	Diz 10 palavras	Dizer o seu nome ou diminutivo, a pedido	Adquirido a 3/03/09

Observações: avaliação efectuada em reunião com a mãe no dia 3/03/09

Instituição: Centro Social
Aluno: Daniel
Educadora Titular: Catarina
Prof. E.E.: Maria

Data da elaboração: 3 Março de 2009

Áreas	Objectivos adquiridos	Objectivos a longo termo	Avaliação/ data:
Autonomia	Puxa as cuecas para cima quando vai à casa de banho	Puxar as calças para cima quando vai à casa de banho	Em aquisição a 30/06/09
Socialização	Brinca com outra criança, embora cada uma realize actividades separadas	Brincar com duas ou três crianças	Em aquisição a 30/06/09
Desenvolvimento motor	Faz rabiscos para cá e para lá	Imitar movimentos circulares	Em aquisição a 30/06/09
Cognição	Constrói uma torre com 5 cubos	Construir uma torre com 8 cubos	Adquirido a 30/06/09
Linguagem	Diz o seu nome ou diminutivo, a pedido	Dizer o nome dos membros da família próxima, pai, mãe e irmão	Adquirido a 30/06/09

Observações: avaliação efectuada em reunião com a mãe no dia 30/06/09

Anexo 26 - Planificação da intervenção do Diogo

Instituição: Centro Social

Aluno: Diogo

Educadora Titular: Catarina

Prof. E.E.: Maria

Data da elaboração: Dezembro 2008

Áreas	Objectivos adquiridos	Objectivos a longo termo	Avaliação/ data:
Autonomia	Come sozinho	Manter-se sentado à mesa depois de comer	Em aquisição a 17/03/09
Socialização	Segue as regras de um jogo imitando acções de outras crianças	Seguir as regras de um jogo em grupo dirigido por um adulto	Em aquisição a 17/03/09
Desenvolvimento motor	Pega no lápis com a mão toda	Pegar no lápis com o polegar e indicador	Adquirido a 17/03/09
Cognição	Nomeia objectos pequenos e grandes	Apontar para os objectos compridos e para os curtos	Em aquisição a 17/03/09
Linguagem	Mantém uma conversa simples	Descrever dois acontecimentos	Adquirido a 17/03/09

Observações: avaliação efectuada em reunião com a mãe no dia 17/03/09

Instituição: Centro Social

Aluno: Diogo

Educadora Titular: Catarina

Prof. E.E.: Maria

Data da elaboração: 17 de Março de 2009

Áreas	Objectivos adquiridos	Objectivos a longo termo	Avaliação/ data:
Autonomia	Come sozinho a refeição completa	Manter-se sentado à mesa depois de comer	Em aquisição a 7/07/09
Socialização	Segue as regras de um jogo imitando acções de outras crianças	Seguir as regras de um jogo em grupo dirigido por um adulto	Adquirido a 7/07/09
Desenvolvimento motor	Pega no lápis com o polegar e indicador	Pegar no lápis entre o polegar e o indicador apoiado no dedo médio	Adquirido a 7/07/09
Cognição	Nomeia objectos pequenos e grandes	Apontar para os objectos compridos e para os curtos	Em aquisição a 7/07/09
Linguagem	Descreve dois acontecimentos	Fala sobre o que está a acontecer	Adquirido a 7/07/09

Observações: avaliação efectuada em reunião com a mãe no dia 07/07/09

Anexo 27 - Planificação da intervenção do Tiago

Instituição: Centro Social
Aluno: Tiago
Educadora Titular: Catarina
Prof. E.E.: Maria

Data da elaboração: Dezembro 2008

Áreas	Objectivos adquiridos	Objectivos a longo termo	Avaliação/ data:
Autonomia	Calça os sapatos	Calçar as meias	Adquirido a 17/03/09
Socialização	Segue as regras de um jogo imitando acções de outras crianças	Seguir as regras de um jogo em grupo dirigido por um adulto	Em aquisição a 17/03/09
Desenvolvimento motor	Salta no mesmo lugar	Salta de uma altura de 20cm	Adquirido a 17/03/09
Cognição	Nomeia objectos pequenos e grandes	Apontar para os objectos compridos e para os curtos	Não adquirido a 17/03/09
Linguagem	Mantém uma conversa simples	Descrever dois acontecimentos	Em aquisição a 17/03/09

Observações: avaliação efectuada em reunião com a mãe no dia 17/03/09

Instituição: Centro Social
Aluno: Tiago
Educadora Titular: Catarina
Prof. E.E.: Maria

Data da elaboração: 17 Março de 2009

Áreas	Objectivos adquiridos	Objectivos a longo termo	Avaliação/ data:
Autonomia	Calça as meias	Vestir-se sozinho com ajuda nas camisolas, nos fechos e nos botões	Adquirido a 14/07/09
Socialização	Segue as regras de um jogo imitando acções de outras crianças	Seguir as regras de um jogo em grupo dirigido por um adulto	Adquirido a 14/07/09
Desenvolvimento motor	Salta de uma altura de 20cm	Andar em bicos dos pés	Adquirido a 14/07/09
Cognição	Nomeia objectos pequenos e grandes	Apontar para os objectos compridos e para os curtos	Em aquisição a 14/07/09
Linguagem	Mantém uma conversa simples	Descrever dois acontecimentos	Adquirido em 14/07/09

Observações: avaliação efectuada em reunião com a mãe no dia 14/07/09

Anexo 28 - Exemplo de Folha de actividades de um total de quinze

Semana de: 02/02/09 a 06/02/09

Educadora: Catarina

Aluno:

Objectivo: imitar movimentos da boca

Material: sem material

Quantas vezes: 1 vez por dia

Tempo: 5 minutos

O que fazer:

- chamar o _____ para brincar ao “Rei Manda”
- dizer que vai fazer primeiro e depois pedir o mesmo ao _____
- tentar que ele espere pela sua vez de fazer

* exemplos de movimentos: mostrar a língua, abrir a boca, soprar, arredondar os lábios, etc.

2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
Ø	Ø	×	×	×

Registo:

- ✓ Conseguiu
- Ø Não conseguiu
- ×
- Conseguiu com ajuda
- Ø Não fez

Avaliação

Conseguiu fazer quase todos os movimentos mas é difícil soprar.

Anexo 29 - Registo de actividades realizadas com as famílias

Data	Tipo de contacto e Intervenientes	Assunto	Objectivos	Observações
20/01/09	Conversa Educadora titular com mãe Daniel	Folhas de actividade do Daniel	Saber como estão a correr as actividades em casa	A mãe referiu que o Daniel em casa tem feito muitas birras e que chega cansado, no entanto tem procurado fazer várias actividades com ele e diversificá-las quando consegue
27/01/09	Reunião com Educadora titular, mãe do Diogo, Eduardo e Tiago e Educadora de Intervenção Precoce	Ponto de situação sobre o Programa Educativo Individual do Diogo e do Tiago e Caderno de correspondência casa-família	Estabelecer como se vão efectuar os registos no caderno de correspondência	A mãe referiu que durante a semana não tem muito tempo para efectuar os registos, mas sobretudo no fim-de-semana, vai tentar registar para os ajudar a recontar o que fizeram no fim-de-semana
3/03/09	Reunião com Educadora Titular, mãe do Daniel e Educadora de Intervenção Precoce	Ponto de situação sobre o desenvolvimento do Daniel	Avaliar e reformular a planificação da intervenção	O Daniel atingiu os objectivos foram planeados outros objectivos para trabalhar
6/03/09	Trabalhos de casa para as famílias	Realização de um trabalho sobre as profissões da família que vive com a criança	Promover a colaboração das famílias na realização de um trabalho escolar	Foram entregues 12 trabalhos, relativos a 15 crianças
10/03/09	Visita do pai da Sílvia à sala	Profissão: bombeiro	Falar da sua profissão, mostrar fotografias e equipamento	O pai da Sílvia disponibilizou-se para vir à sala
17/03/09	Reunião com Educadora titular, mãe do Diogo, Eduardo e Tiago e Educadora de Intervenção Precoce	Ponto de situação sobre o Programa Educativo Individual do Diogo e do Tiago	Reformular e avaliar a planificação da intervenção	
19/03/09	Ida dos pais à instituição	Lanche conjunto para celebração do dia do Pai	Proporcionar a vinda dos pais/encarregados de educação à instituição	Participaram 5 pais/outras familiares
30/03/09	Reunião com Educadora Titular, mãe do Daniel e Educadora de Intervenção Precoce	Ponto de situação sobre o Programa Educativo Individual do Daniel	Conversar sobre como estão a decorrer as estratégias utilizadas em casa e na escola	A Terapia da Fala não tem corrido muito bem, o Daniel chora e não quer entrar no gabinete
04/05/09	Ida das mães à instituição	Lanche conjunto para celebração do dia da Mãe	Proporcionar a vinda das mães/encarregados de educação à instituição	Participaram 10 mães/avós/outras familiares
15/05/09	Ida das famílias à instituição para jantar volante	Jantar com pratos típicos para Celebração do Dia da Família	Promover a participação das famílias	

16/06/09	Reunião com encarregados de educação	Avaliação final das crianças do grupo	Efectuar avaliação final com os encarregados de educação do ano lectivo e do desenvolvimento das crianças do grupo	De acordo com informação dos encarregados de educação há a salientar durante este ano lectivo: Aspectos positivos - trabalho desenvolvido com as crianças aspectos negativos - falta de recursos
30/06/09	Reunião com Educadora Titular, mãe do Daniel e Educadora de Intervenção Precoce	Avaliação final do Programa Educativo Individual do Daniel	Avaliar o Programa Educativo do Daniel	Avaliação foi satisfatória. A Terapia tem corrido melhor. As estratégias usadas devem continuar.
7/07/09	Reunião com Educadora titular, mãe do Diogo, Eduardo e Tiago e Educadora de Intervenção Precoce	Avaliação final do Programa Educativo Individual do Diogo e do Tiago	Avaliar o Programa Educativo do Diogo	Avaliação foi satisfatória, as estratégias utilizadas devem manter-se
14/07/09	Reunião com Educadora titular, mãe do Diogo, Eduardo e Tiago e Educadora de Intervenção Precoce	Continuação da avaliação final do Programa Educativo Individual do Diogo e do Tiago	Avaliar o Programa Educativo do Tiago	Avaliação foi satisfatória, as estratégias utilizadas devem manter-se

Anexo 30 - Registo actividades em contexto escolar com outros grupos

Data	Tipo de Actividade	Intervenientes	Objectivos	Observações
20/02/09	Desfile de Carnaval	Grupos de 1 ano, 2 anos, pré-escolar e ATL	Participar numa actividade com outros grupos da instituição	O percurso efectuado pelas crianças foi adaptado de acordo com a sua faixa etária
10/03/09	Visita do pai à sala	Grupos de 3 anos	Participar numa actividade com outros grupos	
15/04/09	Dramatização 3 Porquinhos	Grupos de 3 anos e sala heterogénea	Participar numa actividade para outro grupo e assistir a outra	
24/04/09	Comemoração do dia da Cidadania - Espectáculo de dança	Grupos de pré-escolar e ATL	Participar na comemoração assistindo ao espectáculo	
8/05/09	Visita ao Jardim Zoológico	Grupos dos 2 anos, Pré-escolar	Participar com outros grupos numa visita de estudo	
12/05/09	Dia do livro – Conversa com Gonçalo Pratas “Canta o Galo Gordo”	Pré-escolar	Assistir à apresentação do autor	
29/05/09	Participação na actividade infantil promovida pela Câmara Municipal	Grupos de pré-escolar	Comemorar o dia da criança	
1/06/09	Comemoração dia da criança com feira e diferentes ateliers	Todos os grupos	Participar com outros colegas na feira e nas actividades propostas	Realizaram-se jogos tradicionais, karaoke, actividades com barro, massa de cor, actividades de desenho e pintura, semearam-se manjericos, insufláveis e feira de produtos realizados pelas crianças
5/06/09	Festa de Final de Ano	Salas 5 anos e 4º ano do ATL	Assistir à festa de final de ano com actuações dos grupos de 5 anos e 4º ano do ATL	
19/06/09	Sarau desportivo	Grupos dos 2 anos, Pré-escolar e ATL e Actividades Extra-curriculares	Participar no sarau desportivo	